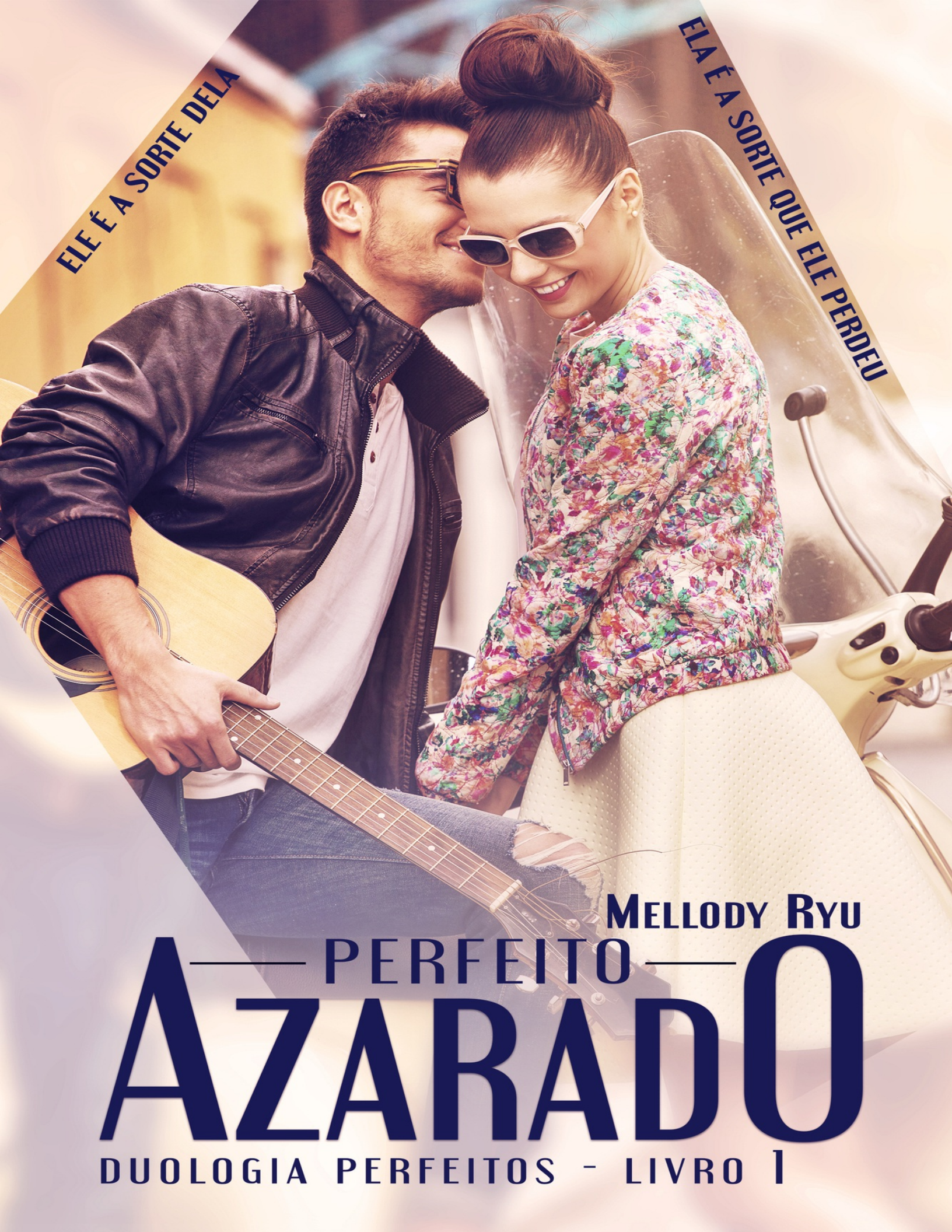

MELLODY RYU

PERFEITO AZARADO

DUOLOGIA PERFEITOS - LIVRO 1

1° EDIÇÃO

MELLODY RYU

PERFEITO AZARADO

DUOLOGIA PERFEITOS - LIVRO 1

Copyright © 2018 de Mellody Ryu.
Perfeito Azarado (Duologia Perfeitos, Livro I)
Todos os direitos reservados.
Edição Digital | Criado no Brasil.

Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, da autora, exceto pelo uso de citações breves em resenhas ou avaliações críticas.

Capa: Laís Lacet
Revisão: Natália Dias
Diagramação: Letti Oliver

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei n° 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

1° edição, 2018.

Dedicado ao meu marido, filho, leitoras,
e todos que acreditaram nesse sonho que
julguei ser impossível.

MELLODY RYU



SINOPSE

PRÓLOGO

01

02

03

04

05

06

07

08

09

10

11

12

13

14

15

16

17
18
19
20
21
22
23
24
25
EPÍLOGO
EXTRA I
EXTRA II
EXTRA III
AGRADECIMENTOS
LIVRO 2 (PRÉVIA)



O improvável pode até parecer impossível, mas não é.

Nina é uma mulher de vinte e nove anos e solteira desde que se tem notícia. Boa filha, irmã, amiga, aluna e funcionária. Não possui uma beleza surreal, nem uma pele perfeita e muito menos homens aos seus pés. Ela é uma mulher normal, como você e eu. Mas sua vida tranquila se vê posta à prova pela curiosidade, e, entre seguir o caminho já conhecido e se render ao novo, a mulher não resiste e ganha o poder de uma novidade arrebatadora. O que Nina não sabia é que isso mudaria a sua vida.

Luke, com seus vinte e seis anos, diferente dela, sempre foi um garoto descolado desde a adolescência. O bonitão favorito das mocinhas, com seus cabelos loiros e porte forte, que, quando se encontra em um dia de cão, vai ao bar beber. E quando menos espera, lá encontra o que até então tinha perdido: a sorte.

Ele é a sorte dela. Ela é a sorte que ele perdeu.



Quando alguém disser que o improvável é impossível, discorde. Quando falarem que o clichê é ruim, pense no motivo pelo qual ele se tornou clichê. Quando te disserem para não ir, reflita os prós e contras. Se não for como o planejado, não se arrependa. Se der certo, aproveite o máximo. Quando alguém tentar te diminuir, lute. Lute como puder, só não pare. Quando desistir se tornar uma questão de opinião, pense que tudo pode acontecer desde que você não pare. Viva a sua vida como achar melhor, e então, no momento certo, encontrará o seu lugar.

Comigo foi assim. Aos vinte e nove anos, pensei que o meu fim seria patético. Uma senhora de sessenta anos com alguns gatos como companhia. Entretanto, ele apareceu para me provar o contrário.

Um bar cheio de homens bonitos é um lugar atraente para uma mulher solteira e desimpedida? Claro! E é por isso que, quando ouvi sobre o lugar, não poderia deixar de ir lá. E foi exatamente lá que encontrei o cara mais espetacular, improvável e azarado que já conheci.



O DIA DE AZAR DE UM, É O DE SORTE DO OUTRO

24 DE SETEMBRO

Meus olhos estão fechados enquanto me delicio com a sensação do seu toque quente em minha boca e do gosto amargo em minha língua. O aroma que, em conjunto com os demais elementos, me causa um alívio quase de imediato. Deixo meus ombros caírem, como se tivessem um pouco mais relaxados. *Café.*

Trabalho no setor de cobrança da empresa e, após ter sido ofendida algumas centenas de vezes e engolido a minha própria voz para não ofendê-los de volta, posso me permitir relaxar um pouco. É um trabalho cansativo, sim, mas é o que tenho. Não fiz faculdade e nem pós-graduação para acabar aqui, porém é como pago as minhas contas e me mantenho aqui em Pisa. Também é como adquiro a estabilidade da minha vida.

— Isto é a melhor coisa do mundo! — exclamo, referindo-me à tranquilidade de beber o café.

Ao abrir os olhos, vejo a caneca vermelha que seguro com ambas as mãos. Diante de mim está a minha melhor amiga. *A única, para ser sincera*.

— Ouvi dizer que isso vicia... — comenta Diana enquanto come um pedaço de torta de maçã com *chantilly* como quem não quer nada.

— E eu já ouvi dizer que açúcar vicia... — respondo provocativa.

— É um bom ponto. Somos duas viciadas! — ela responde rindo. Cúmplice de um crime que não existe.

Diana é uma mulher muito bonita. No momento, seus cabelos estão curtos, mas ela costuma demorar a cortá-lo, então não é de se preocupar tanto. *Acredito que pessoas bonitas tenham plena consciência de que até mal*

arrumadas são bonitas. Por isso não se preocupam. Ela possui olhos claros, e apesar de serem azuis, agora estão parecidos com o tom verde de folhas secas, e logo abaixo, leves marcas de expressão que entregam a infância recheada de caretas de menina matreira.

Agora eu já não tenho muito que dizer sobre mim. Tenho os cabelos cacheados, em um tom castanho claro, simples olhos, também castanhos, um pouco grandes e uma pele... Bom, tenho uma pele, e ela não está cheia de espinhas. *Isso é uma vitória!*

Escuto o sino da porta da cafeteria e noto as garotas do setor de vendas entrando no local. O que não é surpresa, já que é a preferida de todo o pessoal da empresa. Alguns rapazes se viram para olhá-las, admirando-as e as comendo com os olhos. Como sempre, naquelas curtas roupas e, desnecessariamente justas, mas sempre bem vestidas — apesar do número menor com ar de fetiche — e arrumadas como se tivessem acabado de sair do salão. Com seus cabelos lisos esvoaçantes e tudo mais.

Se as invejo? Na verdade, não. Pelo contrário. Nós nos odiamos desde o princípio. Elas são alguns anos mais jovens, em torno dos vinte e um anos, e acreditam que por atraírem tantos olhares, têm o mundo na palma das mãos. Possuem uma maldade na mente que jamais tive. Isso sem contar que dormiram com um e outro para alcançarem as suas metas. Nunca por mérito. *E o motivo é bastante óbvio: elas não fazem direito o seu trabalho.*

Passam pela nossa mesa como se não existíssemos, com seus narizes arrebitados e perfumes importados. Procuram algum lugar para se sentarem, mas não longe o suficiente para que não consigamos ouvir a sua conversa.

— Eu voltarei naquele bar hoje. O *Black Jack.* É incrível! Só têm homens lindos lá. Música ao vivo, uma boa bebida e uma boa companhia! E que companhia. Não sei vocês, mas sem dúvidas, eu vou! — diz uma delas com toda sua desenvoltura. O que não deixa dúvidas do seu sucesso ou da sua popularidade.

— Mas é claro que todas nós vamos! — fala a única morena entre elas.

Então todas riem animadas, deixando-me curiosa. *E talvez elas tenham reparado nisso.*

— É um lugar para jovens. Velhas que fiquem em casa mofando!

Vacas! Após uma leve ofensa, diária e mental, pego o meu celular de dentro da bolsa e faço uma rápida pesquisa sobre o bar. Realmente é conhecido pelos homens bonitos e shows ao vivo. Até os funcionários

também parecem ser bem bonitos. Vejo o meu reflexo no celular e não estou lá muito atraente, realmente, mas também não tenho ninguém me esperando em casa. *Por que não ir a esse bar e apreciar um bom vinho ou uma boa música? Mesmo que nenhum cara se aproxime, não será uma viagem perdida*.

Diana me olha, astuta como uma raposa, e me conhecendo muito bem, finge demência não comentando nada. Quando terminamos de comer e vamos pagar o que consumimos, viro para Diana.

— O que acha de irmos ao bar? — pergunto como quem não quer nada, enquanto caminhamos para fora da cafeteria.

— Que bar? Aquele que as vag... — começa, mas se corrige, sorrindo maldosamente. — As pessoas distintas diziam? Não acha que é algum plano delas? — responde quando já estamos passando pela porta.

— Eu pesquisei, o bar existe realmente. Só têm bons comentários e não temos nada melhor para fazer, temos? — digo, tentando convencê-la, pois seria bem irresponsável da minha parte ir a um bar, sozinha e a noite. — Além disso... Além de roubar as funções na empresa, o que mais podem fazer? Me chamarem de velha e feia?

— Você tem vinte e nove anos, Nina. Isso não é ser velha. Não importa os padrões do mundo que você vê. Você não é velha — pondera, cansada de sempre me dizer a mesma coisa. — Olha, não vou. Tenho coisas para fazer em casa. Minha geladeira está vazia, e se eu for com você ao bar, amanhã nem café terei. Vou ficar de ressaca e sem café? Não, obrigada.

Sinto-me desanimar porque ela não irá comigo. Já na rua, olho para o chão de paralelepípedo e reflito por um instante quando foi a última vez que fiz algo irresponsável. Simplesmente não consigo lembrar... *Quer saber? Acompanhada ou não, irei a esse bar!*

Vamos para casa conversando normalmente. Diana é minha vizinha. A traidora só se troca e vai ao mercado sem olhar para trás, enquanto eu tomo banho e me arrumo com esmero. Defino meus cachos, mas tento tirar um pouco do seu volume e coloco uma roupa leve. Apenas um vestido básico e um salto de cinco centímetros e está ótimo!

É noite e o tempo está bom. Na rua está tudo tranquilo e ainda bem que não está vazia. *Graças a Deus!* Há alguns jovens acompanhados, outros não, em seus próprios mundos ou aproveitando a paisagem e o momento. Até alguns turistas com as suas esquisitices. Gente, por que tirar tanta foto? Quando tenho bons momentos sempre me esqueço do celular, ou lembro

ocasionalmente apenas para ter a recordação. Noto até alguns casais de meia-idade aproveitando o frescor da noite para uma caminhada. Se estou nervosa em ir sozinha ao bar e por isso reparo tudo? Não, imagina. *Com certeza!*

Chego ao bar rústico com blocos vermelhos, bem iluminado e bonito. Entro nele e vejo que é um lugar grande e agradável. Aconchegante até. Mesas de madeira, assim como as cadeiras, com um estofado vermelho e luminárias que vêm do teto dando um ar aconchegante. O balcão é bem iluminado, como se me convidasse a ir até ele. Noto um bonito *barman*, usando um rabo de cavalo baixo, secando um copo tranquilamente. Garçons equilibrando as suas bandejas, também lindos de morrer. Alguns com barba, outros não, de cabelos grandes e outros curtos, com expressões naturais de serem mais travessos ou mais comportados. Enfim, de fato lindos homens e para todos os gostos. Sejam clientes ou funcionários. Posso ver até mesmo alguns estrangeiros.

Para acabar com a bela visão, mais adiante vejo as garotas do setor de vendas. Elas que estão ocupadas demais em prestar atenção no rapaz que toca violão e no garçom à direita. Suspeito que se uma delas conseguisse algo e as outras não, provavelmente sairiam no tapa. *Se eu torço para isso? Não, não sou assim tão má. Tá. Talvez um pouco. OK, sim, de coração! Eu vou para o inferno e sei disso!*

Sento-me no banco do bar achando engraçado que este é o primeiro que vejo tão bem organizado e limpo, mesmo com tantos clientes. Encerrando meus pensamentos, o *barman* se aproxima com um lindo sorriso. Ele tem olhos castanhos claros, atraentes e convidativos.

— Olá. Seja bem-vinda! É nova por aqui, não é? Me chamo Santiago — diz com a voz macia.

— Hum... Sim. Sou a Nina — respondo um pouco acanhada. A forma tão natural que fala comigo dá a impressão de que nós nos conhecemos há anos. Deve ser o costume de lidar com o público. Não que eu também não lide com o público, mas o meu tipo é um pouco mais... Raivoso.

— Me diga o que quer beber para que veja seu lindo sorriso — fala ele com certa animação, o que me faz sorrir de verdade, influenciada pelo seu humor.

— Vinho? — questiono indecisa. Será que isso me torna chata? Apesar de que não tenho o costume de beber. Ressaca de vinho é a pior, mas passar vergonha aqui está fora de cogitação. *Melhor o vinho mesmo.*

— Vinho... — diz ele pensativo. Talvez tenha pensado o mesmo que

eu. — OK. Já sei o que te oferecer! — Ele rapidamente pega uma garrafa de vinho fechada dentro do armário que tem atrás dele, separado de onde ficam as demais garrafas, abre na minha frente, dando-me a rolha para sentir o seu aroma.

Assim que faço, o cheiro chega ao meu nariz, doce e suave. Minha expressão de contentamento faz o *barman* sorrir com satisfação e me servir a bebida em seguida. Sem demora, pego a taça, e ao começar a beber, sinto um gosto tão suave e leve que beberia facilmente toda a garrafa.

A música ao fundo me deixa totalmente relaxada, perdendo todo o temor de estar aqui sozinha. Olho ao redor, e as pessoas são somente isso, pessoas. O andar para um lado e outro, seus sorrisos e suas vozes misturadas são agradáveis. Algumas dançam mais adiante, e mesmo para mim, que apenas observo, divirto-me, ainda que não estivesse entre eles.

Um homem alto e loiro de cabelos bem cortados, penteados para trás e barba um pouco maior do que é considerado "por fazer", senta-se ao meu lado e me sinto nervosa e ansiosa. Parece bobagem, mas caraca! *Tem um cara lindo bem do meu lado!*

Observo-o de canto de olho, tentando me controlar para não ficar o encarando. Percebo que ele não chegou a me notar de fato. O homem parece mais jovem que eu, e não é franzino, na realidade é o oposto. Parece-me alguém que pratica esporte, com uma boa postura para afirmar meu pensamento. Se não estivesse com uma expressão tão desiludida, poderia presumir que a vida sempre lhe sorriu. Mas, no momento, está me fazendo pensar que o seu dia está pior do que o esperado.

Com um sorriso de compreensão e empatia, deixo para lá todos os meus pensamentos bobos de adolescente e tomo a posição de uma mulher adulta que sou. Chamo o *barman* e digo que pagarei o que o rapaz pedir. Bem, gastar um pouco não me fará mal. Além de uma única amiga e gastos corriqueiros, eu não gasto com muito mais coisas, sobrando uma boa quantia na poupança. Ajudar um cara que está num mau momento não parece algo ruim.

O rapaz me olha surpreso, escutando quando falo com o homem, mas aceita a bebida após reclamar.

— Estou mesmo no fundo do poço. Uma moça me pagando a bebida, e não o contrário. Obrigado por isso — diz após pedir uma cerveja. — Como foi o seu dia?

Não imaginei que ele puxaria conversa comigo. Na verdade, suspeitei

que com tamanho desânimo sequer me ouviria para dizer o "obrigado". Isso me surpreende.

— Bom, só o estresse do trabalho. Normal. Me diga... E o seu? Parece que foi bem difícil, digo... Pela expressão que chegou aqui. Sem querer ser abusada em perguntar assim diretamente. Desculpe se for um assunto delicado.

— Não, tudo bem. Sinceridade é tudo. Na verdade, é a melhor coisa. E é tudo o que preciso — fala, rindo amargo após beber mais um gole da sua cerveja. Olhando para o copo, continua: — Fui despedido hoje. Após socar o meu chefe. Ainda perdi a minha namorada que já estava comigo há algum tempo.

— Bem, então outra bebida para você, porque realmente precisa. — Chamo novamente Santiago para lhe entregar outro copo. — É assim mesmo. Quando o azar vem, é sequencial. A vida pode ser cruel, mas dá tudo certo no final.

— Não faz ideia! E talvez esteja certa — fala, abrindo bem os olhos e suspirando em seguida. Não parece que tem confiança no que ele disse.

Tomando uma súbita coragem, parece decidir mudar seu humor. Se ajeita no banco enquanto se vira para mim. O peso dos seus olhos azuis sobre mim me deixa um pouco tímida, mas não devo mudar minha postura. *Decidi ajudar o rapaz no dia ruim, não é?*

— Mas você certamente veio aqui pelos homens bonitos, boa música, porém, acabou falando com o cara azarado.

— Bem, mais ou menos... Escutei algumas garotas falando do lugar e fiquei curiosa. Então vim. Insensato? Sim. Eu sei! — Dou de ombros, abrindo bem os olhos. Bebo o restante do vinho da minha taça e peço outra para Santiago. — Mas depois de realmente ver tantos homens bonitos reunidos me pergunto...

— Se não são *gays*? — O bonito rapaz desconhecido ri, enquanto o *barman* faz uma careta engraçada, porém sorri em seguida, levando o assunto com humor. — Deve até ter mesmo, mas o que os boatos não dizem é... Suspense... Que ninguém que vem aqui se dá bem!

O desconhecido ri mais uma vez, e o homem atrás do balcão o acompanha. Olho para eles um tanto assustada, sem entender o que ele quis dizer com isso.

— Ficarei azarada também? — pergunto, espantada com o rumo que minha linha de raciocínio seguiu.

— Isso eu já não sei. Nunca ouvi falar que era transmissível — responde ele, rindo. Provavelmente acha um absurdo o que lhe perguntei, e isso me deixa levemente ruborizada. — Eles podem até ser "bonitos", mas os funcionários, e alguns outros, são casados. Amigos dos funcionários e dono. Inclusive o próprio Santiago bonitinho aí!

Olho para o homem atrás do balcão e reparo a sua mão sem aliança. Estreito os olhos, encarando-o acusadora.

— Luke, você está estragando os esquemas, cara! — fala o homem, numa falsa raiva, enquanto puxa uma corrente de seu pescoço em que está pendurada uma aliança dourada. — Mas nunca traí minha mulher. É algo para atrair clientes — justifica.

— Mas as outras possibilidades ainda estão de pé— comento, olhando os homens ao redor. — Pois insisto, têm muitos homens bonitos num só lugar.

— Sim. E *gays*. Verdade — afirma ele. — Muitos são vaidosos, assim como as mulheres. Homens héteros têm o costume de achar que se arrumar muito é ruim. Entendo seu ponto.

— Você também vem aqui... — Olho-o de canto, brincalhona, levando a mão à boca.

— É, contudo, eles não fazem o meu tipo — diz ele num tom afeminado e bem-humorado, olhando para Santiago. — Mas eu pegaria... — Piscando em seguida para o homem, que o olha parecendo empalidecer com medo de que não seja uma piada. Mas o desconhecido solta uma sonora gargalhada em seguida. Acabo acompanhando-o devido à expressão de susto do coitado do homem.

— Que brincadeira viu, cara. Xô para lá! Sai fora dessas ideias! — Santiago, depois dessa, até se afasta para atender os outros clientes. O que causa mais uma explosão de risadas.

Conversamos e rimos por mais algumas horas. A conversa fluiu assim como as nossas ideias. Vi o rosto carregado e cansado tornando-se leve e relaxado, deixando o desconhecido mais bonito ainda. Sua personalidade bem-humorada, agradável e cativante me leva no seu embalo tranquilamente. Nada mais importa... Quantas bebidas tomamos, se alguém nos olha, porque fiz um novo amigo. Um cara azarado, mas o mais divertido, incrível e engraçado que já conheci.

Já é tarde e decidimos ir embora, pois ele terá uma entrevista de emprego no dia seguinte, mesmo sendo sábado. Estranho, mas como estamos

um tanto alterados, não me importo. Quem sabe a sorte não volte para ele? Mesmo que eu tenha oferecido pagar tudo, o desconhecido simplesmente diz que não, pois como um homem não poderia fazer alguém gastar tanto com ele, principalmente quando o fez tão bem.

Ao sairmos do bar, a sorte não está conosco. Uma chuva começa a cair sem que soubéssemos quando começou. Olhamos um para o outro, como se perguntássemos silenciosamente “e aí? Está com guarda-chuva?". Ele sorri, mostrando-me um pequeno em suas mãos.

— Trouxe. Vai que né! — Ri da própria desgraça, dando de ombros. — Com a sorte que estou!

— É sorte! — digo, pensando em seguida um bom “só que não". Ele me olha, atento e pensativo, entregando-me o guarda-chuva.

Sorri de um jeito sereno, tira a sua jaqueta e a coloca sobre a sua cabeça.

— Quando nos encontrarmos de novo você me devolve — fala, piscando em seguida, e sai no meio da chuva, correndo com a sua jaqueta como única proteção.

Ele me deixa ali, com um sorriso estampado no rosto, olhando-o partir. Pensando que talvez ele seja um perfeito príncipe azarado, mas hoje fui eu que tive sorte em conhecê-lo. O meu caminho para casa foi tranquilo. Chegando, eu apenas retirei os sapatos no caminho para o quarto e me joguei na cama, sentindo-me exausta.

• • •

O despertador liga na rádio e a música *Say You Won't Let Go* de James Arthur chega aos meus ouvidos de forma gradativa, fazendo-me acordar. A música é gostosa e agradável e me deixa com bom humor, mas não o suficiente para me fazer levantar. Apenas olho o relógio que mostra um grande 8:30. Como é sábado, apenas desligo o despertador.

A luz do sol, vinda da janela que eu me esqueci de fechar na noite anterior, me cobre. É quente, confortável e aconchegante, como quando ainda era uma criança, dormindo protegida no calor dos braços da minha mãe. Sensação essa que não quero abrir mão. *Vou dormir o dia todo hoje. Que se dane o resto!*

Um barulho chato de algo sendo batido chega aos meus ouvidos juntamente com o som de vassoura varrendo, seguido de uma coceira que incomoda o meu nariz, fazendo-me espirrar. Irritada com o fato de estarem

me obrigando a levantar, jogo as cobertas para longe e vou cambaleante até a janela. Apoio uma mão no batente, e com a outra coço os olhos que doem com a luz.

— Que diabo está acontecendo aqui a essa hora da manhã? Em pleno sábado ainda! — exclamo irritada.

Meu quarto, que fica no segundo andar, está na mesma altura da casa das minhas vizinhas. Então, quando reclamo em voz alta, algumas pessoas que passam pela rua levantam as suas cabeças para me olhar e não demora muito para elas tentarem conter seus risos. Já as minhas vizinhas? Riem na minha cara mesmo, parando de limpar as suas casas para olhar pela janela. Não sei por que olham para mim e riem. Por que elas estão rindo?

Olho para o meu corpo e vejo a roupa que voltei do bar ontem. Está toda torta, amassada, fora o fato de ser a roupa de ontem. Não é como se estivesse parecendo uma louca descabelada na janela de casa.

— Ai meu Deus! — digo, colocando a mão nos meus cabelos, tentando tardiamente conter os meus cachos armados. *Isso porque não quero imaginar a minha cara!*

Viro-me rapidamente tentando me afastar da janela. E é neste momento que vejo o meu reflexo no espelho na parede. Meu rosto está todo amassado, meus olhos inchados de tanto dormir e tem uma grande marca de baba seca grudada em minha face, sem contar os cabelos que estão grudados na baba! Meu Deus. Misericórdia.

Ao longe, posso escutar a risada da Diana e volto para a janela, vendo-a em sua sacada batendo o tapete, ou tentando, entre uma risada.

— E você rindo... — Olho para ela completamente acusadora enquanto estreito os olhos.

— Eu o quê? Você que sai na janela toda doida, gritando, quase nove horas da manhã. — Ela se defende, colocando a mão no quadril. — Você espera que eu não ria? Essa é a certeza da sua loucura!

— OK. Ponto para você! — Levanto minha mão como se aceitasse a derrota. *Ela está certa. E se fosse o contrário, eu também riria muito.*

— E aí? Como foi ontem? — pergunta ela, apoiando-se na grade de ferro de sua sacada. Curiosa e astuta, Diana me olha com seus olhos azuis que se destacam com a luz do dia.

— Foi legal... — digo, esfregando o meu rosto disfarçadamente não conseguindo evitar um sorriso bobo. Ainda carrego a gostosa sensação de satisfação e felicidade.

Não sei vocês, mas quando conheço alguém novo que me identifico e me dou bem, fico assim... Bobamente feliz.

— E conheceu um cara... — diz ela, com um sorriso matreiro e olhar felino. Então lhe conto como foi toda a noite desde que cheguei ao bar. Inclusive quando ele me emprestou o guarda-chuva para que devolva quando encontrá-lo novamente. *Coisa que provavelmente não acontecerá.*

Com uma risadinha travessa, levando a mão aos lábios, Diana diz em um tom malicioso.

— Hum... Penso que tem mais que uma amizade aí. Ele gostou de você e você nem pediu o telefone! Que boba!

— Larga de ser boba você, Diana — respondo rindo, enquanto minha face arde de vergonha devido à sua risadinha significativa. — O que um homem daquele iria querer com uma mulher mais velha? Boba? Rum. No máximo consegui um amigo ocasional. O que por si só já é bom. Não fiquei sozinha a noite toda.

— Nina... Às vezes você é ridícula. Fala como se já tivesse sessenta anos e fosse um caso perdido. Lembre-se que tem vinte e nove anos. Aliás, acabou de completar — comenta ela. — Mas e se reencontrá-lo?

— Vou devolver o guarda-chuva. Isso se encontrá-lo de novo... — falo como ela tivesse feito a pergunta mais absurda. *Além disso, o que eu faria? Pularia no homem e arrancaria sua roupa no dente?*

— Cha-ta. Vou começar a fazer comida, sua nova/velha chata. — Ela me olha com a maior cara de desiludida, vira-se e entra na sua casa, balançando a cabeça em negativa, completamente desenganada.

Neste momento, minha barriga ronca e faço o mesmo, indo em direção à cozinha. Porém, ao abrir os armários, não encontro um cereal sequer. No máximo pó de café e açúcar. Vou à geladeira e a abro, sendo recebida pela lufada de ar gelado, mas também não tem nada lá dentro. Minha fome aperta, então tomo banho e me visto confortavelmente para ir o mais rápido que posso para o mercado. Matarei dois coelhos com uma cajadada só, aproveitando para fazer as compras da semana.

Chego ao mercado e pego o carrinho. Noto algumas meninas sussurrando e cochichando, dando algumas risadinhas. Olho para elas e percebo que estão tão focadas no que conversam que sequer notam a minha presença. Dando de ombros, vou logo ao primeiro corredor, que é o de limpeza. Sorrio ao ver o meu tão amado sabão em pó preferido, que me deixa parecendo que usei perfume sem de fato usar. Tem apenas uma única caixa.

Meu coração dá um salto. *Que sorte!*

Olho para os dois lados e não vejo ninguém. Caminho até ele sem precisar correr, já que não tem nenhuma pessoa com quem disputá-lo. Ao chegar nele, percebo um grande inconveniente... Está alto demais para mim. Estico-me e fico nas pontas dos pés, tentando pegar o sabão em pó. Mas nada. *Droga!*

Até que uma mão grande o pega.

— Oh! Muito obri... — digo, virando-me, esperando o sabão com as mãos esticadas, mas vejo somente as costas do homem. *What that fuck?* Como assim? Vou atrás dele e seguro o seu braço. — Hey, você! Isso é meu!

O homem que vejo diante dos meus olhos não poderia ser outro se não o bonitão do bar. Isso não é possível! Ele me olha e se surpreende, tirando os seus fones de ouvidos e abrindo o mais lindo dos sorrisos.

— Oh! A moça de ontem! Olá. Como vai? — fala com seu natural bom humor. Tão natural que quase me esqueço do sabão em pó. *Eu disse quase.*

— Estou bem e você? Mas o que quero falar é que... — começo, mas ele me interrompe.

— Estou bem também. Não sabia que morávamos perto! — Seu sorriso se amplia, podendo ver seus dentes perfeitos. Aquele típico de quem cuida bem ou faz visitas frequentes ao dentista.

— Olha. Não mude de assunto — digo, tentando continuar a frase que ele me interrompeu.

— Quem diria que moraríamos perto. Moro descendo a rua e você? — pergunta, mantendo o maior sorriso do mundo. Somente agora que entendo... Ele está me provocando!

— Você! Pegou o sabão em pó de safadeza! — exclamo desacreditada, como se tivesse feito uma grande descoberta. — O sabão em pó é meu! Pode ir me dando, rapaz. — Aponto para o carrinho, mostrando onde é para colocá-lo, mas ao olhar me surpreendo vendo que já está lá.

Oi? Que bruxaria é essa?

— Oi? — Ele me olha com seus lindos olhos azuis cristalinos, brilhantes e divertidos.

— Ora, seu... — Levanto o dedo, apontando para ele querendo brigar, mas não resisto e acabo sorrindo. — Seu... Seu sem-vergonha!

Quando penso que não, sou presenteada com sua sonora gargalhada, assumindo finalmente a sua travessura.

— OK. Desculpa, baixinha. Não resisti.

— Olha, eu só te perdoo porque é um cara bonitão — digo, fazendo um certo charme, mas logo em seguida sorrio. Não sou charmosa nem sendo charmosa. Um pouco mais adiante, vou pegar um pacote de papel higiênico e ele pega do mesmo. Um olha para cara do outro e ergue a sobrancelha. — Cara, isso é perseguição — reclamo, mas rio, colocando a mão no quadril.

Ele solta o papel também dando risada e pega do mesmo, mas outro pacote. Acabamos fazendo nossas compras juntos, rindo e conversando. Não diz muito sobre ele ou seu passado, e eu também não. Contudo, assunto não parece faltar para nós. Só descubro a sua idade, que confirma meus pensamentos. Ele é três anos mais novo que eu. Fazemos as compras, e eventualmente, um dá dicas para o outro do que comprar.

Pagamos tudo no caixa e mandamos entregar uma parte dela. Antes de me despedir, pergunto quando irá voltar ao bar para que possa lhe devolver o guarda-chuva, e ele responde que não irá ao bar porque está sem trabalho. *Estranho, pois neste momento está com uma camisa social, calça e até com um sapato perfeitamente polido.*

— Então, o que acha de passar em casa? — pergunto inocentemente, mas pelo seu olhar, percebo que falei besteira.

— Hum... Está me convidando para ir à sua casa? — questiona de um jeito pretensioso e sugestivo.

— É, seu bobo! Mas para devolver o guarda-chuva! — respondo, dando uma risada levemente tímida. — Mas, se não quiser, me fale onde você mora e eu levo.

— Sem problemas... Estava brincando, garota séria. Vamos? — diz, saindo do mercado com algumas sacolas e eu o sigo.

Percebo que ele caminha diretamente para uma bicicleta cor de rosa. Com um riso engasgado na minha garganta, olho-o significantemente, levantando uma das sobrancelhas.

— Não ria — diz, estreitando o olhar para mim.

— Juro solenemente não rir! — falo, mordendo os meus próprios lábios para não gargalhar.

— Você quer rir... Já está rindo! — afirma, acusando-me.

— Calúnia! Eu não estou rindo. — Mas não resisto e acabo deixando o riso escapar. — Desculpa. É uma bicicleta interessante — digo enquanto reparo que além de rosa, ela tem algumas florzinhas que parecem ter sido pintadas a mão. Também há uma cesta de palha, e nos aros algumas hastes de

plástico para que faça barulho.

— Fica quieta e suba logo na garupa — diz, falsamente chateado com as minhas risadas. — Esta bicicleta é a que eu dei para a minha ex. Ela se foi e levou tudo, até a minha bicicleta radical e legal. Infelizmente, como deboche do presente que dei para ela, deixou esta aqui para trás.

A revelação dele me faz parar de rir de imediato. Quando alguém não fala muito sobre si e costuma ter um bom humor, a verdade é chocante. Ele tem realmente passado por maus bocados, não é verdade? Muita coisa para um dia. Num murmúrio baixo, respondo sem graça.

— Desculpa.

Sento-me na garupa, e no caminho, encontramos dificuldades para nos equilibrarmos. Ainda mais que carregamos sacolas. Como resultado, o momento desconfortável ficou para trás em meio a risadas e exclamações como "cuidado, maluco!", “ah! Vamos cair!”, “Deus! Vamos morrer!".

Ele me deixa na porta de casa, e corro para dentro para pegar o guarda-chuva para devolvê-lo. O rapaz agradece e volta a pegar o seu rumo para a própria casa. Encostada na porta, desejo boa sorte e digo para que tenha cuidado ao voltar. Ele ri e me olha estranho, indagando um “boa sorte?" silencioso. Contudo, quando está para atravessar a rua, ele vai de encontro a um carro, que na virada, acerta o coitado em cheio.

Vejo tudo passar em câmera lenta. O seu sorriso enquanto ri do meu desejo de boa sorte, as frutas e sacolas voando, ele batendo contra o carro e então caindo no chão. Tudo passa diante dos meus olhos como uma cena de horror. Com meu sangue parecendo congelar nas veias, corro em sua direção para ver se está bem. Olho-o de cima a baixo tentando ajudá-lo, mas ele se recusa. Apesar disso, parece estar bem e sem feridas graves. Ele, diante dos meus olhos preocupados, levanta e senta na calçada. Mexe os braços, as pernas e os dedos para me provar que está tudo bem. O homem do carro não parou, apenas deu ré na melhor posição que encontrou e foi embora. Pego as compras do homem azarado do chão e as coloco de volta na sacola. Quando vou me aproximar para lhe entregar, ele levanta a mão como se para impedir, numa expressão forçada de sorriso.

— Fique exatamente onde está! Depois do seu “boa sorte", a sorte me caçambou — diz num meio sorriso, mas de alguma maneira me sinto culpada.

Meu coração se aperta. Mordendo o lábio inferior, coloco as sacolas na calçada de um jeito que ele possa pegar em segurança e me viro para

voltar para casa.

— Vai que o azar é mesmo transmissível? — ele fala baixo, mas ainda consigo escutá-lo.

Meio cabisbaixa, ando de volta para casa olhando para o chão. Será que eu trouxe mais azar para ele? Poxa... Ele disse que talvez possa ser transmissível, mas sinto a culpa em minhas costas.

Ainda olhando para baixo, ao chegar à porta de casa, vejo uma carteira no chão e olho para trás, mas ele já não está mais lá. Procuro por alguma informação e encontro um papel com seu endereço e telefone. Pego o meu celular e ligo para ele, que não demora muito para atender.

— *Alô?* — Sua voz é um pouco mais forte no celular, mas é mesmo ele.

— Olá. Sou eu... A moça da sorte. Você deixou sua carteira cair em frente a minha casa — digo um pouco tímida.

— *Você é uma batedora de carteira!* — diz ele de forma acusadora, mas pelo seu tom, sei que está brincando. — *Quando foi que você a roubou? É vingança pelo sabão em pó?*

— Olha aqui, meu rapaz. Eu não roubei! Estava na porta da minha casa, caída no chão. Rum! — respondo como se estivesse levando a ofensa a sério.

— *Sei... Só não olhe a identidade* — murmura ele.

— Hum... Identidade? — pergunto em um tom maldoso. Abro a carteira e vejo sua foto. Ele está bem mais novo, com algumas espinhas vermelhas, cabelos bagunçados e com carinha de bebê. Não resisto e dou uma sonora risada.

— *Eu falei para não ver! Você olhou!* — reclama ele, parecendo estar correndo. — *Não acredito. Não dá para confiar em você. Inacreditável!*

Um trovão ecoa, e em seguida, a chuva parece resolver cair. Pelo telefone, escuto apenas suas reclamações enquanto corre. Não consigo deixar de rir ainda mais. Ao chegar a minha casa todo molhado, ele entra logo para não se molhar mais e já vai até a sala. Só aí o olho bem. Sua camisa social branca está transparente, sua calça está superficialmente molhada e os cabelos caídos lhe dão um ar mais infantil. Enquanto o admiro, sinto meu rosto esquentar e o sorriso dele crescendo ao me olhar.

Como se eu não tivesse sorte na vida, Diana, minha melhor amiga, abre a janela da minha sala. Fizemos uma ligação entre nossas casas para que possamos ir uma para casa da outra com facilidade. Ao ver o rapaz belo e

molhado na minha sala, e eu ficando perigosamente vermelha, nos observa atenta, abrindo um largo sorriso malicioso.

— Nina! Que bom que conseguiu um amigo... Quem sabe assim você perca a sua virgindade! — diz. O olhar dele, que tinha sido atraído para ela pela súbita aparição, volta-se para mim com as sobrancelhas erguidas.

Porra, Diana!



DIANA

Vocês podem me ver como uma péssima melhor amiga por constranger a Nina na frente do bonitão, mas implicar com minha amiga já é algo tão velho quanto meu desejo de defendê-la. Ambas as coisas começaram a nascer em mim no mesmo dia em que a conheci há alguns anos.

SETE ANOS ATRÁS...

As provas estavam chegando e isso era uma droga. Pensava que ao chegar aos dezoito eu poderia relaxar. Mas não! Era apenas o início da droga toda! E ainda tinha algumas coisas pendentes para comprar, e eu tinha que ir logo, antes que *eles* decidissem aparecer para me vigiar. Quem eram eles? Meus irmãos. Só que isso era coisa para outra hora.

Quando saí da faculdade, vi o *sexy shop* e isso me recordou que estava na hora de eu renovar as minhas calcinhas. Eu tinha visto algumas de renda bem interessantes quando passei ali alguns dias antes, contudo, na correria, acabei esquecendo.

— De hoje não passa!

Com foco apenas na vitrine, escutei alguém falando quase ao mesmo tempo em que eu. Surpreendemo-nos e nos encaramos, evitando que a gente se esbarrasse. Encarei-a e vi uma garota *nerd* que parecia ser mais velha que eu. Ela usava um coque que mal continha seus cachos castanho-avermelhados. Seu rosto ficou corado e ela me encarou de volta como se tivesse sido pega no flagra.

Para piorar o constrangimento dela, comecei a rir enquanto balançava a cabeça em negativa. Envolvida pela minha risada, ela começou a rir

também. *Não éramos tão diferentes assim.* Vi-a ganhar um pouco mais de confiança aos poucos. Logo ela segurou meu braço e agarrou a sua chance.

— É! De hoje não passa! — repetiu, com um largo sorriso, já mais desinibida. — Vamos?

Ver uma pessoa como ela, claramente se desafiando e agarrando sua chance, fez com que ganhasse um pouco do meu respeito.

— É. É hoje! — respondi, entrando na loja em sua companhia. A atendente nos viu adentrando o local juntas e seu sorriso se abriu ainda mais.

— Bem-vindas à L.A.D.Y. Um casal, como posso ver. Temos itens interessantes para apimentar a relação — disse ela, pegando uma caixa e abrindo antes que pudéssemos dizer que não éramos um casal. *Resolvi apenas ficar quieta e observar. O constrangimento naquele tipo de situação chegava a ser cômico.*

A *nerd* parecia desesperada para corrigir a vendedora, mas a mulher nem lhe deu atenção. Era engraçado, sim, mas também era irritante. Claramente dava para escutar a moça tímida falando que não éramos um casal, mas continuava sendo ignorada completamente. A *nerd* ao meu lado perdeu um pouco do seu sorriso, mantendo apenas um amarelo sem graça. De alguma maneira isso mexeu comigo. *Filha da puta de vendedora*. Quis quebrar a cara dela por continuar fazendo aquilo.

A vendedora nos revelou uma calcinha que já havia ouvido falar, mas nunca visto. Com um *toy* para penetração anal e outro vaginal. Um na parte interna e outro maior na externa. A garota não parecia entender muito do que se tratava, estreitou os olhos, tentando compreender. O pênis externo na peça íntima começou a vibrar, surpreendendo-a. Ela deu alguns passos para trás no susto e se apoiou em uma prateleira.

Não consegui evitar minha vontade de constrangê-la um pouco mais, então apontei para o que ela estava praticamente segurando. Ela, sem entender o porquê de eu estar apontando para a mão dela, olhou e finalmente se deu conta do que estava apertando. Um vibrador grande, muito grande, e vermelho. Seu rosto conseguiu, de alguma maneira, ficar mais vermelho e reluzente do que o vibrador. Logo ela tirou a mão dele como se a tivesse queimado. Não consegui evitar a risada. A mais alta e mais forte que já dei na minha vida inteira. A garota não sabia onde enfiar a cara. A atendente parecia querer rir também, mas naquele momento olhei para ela, séria. Como se dissesse silenciosamente um “você não”.

ATUALMENTE...

Naquela época foi onde tudo começou. Desde então nunca mais nos separamos. Aprendemos muito uma com a outra... Ela se soltou e eu amadureci. Mas ela não vê suas oportunidades se não forem colocadas na sua cara. O que me dá o lugar de peste constrangedora na vida da Nina.

Mas esta história não é minha, é dela, vamos voltar a ela.



ONDE NASCEM AS MELHORES AMIZADES?

Não consigo acreditar em como Diana ainda consegue me surpreender, mas ao mesmo tempo, não poderia esperar menos. Se minha cara foi de encontro ao chão? Imagina! Estou apenas engolindo os cacos da minha dignidade junto com a descrença e incredulidade. Filha da mãe!

Diana é uma amiga sem igual. Observadora, sempre sabe o que dizer, e às vezes faz o inacreditável para me impedir de estagnar quando recebo chance de algo, seja lá o que for. Não poderia pedir melhor amiga que essa, pois, além de amiga, com ela ao meu lado... Quem precisa de inimigas?

Sinto meu rosto esquentar sob o olhar especulador do loiro. Agora não devo estar mais bonita e atraente do que um tomate maduro. Olho para o chão, sem graça, constrangida e envergonhada demais para manter o olhar no rosto de qualquer um. Ainda mais do meu mais recente, *talvez*, amigo bonitão. Sinto o nervosismo começar a me controlar e escuto a risadinha travessa e debochada de Diana. Isso me faz recordar de que não sou mais uma menina. Nem uma adolescente ansiosa e nervosa, esperando ser aceita. Respiro fundo e levanto a minha cabeça com um sorriso sem graça.

— Bom, acho que... Vou buscar uma toalha. Só um momento. Sinta-se em casa — digo ao rapaz. Mas meu olhar para a Diana está mais para "você me pagará! Com juros e correção monetária, sua traidora!".

Ela não faz nada além de rir e dar os ombros, mas não perde a oportunidade. Rapidamente, Diana se vira para o homem e continua me fazendo passar vergonha.

— Espero que não se assuste. Você verá que a Nina ainda é uma adolescente ansiosa e nervosa. E, para piorar, colocou na cabeça que é uma

velha! Então, às vezes, o cérebro dela entra em conflito e ela dá uma "bugada".

— Diana, não tem nada melhor para fazer não? — pergunto, em um tom alto o suficiente para que ela ainda possa me ouvir, enquanto caminho pelo pequeno corredor que leva até o banheiro.

— Na verdade, não. Como poderia ter algo mais emocionante que isso? — diz, mas parece que não está falando comigo. — Senhor desconhecido, pense comigo... Sua amiga vai a um bar e volta tarde de lá. No dia seguinte, diz que conheceu um cara legal, e no mesmo dia, aparece com um cara vestido de social na sala de sua casa, todo molhado e se me permite dizer... *Sexy*! E ela ainda tem a cara e a coragem de me perguntar se não tenho nada melhor para fazer! Se fosse você com um amigo seu, deixaria passar?

— Jamais. E não sou desconhecido, me chamo Luke — responde ele entre risos abafados. — E também... Parece que sou eu "o cara" do bar. Que bom que me achou legal, Nina... — conclui divertido, mas com uma voz sedosa e maliciosa.

Ah, Diana, sua viada! Penso chorando e pedindo perdão por cada um dos meus pecados. *Socorro. Que mulher da boca grande.* Com essa resposta, percebo que até ela se cala. Enquanto eu? Não sei mais o que fazer com a minha quase dizimada dignidade.

Pego a toalha o mais rápido que posso e volto para a sala antes que ela fale mais alguma coisa para que eu nunca mais consiga olhar para a cara do rapaz. *Coisa que nem sei como fazer, aliás!*

Chegando à sala, o olhar dele cai sobre mim. Azul, claro, cristalino, profundo e direto, assim como a sua personalidade, que me peguei admirando antes. Sinto minhas bochechas queimarem e não sei exatamente para onde olhar. Se encará-lo, serei uma pervertida, se não olhar, uma mal-educada. Resolvo tentar manter uma expressão apática, por mais difícil que seja.

Seus cabelos ainda estão molhados, sua camisa branca está colada em seu corpo, fazendo destacar mais seu abdome bem definido de garoto *fitness*.

Nina, é amigo. Aliás, o único masculino. É amigo! Já disse que é amigo? Então, é amigo! Quer a definição de amigo do dicionário?

— Aqui está a toalha para que se seque. Se quiser pode me dar a sua roupa, eu coloco para secar na minha máquina — falo inocentemente. Entretanto, pelo olhar malandro e o sorriso contido que ele e Diana me dão, vejo que novamente joguei lenha na fogueira. Então tento me corrigir o mais

rápido que posso. — Olhem aqui, suas mentes sujas, perguntei na inocência! Tomem vergonha na cara! Os dois.

— Eu não disse nada... — murmura ele, levantando as mãos em defesa, mas ainda com o sorriso divertido no rosto. — Não se preocupe. Minha calça está quase seca. Acho que só os cabelos e a camisa vão demorar um pouco mais.

Luke começa a desabotoar a camisa bem no meio da sala e meus olhos são atraídos pelos movimentos de suas mãos. Percebo que devo estar parecendo uma pervertida, então tento olhar para tudo, menos para ele. *Se meus olhos me obedecem já é outra história.* Diana, a esta altura, já sumiu da janela e de vista, deixando-me sozinha com ele... *Traidora! Bota lenha e sai fora!*

Após tirar a camisa, ele me entrega e começa a secar os cabelos com tranquilidade, como se estivesse realmente em casa. Aproveito a minha chance para respirar um pouco e ando em disparada até a lavanderia. Enquanto sua camisa seca na máquina, eu respiro fundo e encosto a cabeça na parede mais próxima.

Nunca imaginei que seria tão difícil ser amiga de um cara com boa aparência. Talvez o que dizem por aí seja verdade, que ser amigo de uma pessoa bonita sempre resulta em uma "quedinha" eventual. Será que me tornaria uma pessoa dessas? *OK, eu serei sincera. Na minha mente já tenho um despenhadeiro. Mas vem cá, amiga. Vamos ser francas. Ele é lindo, de boa personalidade, legal e divertido. Como não ter um "tombinho" por ele?*

Deixo a máquina fazendo seu trabalho, respiro fundo novamente e volto para a sala, vendo-o sentado no meu sofá, quieto e obediente, assistindo televisão. Minha sala parece pequena com esse homem no meu minúsculo sofá. Na verdade, minha casa parece uma casa de bonecas perto dele.

Olho todo o conjunto que ele é e imagino como será sua ex. Entretanto, se eu pensar muito sobre isso, eu corro o sério risco de ficar triste, porque não posso deixar de ver uma mulher tão linda quanto ele. Retomo minha calma, tomando consciência de nossas diferenças, e com esse pensamento, volto a me aproximar dele.

— Hey, Luke. — Apesar de ele não ter falado o seu nome diretamente para mim, penso que não fará mal. Ou sim? *Oh, God! Estou passando vergonha? Libra, fique na sua aí!*

— Sim, Nina? — responde imediatamente e de um jeito tranquilo, fazendo com que eu me sinta uma idiota por me sentir insegura de chamá-lo

pelo nome.

— Quer beber algo? Um café para esquentar o corpo, talvez? Ainda não tomei café e nem almocei, posso fazer uma coisa rápida.

— Claro, vamos lá! — diz. Ele se levanta e coloca a toalha nos ombros, apenas esperando que eu lhe mostre o caminho da cozinha.

Abusado, convencido ou só confiante? Sinceramente, não sei, mas toda a sua naturalidade faz com que eu me sinta confortável. Dou risada, sacudo a cabeça e vou para a cozinha. Ele deve ser um alienígena do mundo dos homens perfeitos. Só pode! Penso enquanto mostro o caminho.

Ele me olha curioso, mas não invade o meu espaço. Nem pergunta o porquê de eu estar rindo. Chegando à cozinha, Luke se senta em uma das cadeiras, observando-me preparar algo para comer. O silêncio está me deixando inquieta.

— E aí? Estou curiosa. Para onde foi vestido assim? — pergunto, tentando ser discreta, mas não conseguindo, obviamente. *Sinceramente, isso não é comigo*.

— Entrevista de trabalho... Bom, na verdade, não era uma entrevista oficial. O amigo do meu professor da faculdade precisava contratar e hoje era o seu único dia disponível. Ele queria me conhecer antes de tomar qualquer decisão — diz ele, dando de ombros. — Tinha outra entrevista informal, mas perdi.

Nossa conversa flui enquanto comemos. Perco a noção do tempo quando ele me fala sobre o seu quase rotineiro azar eventual. Enquanto gargalhava, seu celular toca, surpreendendo-nos. Dou espaço para que possa atender a sua chamada, aproveitando para lavar a louça e limpar a cozinha. Contudo, não demora muito e ele desliga.

— Nina, tem algo para fazer hoje?

— Não que eu saiba... — respondo, secando a xícara. — Por quê?

— Então chegou a hora de lhe pagar uma bebida — fala animado, com mais um dos seus sorrisos matadores. — A minha antiga banda da época da escola vai tocar no bar hoje.

— Você está parecendo um típico clichê americano, Luke — digo entre uma risada.

— Vai logo se trocar e me trazer a minha camisa, boba. — Ele abre um meio sorriso e gesticula com a mão para que eu vá logo.

— Mandando em mim... Na minha casa? Ah, rapaz! Olha aqui! — digo já rindo, perdendo qualquer traço de seriedade que estivesse tentando

ter. Neste clima descontraído, vou pegar sua camisa e lhe entrego jogando-a nele. — Aqui, rapaz mandão.

Sem lhe dar a chance de me responder, viro e subo as escadas indo para o meu quarto me trocar. *Já disse que sou de libra?* Em frente ao guarda-roupa, meu único pensamento é... Certo. Não faço ideia do que vestir! Até que vejo no canto do armário uma caixa de presente que ganhei da minha irmã mais nova uma semana antes do meu aniversário.

"Quero ser a primeira a dar um presente para a mais linda e boba irmã mais velha". Foi o que ela disse. Sempre com aquele lindo coração sereno e fofo. Se eu a amo? Dentre todas, Luna é minha favorita, e também a mais tranquila. Ela é parecida comigo, mas a diferença é que possui a calma e a graça de um anjo.

Visto o conjunto de *short* de cintura alta feito de linho, com pequenos detalhes quadriculados preto e branco, complementado com um cinto preto e grosso, e uma camisa com mangas longas feita de algodão. Bem fina, leve e confortável. Um conjunto para pessoas fofas e delicadas. Nunca cogitei usar, por ser assim como sou, toda desastrada, mas hoje estou acompanhada de um bonito rapaz. Que mal fará?

Após me arrumar, volto para a sala. Meu cabelo está um tanto armado, mas com os cachos *quase* controlados. Uso pouca maquiagem, mas nada que seja imperceptível. Assim que seus olhos recaem sobre mim, ele sorri, vai até a porta da sala e a abre.

— Vamos, *bella*? — E estende a mão para mim.

Seguro sua mão, um tanto envergonhada, como uma adolescente que nunca fui. Tento reparar nas demais coisas além do rapaz ao meu lado que me deixa inquieta. Não é tão cedo, mas o dia ainda continuará claro pelas próximas horas. O tempo está quente, mas o vento continua fresco. Vejo crianças brincando de bola ou de amarelinha, pulando corda, outras quietas. Apenas com um celular em mãos, parecendo mais maduras, mais cegas para o que tem ao redor. *Ao que realmente tem valor.*

Observo também casais namorando, alguns mais escondidos, rindo. Outros contidos sob os olhares dos pais. Há tantas casas, com vasos de flores de todas as cores, poucos carros e o perfume da vizinhança é bom. Se um dia quisesse me mudar, teria que ser por um motivo muito bom. *Não sairia da minha amada Itália tão facilmente.*

Boa parte das pessoas gosta de ficar nas varandas, conversar com os vizinhos, que são sempre tão acolhedores, mas também existem os mais

contidos, com apego apenas com a família, que preferem a segurança do seu lar. Cada um a sua maneira, de sangue quente e personalidade marcante. Adoro as cores vivas, os sorrisos abundantes e até as caretas dos mais velhos. É o meu povo e a minha grande família. Mesmo que não me enquadre bem na sociedade, ainda me sinto feliz de fazer parte.

Dona Gio, a esposa do padeiro, vê que estou acompanhada e vem em nossa direção, toda animada. Sua face é redonda, assim como o seu corpo, e seus seios fartos chamam a atenção. Ela usa um avental azulado com algumas flores nas pontas, completando a imagem de uma dona de casa dedicada. Dona Gio já é uma mulher mais velha. E agora também está mais gordinha do que quando a vi pela primeira vez alguns anos atrás, mas o que nunca mudou é o fato de estar sempre feliz.

— Minha menina! Está tão bem acompanhada... Mas, ao que vejo, também está acompanhando tão bem! — diz, abraçando-me com força e sussurrando no meu ouvido “menina, ele é lindo como um príncipe".

Dou uma breve risada, pois não adiantaria explicar que é apenas um amigo. Como sempre, a senhora é bem espontânea e me trata com todo carinho.

— Está linda! É difícil vê-la saindo, mas isso é maravilhoso! — Dona Gio se vira para Luke, dando-lhe um tapa em seu braço. — Bom trabalho, rapaz! Bom trabalho! Divirtam-se!

Sinto-me um pouco sem graça diante de toda a animação. Olho para Luke e dou de ombros de um jeito tímido seguido de um sorriso de canto, como se justificasse dizendo "ela é assim". Vejo que ele não parece incomodado, está bem tranquilo, feliz até. Ainda me surpreende quando acena um tchauzinho para a dona Gio conforme ela se afasta.

Observo a casa dela com várias flores e até algumas trepadeiras embaixo da janela. Com essa observação, lembro-me de ela dizer que, quando ainda era menina, morava naquela casa com os seus pais. Luís ainda era seu "namoradinho" às escondidas e subia pelas trepadeiras para que eles pudessem namorar um pouco. Na época que me disse, eu estava terminando a minha faculdade e não dei muita atenção. Como todas as demais coisas desse gênero. Mas hoje, penso que seria divertido viver algo assim para recordar com aquele sorriso no rosto.

Quando dou por mim, já estamos em frente ao bar. Será que minha mente viajou por muito tempo e o deixei desconfortável? *Argh*. Que péssima companhia que eu sou. Olho para Luke pelo canto do olho e a sua expressão

parece normal. Ele, sem querer, sempre me faz sentir boba pensando demais. Acho que é culpa da calma e naturalidade ao seu redor. Na porta do bar, vejo uma fila grande que está dando a volta no quarteirão. *Não me lembrava de ser tão cheio assim.*

— Pode ir na frente. Vou dar um toque para aquele idiota. Ele disse que esperaria aqui fora e nada — fala ele, diminuindo um pouco a velocidade dos seus passos para poder ligar.

Sem ele ao meu lado, vou até o segurança. O homem pede o meu nome e, assim que dou, olha a lista.

— Seu nome não está na lista. Não vai entrar, senhora — diz seco.

Sinto-me pequena, e para piorar, neste momento, vejo um pouco mais a frente na fila, as meninas do setor de vendas. Elas riem e debocham, dizendo que é ridículo uma velha feia ir a um lugar assim, e ainda achando que poderia furar a fila se flertasse com o segurança.

Realmente, sinto-me ridícula, apesar do exagero delas. O "não vai entrar" do segurança já foi suficientemente constrangedor e as risadas delas só pioram a situação. Engulo em seco e mordo os lábios em um tique nervoso. Porém, antes que me afundasse em vergonha, sinto a mão de alguém em minha cintura. Surpresa, viro-me para olhar quem é e o meu coração dá uma leve descompassada. Luke, olhando para mim com a calma e serenidade de sempre, que, em conjunto com o seu sorriso, é algo quase fatal.

Sinto meu rosto corar. Esqueço totalmente das garotas, que agora estão em silêncio, e mesmo se não estivessem, já não importa mais. Ao lado dele não sinto insegurança. Talvez seja reflexo da segurança e confiança que Luke passa em todos os traços da sua personalidade.

— Por que ainda não entrou, Nina? — pergunta curioso.

— Porque meu nome não está na lista — digo com um leve e tímido dar de ombros.

— Olha só quem está aqui! — intervém o segurança. — Eu não sabia que você vinha, Luke. Se ela está te acompanhando, pode entrar sim. Desculpe pela falta de educação, mas muitas pessoas querem entrar sem ter pagado o ingresso adiantado. Porém, como está com o ex-membro da banda e amigo dos donos do bar, entrem! — diz, abrindo a porta do bar com um sorriso sem graça.

— Roger, você tem que ser mais gentil com as mulheres — fala Luke, rindo. — Não adianta nada ser todo bruto se ficar tímido em seguida.

— Se eu fizer isso de ser gentil, a mulher lá em casa pira, cara! —

responde ele com um sorriso de canto, dando um leve tapinha no ombro do Luke. — Bem-vindo de volta, amigo!

O local está mais cheio do que me lembrava. *Na verdade, mal tem espaço para andar.* As mesas estão mais para os cantos, e as pessoas ansiosas estão em frente ao pequeno palco, falando animadas. Luke me leva diretamente até o bar, de onde poderemos ver tudo sem precisar estar entre aquele amontoado de pessoas. Santiago, com seu rabo de cavalo habitual, aproxima-se de nós, como sempre, animado.

— Hey, Luke! Eles vão ter uma boa surpresa quando te virem aqui! — diz empolgado. — Oi, moça. Bom te ver de volta! Você gosta de vinho, né?

— Sim, obrigada por lembrar!

— Vou trazer. É para já! — responde, indo buscar a nossa bebida. O que não demora muito, porque parece que quanto mais clientes chegam, mais rápido ele fica em atendê-los. Santiago entrega a cerveja de Luke e deixa a garrafa de vinho comigo, dando uma leve piscadela que me faz soltar uma risada tímida.

O som de gritos chega aos meus ouvidos, sinalizando que os rapazes subiram ao palco. Eles começam tocando uma música própria, e após se apresentarem, levam o pessoal ao delírio. Neste momento, com as nossas bebidas em mãos, nós nos viramos para ver os rapazes da banda. Contudo, meu olhar é atraído até uma mulher linda, loira e de olhos cristalinos. Não tinha nem como não notá-la, porque ela simplesmente se destaca. A loira olha diretamente para o Luke, com um olhar sedutor e debochado em um meio sorriso. *Ela o conhece*.

Meu olhar se volta para Luke e ele não sorri mais. Seu maxilar está contraído com tanta força que parece que irá trincar. Ele parece conter a raiva dentro de si. Nem preciso pensar muito sobre isso. Não me resta dúvida de que eles se conhecem melhor do que supus. *Com certeza aquela é a sua ex.*

Linda e de cabelos cacheados, com um fino nariz arrebitado, olhos que se destacam mesmo com sua face clara, limpa e bem cuidada. Seus seios são fartos, a cintura fina e o quadril arredondado. Ela está acompanhada com um homem muito bem vestido, mas bem mais velho, talvez na faixa dos quarenta anos.

Mas seus olhos estão encarando Luke. Ela dança e se insinua, rebolando e mordendo os lábios, sem perder o seu olhar. Por dentro, quero chorar por mim, sentindo-me feia demais para estar ao lado dele. Mas estou

mais triste ainda por ele, porque não é necessário olhá-lo muito para saber que aquilo o afeta. Ainda assim, volto a encará-lo e tenho a certeza. Seu rosto estampa a mesma expressão cansada e desiludida de quando o conheci.

Coloco a mão em seu braço gentilmente e o olhar dele cai sobre mim. Logo ele retoma o seu sorriso, mais tranquilo e contido, como se estivesse acordando de algo ruim ou vendo uma luz em meio ao caos.

— Você está bem? — pergunto baixinho, mas não deixo minha expressão demonstrar preocupação, pois *ela* ainda nos olha. Não quero dar esse gosto para essa... Mulher!

— O homem que está com ela é o meu ex-chefe e amigo. Ela me traiu com ele, no escritório dele. Eu os peguei no flagra, soquei a cara dele, quebrei algumas coisas e saí de lá. O resultado foi o desemprego e a perda da namorada... — diz aquilo como se tivesse com um gosto amargo em sua boca. Mas também, quem pudera.

— Da forma que disse deu a entender que ela tinha terminado com você — comento surpresa, mas também horrorizada com a atitude da sua ex.

Eu também estou muito surpresa com a sua forma de lidar com as coisas. Eu não ia estar assim. Iria, no mínimo, estar doida da vida, quebrando tudo até agora, mas Luke está tão calmo.

— Ela me traiu, não é muito diferente para mim. Já tinha acabado há muito tempo, só fui o último a saber disso... — fala e dá de ombros, cansado, bebendo em seguida a cerveja em um grande gole.

Meu coração dói como se tivesse acontecido comigo. Mordo o meu lábio inferior, sentindo empatia por ele. Imagino tudo o que passou, e está passando. Não era para menos aquela expressão carregada de quando o vi a primeira vez. Ele não chora, mas tenho vontade de chorar por ele.

Luke não foge do olhar que recebe. Sinto como se estivesse gravando algo em mente, ou até apagando. Nenhuma lágrima sai, por mais que eu procure qualquer vestígio de uma. Ele me olha e então sorri novamente, calmo, sereno. Quase como se fosse outra pessoa. E então simplesmente bebe outro gole de cerveja. Olho para a sua calma, ficando indignada, pensando na dor que deve estar sentindo e fica com essa cara de paisagem.

— Luke, ela é uma... Reaja!

— Sim, eu sei. Gostaria de ter percebido isso antes... — responde com um sorriso amargo e amarelo. — Hoje estou desacreditado que amei... aquilo. — Sua voz carrega mais do que desgosto e amargura. É quase um repúdio completo.

Para essa reação, imagino a profundidade do que foi o seu amor. Novamente aquela dorzinha em meu peito me incomoda, mas sei que não posso fazer nada além de continuar aqui, como amiga que sou. Olho para frente e ela não para de debochar, esfregando-se no homem que a acompanha, enquanto ele acaricia cada curva de seu corpo, totalmente alheio à provocação deliberada para o Luke. Quando o olhar dele recai sobre a loira novamente, o sorriso dela aumenta e ela vem até nós como se estivesse desfilando, deixando para trás o homem que está com ela. Ele não é feio. E quando o seu olhar encontra o de Luke, a única coisa que posso ver é vergonha.

— Então você ainda vem aqui — diz a ex, agora parada diante de nós, ignorando-me como se eu não existisse. *Qual é o problema dessas mulheres? Eu sou a mulher invisível agora?*

Luke permanece surpreendentemente calmo. Ele continua olhando para o palco, assistindo ao show e ignorando a mulher da mesma forma que ela faz comigo. Isso me provoca um pequeno sorriso de satisfação.

— Está surdo? — pergunta ela, entrando na sua frente. *Persistente a mulher...*

— Não, Flávia — responde suspirando, mas sem alterar a sua voz. — Estou sendo indiferente. Existe uma diferença. Agora saia da frente, porque está atrapalhando a minha visão do show.

Com a reação fria dele, ela fica ainda mais irritada.

— Você não me amou mesmo. Agora não se importa! Não tem nem uma semana e já volta para essa vida? Você só teve reação na hora que a bomba estourou!

— Na verdade, eu fiz muito por você. Não que tenha dado valor ou tenha merecido. Você ainda não enxergou, mas quando ver e, acredite, esta hora irá chegar... Saberá que acabou quando me traiu — Luke diz alto e claro para que suas palavras sejam perfeitamente ouvidas por ela, e calmamente, bebe outro gole de cerveja. — Aproveita e some. Eu vim para me divertir.

— Foda-se que veio se divertir! — grita ela, exasperada. Porém, é interrompida pelo homem que está a acompanhando. Ele segura o seu braço e a leva embora a força, sem dizer uma palavra.

Um silêncio pesado recai e eu tento melhorar o clima, arriscando dizer de um jeito bem-humorado.

— Bom... Ela é bem bonita, mas amigo... Você tem um dedinho podre. Quanto tempo juntos?

— Foram três anos. E tenho sim. Para você ver. O meu destino é engraçado, porque agora me trouxe você... — diz ele sério, mas se entrega ao riso ao se deparar com a minha cara de poucos amigos. Estreito os olhos em um claro "o que você quer dizer com isso, mocinho?" e então ele ri ainda mais, completando: — Ela é bonita como um anjo, mas por dentro é podre. Você é bonita, realmente linda, mas me traz azar, pequena batedora de carteiras.

— Olha aqui... Você já era azarado quando te conheci — falo, tentando conter a minha risada, mas antes que possa falar mais alguma coisa, a música do show para abruptamente. O vocalista deixa o microfone cair, fazendo um barulho alto e ruidoso. O homem desce do palco e corre em nossa direção, pulando em cima do Luke e lhe dando um grande abraço de urso.

— Luke, cara! Há quanto tempo não te vejo! Venha, vamos tocar e cantar juntos como nos velhos tempos! — diz, segurando-o pelos braços, tentando levá-lo para o palco. Luke tenta apenas não derramar o resto de cerveja da sua grande caneca nele mesmo, mas não deixa ser levado pelo amigo.

— Cara, eu estava com saudades também — fala rindo. — Mas hoje não. Estou acompanhando a bonita moça.

O vocalista, de cabelos pretos escorridos, olhos claros como os do Luke, olha para mim com expectativa e eu ergo minhas mãos em defesa, rindo.

— Vai lá, bonitão. Não me importo. Arrasa! — falo, já lhe dando tchauzinho. Ele me olha surpreso por alguns segundos, mas logo em seguida abre um largo e lindo sorriso em um silencioso “obrigado”.

Luke vai com o amigo sem demora e olha para trás ao subir no palco. O pessoal grita feliz e os outros membros da banda lhe dão abraços e pequenos tapas nas costas, fazendo-me rir enquanto assisto com prazer o seu sorriso. Parece que ele deixou para trás tudo o que nublava a sua mente e entristecia o seu coração, sobrando apenas uma energia contagiante, quente e bonita como fogo.

Seus amigos sussurram algo em seu ouvido, e o vejo concordar enquanto o vocalista faz um sinal para alguém atrás do palco. As luzes do local diminuem drasticamente, deixando somente o palco iluminado. Luke recebe um microfone, o vocalista pega o que tinha deixado no chão e fala:

— Antes de virarmos uma banda com nossas próprias músicas, nós

fazíamos *cover* de grandes bandas na rua, em bares ou em garagens. Já tem um bom tempo. Esse cara estava conosco anos atrás, neste bar. E foi quando começamos a ser reconhecidos. A música que vamos cantar agora é a mesma daquela época e esperamos que gostem — diz o vocalista, dando espaço para Luke.

Luke dá um passo para frente e começa a cantar, e eu me encanto ouvindo a sua voz. Rapidamente, pego o celular e começo a fotografar e até a filmá-lo cantando para guardar de recordação.

Eu poderia ficar acordado
Só pra te ouvir respirar
Te ver sorrir enquanto dorme
Enquanto estás longe e sonhando
Eu poderia passar a minha vida
Nesta doce rendição.

Ouvir Luke cantando a música do filme *Armageddon* me deixa emocionada e com um largo sorriso de orgulho ao vê-lo demonstrando tanto sentimento. Em algum momento, vejo a loira no canto, entre as pessoas, com um olhar brilhante, olhando-o. Um misto de insegurança, dor e agonia me faz olhar para o meu copo de vinho e bebê-lo de uma única vez. Sirvo-me com outra dose, já que tenho a garrafa comigo.

Eu poderia ficar perdido neste momento pra sempre
Cada instante que passo com você
É um momento que eu valorizo
Eu não quero fechar meus olhos
Eu não quero adormecer
Porque eu estaria te deixando, amor...

Neste momento, os olhos do Luke encontram os meus, e sem parar de cantar, ele continua dizendo *"E eu não quero perder nada"*. Engulo em seco e o público vai ao delírio, enquanto apenas respiro fundo e solto um suspiro, aproveitando para beber mais.

— Ela é um demônio. Não se preocupe — fala uma voz familiar ao meu lado, surpreendendo-me. — Demorou? Sim. Foi do pior jeito? Sim. Mas ele vê a verdade agora.

Santiago se senta ao meu lado, agora já sem o avental. Quando ele apareceu?

— Ela sem dúvidas é uma... Mulher terrível — comento meio desanimada.

— Ela é mais que isso, querida. Está vendo aquele cara no palco? Ele ama aquilo, mas ela o fez deixar. Ele ama viajar, ela o fez comprar uma casa, mobiliar, arrumar um trabalho fixo. Luke ama os amigos, e, um a um, o fez se afastar. Todos tentavam alertá-lo, mas se negava a ver. Até parou de vir aqui... — fala com um tom claramente triste, raivoso e rancoroso. Aparentemente por tudo, por ela, por seu amigo. Posso ver seus punhos cerrados, e sei que ele é um bom amigo para Luke. Sorrio ao ver o palco com o grupo de amigos cantando e encantando. Felizes. *Não seria capaz de fazer isso. Tirar tudo dele... Ela é realmente um demônio.*

Ele desce do palco após cantar algumas músicas, completamente suado e cansado, mas sorridente. Santiago já não está mais ao meu lado faz algum tempo. Estou nomeando os vídeos quando Luke chega.

— O que está fazendo aí? — pergunta, sorrindo.

— Nada! — respondo, desligando o celular.

— Deixa eu ver! — fala, inclinando-se sobre mim enquanto eu rio, tentando manter o celular o mais longe possível dele.

— Não! — murmuro entre risos, empurrando-o com a mão livre. — Bobo! Estou guardando sua sorte para que nunca mais perca. Só isso!

Ele me olha, desistindo, erguendo uma sobrancelha apenas, como se dissesse "não vou discutir com você, doida". Senta-se ao meu lado e pede mais uma cerveja. Contudo, antes de poder receber a sua bebida, o seu celular subitamente toca, dando-lhe um susto que o faz derrubar a cerveja quando ela estava sendo entregue. *Só acho que o azar não foi embora.* Mas mesmo entre xingamentos, Luke atende o celular.

— Sim? — Por dois longos minutos, ele fica em silêncio e chego a pensar que algo vai mal. Mas logo em seguida, abre um largo sorriso e agradece.

Após desligar, olha para mim com seus olhos brilhantes e animados.

— Consegui um trabalho!

— Não! Sério? Parabéns! — digo, pulando de alegria e o abraço sem pensar duas vezes. Luke me abraça de volta e me ergue do chão.

— Vamos dançar! — fala, já me levando para o meio da multidão, apesar de dançar não ser o meu forte. Ele me acompanha dançando, mesmo pisando em seu pé, ou quase caindo. E dançamos até que nossas pernas ficassem doloridas.

Cansados e doloridos, porém rindo como dois bobos, voltamos ao bar para descansar um pouco, mas de tão animados, quase caímos ao tentar

sentar, fazendo com que pareçamos um casal de bêbados risonhos e desastrados.

— É! O azar parece ter sumido de vista, mas sermos desastrados não! Acho que é melhor irmos para casa! — fala entre as risadas.

— Sim, sim. Amanhã iremos acordar cedo! É segunda, não é?

— Cara, acho que amanhã é domingo! Mas certeza que até segunda ainda estaremos totalmente doloridos e como zumbis! — murmura Luke.

Longe de ser a pessoa que estava desanimada há um tempo. Ele apenas observa as coisas mais do que reage a elas quando chegam até ele. Luke parece renovado. É como se suas correntes tivessem sido quebradas.



ÀS VEZES NÃO SEI O QUE FAZER COM ELES

O domingo passou como um enorme borrão cheio de ressaca. *A dor de cabeça me fez questionar se essa parte do corpo era mesmo necessária, porque se não fosse, eu poderia arrancá-la fora. Só um pouquinho*. A segunda-feira chegou na velocidade da luz. E neste momento, várias vozes chegam aos meus ouvidos.

O som de lojas ainda abrindo pela manhã, com mais funcionários do que clientes, o vento gelado contra o meu rosto e o cheiro rotineiro de novo dia. Café, pão fresco, além do perfume que vem das árvores, flores e plantas, que são vastas por aqui.

Queria uma cama quente e não um copo de café, que, detalhe, ainda não comprei. Ainda poderia estar dormindo ou acordando somente agora, mas não. Estou aqui. *Onde é aqui, Nina?* No *shopping*! O que diabos está fazendo no *shopping* em plena segunda-feira? Pois é! Fazendo meus deveres de amiga e acompanhando a Diana na empreitada que ela se propôs há alguns anos: conseguir o Gato de *Cheshire* da maquina de pelúcia.

Parece bobo, mas essa é uma das poucas coisas femininas que Diana curte. Infelizmente, vejo-a falhando novamente e ficando cabisbaixa por isso. Essas máquinas são difíceis de lidar, nem tento porque sei que não conseguiria.

— Calma que você vai conseguir em algum momento, Diana — digo, tentando acalmá-la. — Talvez ele esteja costurado aí. E, bom, sempre podemos vir de madrugada e... — começo falando, divertida, como se estivesse tramando um plano diabólico e ela ri, olhando-me como se eu fosse uma boba. *Principalmente porque ela sabe que eu não sou a doida aqui.*

— Bem, tem sempre o amanhã para ser roubada descaradamente nessa máquina! Ah, se eu não quisesse esse... — reclama, mas pelo jeito não desistiu. — Mas ao menos uma de nós se deu bem e conseguiu o que queria! — comenta animada e sugestiva, enquanto caminhamos até o metrô para irmos ao trabalho.

— Hã? — indago sem entender.

Onde ela quer chegar com isso? Encaro-a como se fosse louca, mas na verdade, o que vejo é uma mulher com um olhar divertido/safado, encarando-me sobre os óculos de armação preta que lhe dão um ar de *nerd*.

— Oras, não me venha com esse "hã?". O Luke foi à sua casa sábado, estava seminu e todo atraente. Você estava babando litros! — Olho para ela como se dissesse “não estava tanto assim”. — Estava sim! Não se faça de boba! E nem me olha com essa cara. Enfim, em seguida vocês saem, voltam tarde, sorrindo como dois bobos... — fala, sorrindo, e arqueia as sobrancelhas, toda sugestiva. *Não tem o que fazer não?*

— Quero saber que olhar de especulação é esse aí? — pergunto, tentando não rir. Invertendo a conversa? Claro. — Menina, fomos ao bar. Ele cantou ao vivo. OK! Isso foi legal demais! Se eu filmei? Sim! Mas voltamos rindo porque estávamos felizes pelo fato de ele ter conseguido um trabalho.

— Espera aí... Você não perdeu a virgindade? — Diana me olha incrédula, ignorando tudo o que eu disse. — Cara, você está guardando isso aí para quem? Para Jesus?

— Ei. Que cara de desilusão é essa? E Jesus não iria querer, sua louca! — Desta vez, sou eu que faço uma cara de incrédula para ela, fazendo-a cair na risada.

— OK. Tá legal! Mas ainda é… Está bem! Parei — murmura, levantando as mãos em sinal de derrota. Suas mãos caem em seguida, junto com os seus ombros, enquanto dramatiza sua desistência, balançando a cabeça numa negativa.

— Nossa, mas quanto drama, mulher! Para começar... O que ele iria querer comigo? Ele é claramente mais jovem e bonito! — falo, como se só isso já respondesse tudo.

— Sei lá! Hum... Sexo selvagem? — murmura de uma maneira tão descarada, que fico vermelha dos pés à cabeça. Ainda fico surpresa com a naturalidade de Diana para falar coisas assim, isso só me faz ganhar alguns cabelos brancos.

— Porra, Diana! — resmungo, repreendendo-a. Fico ainda mais

tímida sob o olhar curioso e sugestivo de algumas pessoas que passam por nós. Claro que elas só ouviram a parte do “sexo selvagem", para piorar as coisas.

Não demora mais que quinze minutos para chegarmos à rua do nosso trabalho. Como nosso horário de entrada é às oito da manhã, passamos na cafeteria, mas somos recebidas com olhares estranhos, e até um pouco irritados. Nunca fomos realmente adoradas pelo pessoal devido às nossas desavenças com as garotas populares. Mas parece que algo piorou um pouco.

Olhamos uma para outra sem entender, mas apenas damos de ombros e voltamos para o nosso rumo. Nosso dia será longo e nos estressar desde cedo não levará a nada. Somos do setor de cobrança. Sabe aquele pessoal que liga para vocês de manhã para lembrar aquelas dívidas que vocês se esqueceram de pagar? As possibilidades de parcelar, e tudo mais? Então, eu sou uma dessas... Desculpe.

Chegamos ao trabalho, que fica em um belo prédio branco, clássico por fora e todo modernizado por dentro, num misto único e perfeito de antigo e novo. E infelizmente, temos que passar pela parte de vendas, onde escutamos o trio odiado "conversando entre elas" ao lado das mesas de demonstrações de produtos.

— Ela estava se achando a gostosa lá no bar! Principalmente furando fila. — comentam enquanto gesticulam com cara de nojo e deboche. — Descarada! Até paquerou o segurança. E aquele cara que apareceu depois? Certeza que foi tudo planejado!

— Rá! Provavelmente ele foi contratado para fazer com que ela parecesse "legal" — uma delas fala alto para que todos ouçam. — Nunca que um *boy* daquela categoria iria olhar para uma velha dessas.

Eu não preciso que vocês me lembrem disso… Vadias! O olhar da Diana recai frio e mordaz sobre elas. Sussurro um “estamos no trabalho” e a resposta da minha amiga vem rapidamente em um tom irritado “esse trabalho não me faz”.

— Aquela velha ridícula acha que pode nos enganar? — zomba outra delas.

— Claro que é contratado! Se não for, com certeza ele é um amigo *gay*! — completa a última. E então as três caem na gargalhada. Seguro firme a mão da Diana que vai se fechando de ódio.

Não gosto dessa merda que elas estão dizendo, contudo, sou adulta. Não vou perder as estribeiras com crianças fúteis e idiotas, pois isso me faria

ser outra criança como elas. Agradeço por ter uma amiga como a Diana, porque ela me faz manter o controle vendo-a doida para brigar. *Vai entender*. Lido com péssimas pessoas todos os dias. Isso é só mais uma das coisas que tenho que lidar. Claro que isso não muda o meu enorme mau humor.

Saio puxando Diana para o elevador, antes que saia briga e eu mesma perca o meu bom senso. Quando chegamos as nossas baías, respiro fundo e sento, preparando-me psicologicamente enquanto coloco o meu fone e ligo para o primeiro cliente.

— Olá. Bom dia. Senhor Fernando Vargas?

— *Bom dia. Sim... Sou eu. Quem é?* — murmura sonolento.

— Aqui é da empresa Infinity. Venho lembrá-lo de que o senhor atrasou dois meses da sua mensalidade. Mas não precisa se preocupar! Você tem duas ótimas opções. A Infinity dá a opção de parcelar a sua conta até seis meses, ou com um desconto de 15% se pagar tudo de uma única vez. O senhor estaria interessado em uma das duas possibilidades?

— *E a possibilidade de você tomar no cu?* — responde ele de um jeito mal-educado.

— Isso não computa, senhor. Somente as duas opções que lhe foram passadas. Se o senhor quiser posso repetir — respondo quase roboticamente, engolindo o meu mau humor.

— *Eu vou pagar! Assinei essa merda de contrato. Não se preocupe, filha da puta! Mas agradeceria imensamente se parassem de ligar aqui na minha casa. Isso é uma merda, um caralho! Ninguém tem paz por causa de vocês!* — Ele continua com as ofensas enquanto procuro um ponto específico na tela do computador para prestar atenção.

— OK. Uma carta com as duas possibilidades será enviada ao senhor. Agora, se puder dar uma nota de zero a dez sobre o meu atendimen...

Antes que termine de falar, ele desliga na minha cara. As demais ligações não são muito diferentes. Alguns pelo menos desligam antes de me ofenderem. Nem todas as pessoas sabem, mas as moças do *telemarketing* não podem desligar a ligação. E é assim que continua a minha manhã até chegar a hora do almoço. *Deus é grande! Finalmente.*

Levanto-me até um pouco mais animada, mas ainda me sinto irritada e mal-humorada por causa daquelas... Pessoas. Desço as escadas e vejo algumas funcionárias de outros setores, paradas no corredor que dá para o refeitório. Estranho ao me aproximar e ver o Luke. Meu coração dá uma leve descompassada, um nó se forma na minha garganta e meu estômago pesa

uma tonelada. Ele está todo bem vestido, no melhor estilo esporte chique, junto com o nosso chefe geral.

— Ah, garotas! Que bom que apareceram! — diz o nosso chefe para nós do setor de cobrança. *Chefe, poderia ter se esquecido da minha existência. Obrigada. De nada!*

— Sim, senhor? — respondo robótica e com dificuldades, já que ver Luke aqui subitamente me deixou bem nervosa. A Diana me olha de um jeito divertido, com um misto de curiosidade e expectativa, só esperando para ver algo interessante acontecendo.

Olho um pouco mais para o lado e, novamente, eu vejo as garotas do setor de vendas. Por milagre, desta vez elas não estão babando ovo do chefe. E parecem ainda mais irritadas do que antes, sem o traço de deboche de sempre.

O olhar do Luke recai sobre mim e quase tenho a sensação de estar pesando uma tonelada. Ele parece surpreso, mas sorri em seguida, fazendo-me arrepiar. *O destino gosta de brincar, né? Filho da mãe!* Ignorando todos ao redor, ele vem animado até mim, abraçando-me.

— Eu não imaginei que nos encontraríamos tão cedo. Mas tenho boas novas!

— É? Eu também tenho. — Mesmo que ele tenha o dom de me fazer bem, estou no auge do meu mau humor, principalmente após escutar várias ofensas seguidas durante algumas horas. Mesmo que ele me faça uma boba adolescente, nervosa diante do cara bonito, só me faz lembrar ainda mais das provocações das garotas. Talvez seja hora de fazê-las passar um pouco de vergonha. Se bem que não. Não tenho chifres vermelhos. OK... Talvez às vezes. *Desculpe, bonitão. Vou te usar um pouco, mas é sobre você também, não é?*

— É mesmo? O quê? — pergunta curioso, ainda mais por causa do meu tom de voz.

— Ao que parece você é *gay*... — falo, bem casualmente, mas faz com que todos me olhem surpresos, incluindo o próprio Luke. Diana abre bem os olhos, já começando a rir.

— Hã? Eu sou? — Ele dá um passo para trás, soltando-me do seu abraço, e olha para mim como se eu fosse louca. *Talvez seja...*

— Aham. Isso mesmo E não para por aí! — digo, levantando o dedo indicador, fazendo um gesto negativo com ele.

— Não? — pergunta ele assustado. Ele parece começar a se divertir

com minha maneira dramática de falar.

— Eu paguei você para andar comigo e para me sentir gostosa — falo em tom de segredo, mas todos os presentes podem ouvir.

Luke fica um segundo em silêncio, olhando-me e tentando assimilar a informação. Até que ele concorda com a cabeça e morde os lábios após umedecê-los.

— Pagou? Espera... Pagou quanto? — pergunta ele em um claro gesto de curiosidade, aproximando-se e passando o braço pelo meu pescoço.

Até mesmo nosso chefe se aproxima para escutar melhor. *Chefe curioso! Nossa senhora, ninguém pode ter uma conversa particular mais.*

— Olha, eu não sei. Fui informada há pouco. Talvez deva perguntar para quem me passou a informação valiosa — digo, apontando para as garotas, que logo ficam pálidas sob o olhar de todos. Todo o pessoal se vira como em uma câmera lenta para olhar para elas. *Se estou sorrindo satisfeita? Ilusão de ótica.*

— O quê? Essas feias? — pergunta ele quase que automaticamente, incrédulo, enquanto endireita o corpo.

— Feias? — indago, arregalando os olhos com surpresa. Só para engasgar em seguida tentando conter a risada. *E eu pensando que era descarada!*

— Sim. Ao contrário de você, elas têm que ir ao salão de beleza todos os dias para poderem ficar bonitas — responde com uma naturalidade que me choca e me deixa vermelha. "Ao contrário de você" ecoa em minha mente e prendo a respiração. *Por que será que parece que estou escutando um "huuuum" da Diana?*

— Bom... Obrigada pelo elogio — digo embaraçada. — Mas não vou ao salão todos os dias, pois acho desnecessário para uma mulher quase com trinta anos como eu.

— É desnecessário mesmo! — diz, surpreendendo-me e até me deixando cabisbaixa. — Porque você é linda. Não precisa de salão para esconder nada — conclui ele, deixando-me sem palavras enquanto engulo em seco. — Bem, então vamos ao que vim fazer aqui. Eu não sabia que minha amiga Nina trabalhava aqui, mas vou seguir com o planejado.

— Ah sim! — O chefe se pronuncia, retomando a sua postura séria. — Esse é o Luke Salvatori. Ele tem vinte e seis anos, concluiu sua pós-graduação e foi muito bem indicado por todos seus professores, além de ter um currículo impecável e experiência no cargo.

Ele o apresenta para todos, arrancando algumas risadinhas e suspiros das mulheres. É, eu sei. Luke é um homem lindo. Tenho sorte de ter um amigo desses.

— Serei o gerente do setor de vendas. Podem me chamar como preferir. O motivo de tudo isso é simples. Como o setor de vendas fechou o mês com 15% a menos de lucro, se comparado com o ano passado, e o setor de cobrança que possui formados na mesma área conseguiu subir 20% na meta. Vocês... — diz ele, apontando para as garotas do setor de vendas. — Vão para o setor de cobrança. E vocês do atual setor de cobrança irão para as vendas. Espero que continuem o seu ótimo trabalho e que possamos nos dar bem.

— Então a sua notícia era... — falo totalmente descrente.

— Sim, o trabalho que consegui é como gerente. Seu gerente. Embora eu não soubesse desse último fato — confirma.

Ao mesmo tempo em que me sinto feliz com "seu" gerente, congelo ao olhar de relance para as garotas do outro setor. Posso sentir o ódio emanando delas. Pronto. Eu vou apanhar! Desta vez eu não escapo, pois tenho todo um setor fervendo de ódio. Não somente aquelas quatro garotas específicas que me declararam ódio, mas todas.

— Bom. É só isso mesmo, garotas. Aproveitem o seu horário de almoço. — diz o nosso chefe.

Quando as garotas passam por mim, elas esbarram e resmungam com os seus olhares de puro ódio e rancor, agora que o nosso chefe geral saiu de perto. Sei que elas vão arrumar um jeito de se vingarem. De uma maneira ou outra. Estou no ensino médio?

Olho de rabo de olho para Luke e acabo pensando em voz alta.

— Porra, Luke! Quer me foder? Me beija primeiro! Estou tão ferrad... — Mas sou interrompida, pois antes que me desse conta, travo pela súbita aproximação dele.

Luke passa a mão pela minha cintura, segura o meu queixo com a mão livre e ergue o meu rosto, dando-me um longo e molhado selinho. Isso me deixa aturdida, chocada e estática. *Mas que porra é essa?*

Ele me solta e se afasta abrindo os olhos, o que me permite ver o quanto são azuis, mesmo que nublados. Isso me faz corar violentamente. Então Luke sorri, revelando seus longos caninos brancos e dentes perfeitos. *Que sorriso matador de corações é esse?*

— Fiz a minha parte... Agora é a hora de fazer a sua! — Sua voz é

firme e não sei dizer se está brincando ou não.

Sob o peso das suas palavras, um forte arrepio me toma. Abro bem os olhos em surpresa e minha boca faz um "O". Contudo, ao me dar conta de qual expressão estranha eu devo estar fazendo, fecho a boca e mordo os lábios. Eu me sinto estupidamente constrangida e tímida com a minha reação nem um pouco descolada e *sexy*. Devo estar sendo tão ridícula aos olhos dele.

Claro que me sinto chocada com a sua ousadia. Não foi ruim! Para deixar claro. Só completamente... Desnorteador! Alguém me fala a placa desse caminhão! O que foi? A pessoa não conhece força de expressão não?

O silêncio se torna pesado e constrangedor, quase palpável, enquanto fico perdida em pensamentos. No entanto, um estalo me vem à mente. E se ele estiver brincando? É. Isso faz mais sentido do que um "homão" desses se interessar por mim. *Sim! É isso! Só pode ser.*

— Ah, Luke! Eu quase acreditei. Seu bobo — digo, dando uma risada enquanto bato de leve no seu braço.

— E quem disse que estava brincando? — responde ele, erguendo uma das sobrancelhas e parece que vai dizer mais alguma coisa, mas é interrompido pelo som do ronco alto da minha barriga. *Realmente não tem como me sentir mais constrangida do que estou.*

Meus olhos se abrem surpresos e minha face volta a arder de vergonha. Abraço minha própria barriga para tentar abafar o som. Meu Deus! Não tenho nem a barriga como aliada? Traidora miserável. Para piorar ainda mais a situação, o som se repete, só que dessa vez mais alto, como se fosse um "oi".

— Hum... Oi? — Luke responde para a minha barriga de um jeito bem- humorado. — Que tal vir almoçar comigo?

— Está bem — falo, desviando o olhar a procura da Diana, mas a filha da puta sumiu de vista de novo, deixando-me sozinha nessa situação constrangedora. Viada. Ela que me aguarde!

Saímos da empresa e vamos até o estacionamento. Procuro sua bicicleta cor de rosa, mas não a vejo. Olho para Luke com uma expressão de questionamento estampada, e ele me leva até outra bicicleta. Essa não tem nenhum charme feminino. É preta com várias marchas, bem mais robusta e esportiva. Acho que é para aguentar a sorte dele enquanto anda por aí, porque né...

Enquanto ele tira o cadeado e a corrente da bicicleta, aproveito para olhá-lo bem. Luke não é um homem exagerado de grande, mas aparenta ter

tudo na medida certa: costas largas, uma bunda bonita e coxas fortes. Parece inacreditável pensar que um homem assim exista fora de uma revista, porém, ele está aqui para provar o contrário. Em muitos sentidos além da aparência. Seu humor e caráter são um complemento da sua beleza, e junto vem o azar, porque ninguém é perfeito né.

— Eu liguei para a Flávia e a fiz devolver as minhas coisas, disse que chamaria um advogado. Não quero nada dela, mas ela levou essa minha bicicleta, meu violão, minha prancha de *surf*... Olha que ela nunca aprendeu a surfar, nem sequer tentou. Mas enfim... O fim está consumado — diz ele ainda de costas, sem saber da minha análise. Ele se levanta e vira para mim junto com a sua bicicleta.

Vejo-o subir e ele me pede para segurar bem firme em sua cintura. Um estalo me vem à mente, como um alerta, lembrando-me da última vez que Luke desceu a rua como um louco. Estreito os olhos para ele de forma completamente suspeita, e até meio exagerada, roubando-lhe uma risada travessa. Mas faço o que disse, abraçando-o. Sinto seus músculos bem definidos escondidos pela roupa social e posso escutar uma baixa risada vinda dele. *O danado é consciente do quanto é atraente.*

Enquanto o chamo de convencido mentalmente, ele faz o que mais temia: pedala rápido até que eu reclame em voz alta.

— Seu doido! Quer nos matar?

Em um determinado ponto, ele vai mais devagar e me sinto em um clássico filme de romance. O cenário não poderia ser mais bonito. O cheiro de flores e grama molhada misturado com o aroma do perfume do Luke dão um quê a mais em tudo.

As construções ao nosso redor trazem um encanto de elementos góticos da arte românica, é como se estivesse perdida no tempo. No centro, tudo possui cores neutras que contrastam lindamente com o céu azul claro, com o verde dos campos da costa ou com o lindo azul do mar. Na área das casas, tudo sempre carrega cores vivas junto com flores, dando um ar suave como num canto romântico de época.

A cidade é carregada de pontos turísticos e históricos. Até porque Pisa já foi uma das mais importantes cidades de Toscana. Sua república marítima teve grande importância pelas suas conquistas na Europa e Oriente Médio. Todos falam da Torre de Pisa no *Campo dei Miracoli*, que é onde ficam os principais pontos turísticos daqui, mas o local inteiro é lindo e fica a apenas uma hora de Florença. Inclusive, por isso quis vir morar aqui em Pisa.

Apesar de que eu moraria em qualquer lugar, desde que seja na Itália. O meu amado povo vê a beleza no passado de sua história, nos seus feitos, na vida da natureza e na arte. *Eu já disse que não trocaria a Itália por qualquer outro lugar no mundo? Então!*

Chegamos a um pequeno restaurante com uma parte cercada que é ao ar livre. O local possui lindas cadeiras que combinam com as mesas com tampo de vidro. Mas, por incrível que pareça, é um restaurante de comida mexicana, apesar do ar um pouco parisiense. Antes de pararmos por completo, um homem que está na porta cumprimenta o Luke.

— Oi, Luke! Quanto tempo! — diz saudoso, vindo até nós.

— Hey, Hermanito! Já ia te chamar rapaz! — fala Luke bem-humorado.

— Que maravilha! Venha! — Ele para e me vê "escondida" atrás do Luke. O homem parece receoso, mas mesmo assim se aproxima, tentando manter o mesmo humor. — Está bem acompanhado! Venha, senhorita!

— Esse é o Hermanito. Ele é o dono do restaurante e um querido e velho amigo — explica o Luke, apresentando-nos.

— Prazer em conhecê-lo, Hermanito. Me chamo Nina. Nina Natali. — Sorrio sincera para ele e seu olhar se suaviza. Seu sorriso parece ficar ainda maior e genuinamente sincero enquanto segura minha mão em um cumprimento.

— Andem! Vou oferecer para vocês o melhor da casa. O taco especial do Hermanito.

O homem vai à frente todo animado, mostrando-nos um lugar confortável, perto do pequeno palco para música ao vivo, para nos sentarmos ao ar livre, e continua andando e falando animado sobre a presença do Luke. Todos os funcionários também ficam animados, cumprimentando-o à distância.

— É, bonitão... Parece que você é um cara amado onde quer que vá! — digo em um meio sorriso, levantando as sobrancelhas para dar ênfase ao que falo. — Deve ser difícil ser popular.

— Amado... — Ele ia começar a falar algo, contudo, Hermanito se aproxima animado, segurando um violão.

— E aí? Vai tocar para nós como nos velhos tempos? Aproveita que o nosso músico famosinho vai demorar um pouco. — Hermanito pisca brincalhão, deixando claro a ironia com o termo "famosinho". Ele olha para Luke cheio de expectativa e o bonitão se vira para mim, dando-me o mesmo

olhar. *Meu Deus, o que está havendo aqui?*

— Vai homem! O que está fazendo aqui ainda? — pergunto entre risos.

Ele se levanta rapidamente, pega o violão da mão de Hermanito e, em seguida, vai para o pequeno palco. Luke se senta em um banco de madeira e arruma o microfone.

— Estamos na primavera, então por que não falar de amor?— Luke sorri e começa a tocar. O som do violão é calmo e me surpreendo com ele cantando uma das mais famosas músicas do Elvis, *Can't Help Falling In Love.*

Homens sábios dizem
Que só os tolos se apaixonam
Mas eu não consigo evitar
Me apaixonar por você.
Eu deveria ficar?
Seria um pecado?
Se eu não consigo evitar
Me apaixonar por você?

Alguns casais que estão presentes dão suas mãos, inclusive o Hermanito e sua esposa, e outras pessoas que passam pela rua param para ouvi-lo cantar. O público parece aumentar a cada momento enquanto ele canta. Quase posso sentir suas palavras ecoando dentro de mim, e em uma onda de sentimentos e emoções, fico orgulhosa do rapaz à minha frente. Apenas voltando a ser ele mesmo.

Como um rio que corre
Certamente para o mar
Querida, é assim
Algumas coisas estão destinadas a acontecer.

Ele canta sem olhar para ninguém específico. Carrega a confiança em sua voz que consigo imaginá-lo arrancando suspiros em cada um de nós, e elogios como confirmação do seu talento. Quando termina, alguém pede mais uma música e Luke concorda, dizendo que desta vez cantará uma música agitada. Novamente ele nos surpreende cantando *It's My Life* do Bon Jovi e todos vão ao delírio cantando junto.

O restaurante do Hermanito enche. Luke é aplaudido quando sai do pequeno palco para voltar à mesa e sorri, satisfeito, agradecendo todos com a expressão serena. Quando chega à nossa mesa, me olha todo animado e sorrio

para ele.

— Hum, senhor Luke... Então tocava aqui também. Pelo que vejo você é mesmo a alegria da festa! — falo divertida.

— Quase todo fim de semana, senhora Nina... — responde ele a altura. — Eu vinha, tocava, fazia bicos em muitos lugares, então viajava e voltava só na outra semana. Mesmo quando meus estudos me faziam parar por um tempo, continuei vindo. Cada hora em um canto da cidade, já que, por conta da faculdade, não podia sair do país. No percurso, conheci muitas pessoas, inclusive o Hermanito — diz, dando de ombros, sem perder sua expressão feliz.

— Um cara do mundo! — murmuro.

— Sim, eu gosto disso. Mas me diga, quero saber de você... — Luke se senta e apoia os cotovelos na mesa, encarando-me diretamente nos olhos de maneira suave. Isso me deixa levemente tímida. E olha que ele parece quase curioso, como uma criança, do que um homem adulto flertando. Acabo ficando mais tranquila e confortável. — Se formou em *marketing*, fez pós... E estava trabalhando no setor de cobrança?

— Bom, parece que alguém leu minha ficha! — Dou risada. — O antigo gerente, o que você tomou o lugar, fazia o clássico teste de sofá — digo, sentindo o rancor ferver dentro de mim, mas prefiro deixar para lá. — Claro que não diretamente, senão ele sofreria processos, mas se a garota flertasse, ele ficava com elas. Simples. Claro que iria ajudá-las dando os melhores cargos, facilidades... — Dou de ombros. — Diana e eu, além de algumas outras que já estavam lá, temos vergonha na cara.

Ele me olha surpreso.

— Ninguém denunciou?

— Por quê? Elas não foram forçadas. Além do mais, os casos eram fora do trabalho. Ser imoral ainda não é contra a lei. — Ele me olha feio. — OK. Favoritismo, de certa forma, sim. Mas até arrumar provas... Quem ficaria sem trabalho seria eu.

— Bom, não vou discutir. Vou ser franco que não imaginava que o meu antecessor era assim. O plano do gerente geral com o dono é o seguinte: colocar outras pessoas capacitadas no setor de vendas para ver se elas reagem ou se sentem ameaçadas. Talvez assim resolvam trabalhar melhor... — Olho para ele surpresa. — Não me olhe assim! Realmente, o motivo inicial é ruim, mas é uma ótima oportunidade. Use-a para vocês brilharem. Vamos trabalhar juntos e fazer acontecer, OK?

• • •

Após três meses, acredito que "bons juntos" é como nos definiria. Ficamos trabalhando empenhados, e como algumas vezes Luke dizia para equipe: fazíamos nossa estrela brilhar. No almoço, ele às vezes me roubava da Diana ou a levava conosco se fosse mais perto, mas sempre dizia que isso iria mudar quando comprasse um carro.

Fora as saídas para o bar. Ele também era a minha primeira companhia para ir ao mercado, além da Diana, claro. Luke entrou em nossas vidas, e agora já não somos mais eu e minha única melhor amiga. Agora tenho um amigo e uma amiga que afastam qualquer monotonia da minha vida. Principalmente indo todos os dias na cafeteria passar vergonha e, no final das contas, morrer de rir.

No trabalho, descobri ser mais feliz como vendedora do que eu poderia supor. No inicio foi difícil, cômico até. Eu fiquei tímida ao lidar com a interação com o público, mas no calor do momento, eu acabava por animá-los com as novidades e me sentia empolgada com as suas reações. Tem sido ótimo. Consecutivamente, todos nós trabalhamos bem. Cobrindo-nos em nossas falhas, está o gerente Salvatori, o extrovertido, animado e sempre receptivo.

Para ser sincera, apareceram até algumas mulheres arrumando "reclamações" só para chamarmos o gerente bonitão. Espertinhas, não? Que bom que ele sempre sabe lidar com todas as situações, parece que o homem nasceu para interagir com o público.

As vendas aumentaram consideravelmente e Luke veio nos parabenizar na saída do almoço no final do semestre. Surpreendentemente, o velhote... ops, o senhor Francisco, dono da empresa, também veio ao nosso encontro, como sempre com sua expressão séria e fechada e com seu terno perfeitamente alinhado. E, assim que o Luke o vê, vai até ele todo animado.

— Oi, chefe! Boa tarde! Como está? Melhorou das suas náuseas? — Todos nós olhamos juntos para o Luke, como se ele tivesse duas anteninhas surgindo em sua cabeça. Ele é muito corajoso ou muito louco. Suspeito que louco.

— Olá, menino Salvatori. Boa tarde. Estou melhor, obrigado. Acredito que vocês também estão bem. — Não era uma pergunta e sim uma afirmação, e não nos resta outra opção se não concordar com a cabeça. — Esplêndido. Venho notificá-los que todos estão trabalhando muito bem, e por

isso receberão um prêmio por isso. Os senhores e senhoras ganharam uma viagem para o *resort* nas fontes termais de Ischia, a ilha verde, custeada pela Infinity. Terão direito a passagem e hospedagem, durante uma semana, com tudo pago. Meus parabéns! Estão dispensados.

Em seu tom não resta dúvidas de que ele não hesita. O homem sai e nos deixa estupefatos. Se estamos felizes? Mas é claro! Imagine um grupo de adultos animados e falando alto. No meio da bagunça na saída da empresa, perco o Luke de vista. Olho para os lados, procurando-o por força do hábito, mas não o encontro. Diana se aproxima e até ela estranha a falta do Luke ao meu lado.

O som de um carro chega aos meus ouvidos. De repente o veículo para bem à minha frente. Não entendo de carros, então não posso dizer qual o nome ou a marca, mas é novo, preto, bonito e de quatro portas. *Mas quê...?* A porta se abre e de lá sai uma voz familiar.

— Hey, gracinhas! Entrem! — Abaixo-me para ver quem está no volante, apenas para ter certeza, e vejo Luke com o seu melhor sorriso sem-vergonha.

— Quero saber de quem você roubou esse carro, senhor Luke — falo bem-humorada.

— Eu trabalho, engraçadinha. Tenho como comprar. Entrem logo vocês duas. Agora tenho como dar carona — responde ele, piscando em seguida.

— Ah! Se lembraram de mim! — diz Diana, rindo, já indo para entrar no carro e eu aproveito para fazer o mesmo em seguida.

— Engraçadinha! Vamos, bonitão, pois temos malas para arrumar — falo após fechar a porta do carro e ele me olha segurando o riso.

— Não acha que está abusada? Mandando em mim no meu carro? — provoca sem sair do lugar.

— Cara, com menos de vinte e quatro horas em que eu te conheci você mandou em mim. E na minha casa! — Olho para ele erguendo a sobrancelha. *Falta apenas a mão no quadril para enfatizar minha indignação*.

— Ei, casal. Vamos logo? — Nós dois nos viramos para a Diana, encarando-a. — Hey, o que foi? — responde ela, falsamente inocente, entregando-se ao abrir um sorriso lentamente.



A VIAGEM MAIS INCRÍVEL E INESQUECÍVEL?

Ao fechar minha mala e colocar meu celular na bolsa cheia de coisas, paro tudo que estou fazendo para refletir. Trabalhar no setor de vendas, mais do que me fazer feliz com a companhia animada do Luke e da Diana todos os dias, me fez ter uma coisa que não tinha: vaidade!

OK, eu tinha, mas não muito, ou melhor, só ocasionalmente. Então minha rotina mudou um pouco. Cabelos bagunçados? Tento evitar, definindo ou prendendo os cachos. E ainda tenho me preocupado em utilizar uma maquiagem leve e usado suaves perfumes. As roupas no geral não mudaram tanto. OK. É tudo uma mentira, e das grandes, pois mudaram sim.

Agora, como sou vendedora, tenho que estar impecável! E com esses dois tão bonitos ao meu lado, tive que dar mais importância a esse tipo de coisa. O que me fez mudar toda a minha rotina, mas não é só isso, ainda tenho estado bem preparada. O tênis tem que estar sempre na bolsa. Você deve estar se perguntando o motivo.

Luke é daqueles caras que dá a louca de querer sair do nada. Quando menos esperamos, ele aparece quase em um sequestro relâmpago, me leva para ir comer ou para algum programa legal. Isso quando não aparece em casa para conversar. *Ele, diferente de muitos, é uma pessoa muito presente. E faz questão disso. Eu estaria mentindo se dissesse que isso não me faz feliz.*

É cedo e o dia não nasceu, mas já estou acordada há um bom tempo. Na verdade, se eu for sincera, quase não dormi nada. *Nome disso? Ansiedade! Mas acho que vocês já perceberam que quando falo muito é porque estou nervosa*.

Os flertes de Luke são quase diários e já me acostumei com eles.

Também já aceitei que um dia sem a animação dele não é o mesmo. Nesses três meses que se passaram, ele teve uma gripe e por um dia todo não o vi. Foram horas muito tristes sem ele.

No dia em que fiz aquele amigo no bar, não imaginei que as coisas se converteriam em tudo isso. Nem em meus sonhos mais inusitados.

Diana bate na janela, que temos como ligação entre nossas casas, e assim que abro, vejo-a arrumada em um vestido preto básico, com os cabelos ainda úmidos e meio bagunçados. Antes que possamos dizer um "bom dia" sequer, uma buzina nos chama a atenção na frente de casa.

— Mais um pouco e estaria atrasada! — digo em tom de cobrança.

Eu consigo ouvir quase tudo na casa da Diana. A hora que arrumou as malas ontem à noite, a hora que tomou banho. Acho que está faltando um pouco de privacidade por aqui.

— Isso? Que nada! Tudo pronto já. Vamos — responde, dando de ombros enquanto fecha a janela. *Cabelo curto equivale à praticidade. Será que devo aderir?*

Pego minha mala e, com certo sacrifício e luta, desço as escadas. *Quase caindo, mas consigo.* No fim das escadas, meu cabelo não está melhor do que na hora que acordei. Têm fios bagunçados para todos os lados e alguns grudados no meu batom e nos brincos. *Ser mulher é fácil, eles disseram... Fácil. Ah tá!* Arrumo-me como posso e vou para a porta, abrindo-a e vendo Luke.

Essa é uma visão e tanto. Um homem desses, lindo de morrer, é como um soco na boca do estômago. Faz a gente prender a respiração sem ver. Ele está encostado no carro, de braços e pernas cruzados, vestido com calças jeans escuras, que definem bem suas coxas, e uma camisa preta sem estampa. Assim que me vê, abre um lento e charmoso sorriso.

Diana não parece sofrer do mesmo choque que eu e vai direto guardar as próprias malas no porta-malas, fazendo o meu contato visual com o Luke se romper.

— Acordei as madames? — pergunta ele enquanto vai abrir o porta-malas. — Estão esquecendo que dia é hoje? E que temos horário, moças?

— Não esquecemos não. É que precisamos... Na verdade, eu precisava me arrumar para ficar assim. Linda! — digo bem-humorada, seguindo minha guerra com a mala de rodinhas, puxando-a pelos curtos degraus na porta de casa. — Algumas pessoas nascem assim... — Gesticulo para ele e para a Diana quando me aproximo. — Lindos! Até com a mais

simples das roupas. E, bem, tem eu.

— Já falei que você é linda, Nina — retruca Diana, abrindo a porta de trás do passageiro. — Mas já que não me ouve, talvez ouça ele aí. — Ela gesticula, apontando para o Luke com certo desdém falso e bem-humorado.

— Eu? Já disse várias vezes. Essa aí que é cabeça dura! — responde ele para a Diana, mas se vira parar mim. — Nina... — diz, olha nos meus olhos e caminha até mim. Luke pega minha mão gentilmente e a beija com carinho. — Você é linda. — Pisca e em seguida abre um lento sorriso que chega aos seus olhos repletos de sinceridade. Isso só serve para me tirar o ar e o chão. *Esse homem existe?*

Sinto-me corar dos pés à cabeça e tento conter meu sorriso, mordendo os lábios e desviando o olhar, mas não consigo e sorrio de volta para ele. *O danado sabe o efeito que tem sobre mim.* Atrás do Luke, vejo Diana com um olhar felino e um sorriso divertido. Endireito-me, tentando retomar a postura.

— Bom... — Tusso de leve. — Vamos? Temos um avião nos esperando.

— Vamos. — Sem soltar minha mão, Luke mantém seu olhar no meu enquanto passa a mão livre pelo meu braço que segura a mala. Isso produz uma suave carícia que me faz arrepiar e ele pega a mala da minha mão. — Deixa isso comigo. Vá para o carro, linda.

A viagem de carro acontece tranquilamente. É o que gostaria de dizer. Mas o toque do Luke em meu braço e na minha mão parece queimar até agora. Olho para a janela por todo o percurso, tentando focar meu pensamento na música do rádio. Ao som de *Mirrors* do Justin Timberlake e do lindo Tiziano Ferro, o sono finalmente decide aparecer, e nem sequer entrei no avião, mas a moleza está vindo sem piedade, deixando-me com um efeito "bêbado".

— Você está bem? — pergunta Luke, após escutar meu quarto bocejo seguido, enquanto manobra o carro no estacionamento do aeroporto.

— Hum... Estou sim. Só com sono. Fiquei muito ansiosa e não dormi direito. — Bocejo de novo, tampando a boca enquanto respondo.

Ao chegarmos ao aeroporto, sem que eu peça, ele me ajuda com as malas. Na verdade, Luke pega um carinho e coloca as malas de nós três, deixando-nos com a uma bolsa de mão apenas. Um *gentleman* completo. Eu faria até uma pequena provocação, mas estou com sono demais para isso. Estou ficando com a reação mais lenta a cada segundo.

Mal vejo o percurso até o avião. Têm apenas uns *flashes* do

subconsciente do trajeto que estou fazendo, mas é como se minha mente estivesse passos atrás do meu corpo que caminha sozinho. As passagens, as malas...

— As piranhas das aeromoças flertando descaradamente com meu Luke. Ops. Quer dizer... Com o Luke.

Não sei o motivo, mas vejo Luke abrindo bem os olhos, surpreso, e então mordendo a boca para não rir. E em contraste, rindo sem pudores, Diana, quase chorando mais adiante.

— Do que estão rindo? Quero rir também. Que estranho. Até parece que falei em voz alta.

Ambos explodem com mais risadas.

— Eu, hein! Cada louco que me aparece. — Continuo andando como quem não quer nada, procurando o meu acento no avião. Meus olhos pousam nas passageiras que estavam por perto. — As piranhas... — As que eram das vendas. Não acredito que estão trabalhando bem. Elas me olham feio como se lessem os meus pensamentos. *O que diabos está acontecendo hoje?*

— Nina, sua louca! O que está fazendo perdida aí? Aqui. O seu assento — Diana chama lá na frente. *Ainda rindo*. Estou querendo saber o que eles andaram bebendo.

— Como assim o que estou fazendo aqui? — Bocejo com lágrimas nos olhos enquanto ando até ela. — Estou procurando a minha poltrona!

— Estou te falando! É essa aqui! Sente e fique quietinha antes que alguém te mate — diz ela impaciente, apontando para a poltrona.

— Por que você não me avisou antes? — pergunto indignada. — E por que me matariam?

— Não venha me olhar assim, sua doida! — reclama ela, dando-me espaço para sentar. *Você deve estar se perguntando: cadê o Luke? Por que ele não está sendo descrito?* Ele está gargalhando, encolhendo-se no banco de tanto rir. Por quê? Eu não sei.

No final das contas, assim que me sento na poltrona entre o Luke e a Diana simplesmente apago. Acordo no fim da viagem com o corpo doendo e a cabeça apoiada no ombro do Luke. Um pensamento me vem à cabeça e levanto rapidamente morrendo de medo de ter babado nele. Passo a mão no rosto só para me certificar.

— Acordou, Bela Adormecida. — Ele carinhosamente passa os dedos pelos meus cabelos, arrumando-os. — Quer comer? Antes que sua barriga me dê um oi? — pergunta o Luke de sempre, com seu humor controlado e

tranquilo, com seu ar de príncipe perfeito, acompanhado do seu lindo sorriso matador de corações.

Neste momento, a aeromoça avisa pelo interfone que estamos chegando e para todos se manterem em seus devidos assentos. Luke me olha como se dissesse "é... Não vai dar para pedir comida.” Ele fica pensativo até que parece se lembrar de algo, pega sua mochila e tira algumas barrinhas de cereal de lá. *O menino fitness ataca novamente!*

Agradeço, pegando duas delas, mas ele estreita os olhos para mim, encarando-me de cima a baixo e me dá mais duas barras. *De duas, uma: tenho cara de quem come muito ou estou magra demais. Não acho favorável nenhuma das duas opções!* Engraçadinho.

— Só duas está bom... — digo, fazendo cara de ofendida.

— Se estivesse bom não seriam "só" duas... — murmura ele rindo. — Anda. Come antes de sermos interrompidos pela sua barriga.

— Luke, olha aqui! — falo, levantando o indicador. Falta somente mexer o pescoço como vi em um filme certa vez. Ele me observa toda pronta para brigar, mas dá uma sonora gargalhada, segura minha mão e morde a ponta do meu dedo.

— Coma logo. Ou você assim, toda linda, me fará ter vontade de te devorar — Luke diz sedutor em mais um dos seus flertes manipuladores, que me faz corar e encolher o dedo apontado para ele.

— Hey, casal! O avião já vai pousar. Arrumem os cintos — diz Diana, assistindo a cena com um saquinho de pipocas nas mãos. Aproveito que ela interferiu e fecho o cinto, em seguida, pego as barrinhas e as como logo.

Sinto o avião pousando com um leve balanço e, em seguida, o impacto. Seguro-me firme no assento e a aeromoça não demora a avisar que podemos descer. Quando me levanto e passo pelo corredor, escuto risos, conversas e olhares nada agradáveis sobre mim. Saio do avião e ando até a esteira para pegar as minhas malas. O percurso seria tranquilo, se não fosse pela minha amiga nada fofa tirando sarro de mim. *Viada traidora! Devia ter me impedido de sequer ter aberto a boca. Se bem que nem tinha como adivinhar.*

— OK. Vou direto para a recepção antes que pague mais algum mico. Também vou aproveitar para tomar banho e arrumar algo para comer.

Aliás, como vou olhar para cara do Luke agora? Suspiro, pego as malas quando sinto que se aproxima de mim. O homem em questão chega

por detrás de mim e eu fico sem fôlego. *Sei que é ele porque reconheceria o seu perfume em qualquer lugar*. Ele pega a própria bagagem e evito os seus olhos. Estou constrangida demais para isso. Luke parece notar, porque toma a mala da minha mão, forçando-me a olhar para ele.

— Hey!

— Hum... Então está com fome? — diz divertido.

— Não estou não. Você está ouvindo coisas... — *Droga. Ele ouviu. Não tem limites para micos de uma pessoa? Quer saber... Não adianta nem sequer tentar esconder. É o que sou...* — Está bem. Estou. Barrinhas não matam a minha colossal fome. Satisfeito?

Ao concluir a frase, pego a minha mala de sua mão, escutando o seu riso. Sem-vergonha. Ainda está rindo de mim! Viro-me de costas para ele e faço algum charme, ou tento, usando uma expressão de falsa mágoa.

— Bom, pombinhos. Vou direto para as fontes termais antes de qualquer coisa — intervém Diana. — Se esqueçam de mim. Nos vemos depois!

Observo-a se apressando para sair e indo em direção às portas automáticas. Dou risada, esquecendo-me do meu constrangimento. Sigo o mesmo caminho e, assim que passo pela porta de saída do aeroporto, sou recebida por uma lufada de ar quente com cheiro de mar e flores. Como é bom ser agraciada com a visão de um lugar que parece ser de outra dimensão. É tudo bem movimentado e colorido. Ao invés de pegar um táxi, resolvo ir caminhando. A ilha não é tão grande assim para que não possa me dar ao luxo de admirar e adorar o local.

Acabo encontrando uma trilha bonita de pedras. Tudo tão bem planejado pelo homem para valorizar a sua beleza. Com postes de ferro, semelhantes aos londrinos da Era Vitoriana, com árvores que fazem um teto que preenche cada espaço acima da minha cabeça. Isso tudo dá um ar fantástico e fantasioso ao lindo túnel com pequenas frestas por onde a luz do sol adentra.

É um pouco inclinado, mas nada que realmente fosse me cansar. Tudo está vazio, provavelmente pela hora, ficando movimentada apenas a rua que deixei para trás quando segui essa trilha. Sigo em passos calmos, aproveitando tudo, entretanto, subitamente os pássaros silenciam e o vento para de soprar, fazendo-me parar onde estou. *Quando a natureza silencia se torna algo assombroso, não é?* Uma sensação ruim me toma. Como quando algo ruim está para acontecer. Confirmo meus temores quando vejo ao longe

uma turva sombra escura que se move lentamente. Sinto meu sangue gelar e meu corpo se arrepiar por inteiro.

— Minha nossa! Minha mente só pode estar me pregando peças. — Esfrego os olhos e vejo o vulto ainda mais próximo. Dou uma risada sem graça após uma pausa dramática, dando alguns passos para trás. No fim, deixo minha mala cair no chão, me viro e disparo em uma fuga alucinante. Volto correndo pelo mesmo caminho que vim e não vejo a tempo que na minha frente tinha alguém subindo calmamente, totalmente alheio. Acabo trombando com "o" ou "a" desconhecida. No entanto, minha primeira ação é usar a pessoa de escudo. *Vou para o inferno, mas esse ser humano aqui vai primeiro!*

— O que foi? O que houve? — pergunta a voz de um homem e não demoro a reconhecer.

Luke...

— É... É um f-fantasma! — falo já aos prantos, escondendo o rosto em suas costas fortes. — O demônio! Sei lá! Vi um vulto preto! Um vulto! — grito desesperada, apontando na direção.

Luke levanta a sobrancelha e, com seu jeito protetor, me mantém atrás dele. Quando vê de relance o vulto, lança um soco em sua direção, surpreendendo-se por ter errado. Mas logo descobrimos o porquê. O vulto é uma senhora bem velhinha e o motivo do erro agora é claro: o alvo é mais baixo que ele. Muito mais baixo. É apenas uma senhora vestida com uma saia preta e uma blusa marrom segurando uma bengala. *Ops. Er... Erro meu.*

— Hum... Desculpe, senhora. Eu vi um vulto preto e os pássaros ficaram em silêncio — falo, tentando me explicar. — O vento também tinha parado... — Ela me olha com a mais profunda expressão de ódio e me calo, arrependida, abaixando a cabeça.

Luke murmura um pedido de desculpa e também se cala. Ele recolhe sua mala e apressa o passo, levando-me com ele, pegando mais a frente a minha outra mala que deixei para trás. Ainda estamos sob o olhar da velhinha. Assim que sumimos do seu campo de visão e ficamos a uma distância segura dela, Luke não aguenta mais e começa a rir.

Pensando bem em tudo que aconteceu, eu tenho medo do que mais me aguarda neste dia. Com a graça de Deus chegamos ao hotel sem mais incidentes. Descobrimos na recepção do hotel que dividirei o quarto com Diana e com a Gabrielle. *Uma garota que virou vendedora também. Ela é daquelas pequenas, com um ar de fofura e que sempre se destaca entre*

garotos, mas não converso muito com ela.

Luke ficará no andar de cima. E o lado bom de ser chefe é que ele não irá dividir o seu quarto com ninguém. Não me importo em dividir quarto, mas poxa... A diferença é nítida de nós, pobres mortais. Agradeço pela ajuda, me desculpo pelos transtornos e nos separamos. Cada um vai para o seu andar e para os respectivos quartos. Após tomar um gostoso banho e vestir um leve vestido creme, desço em busca de comida. *Nina, mas você só pensa em comida? Não posso negar.* Encontro o Luke comendo apenas salada com tomate, um peito de frango e arroz integral. *Ele realmente é boy fitness?*

Vejo-o comendo ali sozinho e vou ao balcão de *self-service*. Pego algumas torradas, suco de abacaxi e um pedaço de torta de limão – a minha favorita – mas quando ando em direção ao Luke, parece que garotas bonitas brotam e se posicionam ao seu redor. *Ciúmes. É isso o que estou sentindo.* Contudo, ele não parece muito feliz com a presença delas.

— Olá, querido! Sentiu minha falta? — falo já me sentando ao seu lado. — Oh, vejo que fez amigas novas. — Sorrio receptiva, como boa vendedora que sou.

— Olá, minha querida. — Ele sequer pisca, entrando com naturalidade na brincadeira. — Sempre sinto sua falta. Você sabe disso — diz, virando-se totalmente para mim com um largo sorriso de genuíno deleite. A contragosto, elas vão embora, mostrando seus corpos bem definidos, seus cabelos lisos e sedosos. *Invejinha sadia, OK?*

Luke, sentado ao meu lado, olha para mim atentamente e de maneira lenta, com aquele sorriso de lado. Ele parece perdido em pensamentos. Mordo o lábio de nervoso e o vejo sorrir ainda mais, mas logo volta sua atenção para a comida com a expressão bem-humorada de sempre. Apesar de a sua forte presença me constranger e de eu acabar idolatrando-o como um Deus, sua personalidade me hipnotiza e me dá uma sensação reconfortante por ter sua presença ao meu lado. Estou tão ferrada...

— Nina, comer muito doce pode, e vai, dar uma reação na sua pele. Assim como comer coisas gordurosas logo cedo. É um mau hábito... — comenta enquanto come, mudando o foco dos meus pensamentos. *Está querendo tirar minhas delícias?* Encaro-o com os olhos brilhando enquanto uma lágrima brota.

— Mas a minha torta... — Se estou quase apelando para o bico? Sim! *A minha torta não, rapaz!*

— Não estou falando que não pode comer. Só que não é bom comer

direto... — diz, terminando sua refeição e se vira para mim, olhando-me nos olhos. *Ah, esses olhos cristalinos...* — Assim que terminar vamos caminhar. — Isso claramente não foi uma pergunta. *Nossa. É assim agora?*

— Já assumiram o namoro? — Diana se aproxima ainda com a sua mochila nas costas.

— Diana, você sabe que não namoramos — falo, olhando feio para ela.

Como sempre capciosa.

— Sei. Bom... Nina, em todo caso, pode me acompanhar até o quarto? — pergunta. Olho para o Luke, pois tinha "combinado" de ir caminhar com ele. Ele sorri e gesticula para que eu vá logo.

Quando saímos do elevador e pisamos no corredor silencioso que nos levará até o nosso quarto, ouvimos vozes familiares. São as garotas do meu setor. Mas entre elas também estão as garotas que odiamos, as que eram vendedoras antes de nós.

— Vamos pegar o gerente Salvatori. Hoje à noite. Já descobri o quarto dele! — Em seguida, escuto outra dizendo.

— Já trouxe a algema para isso, amiga! — Elas parecem se divertir. As outras falam juntas coisas como: uma por vez, trocar e revezar, arranhar, morder e chupar. Basicamente falam que irão abusar dele.

Bom, conheço homens que adorariam uma situação como essa, ou é isso que dizem. Não tenho um relacionamento com ele. Sou apenas uma amiga. Olho para a Diana enquanto mordo os lábios, preocupada. Ela dá de ombros e continua indo para o quarto, como se isso não fosse uma novidade para ela.

Meu peito dói e imaginar isso me entristece de forma absurda, pensar que ele possa gostar disso. Não posso me importar... Sou só uma amiga. Uma velha, comparada a ele. *Além disso, Luke é forte. Se algo acontecer... Será por livre arbítrio, não é?*

— Vamos colocar isso na bebida dele. Com isso, ele, definitivamente, será nosso! — Elas não falam baixo, e não demora muito para mais vozes surgirem na conversa. Todas tão animadas que fico horrorizada.

Assustada, corro para o meu quarto. *Sei que homens gostam de coisas safadas, mas isso não é estupro?*

Diana, como continuou andando já entrou no quarto primeiro, e quando chego, já está tirando a roupa para ir tomar banho. Quando já estava se enrolando na toalha, me vê pálida e pensativa.

— Nina, o que foi? Pretende ir lá também? — pergunta.

Curiosa.

— Não sei. Sei que é errado... — falo, mordendo os meus lábios. Isso me deixa receosa.

— Hum... Então realmente passou pela sua cabeça... — diz ela. Desta vez claramente surpresa, rindo de mim.

— Claro! Alguém tem que avisar para ele. Isso é um absurdo! — exclamo um pouco alterada, mas tentando manter minha voz baixa.

Ela me olha como se finalmente tudo fizesse sentido. Por acaso estava pensando em outra coisa? Que eu iria fazer parte do plano de estupro? O que diabos tem passado pela cabeça da minha amiga?

— E por que não vai? Quero dizer… Vocês têm praticamente um relacionamento — ela diz como quem não quer nada.

— Somos amigos, Diana. O flerte dele é só uma brincadeira.

— Sério que acredita nisso? — questiona ela desacreditada. — Você o vê aceitando outras garotas próximas dele? Assim, como aceita você?

— Bom... Você — respondo.

— Estou próxima, pois sou sua amiga, idiota! E mesmo assim, não é tanto assim — insiste ela.

— Hum... OK — admito.

— Você o vê "brincando" com mais alguém? — pergunta ela, juntando seus itens de banho.

— Não... — admito, lembrando-me das garotas.

— Então, minha filha. Acorda! Bom, vou tomar banho. Até depois... — Minha ficha finalmente cai: fui manipulada pela Diana. Mas mesmo assim, em um único pulo, abro a porta e saio corredor a fora, indo para o elevador apressada.

No caminho, escuto o burburinho das garotas e agradeço por ainda dar tempo. Vou direto para o elevador, nervosa e preocupada, e mal percebo as coisas ao meu redor. Meu único pensamento é que tenho que chegar até ele. Quando as portas do elevador se abrem, dou de cara com o gerente supervisor do setor de tecnologia. Ele me olha dos pés à cabeça.

— Sim?

— Desculpe o incômodo, senhor Hugh. Preciso urgentemente saber qual o quarto do gerente Salvatori — falo, mais com as mãos do que com a boca, gesticulando, mais nervosa do que tudo.

— Hum... Uma dessas visitas surpresas, eu imagino. Ou ele sabe que

você está indo? — indaga. — Senhorita Natali, certo?

— Sim, mas só preciso falar com o meu amigo, senhor Hugh — digo, ficando ainda mais nervosa. *Aquelas garotas podem estar chegando a qualquer momento.*

— Entendi. Visita surpresa. Jovens... Bom, o quarto dele é aquele ali. — Assim que aponta, não espero mais um único momento para passar por ele.

No meio do meu nervosismo, assim que vejo sua porta entreaberta, meu coração gela. Não! Com medo, começo a empurrar lentamente com receio do que verei quando entrar. Assim que termino de abrir, vejo Luke pronto para pular a janela. *Como assim?*

Não tenho mais um frio na barriga, tenho uma barriga no frio. Meu sangue congela nas veias, assim como meu coração, que parece petrificar. Vê-lo ali na janela não é a melhor das experiências, assim como quando foi atropelado, mas desta vez não seria o azar. *Ele vai se matar?*

Quando escancaro a porta e congelo com os olhos arregalados, Luke também se assusta, travando no lugar, como naquela brincadeira de estátua. Ele vira sua cabeça lentamente para mim, buscando uma desculpa para estar ali. Assim que me vê, parece visivelmente mais relaxado. O que significa que não está tentando se matar, acho. Ele está fugindo? Mas gente, estamos em um prédio... Está querendo morrer? Na verdade, eu sinto que já não sei mais nada.

— Ah! É você, Nina — diz, sentando-se no parapeito da janela, tranquilo e relaxado. Contudo, não por muito tempo.

Vozes vêm pelo corredor e assim como o *Flash*, ele vem em minha direção, segurando-me pela camisa e me puxa para dentro do quarto. Luke me joga contra a parede e, em seguida, encosta a porta novamente. No entanto, não percebe onde sua mão está. *Sei que meus peitos são pequenos, mas poxa... Sou pelo menos um "M"!*

Ouvimos passos próximos à porta, mas param de repente, fazendo com que prendamos nossas respirações. Quando batem nela, engulo em seco, e, para nosso azar, a porta acaba abrindo um pouco. Ainda bem que apenas o suficiente para ver o Luke.

— Luke, meu rapaz. Não deixe as portas abertas! — Uma voz forte e rouca diz. O que me faz descobrir quem é. É o tom severo. A voz do dono da empresa. *Ferrou!*

— Sim, senhor. Foi um descuido, mas não se repetirá! — diz ele

convicto. *Marketing, ator, cantor... O que mais descubro desse cara?*

— Está bem. Bom, vim aqui para agradecer por me ajudar e também para lembrá-lo de que não deve trazer garotas para o seu quarto. Sei que é jovem e que deve ter muitas mulheres atraentes, mas... É ruim para a sua imagem e da empresa. Já que é o gerente do setor de vendas — murmura.

— Eu? Trazer mulheres para cá? Jamais faria isso! Sei quais são as minhas prioridades e as da empresa também. Ainda mais ela custeando nossa folga prolongada. Quem seria capaz de desobedecer às regras e manchar a imagem da empresa assim? Tem que ser muito mau caráter! — responde Luke com naturalidade. *O quê? O chefe está sendo completamente ludibriado pelo Luke? Coitado! Mas se vou rir disso? Vou sim.*

— Sei que posso confiar em você, mas quero te recordar. Mesmo que já conhecesse alguma das garotas antes de ser chefe delas. Não pode ter casos casuais — diz, concluindo com sua forma peculiar de ser. — Bem, tenha um bom descanso.

— Bom descanso para o senhor também — fala, fechando a porta com a mão livre e suspirando após trancá-la. — Foi por pouco. Ufa!

— Que bom, maravilhoso, mas agora... Luke — digo constrangida e até um pouco raivosa.

— Oi? — indaga, totalmente inocente, olhando-me e piscando algumas vezes.

— Olha a porra da sua mão! — exclamo, fecho os olhos forçadamente e respiro fundo para não pirar com ele. Tento controlar a minha mais pura indignação com o fato de nem perceber o que segura.

Luke abaixa os olhos e aperta levemente, fazendo com que eu sinta meu corpo se excitar involuntariamente. Mas me nego permanentemente a me entregar à sensação da sua mão, grande e forte em meu seio.

— Humm...

— Está bom? — pergunto lacônica.

— É meio pequeno, mas é fofinho — responde sincero. *What that fuck? Esse homem perdeu completamente o juízo!* Nunca fira o orgulho de uma mulher assim. Isso caso não queira morrer! *Vou acabar com essa sua cara de príncipe encantado.*

— Então tira a mão! A não ser que queira perdê-la — digo, fuzilando-o com o olhar. *Como não me chatearia? E como fica meu orgulho? Assim, todo caído no chão e pisoteado. Luke, seu idiota!* Ele tira a mão e se afasta, mantendo-a levantada como sinal de paz e de derrota.

— Bom, em todo caso... Vim para dizer que têm algumas garotas armando para abusar de você.

— Vamos sair daqui? Tem um luau acontecendo! — murmura animado e vai para a janela novamente. *É isso que ganho por me preocupar?*

— Não, me escuta... — resmungo.

— Oi? — Ele me olha e sorri. *Está me escutando e me ignorando na cara dura? OK, Nina. Controle é fundamental*. Luke, perdendo a paciência, vem até mim. Em passos largos, segura o meu braço e me leva para a janela também, soltando-me só para segurar minha cintura e me levantar para fazer com que eu me sente no parapeito. — Vamos logo. Se eles nos pegarem, estaremos ferrados.

E morrer não nos deixará lascados? Quero saber que lógica absurda é essa! Como resposta, olho para baixo com medo da altura enquanto sinto o vento frio batendo nas minhas pernas. Entretanto, neste momento percebo que a decoração do prédio é bem bolada e tão bem feita que podemos descer por ela tranquilamente. Nós descemos caminhando, tomando o cuidado de andarmos abaixados e próximos a parede até chegar ao chão. Essas construções contemporâneas me passam uma segurança absurda. *Só que não.* E se alguém fizer o caminho oposto para vir até a nossa janela?

Quando chegamos ao luau, sinto meus pés afundando na areia e resolvo tirar os meus sapatos, carregando-os na mão. Como não conheço ninguém e vim com o louco do Luke, me sento no canto e fico olhando o pessoal. *O Luke? O cara não fica nem cinco minutos parado e logo puxa assunto com a pessoa mais próxima. Quando menos espero, já têm várias pessoas falando com ele.* E como não poderia ser diferente, ele conseguiu um violão emprestado e começou a cantar. *Luke sendo Luke*. Ou é a alma da festa, ou a própria festa, não importa onde esteja. Ele canta e encanta, desta vez com *Life is Too Short* da banda Scorpions.

Você já viu a manhã
Quando o sol surge à costa
E o silêncio faz
Um lindo som?
Você já se sentou lá esperando
Que o tempo pare?
Que o mundo pare
De girar?
E você corre

Porque a vida é muito curta.

Quando ele repete o refrão, não consigo evitar admirar o cenário com a visão de vê-lo cantando com a luz da fogueira o iluminando. As estrelas, o mar, tudo me faz pensar como eu poderia ser capaz de não admirar o homem e a vista. Seu gosto musical diz muito o tipo de pessoa que ele é.

Você já sentou lá e ficou esperando
Que o céu lhe mostre um sinal
Então poderíamos encontrar um lugar
De onde vêm os anjos
E você corre...
Porque a vida é muito curta
Tem uma hora que o tempo passa
Eu retrocederia no tempo
Mas eu digo que não posso
Isso só funciona se você acredita na verdade
Bem, há um tempo de viver
E um tempo de chorar
Mas se você estiver ao meu lado
Tentarei pegar uma estrela
Só para você.

O seu rosto sorridente enquanto canta nos envolve. Ele me envolve. E ainda aquece o meu coração. Observo os sorrisos e as pessoas perdidas em seus próprios pensamentos, pensando nos seus amores, provavelmente. Ao som do violão, ditando o ritmo do coração. No meio do pessoal, está a velhinha que confundi com um fantasma, sentada em uma toalha. Ela sorri abertamente ao escutá-lo. *Acho que ela o perdoou por quase socá-la.*

Uma linda cena essa. Duvido que esquecerei um dia. Pessoas sorrindo e festejando a vida, com um céu límpido e um vento fresco. Algumas garotas suspiram pelo Luke, como de costume. Mas é o Luke, como não suspirar? Um príncipe encantado, sempre feliz, extrovertido, honesto, sincero, animado, lindo e gentil. *Mesmo que hoje ele tenha se mostrado um cafajeste e um sem-vergonha.*

Luke, após a cantoria, devolve o violão e vem até mim. Todo lindo. Após provocá-lo, chamando-o de garoto da *Disney* na versão sucessos do rock, nós rimos, conversamos, dançamos junto com os nativos. Bebi como não faço há muito tempo. Na verdade, nunca fiz isso! Eu gostei. Senti-me

leve, sem a pressão que carrego comigo desde sempre. Ser a boa e responsável irmã mais velha, a estudiosa, com um futuro que nunca alcancei de fato.

Desculpa, Luke. Nunca dei trabalho para ninguém, mas hoje te darei só um pouquinho, OK?



O RESULTADO DE AÇÕES PESA MAIS QUE UMA TONELADA

A luz do novo dia me banha, aquecendo o meu corpo lentamente e incomodando os meus olhos, mesmo ainda fechados. Percebo um leve pulsar de batimentos sobre minhas mãos, assim como o sobe e desce de uma respiração. Tento me levantar e sinto uma dor forte irradiar por todo meu corpo. Abro os meus olhos lentamente e eles ardem, e eu ainda quase levo minha mão cheia de areia até eles para piorar, mas paro a tempo. *Rá. Desta vez não!*

Minha visão foca na pessoa deitada à minha frente, acabando com meu riso e me fazendo quase soltar um grito. Luke. *O que está acontecendo aqui?*

Estou uma bagunça. Tem areia para todos os lados e meu cabelo parece um ninho de rato. Mas por que raios dormi abraçada ao Luke e ele a mim? Tento me levantar com cuidado para não derrubar areia nele e viro de costas para me limpar. Quando jogo meus cabelos para frente para arrumar a zona, sinto uma mão fria tocando meus ombros. Surpresa, dou um salto e grito, fazendo com que meu coração quase suba a boca. Não demora muito para meu grito ser ouvido por toda a praia. *OK. Isso é um exagero, mas foi quase isso.* Contudo, um segundo som me faz calar a boca quase automaticamente. Esse é o som da gargalhada do Luke. *Filho da mãe! Está cheio das graças ultimamente.* Após alguns tapas e risos, nós nos levantamos, batendo a areia de nossas roupas.

— Acho que é melhor voltarmos... — diz rindo e segura a minha mão. Ao tentar acompanhá-lo, sinto uma forte fisgada na minha perna, como um início de câimbra, que quase me faz cair. Mas Luke, em um movimento

rápido, me puxa contra o seu corpo. — Vá com cuidado, sereia. Sei que ainda não se acostumou com suas pernas.

— Engraçadinho! Muito engraçado você. — Ele dá de ombros e apenas ri, ajudando-me a estabilizar as pernas e segura apenas minha mão novamente. É como se tivesse fazendo algo natural enquanto me leva com ele, fazendo-me andar ao seu lado.

No caminho, encontramos o pessoal saindo para caminhar na praia. Recebemos alguns olhares cheios de especulação e me sinto corar, constrangida, pois não me lembro como fui parar nos braços do Luke. *Se isso me faz parecer ainda mais culpada? Sim. Completamente.*

Chegamos ao hotel que estamos hospedados e, logo de cara, nos deparamos com a Diana. Seu olhar pousa lento sobre nós, seguindo nossos rostos sorridentes, e então segue para nossas mãos dadas, nossas roupas amassadas e ainda com areia. Ela para, parecendo desistir do que estava indo fazer, aparentemente tomar café da manhã. Diana leva a mão até a boca e sorri significantemente.

— Hum... A noite foi boa! — provoca, fazendo pequenos movimentos com suas sobrancelhas, dando ênfase à maldade e safadeza de seus pensamentos libidinosos e descarados.

— Não, Diana — corto logo.

— Não, Nina? — intervém Luke. — E eu pensando que tinha gostado tanto quanto eu! — murmura ele falsamente chateado.

— Sabe que adorei a noite! A questão é que estão falando de coisas diferentes... — digo, tentando me explicar e justificar.

— Estou? — responde com a maior cara de cafajeste.

— Isso é um complô! — grito, corada, constrangida e indignada. Gesticulo para o Luke e para Diana. — Vocês estão mancomunando contra mim! Vou para o meu quarto tomar um banho. Se me derem licença.

— Se quiser vou junto — comenta o Luke.

— Você não vai a lugar algum, Luke Salvatori! — Deixo os dois para trás e saio batendo o pé.

Ao entrar no elevador, me vejo pelo espelho. Estou um caco! Parece que me amassaram feito papel velho e desamassaram, arrependendo-se. Vou em passos largos para o quarto e tiro minha roupa assim que passo pela porta, deixando-a no chão. *Estou em um hotel. Tenho que aproveitar que não sou eu quem vai limpar!*

Quando ligo o chuveiro e sinto a água banhando o meu corpo, a

lembrança do sorriso dele me vem à mente. Ah, Luke, o que posso fazer se minha mente vai sozinha até você? Sempre te buscando mesmo quando não está presente. O brilho do seu olhar, o fino risco no canto dos seus olhos quando sorri, seu perfume. Ai, o seu cheiro é tão bom. Tão perfeito.

Meu cérebro volta à realidade na palavra "perfeito". *Nina, o que você está pensando? Exatamente por ele ser tudo isso que jamais te olharia. Não confunda as coisas com algo a mais!* Termino meu banho com o coração na mão e desligo o chuveiro, pegando a toalha. Após enxugar brevemente meu corpo, seco os cabelos distraidamente para me vestir no quarto, mas quase morro do coração quando me deparo com Diana sentada na beira da cama, de pernas e braços cruzados.

— Nina, você tem algum problema? Sério. Só para constar... — fala com cara de poucos amigos. Prevendo uma briga, apenas suspiro e escuto a reclamação em silêncio enquanto vou pegar a calcinha. — Desde que conheceu o Luke, vocês se tornaram inseparáveis! E você não me presta nem para perder a virgindade. Eu conheço pessoas que não prestam, acredite! Desde a primeira vez que vi o Luke, já sabia que era o tipo certinho. Então, qual é desse medo?

— Andarmos juntos não significa muita coisa, Diana — murmuro com sinceridade. — Ele é um amigo. E, além disso, nós duas também sempre andamos juntas. E já tivemos um caso em algum momento? — digo. — A questão também não é ele ser um certinho ou cafajeste.

— Você é uma ridícula, sabia? Luke flerta com você e deu todas as brechas possíveis! Ele te beijou na frente de todo mundo! Ele diz que é linda, te trata feita uma princesa. O que você quer mais? — diz indignada e inconformada. — Além disso, o cara fez questão de te falar, olhando nos seus olhos, que terminou qualquer ligação com a ex! Se ele fosse do tipo canalha eu te compreenderia, mas não é!

— Ridícula eu seria se fizesse algo e Luke não me visse dessa forma que você diz que me vê! Ridícula seria se me apaixonasse mais por ele e sofresse por um amor platônico! — respondo já irritada, sentindo meu coração pesado.

— Ser ridícula tentando é melhor do que esperando sentada! Esperando um cara meia boca que é o que você acha que merece, um que te corneia pelas costas! E que, aliás, é o que muitos fazem! Quando tem o seu príncipe azarado, sincero, fiel e com caráter bem diante dos seus olhos e no alcance das suas mãos! E você aí... Esperando feito idiota! — Olho para ela

séria, mas então deixo os meus ombros caírem pesados e termino de me vestir, colocando sandálias em seguida.

Ela quer me ajudar, não vou discutir. Termino de me vestir, porque no final das contas Diana é a voz da razão e está certa. Mas ela é linda, como me entenderia?

— OK, minha adorável Diana — falo, tentando apaziguar a situação.

Vou até ela e seguro a sua mão, arrastando-a comigo para irmos nos alimentar, porque provavelmente ao invés de ir comer, a viada me seguiu. Ela é uma boa amiga. Não tenho reclamações. Só se mete um pouquinho na minha vida, mas que amiga não faz isso? Se não fizer, não é amiga de verdade! Porque as melhores sempre se metem, sim.

Quando chegamos ao restaurante, vejo ao longe as mulheres que planejavam abusar do Luke. São cinco; duas das vendas, e outras três do meu antigo setor, e ainda surgem mais algumas que eu nunca vi. Talvez seja verdade que pessoas ruins atraem outras ruins também. Não irei mais chamá-las de piranhas, pois seria uma ofensa para os pobres animais. Mesmo que tão feias esteticamente como elas. *As piranhas, coitadas, só não tem dinheiro para ir a um salão caro.* Essas pessoas de caráter duvidoso, para não dizer outra coisa, persistem com o mau hábito de falar pelos cotovelos e não segurar a língua no lugar. Assim, ao passar pelo corredor, escuto o que dizem.

— Eu os vi juntos hoje pela manhã! Por isso que encontramos o quarto vazio. Aquela velha, vagabunda e vadia — fala uma delas em um tom de nojo. Sinto minhas veias pulsarem de puro ódio e tento ignorar. Ir brigar numa clara desvantagem não irá me trazer nada de bom.

— Olhem aqui, suas putas! — diz Diana, querendo ir para cima e seguro o seu braço.

— Diana, deixa. Foco na torta! — falo para que só ela escute.

— Velha, segura seu *pinscher* aí. Não gosto de cadelinhas irritantes — comenta Abigail.

— Abigail, não diga aos outros o que também lhe serve — respondo.

— Cadela? — Diana indaga pausadamente, entorta a cabeça e fecha os punhos.

— Uh! Nervosinhas? Nossa presença abala tanto assim? Fiquem tranquilas, pois já terminamos — diz Abigail, limpando a boca com o guardanapo e o jogando sobre o prato. As demais repetem o processo e a seguem.

— Não vamos nos estressar. Veja! Torta de limão e de maçã. Com suspiro ainda por cima. Acompanhado não de uma, mas de duas bolas de sorvete! Beira a pornografia tamanha delícia. Vamos... — digo, tentando mudar meu humor e o da Diana. — Com torradas para dar o contraste.

Aproveitando que o Luke não está por perto! Mas agora, sem brincadeiras, não consigo deixar de pensar que é inacreditável como elas realmente foram lá. Elas não têm vergonha e nem um traço de arrependimento, apenas continuam despejando seus venenos. Isso significa que iriam mesmo estuprá-lo! Um absurdo. *Nem os homens estão seguros mais. Pergunto-me o que vão fazer a seguir, ou talvez a pergunta certa seja quando, porque elas não têm mais medo de serem umas vacas nojentas na frente dos outros.*

Ontem Luke não quis me ouvir, mas hoje farei com que ele me ouça, nem que seja sob ameaça! Ao longe, vejo-o vindo, vestindo uma bermuda, uma camisa branca, e com os cabelos molhados e penteados com os dedos para trás. Totalmente tranquilo. Despreocupado como sempre e alheio ao clima pesado que o cerca.

Novamente pega salada, algumas torradas com um molho branco e uma maçã. *Ele quer que eu me sinta uma comilona? Conseguiu...* Mas serei feliz pelo menos! Até o dia da minha morte com muita gordura no coração. Brincadeira. O Luke está certo, mas abusar um pouquinho não matará. Em breve volto para dieta saudável. Ou talvez na segunda.

— Ah, dona Sílvia! Parabéns pela torta de limão. Está deliciosa como sempre — comenta alguém ao longe.

Devido à minha pequena/gigante curiosidade, viro-me para ver a mulher que fez a torta e me nego a acreditar em uma coincidência assim. Que seja justamente *aquela* senhora. *Deu ruim! Estreito os olhos para ver se é mesmo. É. É ela mesmo! Será que tem veneno nisso? Ferrou!*

Ao me sentar à mesa, eu fico olhando receosa para a torta de uma forma acusadora e desconfiada. *Será?* Nessa minha dúvida, Luke se senta ao meu lado carregando sua comida super saudável.

— Nina, já não te falei que isso ainda vai te dar uns estragos nessa bunda e rosto bonito?

— Mas Luke, minha torta favorita... — murmuro, já apelando para os olhos brilhantes e conquistadores do felpudo Gato de Botas. — Apesar de que estou com medo de ela estar envenenada... — admito por fim, inclinando-me e encostando as costas no apoio da cadeira, desanimada.

— Por que estaria envenenada? — pergunta ele curioso, olhando para a torta.

— Porque quem fez foi àquela senhora que chamei de fantasma... —

Poxa. A minha torta favorita. Quer saber? Se for para morrer, morrerei feliz! Pego o garfo e dou uma bela garfada na torta, levando à boca em seguida. Está doce na medida certa, não sendo aquela coisa exagerada que chega dói a boca. Está perfeita!

— Nina... — Escuto uma voz ao longe. *Quem quer atrapalhar a contemplação da minha torta?* — Ow, doida! Estou falando com você! — exclama Diana já irritada. *Provavelmente a fiz me chamar mais de três vezes.*

— Cala a boca e come! — Pego um pedaço da torta e coloco a força na boca dela.

— Mas quê? Sua louca! — fala de boca cheia antes de sentir o gosto da torta. — Hum... Boa. Espera! — Ela pega o garfo da minha mão e aponta ele para mim, ameaçadora. — Você não me comprará com doces. Estou perguntando como conseguiu ir até o quarto do Luke.

— Pelo elevador... Que pergunta! — falo implicante. — OK, brincadeira. Mas é real. Subi pelo elevador e perguntei ao gerente que estava de plantão. — Dou de ombros. Afinal foi algo bem simples mesmo. *Não sei como deu certo*.

Diana me puxa e sussurra.

— Sei. Foi tudo ciúmes. Queria ele só para você! — Sinto-me corar violentamente e olho para ela, ficando mais constrangida.

— Diana! Mas sério, Luke. Elas iam fazer um estupro coletivo! Estou na dúvida se gostam de você ou se te odeiam — falo preocupada, tomando uma postura mais séria. — O gerente pareceu não se importar quando falou de visita surpresa. Ou ele não sabia do que as garotas planejavam ou então é um safado mesmo.

— Tenho uma ideia de quem você encontrou. Você teve sorte — comenta Luke.

— Como assim? — pergunto curiosa.

— Bom, a empresa tem vários gerentes. Muitos deles são rígidos. Assim como o nosso querido diretor. — Falando em diretor, ele se aproxima da nossa mesa e o Luke é o primeiro a falar qualquer coisa. Como sempre. — Olá, diretor. Está bem? Aquele mal-estar não voltou, não é mesmo? O senhor tem feito inalação? Ajuda muito. É o ar seco de cidade grande.

— Não, não voltei a passar mal. Sim, fiz inalação, menino Salvatori.

O ar daqui me fez muito bem também. Obrigado por indicar este lugar — comenta o senhor. Diana e eu voltamos nosso olhar para o Luke, mas ele finge que nem é com ele. Apenas ignora os olhares acusadores com esse plano bem elaborado de folga. Não podemos subestimar o Luke. — Venho saber se está aproveitando a viagem.

— Estou adorando! O clima e as pessoas daqui são incríveis! — fala Luke, animado.

Confirmado. Essa viagem é um presente para o Luke, mas, para não ficar estranho, o homem veio com toda aquela história. Que obrigado mais caro! Quem tem dinheiro pode esbanjar né.

— Que bom, menino. Espero que não esteja extrapolando.

— Eu? Não sou desse tipo, senhor — responde Luke, tranquilo.

— Bom, acho que seria uma boa ideia irem caminhar após se alimentar. É bom para a digestão. Vão crianças! — diz ele e volto a comer para terminar a minha torta, sorvete e torradas.

Será que estou gorda? Até o chefe me mandou caminhar!

Após nós terminarmos, realmente fomos fazer o que o diretor mandou. Afinal, aqui ou na empresa, ele é o chefe. Diana, a diferentona, decide ficar sentada embaixo do guarda-sol, tranquila e calma, apenas bebendo sua água de coco direto da fruta. *Madame.*

Luke vai caminhando na frente que nem uma criança, feliz por estar na praia. Ele vê algo que parece divertido e se vira, voltando até mim correndo.

— Venha, Nina!

— Para onde, Luke? — pergunto.

— Sem perguntas! Tenho algo para te mostrar — diz animado, segurando a minha mão e me levando até a parte rochosa. Tento acompanhá-lo enquanto me divirto, envolvida pela sua animação.

— Cuidado! Com a sorte que você tem pode cair daí e quebrar o pescoço. E ainda me leva junto! — provoco como se fosse uma mãe.

— Não seja chata! Venha! — Ele me mostra a língua e solta a minha mão para subir nas pedras muito maiores. Rapidamente escala, indo até o alto delas.

— Não vou subir aí, seu doido! Você está achando o quê? Que é o Homem Aranha? — implico, mas estou animada e acabo soltando uma risada. Vejo-o de costas, erguendo os braços como um vencedor.

— A vista daqui é linda — diz feliz, virando-se para afirmar suas

palavras. Mas não consigo imaginar vista mais linda do que o largo sorriso que ele estampa neste momento.

Contudo, as coisas acontecem mais rápidas do que nossa reação permite assimilar. Ouço tarde demais o som abafado de passos apressados correndo em minha direção. Mãos de pessoas, que não chego a ver o rosto, me puxam pelos cabelos, surpreendendo-me. Com facilidade, me derrubam no chão com violência, e em seguida, começam a socar meu rosto, deixando-me tonta. Minha única reação é proteger a cabeça e o rosto, além de me encolher devido à dor causada pelos golpes desferidos. Uma onda latejante de dor e uma falta de ar me invadem após chutes sequenciais nas costelas. Sinto meus braços arderem como se estivessem feridos. Lágrimas de dor me molham a face. Foi um ataque tão rápido que não tive tempo nem de gritar, e mesmo se tentasse, minha voz se perderia entre as ofensas que gritam ferozmente.

Algo acontece e a quantidade de golpes diminui. Crio alguma coragem e abro lentamente os meus olhos. Como se estivesse vendo em câmera lenta, meu olhar encontra Luke. Ele chuta e soca as garotas em cheio. Sem nenhuma piedade. Por ser o tipo de pessoa que malha, seus socos são potentes, fazendo sangue, e acho que até dentes, caírem no chão. Isso faz com que suas mãos fiquem feridas no processo. Vendo que elas não desistem, até pela vantajosa quantidade de mulheres, sua abordagem muda e ele começa a puxá-las pelos cabelos para que se afastem. Vejo um homem desesperado e descontrolado fazendo de tudo para chegar a mim, jogando o seu corpo sobre o meu para se usar de escudo e me proteger do ataque.

Estou surpresa e horrorizada com toda a situação. Luke, com sua face sobre a minha, recebe todos os golpes de olhos fechados, mas quando os abre e me vê, ainda sorri, buscando me tranquilizar. Fico de coração partido com essa ação. Os golpes violentos se mantêm, e ele bravamente persiste na mesma posição enquanto o seu sangue se mistura com seu suor e escorre pelos seus braços. Luke está parecendo um anjo tendo suas asas arrancadas.

Levo a mão até a minha boca, tentando conter, inutilmente, as lágrimas que não param de rolar pela minha face. Posso escutar um grito e em seguida vários, um atrás do outro. Depois, ouço o som de passos correndo, e sei que estão se afastando de nós. Estão fugindo. Luke me ajuda a levantar com cuidado e me põe em pé, olhando todas as minhas feridas.

— Você está bem?— pergunta com a voz carregada de preocupação.

— Estou, mas e...

— Que bom, Nina. Que bom que está bem... — Ele sorri carinhoso e passa a mão em meu queixo, mas não se passa nem um segundo e o brilho dos seus olhos límpidos se apaga. Luke desmaia, caindo sobre mim, e com muito esforço, consigo nos manter em pé, fazendo com que a dor nas minhas costas e braços aumente devido à força que faço.

— Luke? Luke! — digo preocupada e levo a mão até suas costas.

Quando sua cabeça tomba sobre o meu ombro, posso ver o motivo de seu desmaio e meu sangue congela nas veias. Uma tesoura. Uma grande tesoura está fincada em suas costas. Vejo rasgos e feridas de cortes para todo lado, inclusive nos ombros e braços, fazendo da camisa várias tiras tingidas de vermelho.

Lágrimas carregadas de uma dor que não jamais poderia descrever brotam dos meus olhos. Dor que feridas físicas não podem comparar. Uma terrível que parece vir da alma. Meus olhos começam a arder com o tanto que choro, mas nada que se compare aos ferimentos do Luke.

— Luke! — Meu grito é estridente e choroso, completamente agoniado. — Socorro! Alguém, por favor! Socorro! Salvem o Luke! Salvem o Luke! — Permaneço gritando até alguém aparecer. Até a minha voz sumir.

Diana é a primeira a aparecer, mas dá meia-volta e corre para a praia novamente assim que nos vê. Todos os outros chegam ao local pouco tempo depois, mas me pareceu uma eternidade. Assim que nos veem, ficam horrorizados com a cena. Continuo gritando desesperada e eles saem do torpor devido ao choque. Minha amiga chega dizendo que já chamou a ambulância e logo corre para me ajudar com Luke.

Algum tempo depois, a ambulância chega e estaciona na areia. As pessoas tentam me separar do Luke, mas luto. Não posso deixá-lo. Eles o colocam na ambulância e eu quero ir junto, porém não deixam. Acabo socando a cara de alguém que nem sei quem é. E da minha boca ainda saem apenas palavras de desespero que buscam o Luke desesperadamente. Os enfermeiros e a Diana tentam me conter, pois também estou ferida e perdendo sangue, mas só paro quando minha vista subitamente escurece.

Luke...

• • •

Escuto pássaros cantando e isso me faz despertar. Abro os olhos lentamente e os sinto arder por causa da luz que vem de uma grande janela ao meu lado. Para piorar, tudo é branco, incluindo uma cortina que se

movimenta, dançando com o vento que vem de fora. *Onde estou?*

Um misto de um cheiro peculiar de álcool, remédio e de grama molhada chega às minhas narinas. Em seguida, meu olhar é atraído por um sutil movimento e vejo um pássaro na janela. Ele é negro com um brilho azulado, completamente lindo, e me olha enquanto torce a sua pequena cabeça, parecendo curioso, mas logo parte e me deixa ali sozinha.

Tento me levantar e todo o meu corpo dói. Qualquer movimento parece brusco demais. Vejo-me em um quarto que parece com um de hospital. *Hospital? O que estou fazendo aqui?* Como um tapa na minha cara, as memórias vêm a mente. Antes que eu possa terminar de assimilar tudo, lágrimas tortuosas brotam em minha face, meu coração bate violentamente e o aparelho ao meu lado começa a apitar.

Enfermeiras e um homem de cabelos grisalhos vêm ao meu socorro enquanto eu choro de soluçar. As mulheres me seguram e injetam algo em mim que me faz acalmar, mas ainda não desmaio. Fico apenas me sentindo fora de mim, com uma visão lenta de tudo ao meu redor.

— Menina, se acalme. Você está em observação. Além disso, precisa de descanso. Ainda mais depois de tudo que passou — diz calmo enquanto me examina. Ele me encara, abre meus olhos com o auxílio de seus dedos e vem com uma lanterninha que incomoda a visão. — OK — conclui e começa a medir minha pressão. — Bom, menina. Não tenho boas notícias para você.

— O-O quê? Como assim? — Meu coração vem à boca. Meu pensamento logo se direciona para o Luke e o estômago parece pesar.

Luke? Não... Não!

— Você conseguiu alguns ferimentos na cabeça e nós tivemos que raspar um pouco do seu cabelo para dar os pontos — fala calmo e nunca me senti tão aliviada na minha vida. — Mas deve estar preocupada com seu amigo. Qual o nome? Ah, Luke. Luke Salvatori, certo?

Sabe o alívio? Esquece ele! Apenas respondo com um acenar de cabeça e então ele prossegue.

— Então, a tesoura que tiramos dele...

— Fala logo, doutor! — O sangue italiano vem mais forte. Meu peito dói e a preocupação me corrói. *Se ele não falar logo, não sei o que farei.*

— Tenha calma. Já te disse. Ele está em observação, mas posso dizer algo bom... Seu coração é forte, menina — diz ele, anotando isso na caderneta. — Suas cordas vocais também. Bom, a tesoura não poderá mais ser usada. Lamento.

Olho para ele muito indignada. *Tesoura? Foda-se a tesoura!*

— E o Luke? — pergunto preocupada. Estou tentando não perder a cabeça.

— Hum? Ah, ele está inacreditavelmente bem. Está se recuperando. O rapaz poderia ter morrido, mas acho que estava com sorte — fala, parecendo fazer pouco caso e vai até a porta de saída.

— Hey! Mas não vai falar mais nada? Para onde você vai? — Tento me levantar, porém as enfermeiras me impedem.

— Desculpe, mas você não pode levantar assim. Você teve sorte que, mesmo com as pancadas, as costelas não estão quebradas. Mas evite movimentos bruscos. Tem alguns pontos nos braços e nas pernas também. Os cortes foram profundos — repreende uma delas, ajudando-me a levantar com calma. — Vamos ao banheiro para jogar uma água no seu rosto, OK? Mas tente se acalmar.

Concordo com a cabeça e, com sua ajuda, caminho até o banheiro. Olho para baixo e vejo que estou vestida com uma fina camisola, também noto várias ataduras espalhadas pelo corpo. Mas o choque é maior quando me olho no espelho dali. A visão é pior do que supus. Não tenho a cabeça raspada, pelo menos não em um lugar visível, porém minhas sobrancelhas possuem cortes, meus olhos estão inchados, o nariz ainda tem uma mancha seca de sangue e a boca está cortada. Os braços enfaixados me deixam parecendo ainda mais ferida do que sinto que estou. Meu corpo dói, mas fora isso, eu estou bem. *OK. Não estou nada bem. Nem fisicamente e muito menos psicologicamente. Só melhorarei quando ver o Luke.*

— Vocês dois tiveram sorte. Deveriam tomar cuidado. — Olho para a enfermeira como se ela tivesse duas cabeças e seis olhos.

Sorte? Isso poderia mesmo acontecer conosco?

— Não sei, moça. Sorte não é nosso forte — respondo sincera e assustada com o pensamento disso aqui ser sorte.

— Ele foi a sua sorte e você foi a sorte dele. Lindo como em um filme de romance! — fala ela sonhadora.

Acho que essa mulher é doida. Preciso tomar cuidado com ela. Eu hein. A outra, que ficou do lado de fora, se aproxima e me ajuda a me limpar. As duas trocam minhas ataduras e durante o processo vão me explicando o que aconteceu.

— Foi uma loucura quando vocês chegaram ao hospital! O senhor Salvatori foi levado imediatamente para a sala cirúrgica. Pouco tempo depois,

a notícia que nos passaram foi que, com muita sorte, a tesoura não perfurou nenhum órgão. Ficou apenas presa entre os ossos.

Suspiro, sentindo o alívio com o que ela diz. E a mulher continua com sua explicação.

— Os cortes foram feitos por estiletes. Não sabíamos o estado do material, então ambos tomaram vacina antitetânica e algumas outras por prevenção. Todo o trabalho que fizemos foi enquanto estavam desacordados, pois muitos desses eram necessários de imediato. Vocês ficaram três dias apagados sob efeito dos medicamentos. Os cortes dele estavam profundos e foram precisos, e assim como em você, levou alguns pontos aqui e ali. Mas nada que vá deixar sequelas. Uma sorte e força de viver, porque se não viessem rapidamente, estariam mortos.

Respiro, ainda mais aliviada, mas ao mesmo tempo aflita com o que a enfermeira me conta.

— Vocês ficarão só mais um pouco conosco. Estão em observação e se recuperando. Por hora, terão que ficar em absoluto repouso — continua ela enquanto ajuda a me trocar com cuidado. A mulher também diz que como minhas costelas sofreram impacto, é bom que meus movimentos sejam limitados por um tempo.

Eles disseram repouso. Repouso eles disseram. Repouso nada! Tive que fazer tantos exames que perdi as contas. Mais vacinas e testes de sangue. E Luke? Ainda não pude vê-lo. Está dormindo pelo efeito dos analgésicos. A polícia aparece e me faz contar tudo que aconteceu, perguntando o que pode ter provocado a ira daquelas mulheres. Só depois de tantas perguntas, possíveis e impossíveis, me dizem que já falaram com todos na praia e que possuem em mãos todo o material e testemunhas para que as agressoras sejam presas por tentativa de homicídio.

Pouco tempo depois, o dono da empresa também aparece na minha porta, bem quando eu finalmente iria descansar. *Mas tudo bem, né. Ele parece bem quebrado, como se tivesse ficado o tempo todo aqui.* O senhor se aproxima em passos calmos, firmes e consistentes, assim como sua personalidade. Ainda é o mesmo homem, sem dúvidas, mas agora sua expressão parece cansada.

— Olá, menina — diz e se senta na cadeira próxima a cama. Ele me lembra do meu pai, só que mais controlado.

— Olá, chefe. Tudo bom? — falo sem saber como começar uma conversa com ele.

— Estou bem, mas quero saber de você. Como está? — Ele não espera a minha resposta para continuar a falar. — Sobre o hospital, estou bancando tudo, não se preocupe. Também estou cuidando de todo o problema, resolvendo com os policiais, providenciando o ressarcimento de vocês pela falta de segurança. — Ele suspira para então puxar o ar, tomando coragem de continuar. — Sinto muito por tudo que aconteceu a vocês, menina. Se quiser sair da empresa posso entender. Inclusive, te dou uma carta de recomendação. Caso queira processar a empresa, também entenderei... — fala cabisbaixo, parecendo ansioso e nervoso. *Incrível. Esta é a primeira vez que ele fala tanto assim comigo.*

— Sem problemas, chefe. As loucas serão presas, não é? O mal se foi, ou se vai. Estou melhorando... Não foi nada grave. Ouvi que o Luke está bem, e ironicamente, teve "sorte". O senhor não poderia imaginar que tudo isso estava acontecendo — digo, aproximando-me dele com cuidado e coloco a mão sobre seu braço.

— Por que não me falaram? Não disseram o que estavam acontecendo? Tudo isso poderia ter sido evitado! Mas vocês também, poxa... — murmura, deixando os ombros caírem. Ele abaixa a cabeça e a apoia em suas mãos.

— Não imaginamos que se tornaria tudo isso, desculpe. Mas fique tranquilo, senhor. Não planejo deixar a empresa, muito menos processá-la. O senhor não teve culpa alguma, pelo contrário, mesmo com essas férias, sempre foi tão correto. Sua intenção foi boa e sempre dá aos funcionários liberdade de expressão. É um chefe dos sonhos. A má conduta daquelas mulheres não tem nada a ver com o senhor.

— Agradeço sua gentileza, menina. — Sorri aliviado. — Talvez queira saber... O depoimento de uma senhora foi decisivo para que tudo tenha acabado bem. Foi o que sua colega Diana me pediu para lhe dizer. Ela disse que você entenderia — fala com aquela cara séria, parecendo não entender do que ele mesmo está falando.

Isso me faz rir ao mesmo tempo em que me sinto surpresa.

— Realmente é uma coisa que nunca iria imaginar. Salva pela velhinha fantasma! — falo desacreditada, rindo. Meu corpo dói e me abstenho de exageros.

Meu chefe me olha como se eu fosse louca, mas não consigo parar de rir baixinho da ironia. Quando meu riso se acalma, ele me olha de maneira estranha e com um sorriso paternal em face.

— Que bom que Luke estava lá.

— Sim, senhor. Que bom que tinha o meu super-herói comigo. — Isso me faz sorrir, mas com tristeza e pesar ao me recordar do risco que ele se envolveu para me salvar. Lembro-me de como o provoquei, chamando-o de Homem Aranha. Dói. Ainda não o vi. Quero vê-lo desesperadamente. Meu coração pede por isso mais do que qualquer coisa.

— Sim, um herói. Que bom, menina! — diz o meu chefe. Ele se levanta e faz um breve sinal de despedida. Agora que finalmente estou sozinha, viajo em meus pensamentos que giram em torno do Luke e de todo o resto. Não é como se ele tivesse me deixado. Penso nele desde o dia que nos conhecemos até a última vez em que o vi. Não é como se tivesse morrido também, mas meu coração sangra e dói de aflição. *Para mim basta! Quero e vou vê-lo com meus próprios olhos.* Desço da cama nas pontas dos pés e saio do meu quarto de fininho, mas como sorte não é minha melhor amiga, esse papel é apenas da diaba da Diana, esbarro em um homem jovem de olhos verdes e cabelos negros um tanto bagunçados, de uma maneira charmosa. *Bonito... Espera, o foco é o Luke!*

— Temos uma fugitiva aqui! — Ele sorri com os seus perfeitos dentes alinhados e me olha divertido. — Vamos, vamos. Voltando para o seu quarto, gracinha.

O homem coloca as mãos próximas a mim, mas sem me tocar exatamente, apenas me indicando delicadamente a direção certa. Ele me guia para dentro, ignorando completamente meus protestos.

— Mas tenho que ver o Luke, doutor!

— Luke? Esse nome parece familiar. Luke Salvatori? — diz enquanto me faz deitar na cama e noto meu celular ao lado da cama, bem em cima da minha bolsa.

— Sim! Um rapaz que deu entrada aqui. Ele estava com uma tesoura cravada nas costas... — digo, tentando pegar meu celular.

— Ah, sei! O rapaz que operei — *Ele é um cirurgião? Assim todo despreocupado e tranquilo?* Penso surpresa. — Sabia que seu nome me parecia familiar.

— Ele foi o meu herói... — digo como se justificasse o porquê de querer vê-lo.

— Seu herói? Então você é a garota que teve uma crise e socou o Jonathan enquanto tentava te segurar? — pergunta rindo e coloca a mão na barriga. — Todos nós estávamos rindo. Apesar de ele não ter ficado tão feliz

assim.

— Você é um médico bem diferente. — Acho que é essa personalidade relaxada e desligada. *Bom, ele tem seu próprio charme*. Mas desse jeito, ele também não me falará nada do Luke.

— Já vi mortes demais para não apreciar a vida, gracinha — diz, fazendo pouco caso.

— Me fale sobre o Luke. Me deixa ir vê-lo! — Conto-lhe tudo o que aconteceu para que ele, talvez, sinta um pouco de empatia e seja solidário comigo. — Por fim, acabou ferrando tudo de vez quando impedi que as meninas abusassem dele. Elas ficaram loucas!

— Queria eu ter esse azar de ser abusado por garotas. Seria difícil estando amarrado — diz, usando do bom humor. —, mas eu me esforçaria. — *Querendo ser engraçado? Porque eu não vejo graça alguma.* Olho-o como se fosse louco. — É... Eu realmente acho que já o vi em algum lugar. Luke me parece familiar.

Acho que não é hoje que vou saber de alguma coisa dele, mas tenho uma súbita ideia. Pego o celular de cima da minha bolsa. *Provavelmente Diana deve ter trazido para mim.* Ainda bem que a tenho. O que seria de mim sem minha melhor amiga? Mostro o vídeo que tenho de Luke cantando no bar.

— Ah sim! Sabia! Conheci a banda quando estava terminando a faculdade. Continua viajando por aí, eu imagino — fala sorrindo.

— A banda sim, o Luke não — digo e ele me olha de um jeito estranho.

— Uma pena... Bom, como a cirurgia foi um sucesso, e isso foi há três dias, então logo você o verá. Ele está se recuperando dos ferimentos e da perda de sangue.

Enrolou uma vida e não saímos do lugar.

São duas da tarde e eu me sinto exausta. Com isso, só me resta dormir. O sonho não foi bom. Revivi os últimos momentos que passamos. Foram sorrisos e gargalhadas para tudo vir ao chão, em pedaços fragmentados de dor e desespero. Acordo no início da noite, completamente suada e assustada. Levanto-me depressa, mais rápido do que deveria, causando outra onda de dor. Fico surpresa ao me dar conta de que Diana está dormindo sentada e de braços cruzados na poltrona ao meu lado e sorrio.

Minha linda e boa amiga.



O BEIJO ROUBADO NEM TÃO ROUBADO ASSIM

Enquanto a admiro com carinho, Diana acorda como se sentisse o meu olhar sobre ela. Coça os olhos e dá alguns tapinhas no rosto para ajudar a despertar. Seus olhos pousam em mim e posso vê-los ficando mais suaves enquanto suspira aliviada. Ela encosta as costas no assento e abre um sorriso amargo, balançando a cabeça em negativa, custando acreditar.

— Você é incrível. Não pode ver uma encrenca que logo quer se meter, não é? — diz com um bom humor um tanto forçado.

— Desta vez foi a encrenca que veio até mim — implico com ela para tranquilizá-la.

— É, não é? Desta vez é verdade. Parcialmente. — Ela dá de ombros. — Bom, Nina. É um alívio te ver acordada, mesmo que nessa versão "trapo". Por quase um segundo pensei que não veria você mais. Quando te vi cheia de sangue com o Luke nos braços tive um susto e tanto. Não se faz isso, garota! Fiquei te esperando acordar para saber o que houve, mas acabei sabendo pela polícia — fala enquanto pega seu celular em sua bolsa e checa a hora. — Droga. Dormi demais. Daqui a pouco aquela enfermeira virá me expulsar daqui porque já passou do horário de visitas. Que bom que está bem. E pare de me provocar infartos!

— Louca... Do que está falando? — pergunto falsamente indignada. — Até parece que eu disse "venham! Me batam, me cortem e façam tudo comigo!".

— Ah é. Alguém, que não vou citar nome, estava dormindo enquanto tudo acontecia. Todos estão indo embora logo, logo. — Ela olha no relógio. — Exatamente daqui uma hora. Resolvi ficar.

— Como assim vão embora? Acabou a semana? Mas eu não dormi isso tudo! E como você vai ficar? — murmuro, sentando-me na cama com pressa, mas sinto uma onda de dor me invadir fazendo com que me deite novamente. *Preciso parar de fazer isso.* Ela revira os olhos para mim, se levanta e me ajuda a deitar direito.

— Com a confusão, o velho foi com a polícia para Nápoles. Todos os funcionários prestaram seus depoimentos e foram dispensados. Dispensados não. Mandados para casa mesmo — fala rindo. — Devido ao ocorrido, ele cancelou o resto das nossas "férias". O nosso avião sairá hoje à noite, mas resolvi ficar com você. Depois compro outra passagem.

— Eu ficarei bem, provavelmente vou embora logo. — Seguro a mão dela. — Não desperdiça dinheiro. A hora que precisar vai fazer falta. Já te disse que para não depender de ninguém, não pode faltar dinheiro guardado. Seja sensata. A empresa está pagando sua passagem de volta, Diana. Eu repito... Ficarei bem. Vai lá, arruma sua mala e corre enquanto é tempo. Obrigada por se preocupar comigo e ser a melhor amiga que alguém poderia ter.

— Mas e...

— Mas nada, Diana. Logo nos vemos de novo em Pisa. Vai logo e para de olhar assim para mim. — O seu olhar de pena e preocupação fere meu coração e meu orgulho como uma faca. O único que merece preocupação é o Luke. Os roxos somem, mas cortes profundos não são tão fáceis.

— Nina, seja sensata você também. Posso até ir, mas não faça nada errado.

— Com a dor no corpo que estou? Nem se eu quisesse! — retruco.

Ela ri baixo, pegando a bolsa dela, se levanta e vai até a porta. Diana me olha mais uma vez com preocupação e eu gesticulo para que vá logo.

A noite passa lentamente. E, mesmo de olhos abertos, recordo do meu sonho tempestuoso. Na verdade, nem tão sonho assim porque tem mais realidade do que queria. Pela manhã, o médico me libera após dizer instruções e cuidados para tratar minhas feridas e passar as receitas dos meus remédios. Pergunto do Luke novamente, mas parece que quanto mais questiono, menos eles querem me falar. *Isso é um absurdo! Acho que alguém está de implicância comigo, e isso só me deixa cada vez mais aflita.*

O dia foi difícil. Fico somente com a sombra da sua presença me fazendo companhia no quarto de hotel. Passei os dois dias inteiros sem ânimo

para comer, desfrutar do hotel ou qualquer coisa do tipo. Este está sendo o nosso maior tempo separado, substituindo o tempo em que ele ficou gripado.

Tudo passou lentamente, mas finalmente já é de noite. O tempo para que nos encontremos é cada vez menor, mas ainda me sinto angustiada. Ficarei com cabelos brancos e a culpa será daqueles médicos que não me deixaram vê-lo nem de relance. Quando o sono ameaça me vencer, o tormento recomeça. Sua imagem e seu sorriso enquanto me protegia se usando de escudo me perseguem.

No primeiro toque do despertador do meu celular, salto da cama e corro para me maquiar, tentando disfarçar meus olhos ainda roxos. Mas, ainda assim, opto por usar uns óculos escuros grandes. Ajeito os meus cabelos num coque alto, que usarei por um bom tempo, devido à parte que os médicos rasparam para fazer os pontos. E por falar nisso, antes de qualquer coisa, tenho que limpar e tratar das feridas.

Olho o relógio e vejo que já estou atrasada. Corro contra o tempo para me arrumar e sair. Alguns pontos raspam no tecido da roupa e dói como o diabo! Mas finalmente consigo chegar em frente ao hospital a tempo. Não demora muito para vê-lo passando pelas portas de vidro vestindo uma camisa branca e calças jeans. Como sempre, roubando a atenção e o fôlego por quem passa. *Mal sabem essas mulheres que ele rouba o fôlego e ainda é uma raridade de ser humano. Luke tem o interior tão belo quanto o exterior.*

Mas nenhuma delas sofre um pequeno ataque cardíaco como eu. Nossos olhos se encontram e seu sorriso chega aos olhos de um jeito sincero, e diria até aliviado. Luke caminha em minha direção em passos rápidos, fazendo-me ficar dura como pedra instintivamente. Quando ele se aproxima o suficiente, ergue as mãos e tira os óculos do meu rosto. Vergonha me toma e tenho certeza de que devo estar vermelha.

— Nem com toda a força do mundo elas conseguiriam apagar a sua beleza. — Sinto minha mente se esvaziar e minhas palavras sumirem. Não duvido que meu coração possa parar e minha respiração sumir para algum lugar.

Ainda bem que estamos diante de um hospital, porque meu coração não vai aguentar por muito mais tempo o impacto chamado Luke. Antes de outro pensamento bobo meu, ele me puxa em um abraço, enfia o seu rosto em meu pescoço e o cheira, parecendo relaxar, mas em seguida se contrai. Talvez tenha sido invadido pela dor do movimento. Sem se importar, ele mantém o abraço firme, quase me fazendo chorar com sua demonstração de afeto.

Finalmente. Finalmente estou de volta com ele. Pareceu uma eternidade até sentir seu calor, seu cheiro, sua barba, sem falar do caloroso sentimento que me provoca no peito. Então eu me permito abraçá-lo de volta com cautela.

— Desculpa. Não dá mais... — diz quase em um sussurro. — Todos têm limites, Nina.

— O quê? Sobre o que está falando? — pergunto, sentindo que meu coração fica pequeno e minha voz vai se tornando apenas um fio.

— Por isso... — responde, afastando o rosto do meu pescoço. Ele solta uma de suas mãos do abraço, levando-a até minha face em uma carícia suave. Seus olhos encontram os meus, e então parece analisar todo meu rosto como se gravasse em mente cada detalhe, até parar seu olhar em meus lábios.

Ele morde o próprio lábio, abrindo um meio sorriso enquanto acaricia minha boca com o polegar de uma forma mais bruta. Meu coração vacila e quase para quando Luke se aproxima. No primeiro toque de nossos lábios, abro os meus, deixando-os entreabertos, ansiando por mais. Meu pedido silencioso é atendido rapidamente com volúpia. O beijo que tinha tudo para ser doce, vem de maneira intensa e apaixonada. *Um beijo com gosto de roubado, mas que não é tão roubado assim.*

Ao final do beijo, ele encosta a sua testa na minha e sorri de um jeito cafajeste.

— Olha, a primeira parte do trato foi concluída.

Trato? Que trato? O homem quer que eu use o meu cérebro numa hora dessas? Espera... Então me recordo. "Quer me foder? Me beija."

What that fuck? Antes que posso me controlar, presenteio-lhe com um belo tapa no rosto.

— Luke, seu idiota safado!

Quase grito, ficando completamente vermelha. Mas ao me dar conta do que fiz, meus olhos se abrem muito surpresos e levo a mão até a boca, tentando conter o "O" que se forma. Ele não se afasta e continua me abraçando apenas com uma das mãos.

— Está doida, mulher? Estou dodói... — diz com um tom infantil.

— A mão foi sozinha. Sabe... Foi automático. — Tento me explicar, mas começo a sentir uma enorme vontade de rir. Mordo os meus lábios e olho para os lados, tentando disfarçar o meu riso. E, neste momento, percebo que estão nos olhando. Abaixo o meu tom de voz como se fosse contar um segredo. — As pessoas estão olhando... — informo e deixo uma breve risada

escapar, tentando tirar o foco do meu coração que bate que nem um louco. Contudo, Luke nem sequer se move. — Suas costas devem estar doendo, né?

— Como o inferno — responde sincero. — Mas tudo bem... — Ele se afasta, tomando cuidado com seus movimentos.

Vejo-o vermelho e soando de dor, mas Luke faz um enorme esforço físico para dissimular que está completamente bem. E mesmo todo quebrado, seu sorriso está ali, exatamente como me lembrava. Ele continua usando seu sorriso, sua linda personalidade e seu humor para seguir sua vida. *Isso só faz com que eu me preocupe ainda mais.*

— Não me deixaram ir te ver. Pelo jeito ficou algo bem feio — comento.

— Na verdade, pelo que me disseram, não. Foi mais perda de sangue. Fiquei de molho por isso — diz, dando de ombros e fazendo uma careta devido à dor do movimento.

Ele se vira de costas para mim, surpreendendo-me ao me pedir para que eu levante sua camisa. Assim que o faço, não vejo nada além de dois míseros pontos onde a tesoura estava. Além disso, têm apenas alguns cortes, ainda fundos, mas nada muito desesperador. Luke não está muito diferente de mim.

— É... Ainda dá para o gasto. Não ficou tão feio assim. Continua bonitão — falo com uma voz que, supostamente, era para ser divertida. Mas, na verdade, estou tentando controlar para não voltar a chorar. Meu coração está apertado e a culpa me corrói. Ele nunca sofreria se eu não tivesse brigado com aquelas garotas desde o início. — Então, vamos tomar algo? Aí te conto tudo o que aconteceu.

Ele concorda e passamos a manhã conversando. Rimos com o fato de a “velhinha fantasma" ter sido o ponto decisivo para nossa defesa. *Logo ela! De tantas pessoas na praia. Seria cômico se não fosse tão trágico.* No almoço, comemos peixe grelhado e até o que não poderíamos: um sorvete de chocolate. É o nosso último momento na ilha e logo voltaremos para Pisa. Na verdade, já pegaremos o nosso voo no final da tarde.

Mais tarde, o voo é tranquilo. Nós dormimos quase toda a viagem. Quando as aeromoças vêm nos avisar que logo chegaremos em Pisa, abro os olhos e vejo que Luke segura a minha mão, entrelaçando os nossos dedos. Tento acordá-lo, e ele parece dormir confortavelmente, negando-se a acordar. Entretanto, quando tento soltar nossos dedos, ele desperta no mesmo instante, segurando minha mão ainda mais firme.

Luke olha ao redor em uma postura alerta e preocupada, e eu o tranquilizo, dizendo que ainda estamos no avião, mas que já estamos quase chegamos. Ele relaxa e concorda com a cabeça, largando a minha mão e se soltando do cinto para poder levantar. Abre um longo bocejo, e, como algo natural, estende a mão para mim para que voltemos a ficar de mãos dadas. *Neste momento, com ele todo sonolento e carinhoso, penso em um fofo menino. Um pequeno Luke seria adorável, não seria?*

Assim que saímos do aeroporto, as "férias" chegam ao fim. Nada foi como esperado. Começou tudo errado. *Coitada da velhinha fantasma*. O resto do percurso foi mais errado ainda. E a enfermeira teve a cara e a coragem de dizer que temos sorte? *Amiga, que definição de sorte doida é essa?*

Apesar do carro do Luke estar aqui, ele diz que acha melhor pegarmos um táxi. E assim fazemos. O motorista me deixa em casa primeiro e me despeço um tanto sem graça, pois eu não sei como agir a esse tipo de situação.

Finalmente em casa, no meu querido lar, que no momento está fedendo a casa fechada. Não parece muito aconchegante sem ninguém além de mim. Coloco minhas malas no chão. *É hora de limpar. Não de ficar solitária. Pois bem, Nina. Mãos a obra!* Apresso em abrir as janelas e começo uma limpeza desenfreada logo em seguida. Paro apenas para um rápido almoço e logo continuo com o trabalho. Antes das nove da noite, caio na cama em um sono profundo após um banho quente e delicioso. Já estava quase no meu décimo oitavo sono.

Acordo no dia seguinte mais descansada, mas com o corpo completamente dolorido. Talvez tenha exagerado ontem, pois ao me levantar da cama vejo algumas manchinhas de sangue. Estou tirando os lençóis quando o meu celular começa a tocar, chamando a minha atenção. Deixo o lençol para lá e estranho ao ver o número da empresa.

— Natali falando.

— *Olá, bom dia. Sou uma das advogadas da empresa Infinity. Você está sendo convidada a comparecer na empresa imediatamente.* — Sua voz é macia e profissional. *Será que vou ser demitida. Sério? Eu devia ter processado a empresa! Filhos da mãe!*

— Está bem — respondo no mesmo tom. *Não sei o que me espera, mas se for para ser demitida, vou bem vestida. Como a boa profissional que sou*. Tomo um banho rápido, coloco uma meia-calça preta para cobrir minhas feridas e visto a calça social por cima com cuidado. Visto uma camisa social

branca fechada e um *blazer* por cima e finalizo arrumando o meu cabelo em um rabo de cavalo.

Ao chegar lá, sou recebida por um secretário, que parece distraído e ansioso. O homem está bem vestido, com a gravata bem alinhada e possui os cabelos bem cortados, sem barba. Ele carrega mais papéis do que o necessário em suas mãos, e assim que me vê, seu sorriso gentil se abre.

— Senhorita Natali? — Apenas confirmo com a cabeça, retribuindo o sorriso. — Por favor, me siga.

— Poderia me informar do que se trata isso?

— Não é nada que a senhorita deva se preocupar. É só para resolver algumas coisas como o seu afastamento e sua promoção. Aliás, fui informado que é amiga do seu gerente. Entrou em contato com ele após retornarem? Temos tentado contatá-lo, contudo ele não tem atende. E não possuímos outro contato dele.

Oi? Promoção? Acho que estou perdendo algo aqui! Mas como assim?

— O Luke? Vocês não estão o encontrando? Será que aconteceu algo? Só um momento. — Pego o meu celular e ligo imediatamente para ele. Acho estranho que não atendeu as chamadas, no entanto, no segundo toque Luke atende.

— *Nina... O que foi?*

— Luke, estão te chamando aqui na empresa. Segundo o rapaz, tentaram te ligar, mas você não atendeu. Aconteceu algo? — falo. O rapaz que está na minha frente me olha com expectativa enquanto converso com o Luke. *Pergunto-me em que momento me perdi no assunto para receber esse olhar*.

— *Sério? Jurava que era meu despertador. Mas está bem, irei me vestir e logo chegarei aí. Já busquei o meu carro.* — Ele deve estar muito cansado. Os remédios que nos deram dá um grande sono também. Será que é seguro ele vir dirigindo?

— Prontinho. Disse que já está vindo — digo gentilmente e ele concorda com a cabeça. Enquanto ando preocupada e com o pensamento distante, o homem, totalmente alheio a minha distração, me guia para uma sala confortável. O local possui dois conjuntos de sofás brancos que contrastam com o chão de madeira de carvalho. Também há uma grande janela que ilumina todo o ambiente e alguns vasos de plantas nos cantos, dando ao ambiente um ar leve e tranquilo.

— Espere aqui um pouco, OK? Sinta-se à vontade. Se quiser um chá ou café, pode se servir. Se sentir fome também, podemos conseguir algo. É só pedir — diz, indicando uma mesinha à minha esquerda.

Não demora muito e Luke chega. Não muito diferente da primeira vez que veio trabalhar. Apenas vestindo um *look* social básico, mas isso não quer dizer que esteja menos atraente. Em um rápido relance, lembro-me do beijo que demos em frente ao hospital e da sua mão segurando a minha. Ao vê-lo sorrir, imagino se meus pensamentos estão tatuados na minha cara e fico ainda mais constrangida.

Ele se senta ao meu lado e, antes que possamos falar qualquer coisa, uma linda mulher loira, de grandes seios e medidas perfeitas, entra na sala, tomando nossa atenção.

— Olá, bom dia. Me chamo Ângela e sou a advogada da Infinity — diz sem nos encarar, mas assim que o faz, o seu olhar recai sobre o Luke. Ela parece ficar perdida por alguns segundos. Imediatamente, seu tom fica muito mais sedoso e amigável. — Tenho uma mensagem gravada pelo nosso chefe. Infelizmente, ele está lidando com muitas coisas no momento e não pôde comparecer para falar diretamente com vocês.

Ângela se senta com movimentos calculados, cruzando as pernas de forma atraente e confiante, pousa a mão sobre o colo, e pela primeira vez em anos, reviro os olhos devido à futilidade alheia. *Isso realmente seduz os homens?* Ela se inclina para colocar o aparelho na mesa, revelando seu bonito decote por mais tempo que o necessário.

A voz do nosso velho chefe começa a ecoar pelo ambiente.

Olá, crianças. Sinto muito não poder estar aí. Nossas férias me fizeram ter muitos papéis para resolver quando voltei. Tive que lidar também com advogados para o caso de vocês. Bom, por ordem médica, vocês foram afastados pelos próximos quinze dias. Aproveitem o descanso. E não me arrumem mais problemas! Sei que adoram isso. Sou velho, pelo menos se recordem disso, não me envelheçam mais que isso, por favor. E mais uma coisa... Pela empatia que sentiram pela empresa, e por serem compreensíveis conosco, estou promovendo vocês de cargo. Natali, o Luke precisará de uma secretária no novo cargo de marketing de vendas. Por favor, continue com o bom trabalho. Vocês passarão por um período de adaptação, é claro. Ângela explicará tudo para o caso de terem dúvidas e entregará os papéis.

— Bom, Luke. Se me permite chamá-lo assim — diz a advogada, olhando para ele de forma atrevida, mas sutil o suficiente para que somente

eu note. Seu tom soa suavemente íntimo. — No seu cargo novo terá a sua própria sala no andar superior ao que estava. Aqui está o valor do seu novo salário e bonificações. Seu horário se mantém.

— Senhorita Ângela — intervenho após perceber que estou sendo ignorada. —, e quanto a mim?

— Basicamente, sua mesa é na frente da sala dele. Terá alguém para te auxiliar quando necessário. Seu salário e encargos estão anotados aí. Você lê o contrato, assina e vai embora. Não se tem muito a dizer para uma secretária — diz fria.

Sinto nojo de sua falta de profissionalismo e ética. *Luke não tem sorte no azar apenas. Ele é como um imã para piranha. Ser bonito assim tem suas desvantagens, afinal.*

Pego os meus papéis, dou de ombros após a conclusão do meu pensamento, deixo meu corpo relaxar, encostando-o nas costas do sofá, e cruzo as pernas para apoiar os papéis enquanto os leio.

Eu me estressar? Eu que não vou. Onde quer que Luke vá terão mulheres atrás. Não sou sequer sua namorada. Ele é um homem muito bonito e atraente. Acho que é normal. Mesmo que tenha sido beijada, ficado com ele todos os dias, chorado feito uma condenada quando o vi machucado. OK. Estou me roendo de ciúmes e não deveria. O que faço? Sei lá. Fico quieta na minha e finjo demência nesse assunto?

Ao contrário da minha "tranquilidade", o sorriso convencional do Luke começa a se apagar e seu rosto ganha uma expressão séria que nunca o vi fazer. Ele se vira para mim, ignorando a mulher.

— Por que essa diferença clara de tratamentos entre você e eu, Nina? — pergunta ele na cara dela. Isso me deixa surpresa, mas também fico me esforçando muito para não rir após a superação do impacto.

— Bom, querido... — digo no tom mais calmo que consigo, apesar do meu claro divertimento. — Vou tentar ser simples. Não sou tão gostosa assim e também não possuo o "brinquedo" que você tem.

Para que ele me entenda, olho na direção do tal "brinquedo" entre suas pernas. Rapidamente fico tímida com minha própria atitude e desvio o olhar, voltando a atenção para os papéis.

— Ela é uma bonita advogada e bem sucedida. Creio que seja normal se interessar em um cara bonitão como você. Na realidade, você é o tipo de muitas mulheres.

— Eu não sou bibelô, e não gosto de mulheres oferecidas — diz mal-

humorado.

— Depois que eu vi a Flávia... Não sei não. — Jogo no ar. E, sim, com uma pitada de ciúmes colossal.

— A Flávia já foi doce e sonhadora, pelo menos quando a conheci. Era totalmente diferente do que você viu — rebate ele. — Ela mudou ou escondeu por um bom tempo quem realmente era.

— Sei, Luke. Muito lindo você defendendo a vaca da Flávia. Lindo mesmo — digo, olhando-o de canto de olho.

— Não estou defendendo ninguém. Além do mais, prefiro mulheres virgens aos trinta. — *Ele rebate e faz trinta pontos!* Luke anda cheio dessas frases de impacto que me deixam sem palavras e completamente corada.

Apresso-me quase que enfiando a cara nos papéis e assino o documento. Agora sim ele sorri satisfeito. *Luke, seu sem-vergonha!* Piso em seu pé direito, fazendo a maior cara feia.

— Ai! Que foi, doida? Fica machucando um homem ferido. Que mulher má! — murmura falsamente indignado, mas ri também, afastando os pés dos meus.

O que faço com ele?

Ao contrário de nós, a advogada não parece feliz ou divertida. Ela pega as folhas assinadas, deixa as cópias para nós e agradece em nome da empresa, do jeito mais educado que consegue, saindo mal-humorada enquanto rebola mais do que o necessário e empina seu nariz arrebitado.

Após a saída da bonita advogada, a sala cai em um silêncio pesado. Luke se senta de lado, olhando-me com interesse. O que me deixa completamente sem graça. *Nenhuma novidade.*

— Bom, dona ciumenta. Vamos?

— Eu não sou ciumenta! Nem tenho motivos para isso. — Tento rebater e sai com um tom mais infantil do que desejava.

— Claro. Realmente não tem, né — diz, levantando-se e pegando a minha mão. Olho para o lado, mas aceito a sua mão. Isso se tornou um hábito muito acolhedor. Não sei nem quando começou. Muito menos consigo me lembrar de quando ele se tornou tão insubstituível.

Com os papéis em mãos, passamos pelos corredores e recebemos olhares dos curiosos, deixando-me completamente sem graça. *Luke, seu descarado. Elas vão fofocar!* Penso, mas não digo nada, porque com a boca espertinha que ele está é capaz de fazer a situação piorar. Como se adivinhasse meus pensamentos, assim que entramos no elevador com

algumas pessoas de andares diferentes e setores, o cara vai e me solta mais uma.

— Nina, estou com muita coceira aqui. Você poderia coçar as minhas costas? Dói muito quando tento esticar os meus braços.

Fico surpresa com o seu súbito pedido, mas dou de ombros e puxo a sua camisa social para fora da calça. Sem pensar muito, apenas faço o que me pediu. Passo minha mão com cuidado pelas suas costas, pois têm muitas feridas ainda sensíveis próximas à parte onde tem o ferimento feito pela tesoura, e então começo a coçar com cuidado.

Mas aí o infeliz/feliz começa a gemer alto.

— Ah! Que delícia, Nina! — Minha respiração trava quase que automaticamente. *Mas que porra...? O que está acontecendo aqui?* — Hum... Que mão mais maravilhosa! — Meus olhos se abrem muito e meu rosto é tomado pelo calor. Tenho certeza de que estou mais vermelha que um tomate. *Porra, Luke!*

— Luke...

— Não se atreva a parar, Nina! Quero mais. — Quase engasgo, tentando conter a risada que ameaça fugir. — Ah, cara! — Mordo os lábios, fecho meu olho esquerdo e viro a cabeça para o outro lado enquanto volto a coçar. E o filho da mãe volta a gemer. — Isso! Estou quase lá.

Meu Deus! Não dá. Não vou conseguir aguentar.

— Quase lá! — continua ele. *Não estou pensando em nada libidinoso, juro.* — Mais forte! Ah! — *OK, estou.* Não me aguento mais e começo a gargalhar.

— Você é muito louco, Luke! — falo entre uma risada, assim que as portas do elevador se abrem e o pessoal quase corre, fugindo da situação constrangedora.

Agora que somos apenas nós, ele para de gracinhas e começa a rir. Nesta altura, eu não coço mais coisa alguma, mas minha mão continua no mesmo lugar. Enquanto rimos, me dou conta de que a porta do elevador está aberta e Diana nos olha com um sorriso sem-vergonha. Antes que possa dizer qualquer coisa, ela levanta a mão, impedindo-me.

— Claro, vocês são apenas amigos. Não estou pensando que tem nada além disso entre vocês. Entendo completamente. Tem uma ótima justificativa aí.

— Não é isso que você está pensando... — digo, dando risada e o Luke volta a gemer. — Para com isso, Luke! — Quase grito com o rapaz,

mas isso só faz com que ele gema ainda mais alto, atraindo os olhares de todos atrás da Diana.

Socorro, meu Deus!

— OK. Agora estou pensando coisas pervertidas. Pego o próximo elevador. — Sem tempo de falar mais nada, a porta do elevador se fecha e o Luke volta a rir.

— Luke, seu louco! O que pensa que está fazendo? E agora? O que faremos? — falo, tirando a mão de dentro da sua camisa.

— Bom... Você pode ir para a minha cama. Afinal, mesmo você ignorando quando falo, eu fiz a minha parte. Quando você vai fazer a sua? — diz com seriedade. Uma seriedade que nunca vi antes, sem traço de humor ou do seu sorriso matreiro.

Ele se vira, ficando completamente de frente para mim e dá pequenos passos em minha direção. Perto o suficiente para me intimidar, fazendo-me dar alguns passos para trás e encostar na parede do elevador. Sinto o chão sumir dos meus pés com os seus olhos brilhando e seu tom sério, e ainda tem o fato de que seu rosto está quase colado ao meu.

— Mas... Você vai querer mesmo uma mulher como eu? — pergunto no meu último fio de voz quase perdida pela minha insegurança. Ele é o que chamaria de muita areia para mim.

— Como assim? — pergunta de um jeito mais afável. Ele me conhece e é tão perfeito que, mesmo agora, não perde a paciência comigo.

— Não finja que não vê. Sou uma mulher velha de um modo geral. Tenho trinta anos, não sou linda como as mulheres que vivem atrás de você. Posso me arrumar, mas não vou me tornar magicamente gostosa e atraente. — Mordo meus lábios em um tique nervoso, mas mantenho o meu olhar no seu. — Você vai querer perder a sua liberdade e juventude para ficar comigo? Uma mulher insegura, cheia de problemas e que você nem conhece direito. Vai deixar a opção de ter qualquer mulher quiser?

— Primeiro... Quem tem que falar se você é gostosa ou atraente, sou eu, não você — diz e me faz engolir em seco. — Segundo... Trinta anos não é velha, principalmente se contarmos que tenho vinte e sete agora. Já os problemas nós podemos resolver ou nos adaptar. Terceiro... Já que está pondo nesses termos, quem estará perdendo não é você? Perdendo sua paz, sua tranquilidade, sua vida regrada e contínua.

— Mas... Eu? — Meu coração quase sobe pela boca. *Ele está brincando, né? Se estiver, não tem graça.* Ele coloca o dedo indicador sobre

a minha boca.

— Não está ruim como estamos, mas ainda sim te dou mais alguns meses para pensar e ter a consciência de que não sou somente um amigo. Se quiser te dou até um ano, mas já deixo claro que não vou ser paciente e não vou pegar leve. Eu quero você... — Como se o destino estivesse contra mim, a porta do elevador se abre e *flashes* de todos os lados nos iluminam, quase nos cegando. Jornalistas. Muitos jornalistas. Luke entra na minha frente e segura a minha mão, levando-me para fora.

— O que vocês têm a dizer sobre o incidente? — pergunta uma das jornalistas.

A expressão séria do Luke se torna ainda mais estranha para mim. Com um ódio contido, ele diz:

— Não foi um incidente, foi uma tentativa de homicídio. Faça suas pesquisas sensacionalistas direito. Homicídio dá mais ibope, não é? — fala sarcástico. — E no meio desse lixo todo, pelo menos uma vez vocês não estarão mentindo.

— Você costuma bater em mulheres? Porque, segundo nossas informações, você bateu nelas sem hesitar — fala outro jornalista, ignorando o claro mau humor do Luke. E eu apenas os olho, indignada. — Como você se sentiu as agredindo?

— Foi legítima defesa. Como já disse aos policiais. Isso não faz de mim um espancador de mulheres. — Mesmo irritado, ele tenta se manter controlado.

— Como vocês podem fazer perguntas assim? — intervenho indignada. — Ele me salvou! Vocês estão querendo fazer com que ele pareça um monstro!

— Ouvi dizer que vocês são próximos. Vocês têm um caso? Nesta empresa é permitido caso entre chefe e empregado? — alfineta outro jornalista.

— Somos as vítimas comprovadas. Eu tive uma tesoura enfiada nas minhas costas. Ela quase quebrou uma costela e têm vários outros ferimentos, mas sabe do que mais? Cansei... — diz Luke, segurando ainda mais firme a minha mão. — Sabe a diferença entre vocês e a mer... — Neste momento, me apresso e tampo sua boca com a minha mão livre. Eu já ouvi essa frase uma vez faz um bom tempo. Sua continuação é *"a diferença entre vocês e a merda? Porque na merda eu posso dar descarga*.". E isso só colocaria mais lenha na fogueira, além do mais, Luke já falou demais.

— Estamos todos muito abalados. Nosso depoimento já foi dado. Isso é tudo. Iremos nos retirar — intervenho, falando pelo Luke. Ele se solta da minha mão e passa a sua pela minha cintura, levando-me até seu carro.

UMA SEMANA DEPOIS...

Os pontos não demoraram a cair. Durante a semana, eu e Luke almoçamos todos os dias juntos, e jantamos também. Com as normas dele de alimentação saudável, consegui perder o líquido que estava retendo. Adeus barriguinha que estava acumulando. Minha pele está maravilhosa e os meus cabelos então um sonho. *Suas regrinhas fitness até que me fizeram bem.*

Em mais uma de nossas saídas, vamos a um restaurante novo no centro. Alguns homens começam a me reparar e eu fico sem graça, mas todos parecem tão sem sal, açúcar, brilho ou qualquer outra referência que prefira. Podem até ser bonitos, mas não são o Luke.

Luke me diz para ir à mesa primeiro, pois precisa ir ao banheiro. Concordo e vou tranquilamente até o local, sentando-me para aguardá-lo, como a boa moça que sou. Até que um rapaz bonito, de cabelos castanhos e de barba bem feita, se aproxima pedindo o meu número. Antes que eu possa responder qualquer coisa, Luke chega até a mesa e para ao lado do cara, fazendo uma expressão de poucos amigos.

— Olá, amigo. Perdeu algo? — diz, olhando-o de cima a baixo. — Ela está comigo. O que acha que vai querer com você?

O cara fica surpreso, mas não tanto quanto eu. Ele olha para Luke parecendo chocado e levanta a mão se rendendo.

— Desculpa aí, cara. Pensei que ela estava sozinha. Ele é seu namorado? — ele pergunta para mim antes de se afastar. Só levanto as sobrancelhas, dou um sorriso sem graça e levanto os ombros. *Nem eu sei, amigo*.

Uma moça que trabalha no restaurante se aproxima e diz que precisa falar com Luke, pois o carro dele ativou o alarme sozinho. Ele concorda a contragosto, mas a segue. Neste meio tempo, outro rapaz se aproxima, e assim que digo que estou acompanhada, ele vai embora. Vejo um Luke muito irritado vindo logo atrás, mas visivelmente tentando se controlar.

— Nenhum desses caras te chamou a atenção? — pergunta ao se sentar. *Está ficando louco?* — Se quiser, posso te apresentar uns caras. Meus amigos são rapazes legais. É por isso que está insegura? Estava pensando... É sobre ter filhos? Por isso se acha velha? Acha que só pode ter um cara que

queira filhos imediatamente e casar?

— Claro que quero casar. Ter filhos é uma coisa que pesa na minha idade, mas acho que se fosse para eu ficar desesperada por isso, já estaria. Quero ter meu par, uma pessoa em que possa confiar, acreditar de olhos vendados e colocar a mão no fogo.

— Hum...

Se não for você também não quero. Por sua causa, infeliz. Não sei se encontrarei outro que atenda às minhas expectativas.

— Mas já desisti. Talvez logo adote uns filhotinhos peludinhos — digo, provocando-o.

— No que depender de mim você até pode adotar gatinhos. No entanto, não ficará sozinha.

— Ah é? Hum... — Tento ser engraçada para evitar surtar com a expectativa e com o salto que meu coração dá.

— Mas é claro! Posso me tornar o seu namorado — fala, abrindo um largo e lento sorriso de cafajeste.

— Somente quando você falar isso sério. Aí vou te responder.

Sua expressão fica séria assim como na empresa, já sem nenhum traço de humor.

— Nina, já te mostrei no elevador que estou falando sério.

— Mas não era sobre ir para a sua cama? — Ele estreita os olhos para mim, e então finalmente minha ficha cai. *Quem esperaria até um ano para uma transa?* Meu rosto nem sequer vermelho está mais, talvez um roxo. Como um hematoma. Porque o que estou merecendo é um belo tapa. Antes de Luke me responder, o meu celular toca.

— Sim, Natali falando — falo com meu tom profissional.

— *Natali por Natali eu também sou.* — Escuto o tom familiar. Olho a tela para ter certeza e vejo o “Mama" que me faz engolir seco.

— Olá, mama.

— *Estou ligando para avisar que daqui uns dias será o casamento da Luna, sua irmã mais nova. O convite já foi enviado pelo correio. Logo chegará aí.* — Ouço minhas primas e tias falando ao fundo “daquela lá você não terá netos. Boa é a mais nova. Aquela? Só quer saber de estudar e trabalhar”.

— Está bem, mama. — Desligo, sentindo-me desanimada. — Bom, gostaria de me acompanhar ao casamento da minha irmã? Talvez você mude de ideia ao conhecer minha família. Afinal, dependendo do quão sério

estiver, terá que lidar com ela eventualmente.

Sem dizer mais nada, Luke segura a minha mão. Nós nem almoçamos e ele me leva para fora do restaurante em direção ao seu carro. Antes de fechar a porta, diz:

— Tudo bem, mas antes de conhecer a sua família, você conhecerá a minha.

Em seguida, ele fecha a porta sem me dar a chance de responder.



IR PARA FLORENÇA E SOGROS. LUKE TEM UM IRMÃO GÊMEO, SÓ QUE MAIS... NOVO?

A viagem é um pouco demorada. Nós já não estamos mais em Pisa. O dia está quente e o vento que vem pela janela do carro me refresca, bagunçando um pouco os meus cabelos. Quando tento contê-los, escuto a risada de Luke, que me observa de canto do olho. Observo todo o caminho com certa adoração. Itália, minha amada Itália, sempre me encantando. Aqui é cheio de cultura e beleza maravilhosas! Nasci aqui, mas nunca pude viajar muito pelo meu país. As construções me encantam, mas quem eu quero enganar? Estou completamente nervosa!

Sou, entre muitas coisas, ansiosa. E informações passadas assim de súbito não fazem bem para o meu coração. Estou super, hiper, mega, master nervosa. Meus lábios já ardem de tanto que os mordo. Estou me sentindo suada e muito inquieta no banco do carro.

Rapidamente nos aproximamos de uma casa grande com um imenso quintal. É clássica e elegante. Meu coração dá uma breve acelerada e então vai a zero. O infeliz é de família com dinheiro? Sério? E o cara estava usando uma bicicleta para ir procurar trabalho? *Espera...* Fui enganada esse tempo todo? Bom, na verdade, nunca perguntei nada para ele. Mas que filho da mãe!

Quão grande pode ser a nossa diferença? Suspiro, ficando mais cabisbaixa.

— Luke, tem certeza de que quer me apresentar aos seus pais?

— Bom, você está aqui. Imagino que a resposta seja óbvia... Por quê? Não quer conhecer os meus pais? — pergunta curioso.

— Não é isso. Eu estou nervosa! Dá um desconto.

— Hum... Engraçado. Nunca pensei que nervosismo tinha preço. Essa é nova. Mas está bem, eu te dou 75% de desconto. O que acha? É um bom negócio! — Olho para ele, estreitando os olhos e Luke ri, debochando de mim. Presenteio-lhe com uns tapas no braço. *Filho da mãe duas vezes!*

— Bem engraçado você! — Cruzo os braços, chateada.

— Está bem, está bem! Me desculpa. Vamos, estou com fome.

Nem sequer tenho tempo de lhe responder, pois minha barriga ronca violentamente, deixando-me muito vermelha. Só consigo ver o olhar divertido e vencedor de Luke.

— Não estou com tanta fome assim! — digo teimosa.

Luke sai do carro, dá a volta por ele e abre da minha porta, estendendo a mão carinhosamente para mim.

— Venha comigo, Nina. Por favor.

Pilantra! Usando esse golpe baixo! Desço do carro, e enquanto ando, checo a minha roupa e ajeito mais um pouco os meus cabelos. Quando o Luke bate na porta, o som ecoa dentro de mim, causando um terror imensurável. A porta se abre e arrepios sobem pelo meu corpo. Vejo uma bonita senhora de cabelos platinados com leves tons de azul, ela tem a pele bem cuidada, parecendo apenas um pouco mais velha que eu. A mulher nos recebe com um largo sorriso familiar e Luke a abraça com genuíno carinho.

— Oi, mãe. Vim te ver!

Como é que é? Mãe? Mas como assim?

— Ah, meu menino. Até que enfim tomou vergonha e veio ver a sua mãe! Nem parece que me ama! — diz animada, abraçando-o. Neste momento, ela finalmente parece me ver. E, constrangida, dou apenas um breve tchauzinho. — Ah! E está acompanhado? Olá, minha menina. Seja bem-vinda! Deixe-me dar uma boa olhada em você. Nossa, como você é linda! Vamos, entrem!

Sinto minhas bochechas aquecerem e acabo fugindo do seu olhar, evitando encará-la.

— Muito obrigada. A senhora é muito linda. Antes de o Luke chamá-la de mãe, pensei que era a irmã dele ou algo assim.

— Garota... — diz, dando risada. — Gostei de você. Acertou em cheio! Se não fosse a mãe, eu quase seria a irmã dele. Faltou bem pouco, viu! — conclui, abraçando-me como se me conhecesse por toda a vida. — Venham, entrem. Sou a Silvana, mas pode me chamar de Sil.

Sou levada para dentro e não consigo deixar de reparar que toda a casa é acolhedora. Noto as várias fotos de família espalhadas por todos os lados. O crescimento, momentos felizes, comemorações de formaturas. Nas estantes, há itens que parecem ser de recordação de viagens. Mas o que me chama a atenção são as medalhas de esporte e de fisiculturismo. Na sala, vejo um homem que é a cópia do Luke, ou o contrário. Só que é um pouco mais baixo e mais velho.

Ao longe, entrando na sala pela porta da cozinha, vejo um homem vestindo *short* e regata, todo suado. Ele é um jovem de cabelos curtos e profundos olhos claros. Tão familiares. O olhar de todos recai sobre mim, enquanto Luke se joga no sofá suspirando. Eles sorriem para mim de uma forma animada, carinhosa e receptiva. Longe de julgamentos.

Percebendo o quão tímida estou, são compreensivos, e logo o pai de Luke vai se sentar ao seu lado, parando de me olhar.

— Até que enfim, meu garoto. Finalmente veio em casa! Lembrou que tem família?

— Pai... — diz Luke em uma meia risada.

— OK. Bem-vindo de volta, meu garoto. Deixou saudades no seu velho pai. — O senhor o abraça com cuidado. — Está se cuidando, né?

— Sim, pai.

— E você, menina? Permita que eu me apresente, sou Alessandro Salvatori, pai desse menino problema. Ele nos ligou para avisar sobre o ocorrido, e também para contatar o advogado da família para um segundo processo judicial. Vamos atrás de uma prisão perpétua para as garotas que fizeram mal a vocês. — O ar parece ficar denso pelo tema, mas logo Alessandro tenta amenizar a situação. — Mas vamos passar longe desse clima pesado. Só me alivio por estarem bem.

A preocupação do pai dele me comove e não consigo fazer nada além de sorrir. Já percebo que é uma família muito afetuosa, carinhosa e nem um pouco esnobe, ainda com um grande coração e humildade. O que esperava, afinal? É a família do rapaz que faz tudo funcionar em minha vida e faz meu coração sofrer golpes críticos por mil e um motivos. Não poderia pensar em uma melhor influência para sair um rapaz de tão boa índole assim.

— Você é mais bonita do que eu imaginava. Infelizmente o meu filho não nos deu seu nome — o pai de Luke fala.

— Nina... Nina Natali, senhor. Obrigada por me aceitarem em sua casa nessa visita repentina. Obrigada também pela calorosa e carinhosa

recepção — digo sem graça. As mãos da mãe de Luke tocam os meus braços e me surpreendo enquanto ela fala para o marido por detrás de mim.

— Ela não é um amor? Pensou que eu era irmã do Luke! — completa com um largo sorriso. — Adorei ela! Sente-se. Querem um suco, água, algumas torradas? Devem estar com fome.

— Ih! Já conquistou o amor eterno da mamãe — diz o rapaz parecido com Luke. — Prazer, Nina. Sou o irmão mais novo do Luke. Matteo Salvatori.

Todos nós conversamos enquanto comemos alguns petiscos. Boa parte da tarde, falamos sobre a infância de Luke. O pai conta sobre as medalhas de natação de quando era criança, mas quem seguiu carreira de nadador, inspirado no irmão mais velho, foi Matteo. Logo em seguida, a conversa passou para a implicância e disputa entre irmãos, e algumas artes de infância que me fizeram dar boas risadas. E ri muito mais ao ver a expressão de Luke quando Sil disse que pegaria o álbum. Sua expressão e fala de desespero “mãe, a foto da banheira não!” apenas fez sua mãe retrucar "por que não? Está lindo todo peladinho!”. *Mãe é mãe, né.*

A mãe de Luke é bem animada e isso é contagiante. Dona Sil é daquelas pessoas de espírito livre e jovem. Ela é quem mais fala também, contando-me sobre a família.

— Já fui fisiculturista, assim como meu marido Alessandro. Contudo, quando era nova, tive alguns problemas no joelho e então me voltei para a natação. Luke começou a nadar também, pois não ia deixar a "mamãe" sozinha. — *Um Luke criança com toda a beleza e amor.* Acabo sonhando um pouco com isso. — Embora Luke provavelmente já tenha dito isso, ele só ficou uns três anos amando esportes em geral, mas nunca gostou de ficar parado. Ter foco e sossego não era com ele. Seu amor é viagem. Pelo menos meu marido e eu conseguimos criar nossos filhos com os nossos ideais de lutarem pelo que querem. “Se não for conquistado por mérito, não vale a pena. Se for dado, não vale a pena. De graça só o amor, pois de graça também vem o ódio.”

Quando menos percebemos, já é hora de jantar. E não me espanta que a refeição seja completamente saudável. Um pouco de arroz integral, frango grelhado, salada de brócolis e tomates cereja. Tudo em quantidades calculadas de gorduras, proteínas, carboidrato e tudo mais. Todos me olham com expectativa quando dou a primeira garfada na salada e em seguida na batata doce. Eles parecem aliviados e levanto o meu olhar, inocentemente

curiosa.

— Hum? Que foi?

— Bom, Nina... — diz Matteo. — A outra, quando veio, fez cara de raiva. Ficou irritada como se estivéssemos falando que ela era gorda, olhava para nós como se fôssemos estranhos. Você não se importou e continuou comendo, e não acho que esteja fingindo.

— Não fale assim, filho. As pessoas mudam. Tenho certeza de que Flávia já foi um amor de pessoa, senão o Luke não teria ficado tão arrasado com o que aconteceu, ou tão apaixonado quando a conheceu. — A mesa cai em profundo silêncio. — Bom, em todo caso... Nina, como sabe, já ouvimos falar muito de você através do Luke. Gostaríamos de agradecer por trazer nosso menino de volta à vida.

— Não fiz nada. Ele sim fez muito por mim. — Fico calada, sem saber mais o que dizer.

Para cortar o silêncio, Alessandro toma a frente.

— Matteo, vá pegar o videogame. Vamos jogar uma partida de basquete por ele. Mas vamos pegar leve, já que o seu irmão, tadinho, está dodói — diz, provocando Luke.

— Vou mostrar quem está dodói! — murmura Luke, levantando-se. — Vou ganhar todas!

— Sim, pai — Matteo fala e se levanta para buscar o jogo.

Os rapazes saem da mesa, animados como crianças no Natal, causando risadas em mim e Sil.

— Desculpe termos falado da ex. Matteo tem uma boca grande — fala para mim. — E às vezes eu também...

— Sem problemas. Conheci Flávia um dia depois que conheci Luke. Foi bem desagradável. Não sei o que ele viu nela — admito, tranquilizando-a e deixando escapar um pouco da minha sinceridade.

— Ah, menina. As coisas mudam... O Luke também não foi sempre gentil e corajoso. Ele ainda acreditava que o mundo caberia em suas mãos. Mas confesso que não tinha algo que o danado se metia a fazer que não fizesse bem feito. Esportes, estudos e garotas. Isso inflou o ego do meu garoto — admite em um tom de lamento. — Não que tenha se metido com coisas erradas ou tenha sido o vilão da vida de alguém, mas era tão confiante que me dava vontade de bater naquele convencido. Foi quando ela apareceu. Flávia não era assim. Ele disse que ela veio do interior, e por ser bonita e atlética, foi chamada para ser líder de torcida. Bom, com o tempo, algumas

frutas amadurecem e outras apodrecem.

— Talvez, no início, a confiança dele tenha inspirado ela, mas depois ficou gananciosa ou invejosa demais. — Dou de ombros. — Bom, seja como for, vejo Luke como uma pessoa maravilhosa, inclusive é o meu herói. Nunca pensei que encontraria um príncipe para mim. Tudo bem que é meio azarado... — digo, dando uma risada e Sil me acompanha.

— Menina, já disse que gostei de você! Já te tenho como filha. — Ela se aproxima em tom de confidência. — Não diga para eles, mas sempre quis uma filha para fazer essas coisas, sabe? Ter essa ligação. Enquanto os garotos jogam basquete no videogame, me deixe te deixar mais bonita ainda.

— Claro! Eu nunca fui de fazer estas coisas, mas se for para mudar para melhor, não vejo por que não — digo com genuína felicidade. Afinal, esse tipo de coisa sempre foi para as minhas irmãs, não para mim. *Permito-me ser "menina" ao lado da mãe do Luke.*

O tempo foi curto, mas o suficiente. Quando os garotos terminam a sua partida, voltam discutindo calorosamente sobre quem trapaceou ou não. Sil entra pela sala comigo como se me apresentasse orgulhosamente, segura meu braço e faz um carinho na minha mão, dizendo o quão linda estou. Alessandro, assim que me vê, sorri e vem até nós, fazendo um leve cafuné em mim.

— Está linda, menina.

Sou tratada com um zelo que nem da minha mãe e do meu pai recebi. Não que meus pais fossem ruins, eu só não era o mimo deles. *Os dois têm mais cinco para mimar*. Volto meus pensamentos para a atualidade e Luke brinca, olhando-nos e erguendo a sobrancelha.

— Hum... Eu vou ganhar esses carinhos aí também?

— Sei não... — responde Sil. Ele faz o maior bico de filho mimado e caminha até a mãe. Luke segura a mão da senhora e passa nele, que está suado devido à discussão calorosa que estava com o pai e o irmão.

— Então toma meu suor! — diz como se fosse uma vingança, divertindo-se.

— Menino, já limpei tua bunda. Acha que me importo com seu suor? — responde ela, colocando a mão no quadril. Não consigo evitar e começo a rir. Para se vingar da minha risada, Luke passa o suor em mim também.

— Mas o que é isso? O que te fiz, Luke? Poxa, sua mãe me deixou toda bonita e cheirosa, seu chato sem graça! — Ele ri de mim e lhe dou língua.

Já está tarde, e após trocar de roupa, Luke diz que é melhor irmos. Concordo com ele, triste por me despedir dessa família tão linda, carinhosa e acolhedora. Despedimo-nos de todos, que insistem para que voltemos logo.

Meu corpo pede por cama e meu coração está entre um estado melancólico e satisfeito. Quando entro no carro, encosto as costas no banco e fecho meus olhos, relaxando. Enquanto solto um lento suspiro, Luke liga o veículo e não resiste em perguntar.

— Então...?

— Então que... Você tem uma família maravilhosa! É um cara muito sortudo, de verdade — digo sorrindo. — Mais que ricos de dinheiro, são milionários em amor. Quase senti uma pontinha de inveja, sendo bem sincera.

— Se me aceitar... Pode ser sua família também.

Meu coração dá uma forte descompassada. O que eu mais quero é dizer sim, mas tudo que posso fazer é ficar em silêncio. Minha família não é como a dele. Eles são problema e não sei se quero incluí-lo nisso, pois Luke não merece.

Ele é compreensivo até com a minha falta de resposta, mas também fica em silêncio por todo o caminho de volta, deixando-me em casa e indo para a própria. *Talvez esteja magoado, e nem posso julgá-lo*.

O pouco tempo até casamento da minha irmã passa na velocidade da luz. Insegurança me atinge em conjunto com várias vozes na minha cabeça. *Expectativa. Ansiedade. Nervosismo*. Lembranças do peso em minhas costas e de toda a responsabilidade. Tudo isso está me tirando a paz. Estou me sentindo como há muito tempo não me sentia. *Angustiada.*

Olho-me no espelho, vendo um reflexo que nunca foi o suficiente, pego a minha bolsa, minhas economias e vou para o salão apenas para cuidar dos cabelos e das unhas. Já que minhas sobrancelhas foram feitas e o rosto hidratado faz pouco tempo pela mãe do Luke. E se eu for sincera, neste momento, queria muito o colo dela.

Pego o meu celular e penso em cancelar o convite de levá-lo comigo ao casamento, mas neste momento a cabeleireira me chama. Talvez tenha sido melhor assim. Afinal, eu o convidei e conheci a sua amável família. E ainda por cima não lhe dei uma resposta justa. Ele merece entender um pouco mais. *Minha família não é ruim.*

Quando chego em casa, um pouco depois do almoço, deixo tudo pronto e escuto a buzina do carro de Luke. Apressada, pego a minha mala e

tento tomar cuidado com os meus cabelos, porque ao chegar lá só terei tempo de colocar o vestido.

Saio de casa e o vejo, como sempre todo lindo. Contudo, neste momento um pensamento me vem à mente. *Eu não posso envergonhá-lo.*

Como em uma reação em cadeia, me recordo da minha infância e adolescência, dos meus afazeres, meus deveres. Sempre fui a responsável. A mais velha entre as irmãs e primas. A boa filha, boa irmã e boa neta, digna de orgulho dos estudos e ações corretas. Aquela que fazia muito, mas ninguém via e esperavam sempre mais de mim. Todo o peso parece se multiplicar, mas não devo deixar que Luke veja isso, então apenas sorrio.

— Hey, bonitão! — digo, caminhando em sua direção e ele me encontra no meio do caminho, pegando a mala da minha mão e me dando um beijo na testa. *Parece que ele não está mais chateado comigo.*

— Olá, minha linda. Vamos nos atrasar se não formos logo — fala, sorrindo, com sua animação diária. Se consegui ou não esconder meus sentimentos, realmente não sei. Luke não é o tipo de pessoa que vai invadir o meu espaço. Mesmo que já tenha invadido o meu coração.

Fiquei tão ansiosa que mal dormi na noite passada. Entro no carro, dou o endereço para Luke e apago logo em seguida. E, quando menos noto, já estamos em frente ao portão da casa dos meus pais. Dou-me conta que estou coberta por uma jaqueta que tem o cheiro do Luke, e uso como travesseiro uma camisa também dele. Ainda é dia, e isso significa que chegamos mais cedo.

A fazenda foi passada de pai para filho por muito tempo. Claro que evoluiu com o decorrer do tempo, sempre crescendo mais e mais. Também, com a família enorme que temos, não teve outro jeito. Minha avó, a quarta de cinco irmãos, por exemplo, teve sete filhas. Ou seja, tenho seis tias. Minha mãe teve seis filhas. Minhas tias mais um punhado de filhos.

Tem muita gente reunida aqui. Muitas vozes, muitos risos, muita bagunça, muito tudo. *Menos paz.*

A casa é clássica, tendo a sua base de pedra e o restante de madeira. É rústica e grande de profundidade, além de tamanho e altura. Se bobear talvez ainda fique maior até o final do ano. *Todos na família contribuem para que a fazenda cresça e fique bem cuidada.*

Saio do carro bocejando e me abaixo para ver o reflexo do meu cabelo. Por algum milagre não bagunçou. O Luke diz que irá estacionar e pede para que eu me afaste um pouco.

— Aproveita e vai na frente. Diga um "olá" para sua família que logo te alcanço — diz sorrindo.

Perdoe-me, Luke. Penso com pesar.

Assim que abro a porta, dou de cara com minhas primas e tias cercando minha mãe e irmã. Meu coração para por um milésimo de segundo e me pergunto o que fiz de errado nesta vida para levar os baques desta maneira.

— Olha, se não é a Nina, a eterna solteirona que só pensa em trabalho! — diz uma das minhas tias, animada com sua piada. Ela não se dá conta o quanto essa piada é de mau gosto.

— Olá, tia Rosalin. É um prazer revê-la — falo com meu tom mais profissional e cordial, mas que é bem impessoal.

O processo se repete entre as provocações e piadinhas a cada cumprimento. Por dentro? Ah, por dentro! A essa altura eu não estou com o mínimo de força para sorrir. Mesmo que meu corpo, como mecanismo de defesa, mantivesse o sorriso. Tento mudar de assunto, mas não consigo porque elas parecem umas gralhas. Respiro fundo e vou cumprimentar Luna, a minha adorável irmã mais nova, com um singelo e verdadeiro sorriso.

Algum tempo passou e o Luke não veio atrás de mim. Será que aconteceu alguma coisa? Resolvo ir até a porta, procurando por ele, e o encontro tentando carregar a minha bolsa e a dele. Dou um sorrisinho baixo e vou em sua direção para ajudá-lo. Como ninguém esperava alguém comigo, principalmente um homem, todos sumiram. Nem sequer tive coragem de falar sobre o Luke. Talvez ele tenha que ficar no quarto comigo.

Por um acaso, e muita sorte, enquanto estava indo para o meu quarto com Luke atrás de mim, também não encontramos mais ninguém na sala ou no corredor. Creio que todo mundo correu para se arrumar.

Fora Luna, ainda não vi as minhas outras irmãs. Isso me preocupa, mas também dou graças a Deus. Levo Luke para o meu quarto e, ao entrar nele, o seu olhar é de curiosidade. O quarto não é lá muito grande e tem apenas o necessário. Pelas poucas coisas nele, faz com que pareça ser um pouco maior do que é de fato. Também tem um banheiro só para mim, que quase tive que arrancar o couro de alguém em uma severa briga para conseguir.

Enquanto coloco a mala ao lado da cama, Luke vê isso como uma deixa e diz:

— Vou esperar no corredor enquanto se veste, OK? Mas talvez eu

espie.

Ele não seria capaz! Seria?

— Fica aí então já que vai espiar — falo, dando de ombros, duvidando que ele faria isso. Mas me surpreendo quando vejo que realmente fica no quarto, pega uma cadeira e se senta enquanto me olha fixamente. Claramente esperando que me troque. Eu penso em reclamar, falando que era uma brincadeira e mandá-lo sair, mas alguém bate na porta.

— Está ocupado! — responde ele, falando alto. Um terrível silêncio recai, mas a pessoa volta a bater.

Fecho os meus olhos querendo rir de constrangimento. *Estou lascada!* Mas acabo respondendo.

— Está ocupado. Agora não dá!

Estou me sentindo completamente sem chão. Sinto-me mais tímida sob o olhar dele do que com o fato de trocar a roupa em si. Contudo, permiti que ele ficasse. E o filho da mãe ficou mesmo! Agora o lance é ser muito mulher e trocar a roupa. Respiro fundo e começo a tirar as peças, ficando de calcinha e com um sutiã de silicone. Isso não me parece mais uma boa ideia. Porque, quanto mais me sinto suar de nervoso, mas o sutiã me dá a impressão de que vai descolar. Tudo culpa do vestido infeliz de costas abertas que escolhi. Viro-me, tímida, tentando cobrir os meus seios. *Estou me sentindo como uma adolescente, meu Deus!* Para piorar, me entrego à curiosidade e à vontade de olhar a sua reação.

— Uau! — ele fala tão animado que quase me faz dar um pulo devido ao susto. — Você é linda! Como pode você não ver isso? — pergunta, suspirando em seguida. — É uma pena.

Uma pena? Antes que possa perguntar o que quer dizer, vejo-o arrancando rapidamente *toda* a sua roupa. Incluindo a cueca. E vejo mais do que já vi de qualquer homem. *Meu Deus! O que é isso? Alguém está animado.* Minha boca abre ligeiramente e meus olhos se abrem muito mais.

Finalmente me dou conta do que estou fazendo e tento tampar meus olhos de todos os jeitos, deixando meus seios livres. Fico completamente sem graça e escuto a risada travessa do Luke enquanto não consigo decidir o que tampar, se os olhos ou os seios.

— Acho que a cueca não precisa trocar, né?

Paro tudo que estou fazendo e o olho, indignada, tentando não descer o olhar. *Esse cara está tirando uma com a minha cara? Definitivamente está!* Bufo, ficando brava, e deixo-o para lá, irritada, mandando para o inferno a

minha timidez. Pego meu vestido que está na mala, dando-lhe uma boa visão do meu traseiro.

Luke, seu idiota! Fique pelado, de roupa, o que você quiser. Tirando sarro de mim? Quem pensa que é? Só por ser bonitinho? Paro meus xingamentos, não, digo... Vestido! É melhor vesti... Ou não... Droga, Luke! Está me deixando confusa!

Viro-me após vestir o vestido, dando de cara com um Luke super bem arrumado, roubando todo meu fôlego. Ele usa um terno feito sob medida, camisa da mesma cor do terno, com apenas a gravata e o lenço de outra cor. Seu cabelo penteado para o lado, brinco em sua orelha e seu sorriso, que agora está completamente cafajeste. Ele está parecido com um gângster lindo e charmoso. Enquanto eu estou quase babando em cima dele, escuto a sua risada divertida. *Opa! Não, baba, volta aqui. Queixo também pode voltando para o lugar!* Estou brava, lembra? Estou brava! Isso. Bra-va! O descarado sabe o impacto que causa em mim e tento disfarçar.

— Quer que eu dê uma voltinha? Se quiser pode tocar à vontade — diz em um tom sugestivo e com um sorriso de canto. Isso faz o meu coração falhar, minha barriga fazer qualquer coisa. Não sei... Criar borboletas, congelá-las para trazê-las de volta depois, menos estar no seu estado normal.

— Estive enganada por todo esse tempo... Você não vale nada! — Olho para ele, indignada. Luke não me responde, apenas dá uma sonora gargalhada.

Encaro-o e começo a refletir. Tão lindo. Fico me perguntando se tudo ficará bem. Se ele não perderá esse sorriso. Como irá reagir? Afinal minhas irmãs são tão lindas. Uma ponta gigante de ciúmes me invade. Fecho os olhos, tiro um dos meus pequenos brincos e vou em sua direção, surpreendendo-o e calando o seu riso. Fico na ponta dos pés e troco seu brinco pelo meu. *Bom, não é muito, mas é um detalhe meu.* Um gesto pequeno e sutil de posse que me permito ter. Ele sorri com sinceridade, pois essa é a primeira vez que tomo a frente sobre algo assim. Envolvido no clima que ficou entre nós, Luke passa a mão pela minha cintura, puxando-me contra si e mantendo o seu olhar no meu.

— Linda...

— Possessiva? — indago levemente divertida, mas de forma suave e baixa. Sem estragar o clima. Mas claro que nesta casa, com gente até no teto, não teríamos paz por muito tempo. Vozes e sussurros tão "baixos" são ouvidos, mesmo para nós que estamos longe da porta. Olho-o com um sorriso

sem graça.

— Desculpe?

— Tudo bem. Você tem mesmo que terminar de se arrumar. — Ele me solta e caminha até a porta. Assim que a abre, minhas irmãs quase caem. Quando o olham, parecem se deliciar, admirando-o descaradamente de cima a baixo.

Jasmim, a segunda mais velha, morde o lábio e olha para ele com clara apreciação. Olívia, a terceira, se abana, fingindo desmaiar emitindo um “uh lá lá”. Cristiana me olha com sua cara de aprovação enquanto faz beicinho e me dá um joinha. Giovanna murmura um "nossa, que calor”, abre a blusa e mostra seu decote. Segundo ela, isso é charme. Enquanto Luna, a única que presta, parece constrangida em ser pega espionando.

Luke levanta as sobrancelhas e me olha em um misto de surpresa e divertimento, mas sempre com um largo sorriso na face. Então respondo sua pergunta silenciosa.

— Essas pessoas são as minhas irmãs mais novas.

Elas me interrompem, finalmente parando de flertar.

— Ah! Nina arrumou um gângster! Me fala o endereço! Quero um desse também! — Essa falando? É a Cristiana.

— Não, bando taradas. Ele não é um gângster — falo séria e pausadamente. *Não que isso as abalasse. Irmãs? Demônias, isso sim!*

— Ah, Nina! Parece viu! — diz Olívia, girando em torno de Luke como uma abelha.

— Se ele fosse um gângster, eu saberia. Ele é meu chefe — respondo cética enquanto procuro os meus saltos.

Que saudade da minha casa! Sem as piadas dos familiares e sem essas abelhas ao meu redor. Só que, neste momento, estão rodeando Luke mesmo. Ah, claro. Ele é mais atraente do que eu.

— Está se trocando na frente do chefe bonitão? Que evolução, irmãzona!

— Ah meu Deus! Um Christian Grey loiro! Já quero! Tem irmão? — fala Giovanna e as outras acompanham com gritinhos.

Meu Deus. Matteo, por favor, corra para as montanhas.

Jasmim se aproxima e passa o braço no meu pescoço.

— Me diga, irmãzona — diz com seu sorriso carregado de especulações. — Ele tem um quarto da dor?

— Não sei. Na verdade, nunca fui a casa dele. Espero que não —

concluo, tentando me afastar dela.

— Na realidade, tenho sim — intervém Luke, ainda parado na porta. Todos os olhares se voltam para ele, deixando-me chocada com a revelação.

Luke, não sabia que você era desses!

— Luke...

— O que foi? Eu disse que tenho um quarto da dor, mas não sei se o que encontrará lá é o que imagina... — responde todo cínico e enigmático. Ele começa a rir e sai do quarto, fechando a porta atrás de si. O olhar delas se volta para mim lentamente. Divertidas, diabólicas e pervertidas.

Olha no que me meteu, Luke!



COM UMA FAMÍLIA DESSAS, QUEM PRECISA DE INIMIGOS?

Fecho os meus olhos, sentindo o meu corpo pesar sob o olhar delas. *Irmãs... Para quê tê-las?* Sempre me senti feia perto delas, porque todos os rapazes sempre tinham olhos para elas. Na adolescência, me perguntava o que havia de errado comigo. Eu me questionava se não era chata demais, pois minhas irmãs sempre foram loucas e nunca estavam sozinhas. Somos seis, mas ao contrário de mim, elas sempre foram espontâneas, loucas, animadas e queridas por todos. Mesmo quando estavam erradas. Agora cá estou eu sob o olhar delas, e ainda que não seja crítico, me sinto motivo de piada.

Elas me olham com um sorriso de canto e, todas juntas, vêm para cima de mim, dando-me apenas tempo de gritar e tentar me defender. *Coisa que não deu muito certo, aliás.* Minhas irmãs me abraçam, me apertam e nós caímos, fazendo com que eu me machuque. Amanhã, provavelmente terei marcas roxas para comprovar o afeto exagerado. Mas, mesmo que gostem de implicar comigo, ainda que de forma conturbada e me esmagando neste momento, sei que elas me amam. Embora não possa dizer o mesmo. *Brincadeira. Claro que eu as amo, só... É difícil suportá-las*.

Mesmo em meio ao que seria um lindo momento familiar, elas fazem diversas piadas e comentários libidinosos. Claro que não esperava nada diferente. Assim como o fato de elas terem reparado na "animação" do Luke quando abriu a porta. Mas tudo isso é o que nos faz diferente. Esse é o principal motivo porque eu sou introvertida. É pelo exagero das pessoas ao meu redor que eu passo vergonha. Porém não consigo ser que nem elas, nem sequer para me vingar.

Poucos minutos depois, as minhas "abelhas" não tão favoritas saem

do quarto como um furacão. Luna, a mais fofa entre elas, fica me olhando silenciosamente e sorrio sem querer. Seu rosto ainda tem um ar infantil, com sardas e olhos verdes significativos.

— Hey, irmãzinha. Vai casar e está aqui perdendo tempo com sua irmã chata e solteirona? — falo com humor, sentando-me ao seu lado.

— Você sempre foi a minha melhor irmã, Nina — ela diz de supetão, surpreendendo-me, e então começa a rir da minha expressão de choque. Sua risada é baixa e cada movimento é ponderado. Luna sempre teve esse ar delicado e naturalmente elegante, completamente diferente das outras. Uma prova de que ainda existe salvação para essa família.

— Em comparação com as outras. Não sei se fico feliz ou triste por você. — Dou risada, me aproximo dela e a envolvo em um caloroso abraço. — Luna, espero que seja muito feliz neste casamento, minha pequena. Eu te amo, viu? Fico longe por motivos óbvios, mas pode contar comigo. Desde que não dedure meu endereço para as outras, senão vou te deserdar.

Ela me abraça de volta e a sinto tremer enquanto ri.

— Saudade da sua positividade e do seu humor. Também espero que seja feliz, irmãzona. Você merece mais do que qualquer uma de nós — diz ela, emocionando-se e me fazendo ficar emocionada junto. *Golpe baixo. Sou sensível!*

Antes do Luke, essa era a minha vida. Até mesmo antes da Diana. Minhas irmãs, minha mãe e o meu pai sempre foram as únicas pessoas a se preocuparem comigo, mas também a terem expectativas sobre mim. Mas digo uma coisa: se você pensar em ter qualquer expectativa, não a coloque em outra pessoa!

Pouco tempo depois, Luna sai para se vestir para a cerimônia. Do jeito que eu a conheço, ela vai se arrumar da maneira mais simples e bonita, assim como seu coração e personalidade. Suavemente lindo. Quando minha irmã cruza a porta, parece se surpreender, mas o susto logo passa. Ela me olha de canto de olho e dá um sorriso capcioso. Aproximo-me mais da porta, curiosa para ver o motivo da sua expressão de surpresa, e quase dou de cara com alguém. A pessoa me empurra de volta para o quarto e eu fico sem entender. Até que vejo Luke.

Ele entra no quarto em um movimento rápido e em passos firmes conforme me empurra, jogando-me em direção à parede. O movimento brusco me faz bater as costas e a cabeça ali. Só vejo Luke fechando a porta com o pé, ficando assustada e acuada sob seu olhar felino e predador. Ele me

imprensa na parede, sem deixar espaço entre nossos corpos, apoiando sua perna direita entre as minhas.

Por essa não ser uma atitude normal dele, fico cada vez mais temerosa. Será que aconteceu algo?

— O que foi, Luke? — pergunto preocupada. — Aconteceu algo?

Levo a mão até sua face, procurando algo em sua expressão que me responda.

— Boba... — diz em um murmúrio baixo, deixando escapar uma risada rouca e sensual que me causa um forte arrepio pelo corpo.

Luke apoia seu peso, colocando suas mãos e braços ao lado da minha cabeça. Ele é vários centímetros mais alto do que eu, fazendo-me olhar para cima e me perder no seu olhar. Consigo sentir sua respiração quente contra meu rosto e meu olhar recai sobre sua boca. Seu corpo grande e forte faz com que eu me sinta ainda mais frágil. Sinto-me consciente da sua sensualidade, e meu rosto cora violentamente devido à consciência da situação. E o meu coração? Ah, meu coração... Não sabe mais que rumo seguir em sua batida, e falha consideravelmente, assim como minha respiração.

— Ninguém vai me impedir. Não agora... — Ele dá uma breve risada, mas não é de deboche. Desta vez, é como se não pudesse conter a alegria dentro de si. A personalidade dele é linda e sincera. Inebriante. Por Luke ser tudo isso, e muito mais, que me apaixonei por ele. Como poderia ser diferente?

Ele se abaixa sem se segurar por mais um segundo sequer. Seus lábios quentes e macios vêm de encontro aos meus. Seu beijo é lento, mas sedento, faz meu corpo se arrepiar por inteiro e provoca aquela vontade de me perder em sensações, com a ânsia de nunca mais parar. É como se mais nada fosse importante o suficiente para ter a minha atenção. Agora é somente a sua boca e sua língua quente contra a minha. O calor que emana de seu corpo, assim como sua ereção nada sutil, me faz estremecer a cada movimento involuntário na entrega da paixão.

Sem muita resistência para essa lenta tortura, fico na ponta dos pés enquanto levanto as minhas mãos e enfio meus dedos por entre os fios sedosos dos seus cabelos loiros. Puxo-o ainda mais para mim, aprofundando o beijo. Por quase um segundo, parece ser pior para mim, pois minhas pernas amolecem. Meu corpo se perde em uma onda de prazer que me toma, fazendo-me gemer contra a sua boca.

Como se essa fosse a última gota necessária para que ele perca a sua

sanidade, Luke abaixa seus braços da parede, envolvendo-os na minha cintura com força, fazendo-me arfar em surpresa. Permito-me sentir mais da sua excitação pulsante contra o meu quadril e o batimento de nossos corações, sem saber quem se perdeu ou quem se encontrou. Mordo seu lábio com um pouco mais de força do que o necessário, usando deste momento para retomar o ar.

No corredor, vozes animadas nos chamam a atenção, fazendo-nos suspirar de frustração. Encosto minha testa na sua e ambos ficamos ofegantes com um olhar de entendimento. *Não podemos porque a cerimônia já vai começar*.

Ele consegue se recompor mais rápido do que eu e diz que vai me esperar lá embaixo. Concordo com a cabeça e fico corada quando começo a me dar conta do que estávamos fazendo. Como despedida, ele balança ainda mais o meu coração e leva a sua mão até a minha face, acariciando-a como se não pudesse se conter. Luke passa o polegar em meus lábios ainda inchados e me lança um olhar com um brilho satisfeito, que vem acompanhado com o sorriso mais lindo e sem-vergonha que já vi na vida.

Após terminar de me recompor, saio do quarto e não vejo mais ninguém no corredor. *Isso é bom, porque sei que ainda está escrito na minha cara que estava aprontando.* Quando chego ao pé da escada, já pronta para descer, vejo Luke me esperando. Noto que seu olhar se mantém vago enquanto aguarda pacientemente. Há várias pessoas da família olhando para ele e cochichando. Isso sem contar nas minhas primas que tentam flertar com Luke, chamando a sua atenção a distância. *Ciúmes? Admito que sim.* Como se sentisse a minha presença, seu olhar me encontra e seu sorriso surge, causando um golpe certeiro em meu coração. Meu ciúme foi plantar favo por algum tempo.

No penúltimo degrau da escada, ele toma a minha mão, entrelaça nossos dedos e leva até a sua boca, beijando-os na ponta. Consigo ouvir os murmúrios e ver a surpresa ao nosso redor. Afinal, não é todo dia que a solteirona da família arruma um namorado, ainda mais um bom partido como o Luke. O perfeito protótipo de príncipe encantado.

— Acho que as coisas ficaram agitadas — comento baixinho.

— Que bom que tive a ideia de te beijar antes que eles começassem a te chamar — responde divertido, piscando para mim enquanto sinto o rubor invadir todo meu rosto.

Gritinhos me chamam a atenção e vejo minhas irmãs cercadas pelas

minhas primas, parecendo um encontro de inconvenientes/safadas/fofoqueiras/abelhudas de plantão. *Vamos chamá-las de ISFA.* Assim que se dão conta de que as olho, elas me chamam, fazendo gestos com as mãos. O Luke apenas ri e me deixa ir até lá.

— Ah, Nina! É verdade que ele é seu namorado? — pergunta uma das minhas primas assim que me aproximo.

— É sim... — digo, tentando ser educada.

— Bem gostoso ele. Pela roupa parece um gângster! Eu quero! — fala outra, dando um gritinho histérico.

Olho-as com a maior cara de paisagem disponível, mas por dentro me sinto desacreditada. *Não! Sério?* Não sei o que se passa na cabeça dessa "fulana", ou melhor, dessas "fulanas" para falarem essas coisas! Tem gente que acha normal, extrovertido, divertido... Mas para mim? É uma tremenda falta de respeito e de vergonha na cara.

— Sim, ele poderia ser um modelo. Luke é bem bonito mesmo, contudo não é um gângster — falo no meu tom profissional que uso para lidar com essas loucas há anos. Fora a experiência que adquiri com o trabalho de cobrança. A verdade é que dá vontade de sair nos tapas com minhas primas. *Talvez seja influência da Diana*. Mas estamos no casamento da minha irmã.

O som do piano anuncia o início da cerimônia, então dou as costas para elas e vou de encontro ao Luke. Pela primeira vez, ninguém está implicando comigo, acredito que estar ao lado do Luke fez com que todas as fofocas mudem para “nossa, ela conseguiu um cara bonitão. Que inveja”, "oh! Ele tem presença!", "gostei do garoto!”, "own. Ele é tão romântico.". Pergunto-me se Luke não queria isso. Só se permitiu ser visto pelo mínimo de pessoas e instigou quem quer que tivesse na porta do quarto. *Ele fez de propósito!* Olho-o surpresa, enfim entendendo mais uma coisa.

Ele é um manipulador!

O casamento está lindo. Minha irmã está mais linda ainda, e eu mal consigo acreditar. Luna parece a personificação da lua. Sua maquiagem está fraca, uma tiara de flores está em cima de seus cabelos soltos e ela usa vestido leve que parece dançar, modelando-a conforme anda. Seus olhos brilham de felicidade, como duas estrelas, enquanto nos encanta com a sua aparência. Quando os noivos se encontram, a festa parece ganhar mais cor e emoção.

O futuro marido de Luna é moreno, com longos cabelos cacheados e

escuros e olhos da cor da noite. Escuto alguns murmúrios falando que ele é havaiano. Mas, independente de tudo, posso ver a felicidade da minha adorável caçula e do seu noivo. O olhar apaixonado dos dois diz tudo.

Em respeito à cultura dele, após a nossa cerimônia tradicional católica, é a vez da festa no estilo da sua família havaiana. E que família!

A casa está mais que cheia com os "irmãos" do noivo. Como explicar? Todos aqueles nascidos na ilha que ele nasceu são, por tradição, irmãos, familiares. É uma grande família.

A festa é animada e o meu Luke é convidado a participar. Apenas observo, assistindo os homens cochicharem e parecerem bem animados. *O que eles vão aprontar?* Mas decido não me meter e volto a olhar o ambiente. O tempo está perfeito. O perfume das flores no jardim de casa está ideal e dá um toque especial, a música é suave, se não me engano é celta. Sabia que Luna não deixaria esse detalhe passar. Tudo está tão incrível e bem colocado. É como se os deuses abençoassem o casal. *Que assim seja!*

Os homens se reúnem e começam a cantar e dançar uma música tradicional havaiana de uma forma peculiar, gritando, parecendo guerrear. A canção, na verdade, é tanto uma música de guerra como de celebração. *É lindo! É como se todos ali estivessem abençoando o casal, como se brigassem para afastar qualquer coisa de ruim que possa assolar a vida dos dois.*

Luke também está dançando, assim como o meu pai e primos. Eles não dançam tão bem, contudo, surpreendendo a todos, Luke dança com força e vontade sem se atrapalhar ou ficar estranho. *O que esse loirinho entende dos havaianos?* Após terminarem, o noivo e seus "irmãos" olham para Luke e perguntam algumas coisas, e então voltam a festejar, deixando-me sem entender absolutamente nada. Acho que devido à minha expressão, Luke vem caminhando curioso até mim.

— O que foi, minha linda?

— Quem é você, bonitão? — pergunto entre uma risada, admitindo minha curiosidade. — Está escondendo as coisas de mim?

— Você nunca me perguntou nada. Não achei necessário falar — responde relaxado, dando de ombros. — Bom, ao invés de ir para a universidade, pedi aos meus pais para viajar, porque sonhava em conhecer vários lugares no mundo. Um desses lugares foi o Havaí, foi onde aprendi trabalhos manuais, surfar e pescar. Fiquei uns seis meses lá. Pude ir aos lugares que sempre sonhei. Super radicais! — conta animado, com aquele

brilho no olhar. — Mas a festa chegou ao fim, pois dona Silvana me fez sossegar a bunda e me mandou estudar, fazer minha carreira. Essas coisas.

Em seguida, o noivo vem todo animado perguntar em que lugar Luke ficou. Ele responde e o rapaz quase pula de alegria, chamando o de amigo/irmão e o abraçando com força. O marido de Luna explica que mora onde Luke ficou e, depois de pensar um pouco, ele se recorda de ter visto Luke lá.

Os próximos minutos são uma bagunça de abraços, risos e comemorações. Aproveitando a alegria, minhas tias se aproximam me parabenizando pelo belo namorado. Enquanto isso, minhas primas tentam se tornar mais "próximas" de Luke. Sinto o meu rosto corar, mas é de raiva mesmo. Estou cansada pela clara falta de respeito, porque além de chamar a atenção dele, elas não perdem a chance de me diminuírem. E Luke tenta ser educado a todo momento.

Pego a minha prima que está mais próxima dele pelos cabelos e a puxo para trás.

— Eu tenho seu sangue e sou obrigada a te aturar, mas você passou do limite. Paciência tem fim. E a minha durou anos, mas chega, né?

Ela me olha assustada e surpresa, e logo as outras primas entortam a cabeça e saem de mansinho. Bufo, colocando a mão no quadril. *Às vezes temos que ser meio psicóticas, senão o povo não tem jeito. Um absurdo!*

Quando meu olhar volta para o Luke, ele ergue uma das sobrancelhas e tenta mudar o meu humor, perguntando à minha irmã Luna se pode tocar o piano. Ela concorda enquanto também me olha torto, mas sorri satisfeita em seguida. Vejo Luke caminhando até o velho piano do vovô, e, para minha total surpresa, ele toca e canta a música *I love you, baby*, música tema do filme *10 coisas que odeio em você*, meu favorito. Ele aponta para mim, descarado e animado, enquanto canta.

Eu? No mesmo momento, olho para o lado fingindo que não é comigo, mas não consigo evitar e volto a encará-lo sorrindo. Todos riem com a minha reação, entretanto já não me importo. Só me sinto feliz. Posso parecer boba, mas acho que é só porque... Estou completamente apaixonada pelo Luke.

A música termina e ele fica sério subitamente, pegando o microfone e o retirando do apoio enquanto se levanta.

— Primeiramente, prosperidade nessa união. Saúde e muito amor aos noivos. Que os deuses os banhem com bênçãos.

Minha irmã se emociona e o seu marido a abraça. Luke sorri e continua.

— Hoje vim conhecer a família da incrível Nina. Ela é minha namorada, então não deem em cima dessa linda moça, pois ela já é minha. — Ele pisca e me faz ter um pequeno infarto junto com uma crise de riso de constrangimento quando alguns olhares se viram para mim. — Mas sério, encontrei mais do que esperava. Fui bem recebido, paquerado também, encontrei amigos antigos e mais que isso, irmãos. Mas uma coisa preciso realmente revelar, não sou um gângster. Desculpa desiludi-las, meninas. — As meninas gritam e eu estreito os olhos para ele. Luke apenas dá de ombros e cai na risada. — E eu também já encontrei a minha pessoa especial. Espero um dia ser com ela um casal tão bonito quanto esse que tive o prazer de presenciar a união. Felicidade ao casal.

Ele desce do palco, recebendo aplausos, cumprimenta os noivos e tudo que consigo pensar é: *Luke poderia ser mais perfeito?* Caminha satisfeito em minha direção como se tivesse o mundo nas mãos. Luke nunca precisou se afirmar, mas essa confiança sempre esteve lá. Há muitas pessoas na festa e ninguém brilha mais para mim. Será que em algum momento na minha vida ele deixará de ser a minha estrela? Se perdê-lo será que vou conseguir sobreviver? Se chegarmos à velhice... Por favor, espero morrer primeiro. *Sei que é egoísmo, mas quem não é?*

Ele se senta na cadeira ao meu lado, olhando-me com expectativa. Tento mostrar uma cara de pouco caso, fazendo beicinho e olhando para o outro lado. Só para contrariá-lo.

— Então, o que achou? — pergunta ele.

— Hum... Deixa eu pensar. Foi legal — digo com um tom de pouco caso. Olho-o de canto e vejo que me encara com seus olhos estreitos. Coloco minhas mãos em sua face. — OK, querido. Foi incrível! Eu não sabia que tocava piano, filhinho de papai metido.

— Hey, menina! — fala, beliscando-me de leve. — Tem que ter mais coisa aí nessa fala.

— Ai! — digo já me rendendo ao riso. — OK, você fez um discurso lindo. Gostei de ver você falando com tanto orgulho que é meu namorado. E tudo mais sobre eu ser uma pessoa especial — admito sincera com o meu rosto um pouco vermelho. — E a dança foi bem legal também, e surpreendente!

— Você conhece aquela dança? — pergunta ele, duvidando de mim.

— Não é porque sou virgem aos trinta que não tenho cultura, OK? Haka é uma dança da cultura Maori. É usada como um grito de guerra para intimidar o inimigo, mas também é uma dança de boas-vindas para convidados especiais e em celebrações. No caso, o casamento para a cultura deles é algo emocionante, mesmo que para os outros pareça somente pessoas gritando e fazendo careta — respondo séria.

— Juro que quase vi uns óculos na sua cara, professora — provoca ele divertido.

— Oh, Luke... Olha aqui, meu rapaz! Eu vou bater em você! — respondo brava, beliscando-o.

— Não vai. Já me beliscou. Além disso, você não teria coragem. — Ele apoia o braço nas costas da minha cadeira, aproximando-se perigosamente com seu rosto lindo e um sorriso safado. Sinto meu rosto corar e minha mente dá uma leve tela azul de falha. — O que você ia fazer mesmo, Nina? — questiona baixinho. Quase posso sentir a sua respiração e o seu calor contra minha boca.

Minha mente só consegue focar nele. Se me perguntarem que cor é o céu, direi que é lilás. Ele percebe o quão "enfeitiçada" estou e me dá um leve selinho com uma mordida no fim. Afasta seu rosto do meu, tirando-me do meu devaneio. Só aí que consigo voltar para a realidade, lembrando o porquê de querer bater nele, mas agora tudo que consigo fazer é rir. *Já não importa mais*.

— Você não vale nada!

— Já era. Afinal, agora você é oficialmente minha. — Ele pega a minha mão direita, entrelaçando os nossos dedos. — Só falta a aliança — conclui e levanta a mão para me mostrar.

— Acho que sim, mas não precisamos correr para comprar. — Tento ser justa, ainda mais com tudo que vem acontecendo na velocidade da luz.

— Mas o que você está falando? Espera! — Ele solta a minha mão e começa a vasculhar em seus bolsos até encontrar uma goma de mascar. Luke tira com cuidado do papel laminado e o estica, enrolando com uma expressão séria. Quando o círculo é feito, ele pega de volta o papel e enrola no chiclete. — O impossível é só questão de opinião, *baby*! — Luke pega cuidadosamente a minha mão e coloca a “aliança” no meu dedo anelar.

— É — digo com um sorriso bobo, sentindo uma felicidade que não cabe em mim. — Bem a nossa cara.

— Agora estamos bem? — pergunta com um sorriso que é um reflexo

do meu. Estamos envoltos do nosso próprio tempo e prestes a nos beijar novamente. Por uma infelicidade, escuto os gritos das minhas irmãs me chamando. Droga! Puta que me pariu. *Desculpa, mãe.* Para quê me deu irmãs? *Quero voltar para Pisa*.

— Até estamos bem, mas têm umas ISFA chatas me chamando.

— ISFA? — Ele me olha sem entender.

— Inconvenientes, safadas, fofoqueiras e abelhudas. Minhas irmãs, caso prefira chamar assim. As próprias fundadoras.

Luke começa a rir e seguro sua face.

— Vou tentar voltar logo, OK? — Dou-lhe um carinhoso beijo.

— Sentirei saudades... — Ele me olha com a expressão mais fofa do mundo que me faz derreter por dentro.

— Já estou sentindo, mas me deixa ir logo lá. — Suspiro sem me sentir preparada para elas. Vejo-as dando risadinhas e mal me aproximo quando elas correm animadas até mim.

— Ele é bom de cama? Parece ser muito bom! É dotado de *moral*? — Todas as cinco falam juntas, e me pergunto se alguma vez na vida elas entenderam o significado da palavra *sutileza.*

— Vou deixar algo claro. Não fizemos nada *ainda*, suas taradas! — Olho para elas, indignada com o nível de safadeza que chegaram. Quanto tempo tem que saí de casa? Elas não mudaram nem um pouquinho? E ainda dizem que com a idade vem a maturidade.

— Como assim? — Olívia pergunta incrédula como se eu tivesse a ofendido da pior forma possível.

— Que barbaridade! — Jasmim fica chocada, levando a mão até a boca de forma dramática.

— É como ter um carro novo de alta velocidade e potência, mas nunca acelerar! — exclama Cristiana para Giovanna, que está pálida agora.

Neste momento, eu não existo. Elas não fazem nem questão de lembrar que estou presente. Para que me chamaram aqui, então?

— Que vergonha, irmã... — diz Giovanna.

Até mesmo Luna, que deveria estar recebendo seus convidados, está ali, surpresa com o fato do meu "lacre" ainda estar intacto. *Fica me desiludindo, menina.*

— Ah, caladas! Vocês não sabem da metade do que aconteceu. Só sabem falar e falar, ainda me tratam como se eu não estivesse presente! Sou a mais velha aqui. Cuidei e resolvi suas porcarias para hoje ter que ficar

ouvindo os julgamentos de vocês! — digo impaciente com a falação descabida do que não é da conta delas.

— Vai dizer que não tiveram oportunidade? — Jasmim estreita os olhos para mim. Se ela ignorou o meu piti? *Sim, completamente.*

— Você nunca mudou de marcha... — comenta, gesticulando, e sinto meu rosto corar. — Que vergonha! Olha aquele homem! — conclui Giovanna, desiludida.

— Sim, nós tivemos tantas oportunidades. No meio da nossa confusão aconteceram tantas coisas, mas nada que diz respeito a vocês. E ele salvou a minha vida! Além de que ele é *meu* namorado, é tudo o que vocês devem saber. Eu poderia ter morrido, mas vocês só sabem falar que sou virgem, pelo amor de Deus! Tenham um pouco de respeito, por favor.

Um silêncio recai enquanto ainda estou bufando de raiva. Contudo, como nesta casa tudo é uma merda, Cristiana apenas me olha cética.

— Todo casal tem uma história, mas eu me nego a ter uma irmã lerda assim! Eu te deserdo!

— Francamente, ainda me perguntam o porquê de eu ter ido morar sozinha. Deixe-me esclarecer algo... Eu sou maior de idade. Não vivo as custas de nenhuma de vocês e não lhes devo satisfação. Me deserdar? Só minha mãe pode fazer isso, e mesmo se fizesse, não iria mudar em nada na minha rotina. Segundo fator, vocês dão em cima do meu namorado e ainda querem me julgar e me olhar com descrença? Ah, vão se catar!

— Olha, ela sabe falar palavrão! — diz a segunda mais velha, parecendo feliz. — Isso é que é evolução, mas prefiro catar ele. Se você não transou, provavelmente o beijo que vimos foi o primeiro. E mesmo que não tenha sido, qualquer um beija.

— Meu Deus, vocês não escutam nada do que eu falo? — *Estou quase me descabelando para quê? Para elas parecerem felizes?* Minhas irmãs me olham e saem sem dizer mais nenhuma palavra, apenas rindo e me deixando ali indignada. Sigo-as com o olhar, mas não tenho muito tempo para pensar, pois dona Kiara se aproxima.

— Muito bem, menina — comenta sem dizer um "oi" sequer.

— Oi, mãe. Como está a senhora? Bem? Que bom, também estou bem. Agora que nos cumprimentamos, eu posso saber o porquê do elogio? Por manter sua expectativa de me formar, trabalhar, não depender de homem para viver, por ser a única da família que fez pós-graduação? Ou talvez por eu ter minha própria casa, ainda que no percurso tenha custado minhas

experiências pessoais? — digo com um pouco de rancor. *Ao sair de casa tivemos uma discussão familiar.* Mas como não teria? Empenho-me e não recebo nenhuma parabenização. Para as outras? Tinha até festa!

— Você está bem boca dura. Se esqueceu de com quem está falando? Você sempre foi responsável. Sempre tive orgulho e expectativas em você, mais do que nas suas irmãs, como tanto reclama — diz calma, olhando adiante. — Mas vim elogiar porque arrumou um rapaz muito bonito e que parece gostar mesmo de você.

— Sim. Parece sim — respondo um pouco menos na defensiva. *Minha mãe e eu sempre fomos muito parecidas em alguns aspectos*. — Bom para mim, não é?

— É? Mas tem aquele negócio... Mamãe pergunta, filhinha responde. — Sinto que vai começar a feder, então respiro fundo e continuo.

— Talvez. E quem consegue fugir das suas perguntas, mãe?

— Pois é. Ainda bem que sabe. Quando vão casar? — Minha respiração para e lentamente meu olhar recai sobre minha mãe. *Oi?*

— Casar? Mãe, nós acabamos de começar a namorar! — falo indignada. Mas o pior está por vir, porque estamos perto o suficiente de Luke para que ele possa nos ouvir. Vejo-o de relance e noto que fica com as costas retas demais, aparentemente suando de nervosismo. *Como posso culpá-lo? Minha família é louca! Empurrando a filha ex-solteirona para um casamento assim?*

Sinto-me sinceramente envergonhada, porque eu fui tão bem recebida, tão bem acolhida pela sua família. Para piorar ainda mais, vejo o meu pai se sentar ao lado de Luke. *Droga de vida.* Sinto uma repentina vontade de chorar e abro bem os meus olhos, olhando para o céu, tentando evitar o choro. Escuto pouco, mas consigo ouvir.

— E aí, garoto. Faz algum esporte?

— Faço sim, senhor. Levantamento de copo — fala Luke com uma naturalidade que surpreende o meu pai, mas não somente a ele, a mim também!

O que Luke pensa que está fazendo?

Dona Kiara chama a minha atenção e me volto para ela.

— Então, me diga... O que se passa?

— Mãe, só têm meses que o conheço. Ele era um bom amigo, aliás, ainda é. — Ela me olha, não deixando transparecer nada do que está pensando ou achando disso. — Atualmente, ele virou o meu chefe. E meu

namorado.

— Não tem nem um ano? — ela pergunta pausadamente.

— Não — admito.

— E o trouxe para conhecer o "útero" da sua família? — questiona indignada e em seguida revira os olhos, negando em seguida.

Ela e esse negócio de útero familiar.

— Bom, eu conheci o "útero" da família dele já tem um tempinho.

— Eles foram bons com você? — indaga sem qualquer sinal de humor no rosto.

— Muito bem. Ao ponto de ser chamada de "filha" e tratada como tal. — Cutucando a onça com vara curta? *Jamais! Estou pisando no rabo dela mesmo.* — São pessoas incríveis, assim como ele — admito, contendo a minha vontade de falar "ao ponto de querer Sil como minha mãe.".

— Então agora é a hora de falar com o loirinho.

Agora fedeu de vez!

Em passos largos, a mulher de um metro e sessenta se senta de frente ao Luke e ao lado de seu marido, deixando um lugarzinho para mim, exatamente ao lado do torturado da vez. Meu pobrezinho namorado. Quando me sento à mesa, minha mãe bate ali e eu fecho os meus olhos e começo a contar até dez. *Calma, Nina. Sabe que sua mãe é metida a mafiosa.*

— Então, garoto. Quais são suas intenções com a minha filha?

— Ah, sei lá... Noites felizes com direito a café da manhã? — responde ele sereno.

A naturalidade dele em dizer algo assim não choca apenas a mim, que já estou acostumada com seu humor, mas meus pais ficam pálidos. Não sei se me espanto ou dou risada. Ainda mais com a expressão de raiva no rosto da minha mãe. Eles nunca entenderiam o humor ou uma piada sequer do Luke. *Mesmo que tenha um fundo de verdade.*

— Luke, você está procurando um novo modo de morrer? — pergunto incrédula, segurando o riso.

— Você vem a minha casa e diz que só quer dormir com a minha menina? — Ela bate novamente na mesa.

— Na verdade, não mude a história. Primeiramente, estamos em um relacionamento sério. Deixei isso claro para todos não tem nem dez minutos. Outra coisa, desde que chegamos aqui, até me verem, a senhora deixou sua filha ser inferiorizada. E acha que é certo uma mulher de trinta anos não ter tido relacionamentos como uma pessoa normal? Porém, tirando esse

inconveniente e triste fato, quis testar algo que ninguém nunca falou antes. E achei bem interessante!

As palavras de Luke atingem minha mãe, atingem a mim diretamente, pois ele está certo. Mamãe é inconveniente. Mas também tem mais uma coisa que me abala profundamente... Mesmo neste momento, mesmo contra a minha mãe, ele está me defendendo. Minha vontade de chorar cresce, mas tento colocar humor no lugar para burlar minhas emoções.

— Luke, você se superou agora! Essa é a nova modalidade de como morrer — digo divertida, dando risada. Ele me olha atento e sorri de forma gentil.

— Ah, meu amor. Sou garoto *fitness*. Faz parte correr. E sou bom em corrida. — Ele faz um carinho na minha bochecha, mas meu cérebro travou no "amor".

Oi? Amor? Amor... Isso é legal! Amor. Hum... Soa bem... Espera. Foco, Nina!

— Sou bom em atirar — fala meu pai, quebrando o silêncio. Ele está um pouco mais carrancudo do que o normal, mas algo me diz que não odeia o Luke. Ou teria avançado nele na porrada.

— Então, vamos ver quem tem mais sorte? — rebate Luke, animado com uma possível disputa.

— Luke... Sorte não é teu forte. — Coloco a mão em seu ombro. — Pai, para com isso. Vocês dois. Não é hora disso. E mãe, você está sendo ridícula.

— Estamos protegendo você, filha ingrata! — exclama minha mãe. E do nada ela começa a chorar. *Viu como somos parecidas?* Só não chorei, mas ela está aí se descabelando. — Suas irmãs com fogo nas perseguidas não se ponderaram! Estão solteiras. São casos perdidos. Menos Luna, óbvio... Você sempre foi a única que parecia que seria alguém. Estávamos tentando manter você, já que é a única que todos temos expectativa e orgulho!

— Besteira... — falo séria e irritada, surpreendendo-os. Luke talvez não, pois já viu algo semelhante apenas hoje. — Vocês estão enganados. Sempre fui alguém, só vocês que nunca viram. Não quero que tenham expectativas em mim, pois foi isso que me fez ser assim. Sempre querendo ser digna desse tal orgulho. Hoje vocês têm? Agora? Sou feliz, mas porque conheci o Luke. Antes não. E se querem saber... Nessa conversa só ouvi frases ridículas. Se fosse para ser uma piranha, eu teria sido, com ou sem esse interrogatório. O único me defendendo foi o Luke.

— Mas ele... — Interrompo-a.

— Cale-se. Ainda não terminei de falar. Você já pensou em falar para suas irmãs pararem de implicar comigo porque realizei todos os seus sonhos e expectativas?

Minha mãe empalidece e abaixa a cabeça.

— Nisso você está certa. Desculpa. Mas ele pensa que você é o quê? Uma prostituta? Ele não tem respeito pelos seus pais, nem pela casa onde nasceu!

— Você está pedindo respeito dele? Pensou em ensinar isso para as suas filhas inconvenientes também?

— Se é sobre mim, posso falar também? Afinal, estou presente. Sobre minhas palavras, eu apenas respondi respostas idiotas para perguntas idiotas. — Ele respira fundo, se levanta e bate na mesa. — Vocês querem saber o quão sério estou? Por que nada que fiz foi o suficiente, certo? Querem saber? Não tenho nada mais a dizer.

Irritado, ele vira as costas e vai embora sem olhar para trás. Escuto o som do carro enquanto sinto lágrimas quentes banharem minha face.



PERDENDO AS CORES QUE ELE ME DEU

Minha mente está em branco e parece que meus pés já não têm mais chão para se apoiar. Ele foi embora. Quem sou eu para culpá-lo? Luke foi rápido e nem sequer tive a chance de gritar para que ficasse. *Que direito tinha de fazer isso?* Minha família é louca, eu cresci nela e mal sei lidar, imagine ele que veio de um "mundo" diferente do meu. Sua realidade, sua criação, sua liberdade são diferentes da minha. E se não fosse por ele, nunca teria visto este mundo cinzento com outros olhos, com tantas cores e risos.

Meu olhar recai sobre a minha mãe e deve estar assustador, pois a vejo ficar pálida no mesmo instante. Levanto-me da cadeira e Luna vem ao meu socorro, segurando minha mão em uma interrogação silenciosa. Minhas irmãs me cercam, dando-me consolo e uma proteção visual do resto da família. Elas não dizem nada, e assim como eu, somente olham para a nossa mãe, condenando-a. Nosso pai fica em silêncio, colocando a mão na cabeça. *Não tem mais nada a dizer? É, pois acho que eu tenho.*

— Cadê as suas palavras? — indago minha mãe com um tom baixo, com um misto de raiva, mágoa e dor. — Cadê sua boca dura e nervosa que cuida tanto da minha vida? O que tem a dizer por mandar embora o único cara que um dia me viu, me valorizou e me defendeu? Ele deixou de se preocupar consigo mesmo! Você, que acha que sabe o que é melhor para minha vida, saiba que aquele homem salvou minha vida. — A mulher empalidece. — Não, não estou dizendo de forma romântica.

Em um ataque de fúria, puxo com força o meu vestido até que rasgue, revelando o meu corpo parcialmente nu ainda com as cicatrizes. Pego um guardanapo e limpo a maquiagem do meu rosto, revelando os hematomas que

estão mais claros, mas ainda estão aqui.

Minha mãe me olha espantada e coloca as mãos no rosto, fazendo menção de vir até mim, mas dou um passo para trás.

— Olha este corpo! Olha bem! O dele... — digo, apontando para a saída. — Está pior! E vocês o viram fazer uma careta de dor? Se não fosse por uma maldita sorte que decidiu, milagrosamente, aparecer somente naquele momento e com a graça de Deus, ele teria morrido. Você ainda o tratou de maneira tão... *Argh!* Mais que o amor da minha vida, Luke foi meu herói.

— Nina, o que está acontecendo? — pergunta Luna, cobrindo-me com o próprio vestido.

Recordo-me de onde estou e a olho, sentindo minhas lágrimas querendo cair.

— Desculpa, Luna. É o seu casamento... — Desvencilho-me dela, mas antes lhe dou um beijo na testa. — Me desculpe.

Sem me preocupar com os olhares, vou para dentro de casa. Minhas irmãs me perseguem em silêncio por todo o percurso. A festa continua para alguns. Apesar de todo o clima tenso, ninguém gritou. Nós nos alteramos, mas não foi tanto assim, no máximo, as pessoas estão se perguntando o porquê das batidas na mesa e por qual motivo fui escoltada por minhas irmãs. Para quem estava mais longe, provavelmente o som se perdeu entre a música alta. Já quem estava perto, pôde ver parcialmente o que aconteceu.

Quero meu quarto, minha cama e o Luke... *Mas ele foi embora sem sequer olhar para trás.* Estou cansada, então apenas vou para cama. Minhas irmãs me obrigaram a tomar banho e a vestir uma camisa pelo menos. Deito-me e choro como uma criança, soluçando de raiva e de dor. Têm tantos sentimentos dentro de mim que meu coração parece querer explodir. Quero gritar enquanto minhas irmãs ficam ali em silêncio apenas servindo como apoio.

Minha mãe, que não sei nem quando chegou, está quieta sentada no chão ao lado da porta e carrega uma expressão de dor. Olho para ela, mas a mágoa é tamanha que apenas viro para o lado da janela, dando-lhe as costas. Mas até eu me surpreendo quando começo a falar.

— Você deve estar se perguntando o que aconteceu comigo. A eterna boa filha... Sabe, só cansei... — Escuto os suspiros pesados das minhas irmãs enquanto falo com uma voz carregada de emoções. — Cansei de cada peso das suas expectativas, mãe. Cansei de ser a tal da "boa filha" que obedecia a

cada desejo. Um dia era apenas eu, a menina Nina, a única filha de Kiara, silenciosa e boazinha, sempre com sua boneca de pano favorita. Então veio Jasmim, um bebê que precisava de mais atenção, mas ao invés de ficar feliz com uma irmã para podermos brincar juntas, o que passei a escutar foi “seja uma boa menina e cuide da sua irmãzinha.”. Com todo meu discernimento da época, eu entendi. O que uma criança entende sobre um propósito de vida? Mas abdiquei da minha amada boneca para correr atrás de Jasmim. Ela era como um gato que amava se pendurar nas cortinas. Era perigoso, não era? E era eu que tinha que tirá-la dali!

Jasmim começa a rir baixo.

— Olívia, Cristiana, Giovanna... Tive tanto trabalho. Menos com a doce Luna. Ela foi a luz de salvação para essa família louca. Lembro-me de alguém se pendurando nas janelas, outra correndo atrás de pássaros. E ainda teve a adolescência, com rebeldia no telhado de casa, escapadas que encobri, todas às vezes que tive que procurar vocês até nas árvores nos seus momentos de pirraça. Esconde-esconde? Tinha criança no sótão, debaixo do carro e na casa do cachorro. Se eu tive paz? Só quando Luna nasceu. Já que o resto só estava pensando na rua. Mas isso não era tudo, era? "*Nina! Estude!", "Nina, seja alguém!”, “Nina, você tem que ser melhor do que a mamãe!”, “Nina, mamãe casou aos dezesseis anos, não faça isso!”, “Nina, faça faculdade!”, “meninos? Estarão sempre lá, mas agora são apenas um incômodo.”, “a Nina não precisa de maquiagem nem de vestido, pois é a única que será alguém! Vocês vão ver!”*. E eu? Disse amém para tudo isso. Como poderia decepcionar minha mãe? Bom, isso até decidir sair de casa. Sabe, uma hora a ficha cai. Ninguém vive sob tanta pressão e expectativas. Brigamos, não é, mãe? — pergunto, mas sem esperar uma resposta. — Mas pensei que era normal. Afinal, que italiano não briga? Quando fui morar sozinha, continuei sendo o que sabia ser... A boa filha. Mesmo quando já não tinham expectativas sobre mim. Estava cansada de lutar. A maré parecia tão confortável e estava bom o suficiente para mim, até que escutei sobre um bar e resolvi ir, mesmo contra o bom senso da boa filha. Afinal, quando fui irresponsável mesmo?

— Você se tornou humana... — sussurra Olívia.

Lágrimas voltam a rolar pela minha face, abro um sorriso triste e doloroso e continuo dizendo com a voz trêmula e carregada de dor.

— Ser humana? É, acho que é isso. Aprendi com um grande ser humano a ser mais humana. Descobri poder ser feliz sem ser tão séria, evoluir

no trabalho sem ser severa, rir e ir a restaurantes, andar de bicicleta e sorrir com sinceridade. Tudo isso sem o peso do mundo nas costas. Um mundo tão diferente, em que a felicidade estava em tudo, até dentro de um simples abraço. Estava na companhia dele e Luke preencheu os sonhos de um amanhã. E agora vocês o fizeram ir embora.

— Escutei calada, minha filha. Porque me arrependo de muito do que te fiz... — admite minha mãe aos prantos. Ela coloca a mão no rosto e cobre os olhos, parecendo envergonhada. — Mas não fiz nada tão grave assim para que ele te abandonasse. Não. Se o rapaz realmente te amasse, teria ficado.

— Mãe, neste momento, o que você acha ou não, não tem importância para mim. Te amo. Sou sua filha, seu sangue, mas veja aquela porta pela qual entramos. É a mesma que quero que saia.

Acabo me rendendo ao cansaço. Após tanto chorar e falar, fico em silêncio, perdida na dor do meu coração.

— Nina, sei que está doendo aí no seu coraçãozinho — fala Giovanna. Ela nunca soube ser delicada. — Mas, já que estamos em um momento desabafo, vamos resolver tudo. Sabe por que sempre te provocamos tanto? — Ela engole seco, olhando para mim enquanto morde o canto da boca. — É porque te amamos. É estranho, eu sei, mas a mãe só tem expectativa e orgulho quando se trata de você.

— Somente você é a boa filha. Calma, serena e sem maldades — complementa Olívia. — Você brigava sem brigar. A mágoa, aparentemente, não ia para o seu coração.

— Mamãe sempre dizia “seja como a Nina. Ela sim é uma boa filha” e tantos outros elogios mais. Admito que já te odiei sem você merecer — diz Cristiana.

— Todas nós tínhamos o desejo de te desmascarar, de te deixar doida, descabelada e irritada para sabermos se era como nós. Fora que você não admite nada, nem amor, ódio, vontade, se não estiver "irritada" — fala Jasmim.

— Não queríamos exatamente o seu mal — Giovanna fala em um murmúrio. — Não sabíamos que as coisas eram tão ruins e desgastantes para você. Nós tínhamos apenas a nossa visão, pois você nunca caiu ou esbravejou.

— Nos desculpe... — falam todas em coro e, por incrível que pareça, sinto vontade de rir.

— Pensei que morreria e nunca veria isso... — digo, dando uma breve

risada da cara delas. Estendo o braço para minhas irmãs, suspeitando que essa cama irá quebrar a qualquer momento, pois todas vêm até mim e me abraçam. Falta espaço na cama para tanta mulher. Esse amor é estranho, louco e pirado, mas acho que isso é família.

Minha mãe sai silenciosamente do quarto. Ela não irá desabafar, porque esse sempre foi o jeito peculiar dela. Não tenho forças para mim, quanto mais para ajudá-la. Desta vez fico te devendo, mãe, mas hoje vou pensar mais em mim.

Pouco depois, Luna chega com uma cara de "hey, vocês se esqueceram de mim?". Se formos pensar, pelo fato de ela ter sido sempre tão boazinha, Luna foi quem menos teve atenção. Ela, sem intenção, se apagava com a sua calmaria. Agora estamos todas as seis na mesma cama, uma olhando para outra, até que as cinco se voltam para mim com olhares curiosos.

— Vamos, Nina. Nos conte tudo e não esconda nada! Como é em Pisa? Como é seu trabalho? Como são os homens de lá? Nos conte até como conheceu o "bonitão". Não fique para baixo. Mamãe está certa em pelo menos uma coisa. Se ele te ama, aquilo não será o suficiente para que te abandone. Acredita no teu amor. Agora desembucha e começa a falar! — diz Jasmim, tão rápido que me fez rir.

Mesmo que meu coração esteja pesado e que a dor esteja me dilacerando por dentro, será bom recordar o que fez com que eu me apaixonasse pelo homem mais incrível que já conheci.

— Parece uma trágica e dramática história de comédia romântica. A vida de Pisa é tranquila. Tenho bons vizinhos, e sim, lá tem muitos homens bonitos. Eu não me importava com isso. Só que tudo mudou quando ouvi umas garotas que odiava no trabalho falando sobre um bar. Um bom, com homens bonitos, música ao vivo e bom vinho. Eu queria ir e fui, mesmo sem companhia. Claro que estava com medo, receosa, mas fui mesmo assim. E foi onde conheci o cara mais lindo, divertido e perfeito, mas também o mais azarado que poderia imaginar.

Passamos horas rindo e falando dos contratempos, da minha ingenuidade, do azar, da ex de Luke, da nossa viagem, das piranhas do trabalho, sobre tudo. Dormimos apenas quando já era muito tarde. Meu corpo se negou a dormir mais do que poucas horas. Quando acordo o sol ainda está nascendo, me levanto e sento na janela, torcendo para ver o carro de Luke estacionado, mas ele não está lá. Ele não voltou.

— Luke, onde você está? — indago, levando minha mão ao rosto enquanto me permito sentir sua falta.



LUKE

HORAS ANTES...

De verdade? Estou irritado.

Primeiramente, já me senti irritado e intrigado desde o princípio. Eu imaginava familiares implicantes pela reação dela naquela ligação, e quando a vi hoje. Mas tive a certeza, pois enquanto saía pela porta de casa, apesar de linda como sempre, Nina estava desanimada para vir nesse casamento. Claramente agora vejo o porquê! Mas que família. Como podem tratá-la daquela maneira? Ela aí, mantendo-se firme como se fosse tudo tão normal. Não é a toa que foi embora para morar sozinha mesmo sendo tão caseira. Tudo faz tanto sentido agora. Principalmente o motivo do complexo dela que a derruba com tanta facilidade.

Tentei ser positivo, animá-la, não deixar que meus pensamentos irritados a cada provocação transparecerem, mas a forma como falaram com ela desde que pisou na casa me fez reforçar o meu plano. Elas não me veriam até que eu quisesse ser reparado. Eu me arrumei para chocar, as mulheres fazem isso o tempo todo. Se pensar que só elas podem causar esse efeito é porque nunca conheceram alguém que saiba se arrumar de verdade.

Falei pouco, mas o suficiente para causar impacto. Na festa, fiz o meu *show*, acompanhado de Nina como estrela. Somente para calar cada boca daqueles que pensassem em chamá-la de solteirona, mas isso não aconteceu, não é? Porque estava ao seu lado. Fiz um discurso, me declarei, mas, para minha surpresa, nem os pais poderiam ser salvos. Fiquei de saco cheio. E sinceramente? Fodam-se eles! Como a Nina conseguiu se tornar tão sensível e doce em meio a tudo isso?

— Se é sobre mim, posso falar também? Afinal, estou presente. Sobre minhas palavras, eu apenas respondi respostas idiotas para perguntas idiotas. — Respiro fundo, me levanto e bato na mesa. Apenas retribuo o favor, mostrando o que é pressão de verdade. — Vocês querem saber o quão sério estou? Por que nada que fiz foi o suficiente, certo? Querem saber? Não tenho nada mais a dizer.

Saio sem olhar para trás, com raiva e frustrado. Vejo tudo vermelho e quero mais que o mundo se exploda! O que caralho se passa na cabeça dessas pessoas? Eles escutam só o que querem e ignoram todo o resto! Fiz uma declaração no meio do meu discurso e ainda me perguntam o que quero com ela e quais as minhas intenções!

Sério? Vá à merda!

Entro no carro, e quando vou fechar a porta, meu celular cai no chão e a tela trinca. *Ótimo! Perfeito!* Vejo se ainda consigo usá-lo, mas definitivamente estou fodido na vida. Pego a droga do aparelho e coloco no porta-moedas com raiva. Como não conheço a cidade, fico zanzando como um idiota, pois estou tão bravo que não consigo me recordar o caminho pelo qual viemos. Vejo uma placa sinalizando o aeroporto e sigo até lá. Depois mando buscar o carro, ou posso comprar um mapa! Ao chegar ao aeroporto, estaciono sem demora e vou diretamente ao guichê onde tem uma funcionária idosa.

— Uma passagem para Pisa, por favor — digo, jogando meus documentos e cartão no balcão. Ainda estou transtornado, buscando apenas ficar o mais longe possível daquela família.

— Desculpa me intrometer, meu jovem... Você parece irritado. Será que está fazendo a coisa certa? Esta velha mulher aqui pode te escutar. Isso se quiser, claro. — Olho-a com uma expressão de surpresa.

É como se a senhora fosse de um mundo diferente do meu. Ela tem cabelos brancos cortados em *chanel* e possui olhos verdes. Sua calma está refletida em seu olhar, e sua sabedoria e tranquilidade são quase palpáveis, tirando-me dos meus pensamentos raivosos e focando nela. Ganho tempo para pensar na minha atitude, além da dos outros.

O que estou fazendo? Penso, abaixando minha cabeça e a encostando no balcão.

— Tive uma briga, se é que podemos chamar desse jeito, com a família da garota que eu amo. Fiquei muito irritado, sabe? Não sei se volto lá. Se voltar agora, provavelmente vou continuar com essa briga. É tudo tão

errado!

— Menino, é complicado. Vou te dizer uma coisa... Na minha época, as pessoas consertavam o que quebrava, não jogávamos nada fora. — Ela coloca a sua mão levemente gelada, pequena e frágil sobre a minha e sorri, calma. — Além disso, você brigou com a família da moça. Não parece que ela tenha merecido ser deixada para trás, não é?

Neste momento, me lembro do bar e do seu sorriso ao me oferecer uma bebida. Isso só porque tive um péssimo dia. Começo a rir baixinho, lembrando-me da expressão de surpresa dela quando continuei a conversa. A forma como, naquela noite, eu só queria tê-la perto de mim. *Porra, quando roubei seu sabão em pó e sua cara de indignada.* Foi cômico! Ela correndo para os meus braços apavorada com medo do tal fantasma. Penso no quão bem me sinto, dia após dia, ao estar com a Nina. No ciúme. Nunca havia sentido, nunca fui possessivo, mas é impensável vê-la com outro homem, e um prazer inigualável chamá-la de *minha.* Lembro-me do beijo há algumas horas. Da minha irritação quando a deixei para trás. *É agora que a culpa me soca?* É exatamente neste momento! Ah, cara... Eu me tornei possessivo com ela e a protegi, mas agora fui um idiota também? Sério?

— Deixei ela entre os lobos famintos... — murmuro, concluindo meus pensamentos, arrependido.

— Menino, o quanto você pensa nela? — pergunta a velhinha e só consigo rir de ironia.

— Minha senhora, a pergunta certa é quando não penso nela.

Ela me dá uma sonora gargalhada e cutuca minha cabeça com o seu dedo indicador.

— Menino, nem que você vá para o outro lado do mundo conseguirá se livrar dela. Ela está aqui na sua cabeça, muito mais presente do que a sua raiva. — Não consigo deixar de sorrir e ela conclui. — Acredito que não preciso te dizer mais nada.

— Onde tem uma floricultura? — pergunto após uma súbita ideia.

— Aqui tem uma, mas só abrirá mais tarde. Eles abrem às seis.

Somente daqui três horas.

E aqui estou eu, parado no meio do aeroporto com tudo ainda fechado. Para a minha "sorte", olho o relógio em meu pulso e agora são três da madrugada. *O que eu esperava? Ah, cara...* Reviro os olhos e levo a minha mão até minha nuca, deixando-a cair em seguida, suspirando cansado.

Nina... Ela disse que a sorte não é o meu forte e jamais esteve tão

certa. Só de pensar nela, meu coração palpita e parece ferir, tamanha é a dor que sinto. Exagerado? Não, é só o destino que está me olhando e dizendo "hoje não, garoto" enquanto debocha da minha cara. Filho da puta! Minha vontade é mandá-lo ir a... Deixa. Estou enlouquecendo. Não existe outra resposta.

O único som que escuto é o das turbinas dos aviões que chegam e partem. Terei que esperar que tudo abra, e isso só acontecerá quando o céu resolver começar a clarear. Enquanto isso, procuro um banco para encostar as costas e deixar a minha cabeça cair para trás. Minha raiva não está mais a flor da pele e me pergunto o que farei agora. Não posso ficar parado, pois caso contrário irei dormir. Não tenho o que fazer até dar as três horas que faltam, mas vou pelo menos achar a floricultura. Levanto-me e caminho pelo aeroporto, soltando alguns bocejos pelo caminho. Vejo o local ao longe e apresso os passos. *Apesar de que não adiantará de nada, porque ela continuará fechada quando chegar lá.* Ao me dar conta disso, a minha sorte se manifesta novamente. Sinto meus pés irem e o meu corpo ficar para trás. Escorrego em um tapete, batendo as costas e a cabeça em frente à outra loja.

Puta merda! Doeu. Até onde sei, eles usam normalmente esses tapetes dentro da loja, não fora! Olho para o local como se a culpa fosse dele. Dou-me conta de onde estou e tudo parece fazer sentido para mim. Pego o meu celular e ligo para a minha mãe que atende no terceiro toque.

— *Luke?* — atende ela com a voz embargada pelo sono. — *Tem ideia de que horas são? Quase três e meia da madrugada!* — reclama.

— Oi, mãe. Preciso falar com você — explico tudo o que aconteceu, o que planejo e peço que ela não conte para ninguém. A dona Sil é mais que minha mãe, é uma pessoa que realmente conto como amiga. *Apesar de que existe uma possibilidade de ela esquecer tudo que estou falando por causa do sono*.

Quando desligo o celular, me levanto e procuro outro banco para me sentar. O sono me derruba assim que sento, mas acordo duas horas depois com algum cego passando o carrinho em cima do meu pé. Minha bunda dói, meu pé lateja e estou com sono e fome. Pelo menos algo de bom aconteceu, o tempo passou rápido e logo as lojas irão abrir. Funcionários chegam e parecem movimentar mais o aeroporto. Isso significa que logo os donos das lojas chegarão.

Finalmente compro as flores, escolhi rosas brancas, pois mulheres sempre gostam de rosas. Vou novamente para a fila de embarque apenas para

presentear a senhora que trouxe a minha sanidade de volta. Ela cora e solta uma risada, parecendo emocionada.

— Um pequeno agradecimento pelos seus conselhos. Desejo que tenha um excelente dia.

— Ah, menino. Obrigada — fala com lágrimas de emoção nos olhos e com a voz trêmula. — Um bom dia e boa sorte!

O meu tempo no aeroporto agora será pequeno. Passo somente em uma última loja e agora terei que dar um jeito de voltar para a casa da família da Nina. Se dou voltas e mais voltas de novo? Sim! *GPS? Essa merda não me serve para nada!* O dia está clareando e preciso voltar para ela, mas as estradas tinham que ser tão parecidas? Isso não ajuda! Quando chego finalmente na estrada certa, vejo a casa ao longe e acelero o carro.

Entro pelo portão e, com a pressa que estou, deixo o carro ali mesmo. Não quero encontrar ninguém. Tudo é sobre ela e eu. Vou até o lado da casa onde fica seu quarto e subo pela treliça. Checo se está bem presa a parede e, quando tenho a certeza, começo a subir os ramos de flores que me arranham e me sujam conforme subo. Não me lembrava de que as flores eram amarelas, mas isso não importa. O que importa é a Nina.

Abro a janela que está entreaberta, mas com a cortina fechada. Termino de abrir e afasto o tecido com as mãos para poder entrar. No entanto, dou de cara com uma mulher negra e linda, de cabelos cacheados grandes, que caem e cobrem levemente os seios que estão expostos porque ela está nua! Epa, espera aí.

São cinco segundos exatos de choque e surpresa. O tempo passa, e quando vou me desculpar, a mulher começa a gritar e tenta se cobrir, puxando a coberta. Mas ali debaixo está um homem negro, grande, musculoso, forte, nu e puto. *Já disse grande?*

— Eu. Vou. Matar. Você! — diz pausadamente, com uma voz que carrega um grande ódio e sede de sangue.

— Desculpa, errei de casa... — Tento me justificar.

— Não importa. Vou fazer com que você esqueça... — fala ainda raivoso. Engulo em seco, olhando-o meio desesperado. *É, acho que não vai dar para conversar*.

Desço correndo a treliça, mas então escuto um estalo, sentindo o meu sangue gelar nas veias. Um pedaço se quebra, vindo em minha mão. Meus olhos se abrem muito quando o som de um tiro estoura parte da janela. Fico surpreso e isso faz com que eu perca o equilíbrio e caia. Tento suavizar o

impacto – e, com a graça de Deus, consigo –, giro meu corpo, rolando para não quebrar nenhuma parte importante e para diminuir o impacto da queda.

Levanto-me mancando um pouco pela dor da queda, corro em direção ao carro e fujo freneticamente. Entro no veículo, olhando para a casa agora mais iluminada pela luz do dia, e me dou conta de que a parede da casa é azul. A da família da Nina é bege. *Putz. Como fui errar isso?* Mudo a marcha e acelero, saindo dali o mais rápido que posso, e só escuto mais alguns tiros vindo em minha direção. Com sorte – desta vez é sorte mesmo –, o homem não parece ser bom de mira e nenhum tiro chega até mim.

Na minha fuga alucinada do homem negro, grande e... grande, quase passo direto pela casa certa. Corro para abrir o portão e colocar o carro para dentro, escondendo-o entre os outros tantos veículos, e fecho o portão como se nunca tivesse aberto. Neste momento, escuto o som de um carro grande se aproximando em alta velocidade e me escondo, usando a cerca viva do muro como proteção. Ele passa direto e espero mais um pouco para ter certeza de que não vai voltar.

Vejo a janela do quarto de Nina de onde estou. Ela tem uma treliça com flores azuis. *Tenho que começar a ser mais detalhista.* Ando até lá e observo que choveu enquanto estava no aeroporto, pois a grama está úmida. Isso só me deixa ainda mais sujo do que já estava. Mesmo assim, com o corpo dolorido e cansado, continuo. Chego a sua janela e vejo que está completamente fechada. *Droga.*

Coloco a mão ali e aproximo meu rosto, buscando ver algum sinal de Nina. Por sorte, vejo-a ali de costas para a janela. Ela está com a mão no rosto e parece estar chorando. *Quem fez a minha Nina chorar desta vez?* Preocupado, bato ali, chamando a sua atenção.

Assim que me vê, ela parece surpresa e sorri, mas em seguida chora. Tudo junto em um mistura de emoções. Contudo, como não se move, finjo estar perdendo o equilíbrio. Neste momento, ela corre para abrir a janela e tenta me puxar para dentro, mas antes que consiga me segurar, seguro-a pelo seu braço direito e apoio meu corpo contra a janela. Pego em meu bolso a pequena surpresa que tenho para ela. Uma aliança com um pequeno diamante, dentro de um ornamento em formato de uma rosa. Era o lançamento da joalheria em que escorreguei na frente enquanto ia até a floricultura.

Sem muito drama, coloco em seu dedo anelar. Afinal, ali é o seu lugar.

— Obrigado, Nina. Você me salvou de novo... — digo e então sorrio, satisfeito em vê-la. Satisfeito por estar aqui. E, principalmente, por ver as lágrimas no rosto da mulher que amo. Mas desta vez são lágrimas de felicidade.



REENCONTRANDO VOCÊ, A LUZ NO MEIO DA MINHA ESCURIDÃO

Não aguento mais olhar para aquela janela e não vê-lo. Meu coração pesa, dói, se parte, só para se reconstruir e estilhaçar de novo depois. Dou dois bons passos para trás como se me negasse a partir. Estou de frente para a janela, olhando para o vidro suado do sereno, com meu rosto ainda molhado pelas lágrimas e com as mãos tremendo. Viro-me, dando as costas para a janela, tentando me fazer acreditar que não existe mais nada a ser feito. *Ele se foi.*

Olho para as minhas mãos tremendo e para as pernas moles, com um olhar perdido. É como se meu corpo estivesse em estado de abstinência da presença do Luke. Respiro fundo, procurando forças para aguentar a situação. Entretanto, como esperado, não me traz força ou coisa alguma. Cubro meu rosto para voltar a chorar, quando um som vem da janela atrás de mim, surpreendendo-me.

— Luke... — murmuro com a minha voz perdida de descrença e surpresa. Eu estou duvidando se isso não é um jogo ou peça da minha mente.

Ele está completamente sujo e acabado, mas ainda é o meu Luke. Lágrimas de felicidade brotam com facilidade em meus olhos. Ele parece estar cansado e em seguida perde o equilíbrio. Corro em sua direção para tentar salvá-lo e abro a janela, desesperada. Meu coração está doendo de tão forte que bate em meu peito, mas sou surpreendida quando Luke segura meu braço assim que tento puxá-lo.

Sem entender, olho-o surpresa. Logo em seguida, como se nada tivesse acontecido, ele se inclina para frente, ficando pertinho de mim e

tirando, sabe-se lá Deus de onde, uma aliança linda que parece uma rosa delicadamente feita com um diamante no seu centro. Luke a coloca em meu dedo anelar, parecendo enfim satisfeito.

— Obrigado, Nina. Você me salvou de novo — diz cínico, ou não... Não sei sequer o que pensar. Não mais.

É o meu Luke. O meu Luke me deu uma aliança de noivado. Está me pedindo em casamento? Sem uma palavra sequer e ainda com esse sorriso? É como se dissesse que o mundo é seu. Se sou chorona? *Eu não era... Até agora*.

Com a minha mão livre, seguro-o pela camisa e o puxo para mais perto ainda de mim. Tiro o seu sorriso sem-vergonha da sua face com um beijo. Um beijo que começa em um simples roçar de lábios, mas não demora a ficar mais intenso. Neste momento, ele solta o meu braço, levando a mão para a minha nuca e enfia seus dedos entre os meus cabelos, perdendo-se no desejo tanto quanto eu.

Nesse beijo desenfreado e perdido em desespero, um forte arrepio me sobe pela espinha e sinto minhas pernas ameaçarem fraquejar, mas me nego a perder a plenitude do seu toque. Porém, somos forçados a interromper o beijo para respirarmos.

— Se toda vez que eu ficar bravo e sair andando, você me receber de volta dessa maneira, vou fazer isso mais vezes! — diz enquanto encosta sua testa na minha de maneira carinhosa e cúmplice.

Não consigo evitar rir e bater em seu braço. *Luke, idiota!* É o que penso, mas só sei dizer:

— Eu te amo, Luke. Nunca mais faça isso comigo... — murmuro enquanto toco suavemente meus lábios nos seus.

— Nina, você quer ser minha para... — ele murmura de volta contra a minha boca.

Mas, como sempre, somos atrapalhados pelas minhas irmãs. Pergunto-me se quando tiver filhos, eles serão tão "empatas" como essas garotas. Empata beijo, amasso, romance, foda... *Só Deus na causa!*

De qualquer forma, tudo acontece muito rápido. Elas me veem na janela, veem o Luke comigo e começam todas as cinco a pular na cama. Conclusão: pulo um, pulo dois, pulo três e a minha cama vai direto ao chato, com elas e tudo mais que tem direito. Isso faz um grande barulho. Todo mundo da casa acorda, obviamente apavorado, e vem correndo, empurrando a porta entreaberta do meu quarto com um chute forte. Preocupados para saber

o que está acontecendo.

Foi exatamente tudo isso. Creio em Deus Pai! Essa família... O que eu faço com ela?

Seus olhos chegam às minhas irmãs, na cama quebrada, para só aí chegar no Luke e por fim em mim. O quarto fica em um pesado silêncio constrangedor. Por que será que na minha vida tem tantas pausas dramáticas? Destino, você é de câncer? Porque vou te dizer, viu. Meu pai é o primeiro a soltar um "puff" e começar a rir. Como em uma reação em cadeia, todos nós começamos a rir também. *Minha nossa, que situação, meu Deus!*

Ajudo Luke a entrar logo pela janela e o vejo todo arranhado, sujo, descabelado, com folhas na cabeça e o terno de ontem todo rasgado. Meu Deus, um caminhão passou sobre o homem quando eu não estava vendo? Estou feliz por ter voltado, mas isso não vai ficar assim.

— OK, muito engraçado. Quebraram a minha cama, minha porta, e agora meu quarto está uma bagunça! Agora, por favor... Privacidade! Todo mundo saindo! — Todos me olham surpresos com minha mudança drástica, porém, compreensivos, eles vão todos saindo e o Luke vai os seguindo de fininho. Coloco a mão em seu ombro. — Você não, amor.

— Vejo que se recuperou... — diz com um meio sorriso.

— Sim. Sua desordem me fez pensar. Luke Salvatori, onde você arrumou dinheiro para comprar isso? — pergunto enquanto ergo minha mão, mostrando a aliança. — Por onde andou? Para onde você foi? — Aproximo-me dele acusadora e o cheiro. — Você está cheirando a rosas! Está todo sujo, Luke. Você está uma bagunça! Onde caralhos se meteu? Eu pensei que tinha me abandonado! Porra, Luke! Isso não se faz!

Ele abre bem os olhos, assimilando minhas palavras rápidas e morde o canto do lábio, parecendo segurar o riso.

— Tão fofa! Mas eu não comprei só isso... — fala, puxando do outro bolso uma caixinha de camisinhas. E finalmente deixa escapar a sua risada. Tão sem-vergonha! Minha expressão de incrédula só faz com que ele gargalhe mais ainda.

— Por que você trouxe isso? E aquele lance de um ano? — pergunto. — E não muda de assunto não, rapaz!

— Isso foi antes de você ser minha — murmura, apontando para a minha mão.

— Eu não disse "sim"! — retruco, armando o maior bico.

— Ah, então é não? Você não me quer? Talvez eu deva ir embora, já

que não tem nada aqui para mim — diz dramático, voltando para a janela.

— Não! Espera! Eu não disse isso! — Suspiro, cansada. Coloco as mãos no rosto, deslizo para minha testa e então para a cabeça como se fosse arrancar os meus cabelos. — Porra, Luke! Você está mexendo com a minha cabeça de propósito! O que eu faço com você?

Ele dá uma sonora gargalhada.

— Eu senti sua falta, Nina. E para sua pergunta, apenas me ame... Pelo resto de nossas vidas.

— Hum... — Sinto-me comovida com as suas palavras, mas não me esqueci da preocupação que me fez passar. — Ah é? Se fosse para sentir minha falta não deveria ter ido daquele jeito! — digo, cruzando os braços e batendo o pé. *Teimosa*.

Ele caminha até mim, me abraça, mesmo com meus braços deixando um espaço entre nos dois, e em seguida me encara sorrindo.

— Senti falta da sua sensibilidade, da sua companhia, da sua falta de humor, e às vezes do excesso, da sua seriedade, da felicidade que sinto ao estar com você. É como se nada pudesse roubar o meu bom humor, mesmo quando você está assim, lindamente brava. Eu senti sua falta, Nina, porque te amo. Errei, sim. Não posso voltar e desfazer o que fiz, mas se voltei é porque, na raiva, deixei para trás a pessoa mais importante do meu mundo.

— Tudo muito lindo, Luke. Meu coração está a mil, mas eu ainda estou sentindo cheiro de flores em você. — Tento me manter firme, mas fracasso miseravelmente após suas palavras.

— É que comprei rosas e as dei para a mulher mais maravilhosa que conheci — diz com uma enorme felicidade no olhar. *Ele perdeu o juízo*.

— Luke... Você está com um profundo desejo de morrer, não é verdade? — pergunto muito irritada. E sim, morrendo de ciúmes.

— Não, meu amor — diz, rindo de novo. — Ela, provavelmente, só tem uns trinta anos a mais que você. Seria possível que eu a matasse se fizesse com ela o que você está imaginando.

— Você voltou bem engraçadinho, não é mesmo? — Olho para ele, estreitando os olhos. — Que porra de brincadeira está fazendo?

Ele me solta do abraço, segura os meus braços, descruzando-os só para voltar a me abraçar, mas no caminho, desliza suas mãos pelos meus braços em uma suave carícia que chega até as minhas mãos. Luke as segura atrás de mim, ficando agora com o rosto muito próximo ao meu.

— Você quer que eu te mostre o quão sério estou?

Seu rosto está sério e ele me olha tão profundamente que sinto minha alma sendo perdida para esse homem, juntamente com o meu coração. Contudo, a voz do meu pai é ouvida em um grito.

— Não queremos! Só depois do casamento! Não é, filhinha linda do papai?

Assusto-me, mas não consigo evitar ficar chocada e ter uma crise de riso.

— Pai! Pelo amor de Deus! Privacidade!

— Poxa! Não dá para trazer o pai conosco para espiar, mãe! — reclama uma das minhas irmãs e eu não consigo parar de rir. Luke me olha como se eu fosse louca, mesmo que também esteja rindo.

— Bom, pelo menos aqui não! O que foi, querida? Na minha casa, o único que transa sou eu! — Com essa afirmação do meu pai, posso ouvir a explosão de risadas das minhas irmãs como se dissessem “só porque você quer.”.

— Do que vocês estão rindo, meninas? — As gargalhadas só pioram com a incredulidade do meu pai.

— Está bem! O show acabou! — falo, afastando-me do Luke rindo e tomando a frente. — O show acabou!

Vou até a porta e afasto todos, fazendo-os voltar para seus quartos.

— Você, para o banho! Vá se trocar e desça para tomar café da manhã. Enquanto isso eu vou para a cozinha fazer café para esse batalhão. — Viro-me e ele já não está mais lá.

— Sim, senhora! — responde o Luke, surpreendendo-me já na porta.

Quando passou por mim? E como chegou tão rápido no fim do corredor?

Assim que termino de falar, vou diretamente para a cozinha. O cômodo está vazio ainda e é tão grande quanto a sala. Por enquanto, a casa parece silenciosa, mas sei que o pessoal todo está fofocando pelos cantos. E, provavelmente, isso só vai piorar quando eles repararem o que carrego no meu dedo anelar. Suspiro pesadamente, preparando o café.

São tantas pessoas que a garrafa térmica parece mais um galão de água, armazenando cinco litros, e para piorar ainda são duas. O café tem que ser forte, já que a maioria prefere assim. Por termos mais pessoas, contando a família do esposo da minha irmã, não sei será suficiente.

Com seus passos leves e felinos, Luke se aproxima e envolve a minha cintura em um abraço aconchegante. O seu corpo no meu tem um encaixe

perfeito. Assusto-me a princípio, mas logo o reconheço, relaxando em seu abraço e sentindo sua pele ainda molhada contra as minhas costas. Ele aproxima os seus lábios do meu ouvido e sussurra:

— Qual é a sensação de pertencer a alguém? — pergunta e passa a ponta da língua na borda da minha orelha que, em conjunto com seu hálito quente contra a minha pele, me faz arrepiar e corar. Sinto-me transbordar de sensações devido à sua atitude inesperada. Viro-me e o olho tímida, mas ao mesmo tempo acusadora.

— Olha quem está se revelando. Você é desses...

— Hum... Não sei do que está falando. Não sinto que mudei nem um pouco. Em minha mente você já era minha. Só não podia tocá-la assim... — diz, sorrindo como sempre, tão confortável e despreocupado, com os seus cabelos molhados, além de usar sua camisa aberta, permitindo-me ver o seu corpo tão próximo de mim.

Lindo. Muito lindo mesmo. Pergunto-me de que céu veio esse anjo. Muito provavelmente ele é caído, e obviamente, isso me incita e me faz pensar obscenidades, quase me perdendo em luxúria enquanto o olho. Mas ainda assim ele é um anjo.

Meus pais aparecem na porta da cozinha, e vejo que minha mãe está meio corada. Logo atrás deles, vêm as minhas irmãs com expressões sacanas de quem estavam assistindo e dando risadinhas. *Meu Deus! Nesta casa não tenho paz!* Luke abotoa a camisa e vai para mesa se sentar.

Apenas os principais estão presentes, incluindo tias e primas mais próximas, pois o resto teve que se espalhar pela casa para tomar o café. Luke se levanta, chamando a atenção de todo mundo.

— Primeiramente, bom dia a todos. Tenho algumas coisas para falar. Muitos duvidam da minha seriedade, então farei tudo oficialmente. Como as regras mandam. A prova do meu amor pela Nina não é o anel que dei para ela essa manhã. — *Ai.* Palavrinhas mágicas que fazem pessoas brotarem até do chão para me encararem, esperando uma reação.

Fico ainda mais sem graça e levanto a minha mão, mostrando a aliança de noivado. Estou completamente corada, mas tento manter minha postura e alguma dignidade mediante a situação.

Minhas irmãs pulam da cadeira, e minhas primas e tias ficam surpresas. O meu pai abre tanto os olhos, que se arregalar mais um pouco eles saltarão para fora. *Um exagero, mas realmente ele ficou muito surpreso.* Luna e o seu marido festejam, completamente felizes. Luke dá uma leve

tossida apenas para chamar a atenção. Ele olha para o meu pai e principalmente para minha mãe.

— A prova de que amo a filha de vocês está no fato de que penso nela vinte e quatro horas por dia, cada minuto do meu tempo é gasto para vê-la e fazê-la sorrir. Eu quero estar com ela o tempo inteiro. Quero ser seu apoio quando suas pernas estiverem fracas e precise cair. Quero defendê-la de quem for. Não sei o que ela quer ou o que espera de mim, mas é isso o que eu quero. E por mim, posso afirmar que anseio envelhecer sentado em uma cadeira de balanço, quero olhá-la sorrindo e dizer “coça as minhas costas, minha velhinha?".

— Hey! — murmuro, intrometendo-me no seu discurso. — Que história é essa de que vou virar uma coçadora de costas? Isso não estava no contrato! E sim ficar juntos na alegria e na tristeza, na saúde e na doença...

— Nos espirros e nas coçadas de costas. Até que a morte nos separe — completa Luke.

— Não. Isso aí está errado! Luke, não aumente as coisas! — digo rindo, assim como os outros na mesa ao ver nossa interação. Mesmo na frente de todos, nós vivemos no nosso próprio ritmo, no nosso próprio mundo. Um mundo onde as outras pessoas não importam. Acho que é isso que faz até a minha mãe sorrir neste momento.

— Como não? Faz todo sentido! Você tem as unhas, eu tenho as costas. Olha aí! Combinação perfeita.

— Eê! A Nina vai perder a virgindade! — gritam minhas irmãs, estragando todo o momento e atropelando tudo como se só se dessem conta disso agora. Fico vermelha e constrangida.

— De tudo o que aconteceu vocês só prestaram atenção nisso? Não era para festejarem o meu noivado? — pergunto curiosa, tentando mudar o foco.

— É! Isso aí também. Ela está noiva e vai perder a virgindade! Ouvi um amém, irmãos? — fala Giovanna e as outras falam "amém" em coro.

Eu mereço!

Todos que estão sentados à mesa, e até algumas pessoas que ficaram curiosas devido à bagunça, intercalam o olhar entre mim e minhas irmãs indiscretas. Sinto uma necessidade enorme de me esconder no buraco mais próximo e me encolho um pouco na cadeira, sentindo vergonha também de mim mesma por ficar constrangida com isso. Afinal, sou uma adulta, dona da minha vida, e não consigo me portar de maneira civilizada. Rebato com outra

piada? Será?

— Bom, pelo menos alguém perderá a virgindade com quem irá casar... — responde Luke, cansado de me olhar pensativa. Isso faz com que algumas pessoas na mesa cochichem "viu? Vai mexer com quem está quieto, bobonas!".

Eu, por outro lado, olho para o Luke por algum tempo, observando toda a sua confiança inabalável. Ele normalmente é calmo, mas parece que o seu limite de paciência acaba quando me alfinetam. Fico comovida, mesmo que seja da índole dele, isso me dá mais força e confiança.

— O rapaz está certo. Para a desgraça de vocês. Aliás, deveriam se conter. Nina está em silêncio. Ela não rebateu vocês por não querer perder tempo — responde minha mãe, surpreendendo-me. *Mãe, a verdade é que não sabia o que fazer, mas obrigada.* — Vocês reclamam das comparações que faço, mas já velhas assim, ainda têm que aprender com a irmã de vocês que é sensata.

— Ah, mãe! Pensei que não gostasse dele. E você não estava arrependida de nos comparar depois de tudo que a Nina disse? — pergunta Olívia, a descarada.

— Eu não gostava dele, pois pensei que estava brincando com a minha filha. Coisa que agora está claro que não está — afirma, terminando de tomar o seu café. — Me arrependo de ter estragado a vida pessoal da única filha que me obedece. Enquanto vocês? Deixei soltas demais e ficaram... assim.

— Não tem como levar isso como um elogio — comenta Giovanna.

— Claro que não. Ainda mais com esse tom de desilusão dela — diz Cristiana.

— Favorecimento de filho é pecado, mãe! — protesta Jasmim.

Minha mãe as olha, estreitando os olhos, e elas não poderiam fazer mais pouco caso. Neste ponto, confesso que mamãe tem razão. Elas não têm o menor respeito por ela ou por qualquer outra pessoa.

— Se vocês fizessem as coisas certas não seriam comparadas. E além do mais...

— Gente, vocês não querem ir curtir a piscina? Eu vi na meteorologia que hoje será dia de sol! — falo animada, chamando a atenção das minhas irmãs e interrompendo minha mãe.

— Nina, você está louca? Já viu a quantidade de gente? Se quisermos ter almoço temos que começar logo! — diz minha mãe e a olho de um jeito

firme. Meu pai coloca a mão em seu braço e faz um sinal com a cabeça, fazendo-a concordar a contragosto.

— Eu posso cuidar disso com a Nina — intervém Luke. — Além disso, muita gente na cozinha só vai atrapalhar. Nina, vai tomar banho e se trocar que eu fico aqui já ajeitando as coisas.

— Nós temos o melhor cunhado do mundo! — dizem minhas irmãs e saem animadas, indo se preparar para ir até a piscina.

Olho para Luke, ficando preocupada, e ele apenas sorri para mim, piscando em seguida. Meu pai se levanta e então fala:

— Não posso deixar todo esse trabalho só para o rapaz. Vamos lavar as louças. — Ele ergue a manga de sua camisa e olha para o meu cunhado. — Venha, rapaz. Agora você faz parte da família e também tem sua cota de pratos, cebolas e batatas — diz meu pai bem-humorado.

— Vá logo, Nina. Não vamos arrancar nenhum pedaço do seu noivo — fala uma de minhas tias. — Vamos, meninas. Só estamos atrapalhando aqui na cozinha.

— Volto logo, Luke — digo um pouco antes de começar a ser empurrada para fora da cozinha.

— Aguardo ansioso, meu amor. — Ele segura o riso devido ao meu claro receio de deixá-lo ali sozinho. Sinto como se Luke fosse ser devorado pelos lobos. *Pergunto-me se realmente não acontecerá isso.*

Quando chego à porta do meu quarto, encontro dois rapazes que se parecem muito com o meu novo cunhado. Eles estão terminando de arrumar a porta, e assim que me veem, abrem um sorriso.

— Muito obrigada — digo realmente muito agradecida.

Em resposta, eles dizem que não é nada demais, uma vez que estão aqui sem fazer nada. Não custaria uma ajuda. Da ilha de onde vieram, um ajuda o outro e é assim que se segue em frente. Um ótimo pensamento esse. O mundo deveria aderi-lo, talvez assim se tornasse um lugar melhor.

Eles pegam a caixa de ferramentas e se vão, acenando sorridentes em despedida. Quando entro no quarto, vejo que até a cama eles arrumaram de algum jeito. Como teste, me sento e parece estar mais resistente do que antes, e isso me surpreende. Se eles abrissem uma firma, provavelmente renderia muito dinheiro. Mas fico preocupada, porque não demorei tanto assim tomando café da manhã. *Será que eles deixaram de tomar café?* Tenho que falar com a Luna para tranquilizá-los. Eles são convidados e devem apenas relaxar. Que absurdo! Viaja para uma festa e acaba arrumando a cama alheia.

Escuto o som do meu celular sinalizando uma nova mensagem recebida. Quando pego o aparelho, vejo a cara da Diana em meio a um borrão junto com uma foto em anexo. Curiosa, abro-a e noto um rapaz claro, magro, com várias tatuagens, cabelo bem curto e profundos olhos claros que parecem querer dizer muitas coisas, mas nessa foto específica só parece um safado.

Diana, sua doida! Quem é esse? Do nada me envia foto de um cara!

Mando, mas não chega uma resposta. Então tenho tempo de tomar banho e me trocar e, quando saio do banheiro, ela enfim me responde.

Um marginal aí

E como você tirou? Não... Por que você tirou uma foto de um marginal? Diana, você está perdendo o juízo?

Ah, doida! Fui lá na cadeia. Não, mentira. Eu o conheci no shopping e ainda ganhei isso!

Ela envia uma foto do Gato de Cheshire próximo ao rosto dela enquanto faz um V de vitória.

AHHH! ATÉ QUE ENFIM! PARABÉNS!

Mas foi ele quem me deu. Você precisava ver, Nina. Ele enrolou a camisa na mão, socou o vidro, pegou e me deu. E foi levado pelos guardas, aliás! Foi muito engraçado! hahaha

E você não riu? Tenho certeza de que gargalhou! Hahaha Parabéns, você encontrou um doido perfeito para você. Tenho novidades para você também!

Tiro uma foto da minha mão com a aliança de noivado e envio para a doida.

Olha só! O Luke te deixou! Bom, espero que tenha ao menos perdido as teias acumuladas aí! Encontrou um velho amor? Um que renasceu das cinzas e que te pediu em casamento? Parabéns, Nina!

Porra, Diana! Fala sério. Que saco, garota! Não perde a chance

A pergunta, querida, é por que eu perderia essa chance? Boba, sei que ele nunca te deixaria assim e que você não aceitaria o pedido de casamento de qualquer outro homem. E aí, perdeu as teias?

Respondo apenas com *emoticons* de vergonha e ela logo responde.

Deixe-me ver se entendi. Você está noiva do Luke e você não transaram? Ele deve ser um santo! Assim ele vai perder pontos. Nananã

Pontos? Que história doida é essa?

Bom, têm umas estatísticas aí. Sabe aquele último cara que te

chamou atenção? Eram três estrelas. Meio meia boca até. O Luke era cinco, mas está faltando pegada aí. Pô, então ele caiu... Que desilusão! Nananã...

Diana, que porra de nananã! Bom, vou ajudar o Luke na cozinha. Até mais.

Arrumo-me mais um pouco, colocando um *short jeans* e uma camisa branca leve com um decote em V, passo um leve perfume e dou uma última checada no espelho. Sim, eu estou receosa se ele vai me achar atraente ou não. Sendo sincera, não vai demorar muito para acontecer o fato que todos insistem em me provocar: a perda da minha virgindade. Não posso negar, e nem vou mais. Quero estar com ele. Tantas pessoas passaram antes de mim por esse momento e sobreviveram a "tortura". E ainda repetem sem medo.

Mas que droga! Será que vai doer tanto quanto falam? Que angústia! Com trinta anos e sofrendo de ansiedade para perder a virgindade? Isso é um absurdo! Mas é o que é, né.

Ao descer as escadas, dou de cara com Luna e seu marido namorando. Eles estão abraçados e aos beijos, e ao me verem ali, se surpreendem e ficam meio sem graça. A questão nem é que estão namorando, a questão é que eles estão *namorando*. Isso é uma loucura! E eu só fico ainda mais nervosa e ansiosa.

Passo pelos dois, tão constrangida quanto eles, e vou para o corredor. Vejo Luke ao longe de frente para a janela. Apresso os passos para ir em sua direção, mas diminuo rapidamente, pois ao me aproximar, vejo-o em uma situação estranha. Sua mão se movimenta em frente ao corpo, o suor escorre pelo seu pescoço e desce pelas costas. O corpo dele balança por causa dos movimentos frenéticos e escuto o que imagino ser um gemido.

Com passos felinos, caminho pela cozinha e vejo através do seu campo de visão. Consigo ver da janela minhas irmãs de biquíni. E como é a cara delas, os biquínis são minúsculos. Luke não está fazendo isso! Não! Ele não poderia... Não faria isso comigo, faria? Ele está mesmo fazendo isso? *Porra, Luke!*

Como se sentisse a minha presença, ele se vira para mim com um daqueles copos de metais para preparação de batidas na mão. Assim que seus olhos me encontram, ele sorri.

— Oi, amor. Demorou! Está tudo bem? Quer batida? Sua mãe me escutou falando com o seu pai sobre e me pediu para fazer... — Percebendo a minha expressão de choque, vem preocupado até mim. — O que foi?

Aconteceu algo? Que cara é essa?

E foi assim que descobri na pele sobre a expressão "solto o ar que nem sabia que estava prendendo". Meu coração é frágil, meu Deus! Não faça isso!

— Pensei que estava... Quero dizer... — Olho para minha aliança e para trás, lembrando-me da minha irmã. Volto o meu olhar para mim mesma e vejo o meu decote. Tudo começou com isso! Meu pensamento não para um segundo sem me levar até *aquilo. É culpa da aliança, da roupa ou só é minha mesmo? Isso é minha virgindade falando? E essa porra fala? Não, não. Isso é loucura.* — Nada não, deixa. E a comida?

— Bom, com a ajuda sua mãe e do seu pai, já picamos os legumes e colocamos para cozinhar. O rapaz picou todos os temperos e fez o arroz. Está cozinhando ali — diz, apontando para as panelas. — A carne está ali. Falta apenas cortarmos para fazer o churrasco e prepararmos algum acompanhamento. Fora isso, o pessoal foi comprar cerveja e suco para as crianças, já que vinho não é algo que falte aqui.

— Os homens desta casa são tão eficientes! — murmuro com bom humor.

Ele dá de ombros e vem até mim, beijando-me com carinho e ternura.

— Hoje à noite vamos sair, OK?

Seus olhos estão brilhantes e carregam uma felicidade que irradia. Por que eu sou assim insegura, ainda mais quando tenho um homem desses na minha vida? OK, a insegurança é um sentimento forte, mas olha ele. Luke não deixou nada claro e pode ser coisa da minha cabeça, então só concordo, retribuindo o beijo e o sorriso.

Nós passamos um dia bastante agradável. Comemos, dançamos, nadamos com os antigos e com os novos membros da minha família. Aliás, os novos membros são ótimos! Um dia quero ir ao Havaí. Talvez com o fogo das minhas irmãs, elas também arrumem namorados decentes. Não as desejo para ninguém, mas talvez assim se apaixonem e saiam de cima de mim e do Luke. Meu pai bebeu o tempo todo acompanhado da minha mãe brigando com ele, enfim, foi um casamento normal.

Perdi a hora do buquê, mas não importa, pois estou noiva do cara mais incrível que conheço!

A noite chega e, quando todos estão rindo na sala, penso se não irão sentir a minha falta. Se sentirem, já imagino a falação das minhas irmãs. Eles estão conversando sobre a infância da Luna, sobre como ela era fofa e

boazinha. Os familiares do seu marido revelam também os micos e artes dele de pequeno. Vou para o meu quarto sem me preocupar em me esconder, visto um leve e bonito vestido preto de alças finas com um salto médio fechado. Quando estou pronta, ouço uma batida leve na porta. Só com isso já sei que é o Luke. Ninguém nesta casa sabe ser sutil. Caminho até a porta com meu coração ansioso, abro-a e vejo o Luke, lindo como sempre, vestindo um estilo suave de *jeans* escuros e uma camisa branca.

— Pronta? Acho que esta festa já acabou faz tempo para nós dois...



A PRIMEIRA VEZ PODERIA SER MAIS INESQUECÍVEL?

Sinto a minha face corar tendo a certeza do que iremos fazer. Vejo Luke estendendo a mão para mim, esperando docemente a concessão. Tímida, seguro-a e dou um passo em sua direção, sendo bem aceita por ele, que me envolve em um abraço.

Em silêncio, como dois adolescentes, saímos de fininho na ponta dos pés. Não que tenha vivido essa fase dessa forma, mas minhas irmãs viveram, e perdi as contas de quantas vezes as encobri. Só posso usá-las como referência. No final da escada, vejo o pessoal ainda distraído na sala e outros mais espalhados pela casa. Acho que alguém vai nos reparar, sim. Desde que não seja alguma das minhas irmãs, estou bem com isso.

Já estamos do lado de fora da casa. Conseguimos sair sem maiores problemas. Luke parece preparado e carrega um mapa nas mãos. Fico me perguntando o porquê de não usarmos o GPS. Não seria mais confiável? Bom, não vou me intrometer. Fazemos quase uma viagem, pois o local para onde vamos é mais longe do que imaginava, levando-nos para outra cidade. Passamos por campos floridos com casinhas coloridas rústicas carregadas de uma serenidade e de uma felicidade almejadas por todos.

Observo pessoas trabalhando no campo e algumas crianças brincando em meio a tudo isso. Um sorriso parece inevitável e o percurso se mantém nessa paisagem até chegar a um local que nunca tinha visto ou ouvido falar. É uma cidade pequena com árvores, flores, plantações e construções. Tudo digno da antiga Roma. Ao fundo, posso ver o mar em sua imensidão e sinto seu cheiro que se funde com o das árvores e dos gramados. É como se tivesse voltado no tempo ou ido para outro lugar fantasioso e surreal. Contudo,

quando me dou conta, já estamos dentro da cidade. Tudo é um misto de antigo e novo. O lugar tem as características de uma cidade nova, mas a beleza de uma cidade antiga.

Pergunto-me o que ele planeja, mas o hábito do Luke de ser diretamente sincero meio que está me apavorando ultimamente. Sem falar na ansiedade que está me consumindo por dentro. Melhor não perguntar, porque não sei como reagir à resposta que possivelmente receberei.

Minhas respostas não demoram a chegar, pois Luke estaciona em frente a um motel. Sim, um motel. O mais lindo que já vi. OK. Não vi muitos a não ser de longe ou por fotos. Porém, tenho a certeza de que esse é o mais bonito que muitos por aí! Ele tem uma bonita frente, parecida com a entrada de uma mansão, um jardim verde, colorido com flores pequenas e delicadas, transbordando a bênção dos deuses e caminhos feitos de paralelepípedos até a sua porta. Pelo caminho, vejo uma grande fonte com estátuas de todos os deuses deitados, deleitando-se enquanto comem e bebem.

Bem-vindos ao Olimpo.

Alguém investiu muito aqui, e posso dizer que é um completo sucesso, porque o local fez jus ao nome.

Na porta tem um manobrista, e, assim que saio do carro, o vento parece nos receber, e posso sentir o cheiro de orquídeas. Olho ao redor, curiosa, procurando onde estão as flores. Até que as vejo em algumas janelas. Na realidade, aqui é cheia delas.

Tudo parece ter um propósito. Não precisa de publicidade. O local, por si só, faz o seu próprio *marketing*. Sim, estou pensando em trabalho! Estou analisando e adorando tudo ao meu redor para não pirar. Tudo lindo e maravilhoso! Minha mente tem que ser preenchida com qualquer outra coisa! Só que não funciona, pois como vê, já estou ficando ansiosa e nervosa novamente.

Luke, após trocar algumas palavras com o manobrista, vem em minha direção e segura a minha mão, entrelaçando nossos dedos enquanto me guia para dentro. Vamos até o balcão marfim localizado no bonito salão. Noto a linda recepcionista de cabelos dourados e cacheados, estrategicamente caídos em um ponto e outro. Seus olhos são verdes brilhantes e ela sorri, mostrando seus dentes lindos, brancos e perfeitos... *Ela está sorrindo demais para o meu gosto!*

OK. Deve ser apenas meu ciúme falando. Sim, claro, somente ciúme. E mesmo que não seja... O que poderia fazer? Arrancar os olhos dela? *Isso ia*

ser legal. Não, não, Nina malvada! Fica bem quieta na sua aí.

Luke termina de falar com a recepcionista e se vira para mim, passando a mão pela minha cintura de maneira possessiva. Com a outra, ele levanta meu queixo suavemente para que meu olhar encontre o seu.

— O que foi, meu amor? Não gostou do lugar? — Seu tom é íntimo, mas consigo sentir o nervosismo no fundo. Isso me faz sorrir aliviada. *Não sou a única nervosa.*

— Hum... Nada não — digo, sorrindo para ele. — Apenas estava pensando em como é bonito aqui.

Não quero falar a palavra motel, pois isso me lembra de que todo mundo sabe o que vou fazer aqui. Vou ficar a beira de um colapso nervoso de timidez. Parece bobo, eu sei! Sou adulta, sei também! Mas me deem um desconto! Sou virgem há trinta anos e não tive uma adolescência convencional.

Luke me guia pelo salão sem tirar sua mão acolhedora e possessiva da minha cintura enquanto caminhamos para o elevador. Vez ou outra, ele me olha disfarçadamente, parecendo preocupado, mas não diz nada. *Bom... O que posso dizer?* Ele é realmente um bom homem. Prefere ficar quieto a falar aquelas coisas como "relaxa, vai ser bom” quando sabemos que a primeira vez é uma droga!

Quando saímos do elevador, seguimos para o quarto indicado pelo cartão magnético que a recepção deu. Ele abre a porta e a luz do quarto acende, revelando um lugar bonito em um tom creme que contrasta com a madeira avermelhada dos móveis. Noto véus no teto que seguem o mesmo padrão suave de cores e vêm do centro como o topo de um carrossel, suas pontas caem como finas cortinas, fazendo o ambiente ganhar um ar de mistério e sedução.

A cama no meio do quarto é um dossel, e as garotas que sonham em serem princesas adorariam ter. Elegante, bonito, sensual e fantasioso. É! Essa é uma ótima definição para essa decoração. Se esse motel se chama Olimpo, eu arriscaria dizer que este seria o quarto da Afrodite.

Olho mais atentamente e vejo que à minha direita tem uma mesinha com uma bandeja com morangos pecaminosamente cobertos com chocolate em uma caixinha bem decorada. Ao lado, uma garrafa de champanhe em um balde com gelo e taças, há também bombons em uma cesta de palha com um cartão escrito *love*.

Como se para me deixar ainda mais nervosa, no centro da cesta, entre

os bombons, noto uma caixinha vermelha de camisinhas escrito "luxúria". *Meu Deus! Socorro! Que nome!*

— Meu amor, por favor, dê mais alguns passos para frente para que eu possa fechar a porta — Luke diz, tentando não rir da expressão que devo estar fazendo.

Meu coração está acelerado e meus passos parecem pesar uma tonelada. *Se eu estou nervosa? Não! Só tem uma "eu" no nervosismo!* Sigo os movimentos de Luke com o olhar, ele fecha a porta atrás de si, e reparo que a luz diminui, dando ao ambiente mais intimidade.

— Calma, meu amor — fala. Ele leva a mão até o meu rosto, acariciando-o com o polegar e deposita um suave selinho em meus lábios. — Veja, têm morangos com chocolate aqui. Você gosta disso, não é? Venha.

Luke vai até os morangos, pega um deles e o come, fazendo uma expressão de satisfação enquanto morde. O suco do morango escorre pelo canto da sua boca, fazendo-me prender o ar e ficar vermelha. *Meu Deus! Não dá! Não dá para viver assim!* Como um carma, uma música suave começa a tocar. *Definitivamente eu sou muito ferrada nessa vida.*

— O que foi? Não vai querer os morangos? — pergunta ele inocente, limpando o canto da boca.

Olho para o chão como se fosse culpada e não pudesse encarar seus olhos.

— N-Nada não... — Pego o morango de um jeito apressado e o como.

O quarto cai em um silêncio constrangedor.

— Quer que diminua mais a luz? — questiona ele receoso.

— Não precisa. É só nervoso... — admito com a voz baixa. — Vai passar. — Decido mudar de assunto. — Bonito quarto. Só falta querer que eu me fantasie. Você não quer, não é? — Olho-o bem expressiva e isso arranca dele uma baixa risada.

— Fantasia? Não... Outras pessoas já usaram... — pondera divertido. — Mas você em volta de um desses véus seria interessante — diz sugestivo, mas ao mesmo tempo com uma tranquilidade que me faz querer bater nele.

Suspiro e vou procurar véus soltos, encontrando alguns grandes em uma penteadeira. Como a situação é inevitável, começo a tirar a minha roupa, mas sou interrompida e surpreendida pelas mãos do Luke, que carinhosamente vai me ajudando a tirar a peça. Sinto o calor que suas mãos emanam, assim como o seu corpo grande e forte atrás de mim. Não seria

necessário sequer um passo para trás para que pudesse tocá-lo. A sensação da intimidade do momento faz com que prenda a minha respiração, assistindo a peça de roupa lentamente sendo retirada de mim e caindo próxima aos meus pés.

Assim que fico apenas de calcinha e sutiã, ele dá um beijo na altura do meu ombro, fazendo-me arrepiar. Com uma risada baixa, Luke se afasta em seguida, dando-me a chance de respirar fundo. *Como é que raciocina desse jeito? Perdi até o rumo! O que eu ia fazer mesmo? Ah! O véu! Foco no véu!*

Pego um e o enrolo em mim como se fosse um vestido frente única. *Francamente?* Aos meus olhos isso não é sensual, e muito menos atraente, mas quem sou eu para discutir? O véu não tampa nada e nem suaviza. Reúno toda a coragem que *não tenho*, me viro e me deparo com Luke apenas de cueca e excitado. Nunca vi um homem tão de perto, mas é impossível não olhar para baixo e reparar naquele volume!

Ele está deitado no centro da cama, como uma visão de pecado, com as costas no travesseiro. Seu olhar está grudado em todo o meu corpo e rosto, e sinto como se me devorasse, mas ao mesmo tempo desejasse gravar em sua mente a visão que tem de mim. É tão intensa a sua presença, mesmo com a distância, que puxo o ar como se me faltasse.

Luke não parece nem um pouco tímido mostrando seu corpo bem definido e malhado. Toda essa vista me faz ficar... *Petrificada! Socorro! O que fazemos com um homem todo... todo... Meu Deus, que homem é esse? Parei.* Tento me livrar do nervosismo, colocando humor na minha voz.

— Você aí! Vai ficar só aí todo lindo e gloriosamente seminu na cama? Vai me dizer que quer que eu dance também? Está aí paradinho só olhando.

— Ótima ideia! Não tinha pensado nisso — diz, abrindo um sorriso cafajeste.

Francamente? Se minha boca ainda vai me matar? Vai! Um dia, ainda falarei diante de um psicopata "você não vai me matar, né?" e ele vai responder "sabe que só queria te torturar, mas você viu meu rosto... Isso é uma ótima ideia! Obrigado!". Porra, Nina!

O engraçado é a cara de pau dele de dizer isso. Neste momento, ele sequer está olhando na minha cara!

— Luke... — falo pausadamente. — O rosto é mais para cima. Aliás, não sou boa dançarina.

— Sei que o rosto é mais para cima, mas não viemos aqui para que eu olhasse o seu rosto. — *Estou falando que a sinceridade aqui está pesada!* — Só dance e não pense em mais nada. Você tem que relaxar, meu amor. A não ser que queira que eu dance. Sei dançar bem! — fala, abrindo mais um meio sorriso de cafajeste.

Só de pensar nele dançando deixa tudo isso ainda mais constrangedor. *Mas se bem que seria uma visão memorável e muito sexy.* Levanto a mão, impedindo-o de se levantar e também freando a minha imaginação.

— Não, por favor. Eu danço. — Fecho os olhos, tentando me concentrar na música ambiente e começo a me mover, mexendo os quadris, tentando encontrar um ritmo para dançar. No entanto, isso só está me deixando ainda mais nervosa. Sentir o seu olhar sobre mim parecendo me queimar não facilita em nada. Ainda bem que não me pediu um *striptease*! Paro de me mexer, coloco as mãos no quadril e abro os olhos, olhando-o feio. — Não dá, Luke.

Ele sorri compreensivo, levanta e vem até a beirada da cama, ficando frente a frente comigo. Sou obrigada a olhar para cima devido à sua proximidade, e consigo sentir o calor do seu corpo e seu cheiro. Luke assim, tão perto, faz com que minha mente barulhenta comece a ficar em silêncio, focando apenas no homem diante de mim.

— Nina... Feche os olhos — pede com sua voz baixa e levemente rouca, além de extremamente íntima.

Quando obedeço, fico mais sensível às coisas ao meu redor. Sinto suas mãos passeando pelo meu corpo, e mesmo por cima do tecido isso me faz arrepiar. Suas mãos vão até meus seios, contornando-os e acariciando os bicos. Posso escutar o gemido baixo do Luke enquanto me toca, suas mãos descem pela minha barriga e contornam a minha cintura, indo até a base da minha coluna. Ele segura minha bunda de um jeito firme e me puxa contra si, fazendo-me arfar e sentir sua excitação ainda mais. Contudo, subitamente sinto seu corpo se afastar do meu. Luke me solta e fico receosa, é como se eu tivesse perdido o equilíbrio. Mantenho meus olhos fechados e decido confiar que logo voltará para mim.

Não demora e ele retorna, fazendo-me sentir seu calor novamente, mas desta vez por trás de mim. Sinto apenas sua presença, mas Luke não me toca e só fico sofrendo com a expectativa. Estou consciente até mesmo do suave vento gelado que vem do ar-condicionado. O tecido fino do véu toca a minha pele, encostando nos bicos dos meus seios, deixando-os mais

sensíveis. Eu anseio pelo seu toque. Quando Luke me toca, dou um leve sobressalto e arqueio minhas costas. Suas mãos acariciam meus braços em um movimento lento e deslizam até as minhas, erguendo-as até ficarem em cima da minha cabeça. Ele as junta e passa a segurar meus pulsos com apenas uma mão.

Sua face se aproxima de mim e se afasta a cada movimento. Porém, agora se mantém próxima, e posso sentir a sua respiração pesada na minha nuca. Ele deposita lentos beijos, mordidas e lambe meu pescoço, intercalando com meu ombro. Fico excitada e arrepio, conseguindo sentir o seu sorriso contra a minha pele quando isso acontece. Na necessidade de tocá-lo também, movo o meu corpo e, por instinto, empino a bunda, encostando na sua ereção que está mais pulsante e rija do que antes.

Ele me vira, passa minhas mãos pela sua cabeça e me apoia em seu pescoço, deixando meu corpo totalmente exposto e a sua mercê. Luke solta os meus pulsos e sussurra no meu ouvido.

— Se segure... — Em seguida, morde levemente a minha orelha, fazendo-me suspirar. Estou completamente entregue às sensações que ele me provoca.

Luke me envolve em um abraço, acabando com a distância entre nossos corpos e me permitindo sentir toda a sua ereção e uma estranha vontade que me envolve. Quero tocá-lo e senti-lo o máximo que posso. Tudo isso é tão novo para mim que me assusta.

— Vou tocar você, Nina — avisa calmo, mas meu corpo todo fica tenso e ele percebe. — Não tenha medo. Isso não vai doer. Confia em mim?

— Desde que te conheci, tudo que tenho feito é isso — respondo. O som da sua risada baixa, ao invés de me confortar, me faz ficar mais excitada pela expectativa. Ou talvez seja só porque é o Luke.

Ele toca meus seios, contornando-os antes de apertá-los de leve, preenchendo suas mãos. Mesmo sobre o tecido, seu toque é quente, fazendo-me arrepiar novamente. O tesão faz com que eu me sinta inquieta, com necessidade do seu toque e com uma vontade de tocá-lo mais e mais. Como se nunca tivesse o suficiente.

Arqueio as minhas costas, dando-lhe mais acesso aos meus seios. Movimento o meu quadril inquieto pelo desejo, querendo sentir mais o seu calor. Sinto a sua ereção e toda sua extensão a cada movimento, deixando-me cada vez mais excitada. Escuto-o engolindo seco, e sua pressão em meus seios fica mais forte, movido pelo próprio desejo. Gemo e choramingo,

ansiosa por mais. Entendendo o meu pedido, Luke os aperta com mais força, segurando os bicos e os apertando entre os dedos.

Um gemido, baixo e contido, sai da minha boca enquanto deixo minha cabeça cair para o lado.

— Tão minha... — diz com sua voz embargada de desejo.

Ele aperta com mais força, fazendo-me sentir uma leve dor, mas isso não ultrapassa a intensidade do meu tesão. Anseio por mais e, buscando provocá-lo como ele faz comigo, movo o meu quadril, empino-o e rebolo, fazendo com que arfe contra meu pescoço.

— Nina, meu amor, estou me controlando. Sei que vai doer, mas estou tentando aqui, sabe...

— Também sei, mas quero você... — respondo num tom fraco, admitindo mesmo tímida.

Ele tira minha mão do seu pescoço e a leva até a sua excitação. Senti-la grande e rija me assusta e me faz perguntar mentalmente como isso tudo vai caber em mim. Não que o medo me faça soltar o seu membro sobre a cueca, pois a minha necessidade de tê-lo nubla os meus receios no momento. *Talvez amanhã eu morra de vergonha.*

Sem conseguir se conter mais, Luke resolve atender o meu pedido. Ele solta os meus seios e se afasta, provavelmente indo colocar a camisinha, mas não demora a voltar. Encaixa o seu corpo no meu, voltando com as carícias, mas desta vez enfia a mão dentro do véu para tocar a minha pele. Luke acaricia minha barriga, descendo a mão até chegar a parte em que mais sinto a necessidade de seu toque. Ele sorri, parecendo satisfeito por me encontrar molhada e perdidamente excitada.

Gemo novamente, entregue ao seu toque, e isso o incentiva a continuar nessa lenta tortura pecaminosa de me excitar. Pela primeira vez, sinto como se eu fosse começar a me perder. Meu corpo treme com o toque de suas mãos. No final do meu êxtase, ele ergue o véu que cobre minhas costas e bunda, segurando a minha cintura e se posicionando. Mas algo estranho acontece. Sinto sua mão me soltar bruscamente. Na verdade, mais do que isso. Ouço o som de um corpo caindo pesadamente no chão. Surpresa e assustada, me viro e quase imediatamente vejo Luke caído. Seus olhos estão fechados e vejo uma pequena mancha de sangue nos seus cabelos loiros. Meu coração descompassa da pior maneira possível.

Apresso-me para me sentar ao seu lado, checando o seu pulso e sua respiração. Vendo que seu coração bate rapidamente, suspiro aliviada. Noto

um ferimento em sua cabeça, encontrando apenas um pequeno corte que não chega a ter um centímetro, fazendo-me respirar mais tranquila. Mas o fato de ele estar desacordado é um problema.

Levanto-me e vou correndo pegar o meu celular, que está caído no chão junto com a roupa que vim. Assim que disco o número de emergência, Luke se move, chamando a minha atenção. Meus olhos caem sobre ele que ainda está de olhos fechados.

— Luke! Não se mova, meu amor. — No desespero, quase grito quando vou falar. — Estou chamando o socorro! — Seguro firme o celular, preocupada, esperando alguém atender.

— Nina... — Sua voz está baixa, mas não parece fraca ou nada do tipo. — Antes de chamar socorro... Faça amor comigo? — diz e meu olhar recai automaticamente sobre o seu corpo, reparando especificamente a sua extensa excitação ainda protegida pela camisinha.

O riso vem forte e quase não consigo contê-lo. Levo a mão livre à boca, na esperança de conseguir segurar a risada. Posso escutar finalmente um "sim? Alô? Alô?", mas agora já não me importa mais. Abaixo o celular, esquecendo que o carregava comigo, com um sorriso bobo no rosto.

— Luke, você é real? — pergunto quando já estou perto o suficiente para cutucá-lo. — Sério? Seu azar deveria ter limite — concluo, rindo. Não dá para segurar mais o riso.

Nem ele consegue evitar rir.

— Também acho.

— Você está bem? — pergunto baixinho, levando a mão até sua face. — O mais importante de todo esse cenário confuso é o seu bem-estar. — Mesmo nessa situação, sua excitação ali presente é algo que dificulta muito manter minha expressão risonha. *Realmente não sei se devo chorar ou rir.* Poxa! De todos os momentos, tinha que ser quando ia perder a virgindade?

— Estou bem, Nina. — Sua voz está pesada, mas mesmo assim sua mente parece ter estagnado em um pensamento. — Se eu for morrer, quero morrer fazendo amor.

Meus olhos se arregalam mais do que deveriam, minha face esquenta e não consigo deixar de gargalhar logo em seguida, sentindo-me mais relaxada e com a preocupação dissolvida.

— Você é impossível!

Levanto-me, mais tranquila, e com uma mão desfaço o nó do véu que estou usando, permitindo que ele caia naturalmente no chão. Agora não tem

mais nenhum tecido que separe nossas peles. Passo a perna por cima do Luke, abaixo e apoio minhas mãos ao lado de sua cabeça, ficando de quatro por cima dele em um movimento natural. Jogo o peso do corpo para o braço esquerdo e levo a mão direta a sua face, erguendo-a para ficar na posição certa para que possa olhá-lo nos olhos e beijá-lo.

— Você é um homem impossível, meu perfeito azarado — falo com meus lábios quase tocando os seus, e recebo de volta seu lindo sorriso para então nos entregarmos em um beijo.

O beijo começa carinhoso, mas se perde entre a necessidade de estarmos juntos. Ele leva a mão até minha nuca, entrelaçando-a entre meus cabelos, e me puxa mais para si, aprofundando o beijo. Sua outra mão passa pela minha cintura em um abraço. *Nada mais importa. Nem o ar, nem o mundo.* A excitação e os arrepios vêm antes de qualquer pensamento.

Sua mão travessa desliza para minha cintura, caminhando para os meus seios, ao mesmo tempo em que morde os lábios em um sorriso matreiro. Sorriso esse que não consigo evitar retribuir. Luke solta a mão que estava em meus cabelos, voltando a me dar um abraço, mas deslizando-a para a base da minha coluna, fazendo-me gemer contra a sua boca devido às suas carícias.

Como se estivesse ansiando por mais desse som, ele desce a mão, passando pela minha bunda e indo até o meu clitóris, brincando com ele, enquanto tento conter meus gemidos. Luke mantém minhas pernas e braços sustentados sobre ele, e fica ali brincando, parecendo se divertir. Vejo que se delicia a cada suspiro, gemido ou arfar que dou. Ele sorri e me encara com seus olhos azuis claros, nublados e atentos a cada reação minha, deixando-me nervosa e tímida, mas também não me restam dúvidas de que também está gostando.

Talvez mais do que deveria, pois a cada arfar, Luke aperta com força o meu seio. Ele se mantém nesse jogo tortuoso, esperando as minhas reações, e mais que isso, a minha iniciativa de avançar. Embaixo de mim, vejo-o se movimentar mais para baixo e então abocanhar o seio que segurava, sugando-o com força. Seus olhos brilham esperando ansiosos pelo meu gemido de dor perdido em prazer. *Essa é uma natureza dele que desconhecia, mas não posso dizer que a odeio.*

Seguro o gemido, prendendo a respiração para fazê-lo sugar com mais força, cada vez mais ansioso, mas também mantendo o seu foco nisso. Levo uma de minhas mãos até a sua que movimenta meu clitóris, deixando-o com

um olhar curioso, mas a expressão de surpresa substitui a de curiosidade quando sente minha mão indo até sua ereção, colocando-a na posição correta.

Respiro fundo, aproveitando da minha súbita coragem, e me abaixo, permitindo a penetração de sua glande. *E isso dói, não vou mentir*. Encolho-me um pouco mediante a dor, engolindo um choro baixo, mas não paro. Lentamente, deixo meu corpo descer enquanto sinto como se estivesse sendo rasgada por dentro. Paro no meio do caminho, já suando frio. Luke geme, mas se mantém parado, permitindo que eu vá no meu tempo. Ele me olha preocupado, com sua testa escorrendo suor, mas imagino que isso deve ser uma tortura para ele. Diferente, mas uma tortura.

Neste momento, percebo que o meu celular jogado no chão, ao nosso lado, ainda está com a chamada ativa. Percebendo minha expressão de surpresa, Luke se prepara para falar, mas o impeço, fazendo um gesto de silêncio. Levanto meu dedo e mostro a chamada ainda ligada. Ele abre os olhos, surpreso, e o riso vem de forma abrupta, fazendo com que engasgue. Coloco no viva-voz e podemos escutar uma respiração ofegante.

— Alô? — digo, segurando o riso.

Escuto o som do telefone provavelmente caindo da mão da mulher e ela desligando em seguida. Luke e eu começamos a rir como dois doidos. Sem querer, inclino para trás para tampar o meu rosto e acabo sentando sobre a sua ereção, fazendo a penetração ser completa. Uma terrível onda de dor me sobe até a cabeça, fazendo-me chorar baixinho, arrependida daquele movimento infeliz. Meu corpo se contrai, apertando-o dentro de mim e Luke geme, arfando no processo. Mesmo que isso doa como o inferno, espero que ele esteja gostando! Um dos dois tem que se dar bem nessa porra!

Com meus olhos marejados de dor, ele me puxa para um abraço e me dá um selinho, encostando nossas testas. Luke espera a onda de dor passar e a minha permissão para continuar ou parar. *Ele não precisa falar com palavras. Afinal, é o Luke.* Com a voz trêmula pergunto em um sussurro.

— Nada na nossa vida será normal?

— Hum... Não sei — diz bem-humorado, com uma baixa risada. — Acho que não. Mas talvez tudo seja tão incrível exatamente por isso.

— É... Pode ser. Mas acho que está bom assim — falo um pouco mais relaxada e tento me mover, mas me sinto dolorida. Ele percebe e me abraça com mais força, girando-nos no chão e ficando por cima de mim.

Sem dizer mais nada, ele me beija, tirando o meu foco da dor. Luke me tira o ar e me deixa com pensamentos limpos, lembrando apenas dele e de

mais nada. Seu toque, seu calor, seu valor e o meu amor por ele em um contrapeso com a dor. Sinto seu pulsar ainda dentro de mim e resolvo abraçá-lo com as pernas, sentindo-o penetrar mais fundo. Mesmo com a minha dor, recebo o lindo som do seu gemido. Agora entendo o prazer que sentiu ao me ver gemendo sobre ele.

Ele tenta não mover muito o quadril e desce o seu rosto, indo em direção ao meu pescoço e o beija. Continua descendo até o meu colo e o morde suavemente. Quando não parece o suficiente, segura um dos meus seios, lambe e suga como se fosse a melhor coisa que já fez. Isso me faz nublar os pensamentos, esquecendo-me da dor e dando lugar à excitação que volta a me tomar. Luke volta a se mover somente quando me sente molhada de novo. Pronta para ele. Mesmo que os seus movimentos doam e incomodem, descubro que nem toda dor é tão ruim assim.



APAIXONANDO-ME NOVAMENTE E ME ENTREGANDO ÀS SENSAÇÕES. SE FOR COM ELE? SEMPRE.

Após a primeira vez, descansamos um pouco para então irmos tomar um banho juntos. Luke me ajuda com a minha timidez, sendo tão carinhoso e apaixonado como só ele sabe ser. Como sou boba... Mas o sentimento é maior do que eu. Também me permito admirar seu corpo perfeitamente definido da cabeça aos pés. Tento não encarar por muito tempo a parte *essencial*, pois ainda me constrange. Luke percebe a minha timidez e o escuto rir, fazendo o meu olhar focar em seu rosto para reclamar do deboche, mas seu cabelo ainda vermelho pelo sangue me deixa preocupada.

Com apenas água e sabão, penso em manter limpo o pequeno ferimento na cabeça do Luke. Não que ele esteja preocupado com isso, já que, enquanto cuido dele, o homem resolve lavar os meus seios, acariciando-os e tirando o meu juízo e foco. Minha mente volta a sua atenção apenas para as suas mãos em mim, fazendo-me ter uma visão pecaminosa, excitante e tentadora de um Luke molhado e excitado apenas a pouquíssimos centímetros de mim.

Admito que me viciei na expressão dele. Nos seus olhos brilhantes que ficam de vez em quando nublados enquanto me toca com um sorriso malicioso e sedento. Vez e outra mordendo seus próprios lábios, fazendo-me ansiar para que eu mesma fizesse isso.

Passo os meus braços em torno do seu pescoço e me entrego ao desejo. Como se isso fosse apenas a aprovação que precisava, Luke me pega no colo, me faz passar as pernas ao redor do seu quadril e me ama apaixonadamente. Nessa intimidade, a estranheza de tocar o seu corpo passa

e vou ficando mais e mais confiante, querendo tocá-lo do mesmo jeito que me toca, desbravando e descobrindo o prazer em toda a situação. Nossa entrega à paixão se repete e se estende para fora do chuveiro enquanto nos secamos e voltamos para a cama.

Não é só a sua expressão ou o seu calor que me encantam. É o seu cheiro, seu toque, o sabor do seu pescoço em minha boca. Quando me permito lamber e morder seu pescoço, como resposta, ouço o delicioso som do seu gemido próximo ao meu ouvido e contra a minha pele, que me faz arrepiar.

É por isso que as pessoas chamam de fazer amor. É carnal e emocional. É algo que vem naturalmente de dentro de nós, borbulhando e transbordando com o nome de prazer. Por que demorei tanto para isso? *Talvez porque só encontrei o Luke agora.*

Já é tarde, e nós estamos abraçados, completamente cansados e suados. Olho para o rosto do meu Luke e me pergunto como pude ter a sorte de ter um homem desses para mim. Acho que não tínhamos azar... Só esperávamos um ao outro. Meus olhos parecem pesados e talvez descansar um pouco não seja tão ruim assim. Conforme pisco, me sinto caindo em um sono tranquilo e confortável nos braços do meu amor.

Horas depois, com o meu sono já não tão pesado assim, sinto a ausência do Luke ao meu lado. O frio na cama revela que não está ali faz algum tempo, e me pergunto se tudo não passou de um sonho. Antes de abrir os olhos, me nego a acreditar que foi um sonho e que estou na velha cama solitária na minha casa vazia, e ainda sem o calor que acompanha o meu querido Luke.

Mas o ar-condicionado de casa não é tão forte assim, é? Minha casa também não tem esse cheiro. Não estou em um sonho, e tenho certeza disso quando escuto os passos de alguém se aproximando. Logo sinto a cama inclinando quando ele sobe para chegar até mim. Quando está perto o suficiente, posso sentir o seu calor, sua presença e a sua respiração. Seus lábios tocam os meus e me sinto feliz e gananciosa. Não abro os olhos, fingindo ainda dormir, desejando e esperando que Luke me beije novamente. Mas isso não acontece e ele se afasta. Neste momento, me arrependo de não ter aberto os olhos antes.

Vejo-o sentado na cama de costas para mim, cabisbaixo. Levanto-me, e mesmo ainda nua, já não me sinto mais tão tímida. Afinal, tudo que ele tinha para ver, viu durante a noite. Vou até Luke engatinhando pela cama e o

abraço pelas costas.

Reparo que os seus cabelos estão molhados e tem um pequeno ponto em seu machucado. Um punhado pequeno de cabelo falta, e como prova do que aconteceu ontem, vejo uma pequena cicatriz. Não ficou feio. Seu cabelo penteado cobre facilmente aquilo, mas mesmo careca duvido que o Luke fique feio.

— O que você está fazendo aqui? Assim tão longe de mim... Aconteceu algo? — pergunto perto do seu ouvido.

— Sim, algo aconteceu — afirma.

Sinto um frio na barriga, e, de repente, uma insegurança me aflige.

— O que aconteceu, Luke?

— Eu não sou seu príncipe! — diz em tom de tragédia carregado com drama que me deixa ainda mais confusa.

Esse homem está ficando louco?

— Oi? Como assim? Você está perdendo o juízo? — pergunto, indo um pouco mais para frente.

— Te dei um beijo e você não acordou. — E então, neste momento, descubro que o mundo é redondo e que tudo não passa de um drama bobo. *Porra, Luke! Não me assuste!* Fico uns cinco segundos dramáticos em silêncio só para castigá-lo e então começo a rir.

Apesar dos apesares... Foi tão fofo. Não consigo evitar que a risada vire uma gargalhada enquanto ele me olha de rabo de olho.

— Você está rindo? — indaga duvidoso. — Sério?

— Não! Nunca! Em hipótese alguma eu... Sim, estou. Desculpa, meu amor. Bom, fingi não acordar... — admito, mordendo os lábios para controlar o riso.

— Por que você faria isso? — pergunta pausadamente em um tom falso e acusatório.

Um sorriso involuntário e sem-vergonha vem com força até meus lábios.

— Porque pensei que se eu não acordasse... Você iria me beijar novamente.

Ele retoma a postura, parando enquanto olha para frente. Fica em silêncio, sério e dramático, para só então começar a rir com as suas bochechas um pouco vermelhas. *Ele está me imitando? Sem-vergonha descarado*.

— Nina, eu te amo, sabia? Só não te agarro novamente porque se fizer

isso estouraremos o nosso tempo aqui. Claro que podemos pagar por mais, mas sua mãe deve estar se perguntando onde fomos parar.

— Um casal de noivos fugindo de casa juntos? Acho que ela faz alguma ideia. — Dou risada.

— Acho que não... Talvez... — comenta, concluindo em um tom mais baixo. — Nina, mas acho que eles nem devem saber mais o que é isso.

Uma risada forte vem, fazendo-me engasgar com o seu comentário.

— Porra, Luke. Você é terrível! O que faço com você?

Mas isso me faz refletir em pensamento. *Eles são como coelhos! Veja bem, são seis filhas. Talvez eles aposentaram.*

— O que faz comigo? Que tal me amar para sempre e parar de me torturar?

— Como assim?

— Você me chama de terrível, mas você que é. Fica aí encostando esses seus peitos assim em mim, esfregando no meu pescoço e ombro — exclama bem-humorado, mas ao mesmo tempo faz uma expressão dramática ao continuar falando. —, mexendo terrivelmente comigo nesta região aqui — fala com os olhos bem abertos enquanto gesticula com suas mãos abertas sobre a virilha.

Em seguida, minha gargalhada ecoa por todo o quarto. *Se me sinto constrangida? Sim! Claro!* Mas no fundo me sinto tão feliz por mexer com ele dessa maneira. Sinto uma felicidade que não cabe em mim transbordando nesse riso.

Afasto-me de Luke após me esfregar mais um pouco em uma deliberada provocação que arranca uma risada dele. Vou para a beirada da cama para pegar minhas roupas e fazer minha higiene, mas, quando coloco os pés para fora da cama, sinto algo estranho, escorregadio e gelado no chão. Vejo um sabonete glicerinado daqueles decorados. Por ter estranhado o toque gelado, recolhi o pé antes de pisar, mas parece que ele já foi pisado por alguém. Pego-o e olho atentamente, indo para onde estão minhas roupas.

Após pensar um pouco, a compreensão me vem à mente como uma luz. Tudo agora parece fazer sentido! Não foi azar! Não foi uma tontura, nem nada assim. Foi um sabonete. O sabonete fez com que o Luke caísse! Trágico e cômico. Nunca pensei que poderiam ser tão perigosos assim. Tento conter a risada, perguntando-me o que esse sabonete estava fazendo aqui.

Vou para o banheiro e faço a minha higiene para então vestir as minhas roupas íntimas e o vestido. Saio para colocar os meus sapatos e dou

de cara com o Luke cheirando o véu que usei ontem.

OK... Ainda bem que quando usei estava cheirosa.

Vejo-o dobrar e o guardar no bolso da calça. Minhas sobrancelhas quase se juntam com minha clara expressão de "o que é isso, Luke?".

— Luke? Você irá levar isso? — Ele se assusta, mas apenas concorda com a cabeça. — E pode?

— Não sei. Qualquer coisa pago por isso, mas quero levar de recordação — diz convicto e eu o olho cética. Ele já vai ficar comigo. Precisa do véu para cada vez que olhar isso me sentir constrangida de novo? É assim?

— Então acho que vou levar isso de recordação! Nunca vou me esquecer! — falo, pegando o sabonete amassado e o mostrando para ele.

Ele me olha, primeiramente confuso, e então liga os pontos, fazendo uma careta engraçada.

— Nina, você não vai levar isso. Isso dá azar!

— Você com o seu véu, e eu com meu sabonete! — murmuro, dando de ombros, colocando-o na bolsa.

Além disso, vai me render boas risadas quando for velha e contar aos nossos filhos. *Eles nunca vão respeitar você*. Penso, olhando-o em silêncio. Ele, inocente, me olha preocupado, em meio aos meus pensamentos de planos malignos.

— Nina, você está com uma expressão estranha. O que está tramando? — pergunta, aproximando-se de mim cauteloso e carinhoso, dando-me um abraço com o véu ainda em seu bolso. Penso em tirá-lo dali, mas deixa. Não tem problemas.

Lembranças boas são importantes e sei que teremos muitas mais para que eu brigue agora por um véu.

— Não é nada, meu amor. — Sorrio e o abraço, deixando para lá a ideia de planos malignos. *De qualquer forma, não seria capaz.*

Ele me olha sério e então sorri.

— OK, vá terminar de se arrumar. Vou na frente para pagar as coisas e mandar buscarem o carro.

Luke me dá um selinho e sai em seguida. Observo-o indo e murmuro feliz.

— Tão meu... Realmente meu! Parece um sonho.

Lembro que tem aquela recepcionista "bonitinha" lá embaixo. Se me arrumo na velocidade do *Flash*? Com certeza! Não tenha dúvidas disso

jamais! Pouco tempo depois, saio do quarto e caminho apressada para o elevador. Quando entro nele, me vejo no espelho e, quase como se fosse um imã, meu olhar recai para uma pequena marca vermelha de chupão no decote exposto pelo vestido.

Meu rosto fica em um tom rubro gritante, mas sabe aquele sorriso idiota que não sai da cara? Então, tem isso aí também... Isso sem contar as recordações de tudo que fizemos que me tomam a mente, deixando-me constrangida, mas também excitada e terrivelmente extasiada. Dá vontade de dar pulinhos e gritinhos de alegria como uma adolescente? Sim! Estou sozinha, meu bem! Não me contenho! Mesmo com certa dor e incômodo entre as pernas, dou os benditos pulinhos e gritinhos! Não deixando de fora as risadinhas ridículas que só nós mulheres sabemos dar, claro.

Sabe quando lemos em um livro algo incrível ou fofinho e então rolamos pela cama? E ainda ficamos abraçadas no livro mexendo os pés no ar? É assim que me sinto. *Feliz? É. No fim das contas, o importante é ser feliz, Parecer boba só faz parte.*

Até que o elevador chegue ao seu destino, aproveito o meu momento. O som do apito me mostra que estou chegando ao meu destino então retomo à minha postura. Tusso para tentar conter o riso, mas só de pensar na bonita moça da recepção, meu sorriso morre e volto a ter uma postura que condiz melhor com a minha idade. Entretanto, mesmo com tudo que minha mente imagina, nunca imaginaria que, quando a porta abrisse, encontraria um Luke em pé de frente para o elevador, olhando ansioso esperando por mim. *Sabe aquele sorriso bobo? Talvez ele não desapareça da minha cara por algum tempo.*

Luke estende a mão para mim e caminho até ele, seduzida como uma mariposa para a luz, sobrepondo sua mão com a minha. Em seguida, me puxa de um jeito carinhoso para os seus braços, levando-me para o carro em passos apressados. Ele parece feliz demais, além de ansioso e agitado. Talvez meu sorriso suma, porque é certeza que está aprontando algo. Luke, Luke... Ai, ai!

Cruzamos a porta e a luz do dia incomoda os meus olhos. Contudo, o dia está lindo! O perfume das flores novamente me agracia, deixando-me com uma gostosa sensação de familiaridade e aconchego. *Nunca me esquecerei deste lugar. Acho que sou do tipo que se apega a tudo.*

Vejo o carro de Luke parado logo diante das escadas, e ele se apressa, abrindo a porta para mim. Olho-o meio desconfiada e me pergunto novamente o que será que o homem está tramando. Estreito os olhos

disfarçadamente para ele, mas mesmo assim entro no carro e me sento esperando. Luke me olha e rapidamente vai para dentro do motel novamente, ainda demora lá. *Que porra você está aprontando?* Como se ouvisse meus pensamentos, ele volta carregando um lindo ursinho cor de creme clarinho e peludo, junto com uma caixa em formato de coração com bombons. *Meu coração se afundou em meu peito de tão emocionado. Sinto-o bater descompassado em surpresa*.

Ele me entrega os dois com um sorriso estampado, ignorando minha expressão de espanto. Seguro os presentes um pouco desajeitada. O urso é ainda mais fofo do que poderia imaginar, parece ser tão leve e delicado que, mesmo sendo de pelúcia, me dá a sensação de que irá quebrar. Enquanto estou admirando a fofura do urso, ele dá a volta no carro e se senta no banco do motorista, olhando-me antes de admitir suas intenções, parecendo ansioso.

— Eu... Pensei que estava sentindo muita dor hoje... — diz um tanto nervoso e sem graça. Isso me faz abrir um sorriso, sim, aquele bobo novamente. — E achei que o ursinho pudesse te confortar e o chocolate te deixar mais feliz.

— Sim, você está certo. Muito obrigada. Estou me sentindo muito melhor agora. E te amando ainda mais, também estou mais calma e feliz. — Mordo o lábio para conter a minha vontade de apertá-lo. O Luke é fofo até na sua forma de tentar se justificar. — Você é um amor.

— Pensei em trazer sorvete, mas tenho a certeza de que derreteria — fala, abrindo um sorriso plenamente satisfeito.

— Ah é? E por quê? — pergunto curiosa.

— Porque você é quente, meu amor. — Ele pisca para mim, fazendo-me dar uma alta gargalhada. — Vamos? Sua grande família nos espera.

Ele está certo, mas voltar ainda me deixa desconfortável, ainda que as coisas estejam mais tranquilas agora. Na realidade, eu sou do tipo que gosta da *minha* casa. Todos aqueles olhares ansiosos sobre mim não facilitam as coisas e só aumentam minha vontade de ir para lá. *Mas é o que tenho que fazer, não é?*

Durante o caminho, como o chocolate e divido com Luke, pois quem tem irmão sabe, né? Chegar em casa com isso? Só comeria dois bombons e elas me roubariam o resto. Até o meu ursinho farei questão de deixar guardado no carro. Este urso será meu novo tesouro. Ao chegar a casa, algo inédito me acontece. Ninguém estava procurando por nós. Assim que abro a porta da frente, acompanhada de Luke, dou de cara com o meu pai. Ele me

olha, olha para o Luke, e em seguida seu olhar volta a se fixar em mim novamente.

— O que você fez, menina? — pergunta acusatório.

— Pai, eu tenho trinta anos — começo a dizer, já cansada, mas ele me interrompe.

— Não. Quero saber o que você fez com ele.

Sério? Porra, pai!

Olho-o brava, mas ele ignora a minha indignação.

— Essa marca roxa no braço do menino não estava aí ontem.

Ah! Descobri de onde veio esse traço de personalidade das minhas irmãs. Meu pai pode ser um amor, mas quando ele está com algo na cabeça... Deus nos livre. Só existe isso. Em um silêncio dramático, ele se levanta e caminha ao nosso redor, analisando e procurando provas. Meu pai nota a pequena falta de cabelos do Luke, e enfim para diante de mim novamente.

— O que aconteceu?

— É que... Sabe, pai... — digo, engolindo em seco. Coro quase que automaticamente ao me lembrar de tudo da noite passada. Que mentira eu conto? Como se falar "ah! Na hora H o Luke escorregou em um sabonete" fosse algo que alguém acreditaria!

— Eu pedi para ela me bater, senhor — intervém Luke. Ele dá um passo adiante com toda a sua confiança e presença natural, interrompendo meus pensamentos de forma rápida.

Eu? Bom, sabe aquela cara de "oi?”. Então, essa é a minha atual expressão.

Vejo o rosto do meu pai perder a cor e lentamente se voltar para mim e depois para o Luke gradativamente. Seus pensamentos parecem estar gritando para todos os lados imaginando alguma coisa com chicote, couro, tapas, pisões, saltos altos e roupa de couro. Sua mão se levanta, talvez para calar os seus pensamentos, pois o silêncio está terrivelmente pesado e sua cabeça está baixa agora, movimentando-se em negativa de uma forma dramática.

— OK! Não quero saber disso — fala meu pai convicto, dando-nos as costas e saindo desnorteado pela casa.

Olho para Luke como se ele tivesse duas cabeças e seis olhos. *What that fuck? Que diabos foi isso? O meu noivo é louco! O que foi isso?* OK. Não sou burra. Foi para me salvar, aliás, como sempre. Mas de onde ele tira essas ideias? Começo a rir baixinho e levanto a mão para me apoiar na

parede, porém, quase erro e caio, o que só me faz rir ainda mais.

— Meu Deus... O que foi isso? — pergunto entre uma risada e outra. — Você viu a cara que meu pai fez? Claramente me imaginou de mulher gato ou como uma *dominatrix*! — Minha risada acaba saindo mais alta ainda enquanto lágrimas rolam pela minha face.

— Hum... Ia ficar *sexy* — comenta Luke, levando a mão até a boca de maneira pensativa e então sorri, olhando-me de cima a baixo. — É... Legal. Devemos tentar? — completa, bem-humorado, dando um tapa na minha bunda enquanto passa por mim. — Vou para o quarto tomar banho — diz já virando as costas e subindo para o andar dos quartos.

Abusado ele, né? Levo minha mão até o quadril e o vejo subindo as escadas rebolando. Acha que é pouco? No topo da escada, ele olha para trás e me manda um beijo. Estou achando que fui enganada! *Ele, na verdade, não vale nada! É isso mesmo, produção?*

Para piorar a minha situação, minhas irmãs saem da sala de estar, onde todas estavam escondidas, e me encaram com sorrisos travessos e olhares maliciosos.

— Hum... Não sabia que a Nina era dessas! — Olívia, como sempre desinibida, é a primeira a falar.

— Quem vê essa cara de anjinha não pensa! Ah, Nina! — Giovanna, que não fica muito atrás, complementa.

— Safadinha! — completa Cristiana, rindo.

Minha face é tomada por um forte e terrível tom rubro. Minhas palavras? Até elas ficaram com vergonha! Foram passear um pouco. Como sei que serei banhada com perguntas indiscretas, sou obrigada a procurar refúgio no meu quarto. Dou-lhes as costas e saio correndo, subindo as escadas.

— Ela está fugindo! — grita Jasmim. A segunda mais velha e que, talvez vocês não tenham notado, é a cabeça das tramas.

Estou no alto da escada quando escuto as doidas correndo atrás de mim. Estou quase entrando no quarto, mas quase esbarro na minha mãe que estava pegando minha cesta de roupa suja.

— Sem correr pela casa! E, se está procurando o bonitinho, seu pai o mandou ir tomar banho no banheiro que tem banheira. Algo sobre aliviar hematomas... Não entendi muito bem, mas disse algo sobre ser assunto de homens — diz dona Kiara, concluindo a frase dando de ombros, sem perder a expressão de estranhamento, mas também a de "tanto faz.". — Bom, é isso. O

recado foi dado.

Assim que minha mãe se afasta, apresso-me para entrar no quarto, porém minhas irmãs, que estavam só aguardando, entram antes que possa trancar a porta. Elas me empurram para a cama e seguram meus braços. Assim que Olívia e Giovanna me prendem, Cristiana sai abrindo meu guarda-roupa e Jasmim fecha a porta atrás de si. Isso é um sequestro? Minhas irmãs são mafiosas? Poxa, mãe. O que você deixou essas loucas virarem?

— Onde pensa que vai, mana? Achou que podia fugir das suas amadas irmãs? — O tom de Jasmim é maquiavélico e isso me faz arrepiar.

Isso vai ser ruim...

— Achou que não nos contaria os mínimos detalhes da sua noite de amor com o bonitão? Ou achou que não iríamos perceber que vocês dois saíram ontem à noite? — sussurra Olívia.

— Não tenho nada para falar — respondo sem poder fazer nada além de me debater.

Sou a irmã mais velha dessas psicopatas, e mesmo que sonhe em fazer isso, não posso sair socando e batendo nelas. Por mais motivos que elas me deem.

— Ah é? Vamos ver. — Jasmim sorri de uma maneira assustadora. — Cristiana, cera!

— Encontrei! — responde ela solícita.

— Luna, as roupas! Tire todas! — manda, gesticulando para a mais nova.

— Mas vocês não falaram que era para ajudar a Nina? — pergunta Luna.

— E estamos! Ela está fazendo esse drama, mas se depila com cera faz anos! Ela está irritada que isso...

— Por que parece que estou sendo vítima de tortura? Vocês não têm limites! Me deixem! Vou contar tudo para a mãe! Suas psicopatas, maníacas e loucas varridas! Luna, eu esperava mais de você! Acreditou mesmo nelas? — falo o final da frase meio sentida.

— Você vai nos agradecer no final. Relaxa — diz Olívia.

— Agradecer? Porcaria nenhuma! Vão se foder! — exclamo completamente revoltada.

— Ah, mas quem vai foder é você. Quem fodeu foi você! Nós? Chupamos os dedos apenas! — resmunga Giovanna. — Você? Estava em uma noite de amor com o cara mais gato que já vi. Vida injusta.

Isso é seca? Raiva? Revolta? Meu Deus, salva essas almas perdidas!

No final, elas conseguiram depilar minhas axilas e virilha. Até a minha bunda essas loucas depilaram! Ainda quiseram vir com gel refrescante. Um absurdo! Um completo ultraje! Para completar a minha desgraça, Luna me vem com uma pequena sacolinha vermelha com um lacinho preto, parecendo tímida e sem graça.

— Isso vai te ajudar... — Já estando vestida de novo, olho para ela e para a sacolinha.

— Obrigada, eu acho — falo com certa estranheza.

— E aí? Pronta para hoje à noite? Ontem foi a primeira vez, mas hoje que será dia de sentir só prazer — diz Olívia, agora esparramada na minha cama.

— E quem disse que não senti prazer? E outra... A Luna acabou de casar. Nem sei se teve tempo de perder a virgindade no meio dessa zona de vocês. Devem estar assustando ela! — falo, repreendendo-as.

Elas se entreolham e dão uma gargalhada alta.

— Mana, olha na bolsa.

Estranho isso, mas abro a sacola, retirando de lá o seu conteúdo. É um pequeno tubo. *Tá. Grandes coisas!* Decido ler o rótulo e vejo escrito "Morango da Paixão. Gel lubrificante.". Leio pausadamente estranhando. Acho que deu uma tela azul por três segundos na minha mente até conseguir entender. *Mas que porra é essa?* Meu olhar cai sobre a Luna, lento e significativo. Ela encolhe os ombros e olha para os lados, ficando vermelha como um pimentão.

— Isso ajuda a não arder. Para o caso de... sabe... Estar seco. Também tem um cheirinho gostoso. É bom — explica.

— Você não acha que está sabendo demais para quem acabou de casar? — pergunto desacreditada, quase que em um tom desiludido.

Minha imaginação da pura e inocente Luna está sendo partida em pedaços na minha mente.

— Existem coisas nessa vida que não dá para se negar. Uma delas é ser filha de uma família com muito "fogo", outra é ser irmã das minhas irmãs e filha da minha mãe. Fora você, todo mundo se entregou cedo. E eu casei, né! Nós temos que fisgar nossos homens com chaves firmes de pernas. Mamãe que disse! Talvez ela diga para você no dia do seu casamento.

— A conversa está boa, mas tem um cara loiro, lindo, gostoso, de olhos azuis e um jeito perfeito de ser, vulnerável, molhado, sensual, de

bumbum firme, que parece até um pecado, e aparentemente, maravilhosamente bem dotado, que está tomando banho em um banheiro não muito longe daqui — comenta Giovanna. — Algo está me chamando.

Ela se levanta e caminha para a porta, abrindo-a e se preparando para correr com um sorriso perverso em face. *Mas é o quê?*

— Sabe... É uma boa ideia! — Levantam as outras.

— Hey, sou irmã de vocês. Sou obrigada a aturar vocês! Mas o Luke não tem que aguentá-las! Muito menos aguentar as suas safadezas!

— Ah... Então ele só aguenta as suas? — pergunta Cristiana da porta.

— Não! Digo... Cara, só não façam isso! — reclamo já me levantando e indo na direção delas, que fingem que vão correr, mas não vão.

— Mas sabe, mana... O banheiro que ele está tem o trinco frágil, você lembra? É tão fácil ir lá e... — fala Jasmim com suas intenções transbordando enquanto dá uma mordida no próprio lábio.

— Nem pense nisso! O Luke é meu! — Elas nem esperam que eu termine a frase e saem correndo no corredor, trombando na nossa mãe quase a derrubando.

— Mas que diabos! Já não falei para vocês não correrem pela casa! Pelo amor de Deus! Vocês não são crianças mais! — reclama brava.

— Mãe! Elas estão querendo invadir o banheiro em que o Luke está! Faz alguma coisa! — grito, vindo logo atrás. — Dá um jeito nas suas filhas!

— O homem é seu, cuide dele. O meu homem eu sei onde está. Se fizer qualquer coisa errada, perde o que chama de bolas. E se o seu homem colocar as mãos nelas, ele também estará errado. Confie nele. Ou não, você que sabe. — Ela dá de ombros.

Olho para minha mãe, mal acreditando nas suas palavras. Poxa, que mãe traidora! Pedi ajuda e nem isso. Ainda sou chamada a atenção! Sério? Dona Kiara me observa a encarando de maneira incrédula, por fim suspira e enfia a mão no bolso do avental, tira de lá um *taser* e me entrega.

— Toma. Se as coisas ficarem feias, use. Boa sorte. Melhor ir logo, porque elas estão mexendo na porta. Pelo que vejo, logo conseguirão abrir — diz, estreitando os olhos para observar o fim do corredor.

Também estreito os meus olhos e vejo que é verdade. Corro como uma louca, chego à porta do banheiro quase caindo e as empurro no caminho. Como em um boliche. Levanto-me o mais rápido que posso e me uso como barreira para proteger a porta.

— Vocês não vão passar por essa porta! — falo irritada e bufo de

cansaço.

— Mas quem disse que vamos entrar? — pergunta Jasmim, piscando e sorrindo gentilmente para mim. Por fim, ainda diz um mudo "te amo, mana."

Estranho sua atitude, mas acabo relaxando o meu corpo. Dou para elas a chance que precisavam para se juntarem, me empurrarem para dentro do banheiro e em seguida fecharem a porta. Com risinhos, elas dizem para que eu agradeça depois. Ou acho que foi isso, pois não escutei direito.

No empurrão forte que me deram, acabo ficando sem equilíbrio e tento não cair, dando alguns passos desajeitados e indo de encontro a um Luke nu. Torço meu pé no caminho e caio de cara na barriga dele, empurrando-o para a queda junto comigo. Quando vou tentar me segurar para não derrubá-lo comigo, acabo dando um pequeno e rápido choque no Luke com o *taser*, fazendo-o tremer por inteiro. Seu corpo reto se segura na parede, mas mesmo assim cai na água. Ele não boia, e vejo algumas bolinhas de ar subindo. *Ai merda! Droga, droga! Luke!*

Desesperada, eu me levanto, largo tudo que estava na minha mão, que não sei o porquê não larguei antes, e tento puxá-lo para cima antes que se afogue.

— Luke! Pelo amor de Deus! Desculpa! Você está bem?

Assim que já está apoiado na beira da banheira, ele recupera o susto e o ar e me olha, colocando a mão em meu rosto carinhosamente.

— Meu amor, será que chego vivo até o nosso casamento?

Sinto-me claramente culpada, constrangida e arrependida. Olho para as minhas próprias mãos e sento ao lado da banheira.

— Vai sim. Eu acho... Desculpa, mas queria impedir que minhas irmãs viessem e invadissem aqui, pois aquelas filhas da puta não valem nada. Não que minha mãe seja uma puta, afinal, sou filha dela também... Ah, me perdoe! — falo já com lágrimas nos olhos.

— Se quiser podemos ir embora a qualquer momento — diz compreensivo, como se eu não tivesse quase o matado agora. — Apesar do "choque de realidade", estava pensando que tenho sorte, pois vou acordar todos os dias vendo esse sorriso lindo, sentindo seu cheiro que tanto amo. E, quando estiver no banho, você vai me trazer gel lubrificante em uma mão e um *taser* na outra. Não sei bem as intenções do *taser*, espero que seja para me matar de amor, mas vou te falar, Nina... Não precisa me matar literalmente, OK?



TODOS TÊM UM LIMITE. VOLTANDO PARA PISA

Olho-o e sinto o seu amor por mim transbordando. Qualquer lugar para esse homem parece pequeno demais. Ele é grande, mas não de tamanho, e sim de existência. Meu pesar diminui e permite que um sorriso chegue à minha face e um brilho chegue aos meus olhos.

— Só me lembre de uma coisa... Nunca me aproximar de você quando estivermos na cozinha e um dos dois estiver usando uma faca — digo e deixo escapar um baixo riso. *Meu Deus, eu sou muito desastrada! E ele é azarado! O que será de nós? Socorro!*

— Realmente, é um bom lembrete mental. Mas como vou fazer quando você estiver só de avental na nossa casa e eu quiser te agarrar? — pergunta com um largo sorriso divertido.

Encaro-o e levanto a sobrancelha ainda abrindo um sorriso, mesmo que esteja suavemente corada. *Mentira enorme.* Estou bem corada, mas fingimos que não. Desconta uma porcentagem aí no homem que está pelado esse tempo todo dentro da banheira.

— Você vai ter que fazer um esforço surreal para se conter de agarrar este meu corpo irresistível! — falo convencida, tentando disfarçar. Faço caras e bocas, cheia de drama, mas nem eu consigo segurar minha risada por causa da mentira e da timidez.

Luke também ri, mas seu olhar pousa em minha mão com a aliança e ele parece uma criança mostrando um olhar satisfeito após ter para si o que mais queria. Isso aquece o meu coração com uma felicidade maior do que posso descrever. Apenas me sinto mais relaxada, sem o estranhamento da primeira vez em relação a tudo. É com ele que estou. Azarados, desastrados

ou não. Sempre vai ficar tudo bem, não é? Tento manter isso em mente quando ele me chama a atenção.

— Nina...

— Sim? — digo, despertando dos meus devaneios.

— Quer tomar banho comigo? — Ele me olha e sorri.

Claro que depois da nossa primeira noite não consigo olhar para ele sem pensar que Luke pode querer mais do que um banho. Mas a questão é: por que eu diria não? É isso. Simples assim. Já somos um do outro e eu o quero tanto, mas...

— Mas não trouxe uma muda de roupas.

— Até onde eu sei, nós tomamos banho pelados — diz travesso.

— Sim... Você está certo, espertinho. — Dou uma baixa risada, balançando a cabeça em negativa.

Levanto-me, começo a retirar a roupa e deixo o vestido cair, revelando o meu corpo. Ele me olha de cima a baixo com atenção, sem perder o sorriso sacana e sem-vergonha. *Luke, não comece a me deixar sem graça! Senão é certeza de que vou me atrapalhar!*

OK. Respire e não pire. Temos aqui o homem mais maravilhoso do universo, nu em pelo em uma banheira e te chamando para tomar banho com ele. Absolutamente um dia normal... *Não! Droga, Luke!* Por que tem que me encarar e ainda pausar o olhar onde está depilado? E sorrir mais ainda em seguida? Sério? Luke me olha no rosto e então gargalha.

— Venha, amor. Só irei morder você um pouquinho! — diz enquanto morde os próprios lábios.

— Safado!

— Não, sou só um homem apaixonado — fala extrovertido enquanto pisca para mim, silenciando-me.

Luke abre as pernas, indica o lugar para que eu me sente e assim o faço. Claro que tomando muito cuidado para não cair. Com a sorte que *não* o acompanha e do jeito que sou *desastrada*, todo cuidado é pouco.

Assim que me sento na banheira, ele me puxa para si, enlaça minha cintura e encosta a ponta do seu nariz gelado em meu ombro, subindo até meu pescoço, cheirando-o suavemente. Isso me provoca um arrepio e Luke continua animado até chegar próximo ao meu ouvido. Assim fico, sem fazer nada além de sentir sua respiração. Ele encosta a sua testa na parte de trás da minha cabeça e sinto o peso do seu corpo relaxar.

— Nina... E se você não tivesse ido àquele bar? — pergunta em um

tom que o faz parecer mais um menino do que o homem que vejo todos os dias. Mas como poderia julgá-lo? No dia em que o conheci, ele estava quebrado, desiludido, enganado e traído.

Em momentos assim, por incrível que pareça, me sinto mais serena e madura. Tranquila até. Porque sei que foi *eu* que fiz esse bem para ele. Não tanto quanto ele me faz. Admito. Mas foi comigo que Luke recuperou o sorriso. Com esse pensamento, sorrio, tomando um pouco mais de ar para falar o que é preciso e deixo escapar um baixo riso.

— Bem... Não teríamos nos conhecido. Não como nos conhecemos, pelo menos. Não inseparáveis. Se você ainda fosse meu chefe, nós teríamos uma boa relação. Como um chefe, você me veria apenas profissionalmente — falo. Pego o sabonete, esfrego na bucha até fazer espuma e começo a ensaboá-lo nas pernas. *Ainda é um banho, não é? Que foi?* — Um chefe que provavelmente roubaria meu sono com seu sorriso roubador de corações.

— E você não estaria aqui tomando esse banho comigo. Eu não poderia tocar esses seus lindos seios... — diz com a voz carregada de desejo. Luke desfaz o abraço e leva as mãos para os meus seios, acariciando-os e massageando, fazendo com que eu solte um baixo gemido. — Eu jamais veria suas várias expressões ou escutaria essa sua voz de entrega.

Ele fica em silêncio e pensativo por alguns segundos. Porém, o que me surpreende não é o fato de Luke ficar em silêncio, mas sim parecer pensar. *Como ele consegue pensar?* Se continuar massageando meus peitos desse jeito, minha única resposta será "aham, claro".

— Nina, estava pensando... Você quer ter filhos? — Minha respiração trava. Acho que consigo pensar sim, mesmo com a massagem. *Mas que pergunta é essa? E bem agora, homem?* Respiro fundo, tentando recuperar minha calma.

— Um dia... Não seria ruim. Nunca tive pressa para isso — admito. Mas está difícil manter o raciocínio, pois ele não para a massagem. Luke aperta, solta, brinca com os bicos, usando o polegar no processo. — Minha formação, meu trabalho e minha liberdade foram minhas metas por muito tempo. E, até você chegar, não tiveram homens na minha vida. — Sinto-o beliscar o bico quando falo "homens" e isso quase me faz rir. — No fim, se eu estiver velha demais para isso, nós podemos adotar.

— Então, não quer filhos meus? — pergunta em um tom mimado, beliscando com um pouco mais de força. O ato provoca dor e também deixa minha mente em branco. Consigo sentir entre minhas pernas o pulsar

necessitado por atenção. Sua excitação encostada em minhas costas também está óbvia. Então por que conversar agora? Temos tantos momentos e ele quer falar logo agora!

— Eu não disse isso — digo com a voz rouca e fraca. — Disse e repito, se estiver velha demais para poder gerar, então adotarei.

— Estava curioso apenas, mas para deixar algo claro... — Sua voz abaixa, próxima ao meu ouvido, de forma particular e íntima. — Não vou além das mãos agora — fala, mordendo o lóbulo da minha orelha. — Mas não pense que estarei satisfeito. Só estarei quando me afundar em você, sentindo cada espasmo e contração a cada vez que atingir o ponto certo, a cada vez que a fizer chegar mais perto.

Sua voz está rouca devido à sua excitação, deixando-me mais sensível e excitada com os seus toques e palavras, levando a coerência dos meus pensamentos para cada vez mais longe. Luke desce a sua mão esquerda, passando pela minha barriga em uma carícia tortuosa de expectativa até chegar ao meio das minhas pernas. Ele finalmente acaricia o meu clitóris que tanto ansiava por atenção. O simples toque me faz arfar e morder os lábios, tentando conter os sons que saem de minha boca.

— Relaxe e apenas sinta.

Luke me acaricia lentamente, levando-me facilmente a beira de um orgasmo, mas diminui os movimentos, o que me deixa desesperada por mais. Em um impulso, Luke me levanta e me viro, ficando cara a cara com ele. Seu olhar fica surpreso e ao mesmo tempo inebriado, satisfeito, perdido em desejo.

Tomo a iniciativa de pedir para que abaixe as pernas para que eu me sente no seu colo. Ele faz o que peço e me abaixo, encaixando-me em seu membro ereto. Mesmo que a dor incomode um pouco, já não importa, porque em minha mente só tem nós. Neste momento, tudo que sinto é a necessidade e o desejo de tê-lo cada vez mais. Esqueço-me de tudo ao redor e acabo gemendo um pouco mais alto. Somos surpreendidos ao escutar risos do outro lado da porta. Com certa raiva, eu explodo.

— Maldita casa da família mais enxerida que conheço! Vão tomar conta da vida de vocês, pelo amor de Deus!

— Suas irmãs existem mesmo? Ou são criaturas feitas para nos atrapalhar sempre? Ou são um tormento criado pela nossa mente? — pergunta ele, surpreso, quase tão bravo quanto eu. Tinha esquecido onde estávamos.

Depois as pessoas me perguntam o porquê do desespero só por ir à casa dos pais. O problema não é só os pais, mas também as irmãs! A família inteira! Misericórdia. Bando de empata foda! É por essas, e outras, que ninguém tem o meu endereço. Deus nos livre desse mal.

— Se eles estão conseguindo falar é porque ainda não chegaram na melhor parte. — Escuto o sussurro que, supostamente, era para que não pudéssemos ouvir.

— Infelizmente elas existem. Minha mãe deveria ter parado quando eu nasci — comento, perdendo o "ânimo" devido à indignação e raiva.

— Temos que ir embora... — conclui Luke, suspirando frustrado e passando a mão esquerda pelos seus cabelos bagunçados.

— Sim. Para ontem! — falo mais alto para que elas ouçam e começo a me levantar.

— Onde pensa que vai? — pergunta Luke, olhando-me com uma das sobrancelhas levantadas.

— Bom, elas estão ouvindo... — Parece óbvio para mim. *Já era, não é?*

— Se elas querem ouvir, o problema é delas! Você, volta bem aqui. Não vai a lugar algum. — Ele segura minhas mãos e está pronto para me puxar de volta, mas parece mudar de ideia.

Luke se levanta também, gloriosamente nu e ainda excitado. Noto um semblante convicto em sua face enquanto sai da banheira em seguida, levando-me com ele e indo direto para o armário de toalhas. Assim que encontra roupões, pega um deles e veste, e em seguida pega outro para vestir em mim.

Olho-o confusa. Ele parece irritado o suficiente para começar uma briga, mas controlado o suficiente para se lembrar de mim. O que se passa neste momento na cabeça dele? Não faço a menor ideia! Sem mais nenhuma palavra, ele vai até a porta, abrindo-a abruptamente. Não sei que expressão está fazendo, mas, quando os olhares das minhas irmãs chegam em sua face, o sorriso delas morre, ficando levemente pálidas.

— Vocês já fizeram mais do que o suficiente. Se queriam agradar... Parabéns! Agora, chega! Se nos seguirem de novo, eu tomarei providências, e vocês não vão gostar. Suspeito que a mãe de vocês não irá me impedir.

Seu tom é frio, mordaz, de um Luke que não conheço. Um Luke que não é o meu fofo, extrovertido, animado, centro de todo universo, cheio de luz, tranquilidade e que ama a liberdade. Agora é um homem, um adulto, um

chefe ou qualquer coisa que envolva autoridade. É quase um desconhecido, mas parece que fica ainda mais bonito assim.

Elas concordam com a cabeça e se espalham, indo cada uma delas para o seu próprio quarto. Menos Luna, pois não está aqui. Bom para ela... Tem que fugir deste manicômio mesmo. Entretanto, o que me preocupa é: o que fazer com esse Luke? Esse que não conheço, bem aqui na minha frente. Ele se vira para mim e estende a mão, como se dependesse de mim a opção de segui-lo ou não. *Bom, apesar de irritado, ele ainda está preocupado comigo. Ainda é o meu Luke.*

Seguro a sua mão sem medo. Em resposta, ele sorri e vejo o brilho familiar no seu olhar. Ele a aperta e me puxa, deixando tudo para trás no banheiro. Água na banheira, roupas, arma de choque, lubrificante, porta do armário aberta. Se minha mãe vai ficar brava? Você tem duvidas? Eu? Espero estar indo embora daqui antes que as coisas fiquem feias.

Atravessamos todo o corredor, e da mesma forma abrupta que ele abriu a porta do banheiro, faz com a porta do quarto, puxando-me para dentro e fechando a porta atrás de si.

— Agora você será minha e ninguém vai me atrapalhar.

Como antes do casamento de Luna, Luke me imprensa contra a parede e me olha fixamente, como um leão diante de sua presa, como se já estivesse me devorando. Ele parece quase salivar enquanto olha para a minha boca e coloca a perna entre as minhas. Nesse movimento, o meu roupão se abre e me deixa exposta.

— Minha, minha e minha... Sem ninguém para atrapalhar. Se alguém fizer isso, estou pronto para fazê-los pagar.

Um sorriso me vem ao rosto e em seguida uma risada, que tento conter mordendo os lábios, mas não consigo. Sei que é um péssimo momento para ter uma crise de riso, mas...

— Desde quando você é tão perigoso, Luke? Isso tudo é frustração?

— Não, meu amor. — Estreito os olhos para ele. — OK! É... — fala, aproximando o seu rosto do meu e encarando meus olhos profundamente. — Mas isso é paixão e desejo contido. Anseio por mais, como se nunca fosse o suficiente, mas vou garantir que sinta o mesmo que eu.

Antes que possa falar mais qualquer coisa, Luke toma os meus lábios em um beijo profundo que me tira o ar e me enche de tesão. Envolvo seu pescoço com meus braços enquanto retribuo o beijo na mesma intensidade. Sentindo a minha entrega, ele sorri contra a minha boca e morde o meu lábio

inferior, puxando-o um pouco em seguida. Suas mãos vão até a minha bunda por dentro do roupão, colando ainda mais meu corpo contra o seu e friccionando meu clitóris contra a sua coxa. Luke toma dos meus lábios o som dos meus suspiros de prazer.

— Você deveria aprender uma coisa, Nina. Homens podem ser bons, mas todos têm um limite, e eu alcancei o meu faz algum tempo — diz em um tom baixo e sedutor.

Suas mãos, que estão em minha bunda, sobem para a minha cintura e me levantam, ficando entre as minhas pernas. Nesse movimento, enlaço seu quadril com as minhas pernas, cruzando-as para ter um apoio a mais. Fico na posição certa e, em uma investida rápida e forte, seu membro fica completamente dentro de mim, fazendo-nos gemer juntos. Nós ficamos parados por um curto tempo, apenas sentindo a onda de prazer que o movimento causou, sem nos preocuparmos se alguém escutará ou não.

Consigo sentir seu profundo desejo. Ele me ama com toda a sua paixão e sussurra ao pé do meu ouvido o quanto eu o deixo louco. A cada investida, Luke marca meu corpo como seu. Até que eu nunca mais duvide de que meu corpo e meu coração o pertencem. Sem falar da profundidade da palavra "minha" saindo da sua boca.

Depois de hoje, não terá um lugar do meu corpo que não me fará lembrar dele. Do seu toque, do seu olhar, da sua voz e do seu calor. Hoje também descobri algo: o Luke frustrado vira outra pessoa. *Mas sabe que me apaixonei por esse lado também?*

Ficamos enlaçados por um bom tempo. Estar abraçada ao Luke apenas olhando para o tempo? É uma coisa maravilhosa. O silêncio nunca foi tão agradável. Contudo, não teve ausência de roupa, paz ou clima, na verdade, nem se tivesse velas, pétalas de rosas ou uma placa, nada impediria minha mãe de invadir o quarto e reclamar da zona no banheiro.

Claro que não preciso dizer que ela teve uma boa visão. Como não teria? Quando o Luke estava deitado na cama gloriosamente nu como um Deus grego. *Por que estou tão tranquila sobre isso? Porque já ri mais até do que deveria. Por quê? Bom, me deixa contar para você.*

Estávamos deitados quando eu quis ir ao banheiro. Luke estava preguiçosamente deitado e satisfeito após fazermos amor, quando minha mãe chegou batendo na porta, brigando.

— Não pensem que porque a porta está fechada que não vou brigar! — Ao escutar a voz da minha mãe, me apressei para aparecer na porta. *Se eu*

estava nua, descabelada e com uma face rosada de sexo bem feito? Estava sim, mas abafa, porque ela não percebeu. — Tinha calcinha no chão de um lado e cueca do outro. Pelo amor de Deus, tinha até lubrificante! E nem quero saber que uso se fez com a arma de choque que te dei, Nina!

— Desculpa pelo banheiro, mãe — falei em minha defesa. Então, ela me olhou dos pés a cabeça, olhou para a cama e, quando seu olhar pousou no Luke, Dona Kiara perdeu a cor tão rápido quanto a ganhou novamente, ficando vermelha como um pimentão.

— N-Na-Não façam isso de novo! E... — O silêncio recaiu sobre ela, deixando-a estática. Em seguida, puxou ar com força pelo nariz e se virou, caminhando desnorteada para a porta quase batendo a cabeça.

Assim que fechei a porta, Luke e eu nos entreolhamos e então começamos a gargalhar. Nossa gargalhada foi tão alta que ela voltou só para bater na porta e nos mandar parar de rir dela. Ainda nos xingou de desavergonhados. *Mas como não rir?* A mulher não sabia onde enfiar a cara. Foi a primeira vez na minha vida que vi isso! E posso dizer que foi demais.

Por que estou falando no tempo passado? Porque isso foi ontem. Depois disso, tentei o resto do dia ter um momento agradável com essa doida família. Hoje, na verdade agora, para ser mais exata, estamos fechando a porta do carro. Vamos embora, e sinceramente, mesmo depois de tudo, ainda me sinto um pouco triste. Luke tem a casa dele e eu a minha. Sei que não significa grande coisa e que continuaremos nos encontrando todos os dias. Acho que estou mal-acostumada. Mimada talvez.

Mas também, desde que ele me deixou há dois dias – tantas coisas aconteceram em pouco tempo que parece que foi há uma eternidade –, que não gosto de perdê-lo de vista. Meu coração ainda dói só de pensar em nos afastarmos em algum momento. Voltando para casa, teremos despedidas no fim do dia. Cada um estará em sua cama e em casas diferentes. Eu não verei sua, nem tão linda, cara amassada pela manhã.

Uma batida na janela do carro chama a minha atenção e me tira dos meus devaneios. Vejo as minhas irmãs enfileiradas e bem comportadas. *O que fizeram com elas? Foram abduzidas durante a noite?* Abaixo o vidro do carro e, antes que eu diga qualquer coisa, elas me interrompem. Aliás, Jasmim interrompe.

— Sentirei sua falta como sempre senti. Luke, cuide da Nina — diz séria, parecendo sem nenhuma outra intenção. — Ela é minha irmãzona.

— Jasmim, você está passado mal? Está doente? — pergunto bem-

humorada. — Ou está precisando de dinheiro?

— Vá se catar, Nina — responde e me mostra a língua. — Estou mostrando meu amor.

— Só depois de você me mandar ir me catar. E isso porque diz me amar. Uhum. Conta outra — respondo à altura.

— Muito lindo e muito sentimental. Só que não, mas... Estão se esquecendo de mim? — fala Cristiana quase ofendida.

— Agora vem o seu depoimento? Ou quer dinheiro também? — provoco.

— Na verdade, não estou chorando a falta que você vai fazer. Vim para perguntar o seu endereço, mas se quiser me dar dinheiro, estou aceitando. — Ela abre um lindo sorriso.

O mesmo que fez muitos meninos da época da escola chegarem perto de mim só para a alcançarem. Mas isso não vai me enganar. Não mesmo. Não é dinheiro... No meio disso tudo existe a verdade. Endereço?

— Morra! Sinta muita, mais muita saudade de mim, porque nem a pau que darei o endereço. Repito com outras palavras: nem nos teus sonhos, bonitinha — digo ainda com bom humor, piscando para ela.

— Ah! Agora está de bom humor? — provoca Giovanna em meio a um riso de deboche.

— Claro! Por que não estaria? Estou noiva e indo embora para Pisa, onde não vão me encontrar! Quer felicidade maior que essa?

Se elas me olham chocadas? Olham sim! A minha reação é dissimular a verdade com humor? Talvez. A Nina de chifrinhos vermelhos ataca novamente? Sim. Se vou repetir que vou para o inferno? Disso já não tenho dúvidas.

— Não mascare com humor. Quem faz isso sou eu! — reclama Olívia, dessa vez sem se preocupar em parecer uma boa moça.

— Está bem. Deixo isso contigo. E serei bem direta... Tudo isso é para tentar me convencer a dizer meu endereço? Plano furado esse. Com todo esse amor meloso? Não se iludam, vocês não são dessas.

— Sabia! Sabia que não deveríamos ter deixado Luna ir viajar na lua de mel! Ela conseguiria o endereço da Nina! — Olívia fala para Jasmim.

— E quem disse que ela não tem? — Sorrio sem vergonha e elas me olham chocadas. Se para elas é um absurdo meu humor, nem quero olhar para trás e ver a cara do Luke. — Mentirinha! Ou não. Tchauzinho, meninas! — digo, fechando o vidro da janela que abafa as ofensas das minhas irmãs.

Meu olhar curioso de canto de olho procura Luke. Ele me olha, acomodado confortavelmente virado para mim, e me encara como se assistisse algo muito interessante, mordendo os lábios e contendo o riso. Olho para os lados ficando um pouco corada e sem graça.

— O que foi? — pergunto.

— Hum? — Ele arregala os olhos e ergue ambas as sobrancelhas. — Nada! Nadinha mesmo. — Luke se ajeita no banco, ficando na posição correta de motorista, mas não deixa de segurar o riso enquanto liga o carro. — Certas coisas não se negam... — murmura, achando graça.

— Está falando que pareço com elas, né? — pergunto e ele apenas dá de ombros. *Se ele foge das tretas descaradamente ou joga lenha? Estou em dúvida.*

Ficamos em silêncio no carro e aproveito para pensar que, assim que chegarmos em casa, Diana vai nós encher de perguntas. Se bem que, dessa vez, talvez serei eu a enchê-la. Bom, se eu dissesse que não sinto falta da Diana estaria mentindo. Se eu dissesse que não estou louca para chamar o Luke para morar comigo, também estaria mentindo. Será que a empresa verá isso como um problema? Quando voltarmos, ele será meu chefe e me pergunto no que diabos isso vai dar.

Olho para a janela e fico observando os gramados. A certeza de que estou indo embora novamente deste lugar me atinge. Local onde cresci e, mesmo que tenha meu próprio lar, aqui nunca vai deixar de ser minha casa também. Só não é a casa que quero morar, mas fora isso tudo bem. *O problema não é a casa si*.

Não sei o porquê, mas não sou gosto de conversar em viagem. Bem, no fim das contas, acho que é o certo. Pelo menos com o Luke sendo o motorista. Não posso tirar a sua concentração, porque não queremos um acidente de carro, certo?

• • •

Já estamos na rua de casa, e a dor da falta antecipada do Luke me assola, fazendo meus lábios tremerem suavemente. Uma lágrima quase rola pela minha face com a dor no meu coração. Olho de canto de olho para o Luke, pela décima segunda vez, como se ele devesse adivinhar meus pensamentos. Vendo que ele nem se toca, me sinto levemente magoada. E quando o encaro pela décima terceira vez, ele começa a rir.

— O que foi, Nina? — pergunta sem virar o seu olhar para mim.

Apenas tira a mão do volante e a apoia sobre a minha coxa.

— A culpa é toda sua! Você me deixou mal-acostumada — falo ainda com um tom chateado e mimado.

Ele apenas ri de novo.

— Por quê? Posso saber o que eu fiz de errado?

— Me deixou mal-acostumada de dormir com você! Agora vou dormir sozinha, naquela cama que nunca pareceu tão gigante!

Nem eu acredito em como estou sendo mimada. Minhas bochechas instantaneamente coram.

— Deixe-me ver se entendi... Está me chamando para morar com você? — Luke estaciona o carro diante da minha casa e me olha de um jeito carinhoso, mas ao mesmo tempo divertido.

— Bom... Para ser sincera, estou sim, mas estava tentando ser sutil — digo, olhando para o lado.

Estou sendo muito abusada? Será que estou sendo muito apressada ou muito sem-vergonha? Mas eu não quero ficar longe dele! Não somos adolescentes para ficar dando satisfação para nossos pais. Nem moramos com eles, com a graça de Deus! *Não pela Sil, porque ela é um amor. Além disso, o Luke é um cara legal...* Ele tosse, chamando minha atenção, e fala com uma entonação que parece que está tramando algo.

— Então... Antes de irmos viajar para casa dos seus pais, deixei minhas coisas arrumadas. Não pensei que voltaríamos noivos. — Um sorriso já começa a crescer em meus lábios e então ele completa, acompanhando o meu sorriso de maneira confiante. — Mas já pensava em te convencer de algum jeito de que não podemos viver um sem o outro.

— E você não pretendia nem sequer notificar a dona da casa? — pergunto, tentando o máximo que posso controlar a minha felicidade, dissimulando com humor.

— Ué! Não está feliz? Poxa, pensei que seria uma surpresa bem-vinda — responde Luke, falsamente chateado.

— Eu? Feliz? — Olho para ele com meus olhos brilhando de animação. — Estou extasiada! — Solto-me do cinto de segurança e pulo nele, sentando em seu colo. Abraço-o e encho o seu rosto de beijos. — Te amo, te amo, te amo!

Ele apenas ri e apoia as mãos em meus quadris.

— Hum... Acho que mereço mais do que beijos no rosto — murmura, mexendo a sobrancelha sugestivamente.

Fecho meus olhos com força e rio ainda mais, sentindo uma felicidade sem fim. Mas em seguida os abro, e aposto que estão nublados de desejo. Levo a mão aos seus cabelos e os envolvo entre meus dedos, puxando seus fios para que a cabeça de Luke fique na posição que quero.

— Às vezes você não vale nada, mas eu te amo mesmo assim — digo, mordendo os seus lábios, provocando-o.

— E deve me amar mesmo, pois um homem como eu você não arruma igual. — Ele pisca para mim. *Descarado.*

— Realmente... Outro igual a você? Nunca mais! — falo, rindo, mas não perco a oportunidade de lhe dar um beijo longo, lento e apaixonado o suficiente para que nos afastemos em busca de ar. Nenhum dos dois possui o desejo de se separar. Encostamos a testa uma na outra com um sorriso bobo, mantendo nossos olhos fechados e sentindo a emoção pulsante em nossos corpos.

— Hum... Que evolução, casal. — A voz é familiar e está próxima. Abro meus olhos, feliz em reencontrar a minha melhor amiga depois desse tempo que pareceu uma eternidade.

— Diana! — exclamo assim que viro o meu olhar em direção à sua voz. Ela está curvada, apoiada na janela que deixei aberta durante a viagem. Seu sorriso, como sempre, está sem-vergonha e satisfeito.

— Nem precisa dizer nada. Sei que não podia viver mais um dia sem mim. Aliás, parabéns, Luke! Você é um grande premiado! Tirou a virgindade da Nina antes de Jesus! Bom garoto!

— Oi? Jesus? — pergunta com uma risada, curioso.

— Piada interna, Luke — digo, olhando para ele e tentando abafar o assunto. Em seguida, olho para a Diana. — Porra, Diana! Mal voltei!

— Mas acha que eu perderia a oportunidade? Até parece que não me conhece! — fala rindo, agora mais tranquila. — Sejam bem-vindos de volta, casal de noivos. Mas antes de tudo, safadinhos... — diz maliciosa. *É o modo diaba*? — A vizinhança está assistindo o seu *showzinho* romântico. — Ela aponta para as vizinhas que espiam e suspiram de suas janelas.

Porra. É o modo diaba sim!

— Porra duas vezes, Diana! Por que não nos avisou antes? — pergunto inconformada e saio do colo do Luke.

— Por que achei que seria mais legal assim? — Ela mexe apenas uma das sobrancelhas.

Bom, essa é a minha melhor amiga. Se fosse diferente, não seria

Diana.



VOLTANDO À NORMALIDADE... OU NÃO

Não consigo fazer nada além de olhar para os seus olhos azuis. Eu amo a minha melhor amiga, mesmo quando ela admite descaradamente ser mais divertido me deixar constrangida do que me avisar que os outros estão olhando. O meu sorriso só vem quando olho para a cara dela. *Como não sentir falta da Diana? Impossível com todo esse seu senso de humor e sua tendência maldosa*. Se fosse um homem eu teria me apaixonado por ela? Provavelmente. Se eu seria feliz? Talvez não. Ela nunca abaixa suas muralhas, nem mesmo para mim. Sempre mostra só o que quer mostrar.

— Nina... Se você está tentando ver a minha alma, acho que está falhando — fala em um tom de deboche tão grande que não consigo deixar de rir.

Às vezes acho que ela pode ler pensamentos.

— Não estava tentando ver esse negócio preto que você chama de alma. Só estava com saudades da minha amiga. Fazia algum tempo que não olhava para essa sua cara bonita/feia — digo, mostrando a língua para ela.

— Que história é essa de bonita/feia? Eu sou a sua amiga mais bonita! — exclama incrédula, parecendo ofendida.

— Doida. Você é a minha única amiga — falo e ela se cala, deixando um pesado silêncio enquanto me olha feio. Mas não sinto medo, só sinto uma enorme vontade de rir. *Raras são as vezes que a silencio.*

— Isso só significa que você tem um bom gosto para amigas. O resto não presta! — diz, estreitando os olhos para mim como se me desafiasse a dizer o contrário.

— Sim, você está certa — admito e ela parece vitoriosa.

— Por que me sinto excluído quando vocês duas se juntam? — pergunta Luke, intrometendo-se na conversa.

— Porque você é apenas o *boy* magia dela — Diana responde como se fosse óbvio. — Sou a amiga que esteve com ela anos a fio. Na TPM, no mau humor, nos dias bons e nos péssimos. Vocês podem estar noivos, mas somos casadas, *baby*. — Ela pisca para ele e lhe sopra um beijo.

Olho para a cara da Diana com a maior expressão de "*what that fuck?"* da minha existência, porém, logo em seguida, solto uma gargalhada desacreditada. Essa pessoinha maravilhosa da minha vida.

— Desde quando estamos casadas, Diana? Não me lembro dessa parte em nenhum momento nesses anos todos — falo e finjo pensar em que momento isso aconteceu.

— E eu sou o quê? *Boy* magia? O que é isso? — Luke indaga. — Essas mulheres!

— Já estão tão parecidos — comenta Diana. — Bom, tanto faz. Casar no papel não casamos, mas temos um relacionamento hétero e bem sólido. Admita! Senão vou querer divórcio!

Levanto as mãos em rendimento, ela parece satisfeita e então se vira para o Luke.

— E sobre você ser *boy* magia... Vai dizer que nunca ouviu esse termo? Você pega a sua varinha. É. Essa varinha que está pensando mesmo e...

— OK, Diana. Não termine a explicação, pelo amor de Deus! — Tampo a boca dela com minha mão. Entretanto, ela continua a falar, produzindo sons estranhos que mais parecem resmungos. Assim que termina, tiro a mão de sua boca e a Diana fala "*vingardium leviosa*".

Droga, Diana!

— Hum... Sou seu *boy* magia — diz Luke, não deixando passar. *Droga, estou ferrada!* Penso enquanto Luke está com uma expressão que diz que irá aprontar algo. — Gostei! — conclui, levando a mão à boca, pensativo.

— Luke... Não piore a situação — aviso.

— Isso me deu uma ideia. Nina, v*ingardium leviosa* para o meu colo! — A Diana está influenciando o Luke até nas referências cinematográficas.

Olho para ele.

— Rárá. Não. Obrigada, Diana. Para de ficar dando essas ideias!

— De nada pela ideia, mas e aí? Vão ficar o dia todo dentro desse

carro? E quando vocês vão tomar vergonha na cara e morar juntos? — pergunta ela, ainda apoiada na janela do carro. — Afinal, vocês são um casal de noivos. Ou irão deixar para depois do casamento?

Olho para o Luke de maneira cúmplice e ele retribui meu olhar, também estampando um sorriso bobo. Ele segura a minha mão em apoio e nossos olhares recaem sobre a Diana.

— Grávida? — ela grita, fazendo as suas suposições.

— Não! Doida! — grito de volta e ela coloca a mão sobre o peito na altura do coração, parecendo aliviada. — Na verdade, fui parar no colo do Luke por isso. Digo, pela parte de morarmos juntos — explico.

— Ótima tática, menina! — fala, achando graça. — Convencendo o *boy* do que ele estará perdendo se morarem em casas diferentes. — Diana levanta a mão fazendo um "joia". — Agora deu orgulho! Ela está crescendo... — completa com um murmúrio falso e com um choro dramático.

— Não, doida! Eu o chamei para morar comigo e ele aceitou. — Dou um leve tapa em sua cabeça.

Ela passa a mão onde bati, chateada, mas se recupera rapidamente e a sua expressão muda, ganhando o famoso ar maldoso. Isso só deixa claro que, no fim, Diana não vale nada. *Embora ainda ame essa Diaba.*

— Ousada você! Uma semana e adeus Nina tímida! Já apareço na sua janela e você estará vestida de enfermeira! — Divertido e aprovando a ideia, Luke exclama um "olá, enfermeira!”. *Filho da mãe!* Meu rosto começa a esquentar e a corar incontrolavelmente. — Sabia que você era dessas. Só era enrustida.

— Porra, Diana! Meu Deus! Está compensando o tempo que estávamos longe? Ou o tempo que te deixei sozinha? E Luke Salvatori... Não vá na onda dela! — Quase posso ver meus cabelos ficando brancos em contraste com meu rosto vermelho.

Esses dois ainda vão me matar!

— OK, vou deixar vocês saírem desse carro. Devem estar cansados da viagem — diz Diana, afastando-se da porta do carro e indo para o próprio veículo. *Isso é novidade! Não sei dizer se é melhor ou mais perigoso.*

Diana é como uma tempestade que vem bagunçando tudo e, quando vai embora, deixa um rastro de desordem e confusão. Talvez em outra vida ela tenha sido um gato. É bem a cara dela. Um pouco como os gatos do desenho *A Dama e o Vagabundo*. Só que não tão malvada.

Saímos do carro, pegamos nossa bagagem e nos encaminhamos para

dentro de casa, deixando tudo em um canto da sala mesmo. A última vez em que estive aqui parece tão distante quanto uma vida. Jogo-me no sofá, e o Luke, ainda com toda sua animação, deita sobre mim. Ele é muito sedutor e cobre o meu corpo com o seu, fazendo com que eu me sinta pequena em comparação a ele, mas faz com que eu me sinta, principalmente, excitada.

— Nina — diz lentamente em um tom baixo.

Um pouco mais acostumada à sua aproximação e envolta no clima sedutor, passo os meus braços pelo seu pescoço.

— Sim, Luke...

— Estou com fome — fala, abrindo meu sorriso sem-vergonha favorito. Ele sabe que não era fome que eu queria que sentisse. — E ainda temos que buscar as minhas coisas.

— Você está com fome e precisa se mudar para cá. Eu tenho cartões de restaurantes — digo, rindo. — Quer comer o quê?

Luke fica em silêncio e o seu sorriso amplia. *Entendo a sua segunda intenção. Pela primeira vez eu tinha entendido de primeira, mas me neguei a acreditar*. Sabe aquele sorriso que não dá para evitar, mesmo quando está constrangida com seus próprios pensamentos libidinosos? Então. É o que eu abro agora.

— Temos muita coisa para fazer hoje, não temos? Tudo bem enrolar?

Ele não parece chateado e aproxima o seu rosto do meu. Seus lábios parecem brincar enquanto acariciam os meus para enfim me beijar de uma maneira lenta e cheia de desejo. Enfio a mão entre seus cabelos, entregando-me ao beijo, que causa um arrepio que sobe pela coluna. Mas quando menos espero, Luke se afasta e me olha divertido.

— Então vou mexer com você o dia todo. Está avisada. Sem reclamar, viu... — Meu cérebro demora um tempo para conseguir compreender as suas palavras, e enquanto isso, ele se levanta cuidadosamente, mas sem perder a chance de no processo passar a mão “acidentalmente" no meu corpo. *Meu corpo queima e ele sai assim? Você é mau, Luke!* Em uma falsa indiferença, ele fica em pé, me olha como se não tivesse feito nada e estende a mão para mim. — O que foi? Vamos, meu amor.

Levanto-me descrente, achando graça da sua "maldade". Apesar da minha frustração, no fim sei que também é uma promessa. Passo por ele e vou em direção à porta, contudo, antes de chegar nela, ganho um tapa bem servido na bunda. Olho feio para ele e estreito os olhos.

— Vai ficar vermelho, Luke!

— Vai? Hum... *Sexy*! Ainda bem que só eu posso admirar a visão da sua bunda vermelha, né? — Ele ri, vendo-me pasma, e passa por mim para abrir a porta. — Vamos?

— Você não vale nada, mas ainda amo você. — Ri novamente e me deixa passar por ele, mas não demora em fechar a porta e vir correndo atrás de mim. Luke me abraça com força e me levanta do chão, fazendo-me rir. — Seu doido!

— Desde que seja por ou com você, eu posso ser qualquer coisa — sussurra próximo ao meu ouvido, deixando-me excitada e desnorteada. *Ele está brincando deliberadamente com o meu juízo.*

Quando me põe de volta no chão e passa por mim, dou um tapa forte na sua bunda, que provoca uma onda de riso nele enquanto caminha para o carro. Vou para o veículo e, logo após apertar o cinto, Luke dá a partida como se fôssemos para muito longe e ele quisesse chegar logo, mas me surpreendo que não demora nem cinco minutos para chegarmos à sua casa.

Ele estaciona em uma vaga que tem o seu nome escrito em uma placa de metal. Já tenho uma ideia de como é a casa do Luke. Adiante, vejo um pequeno e bonito prédio com quatro andares, de tijolos vermelhos e com um jardim que possui uma trilha de pedras brancas. Rosas pequenas estão espalhadas por todo o caminho, dando vida e um contraste lindo de cores. Saio do carro, admirada e pensativa.

Então era aqui que ele vivia com a Flávia. A ganância por dinheiro realmente falou mais alto do que o amor do Luke? Mais alto que todo esse ambiente agradável que é perfeito para um casal ou família? Ela perdeu algo que nunca mais vai ter! Porque não sei o que se passou pela cabeça dela, mas não sou eu que vou abrir mão dele caso ela se arrependa.

Desperto-me dos meus devaneios, Luke vem por trás de mim e me abraça, passando a mão pela minha cintura. Ele encaixa o seu corpo no meu e apoia o queixo no topo da minha cabeça.

— O que foi?

— Estava admirando. Aqui é um lugar tão bonito! — Sorrio. Coloco as mãos sobre as suas e deixo minha cabeça cair para trás, entregando-me ao calor do seu aconchego.

— Você acha? — Seu tom é quase de descrença. — Um dia achei isso. Quando comprei, mas... Prefiro sua casa. Ela tem seu cheiro, e não importa onde você vá, te vejo lá, sinto sua presença e me sinto bem. Aqui? É um lugar calculado apenas para tentar imitar esse sentimento — comenta.

— Profundo! — digo, rindo. — Bobo. Eu amo esse seu jeito. Mas lógico que minha casa tem muito de mim, a casa é minha! Arrumei anos atrás ao meu gosto.

— Agora será nossa... — corrige ele.

— Sim. Agora é nossa — falo num tom satisfeito, quase sonhador. — Temos que deixar sua marca nela também.

— Vamos, meu amor? Não quero ficar muito tempo longe da *nossa* casa — diz, me solta e me dá o braço.

Apenas concordo com a cabeça e sorrio, sentindo uma felicidade que não cabe em mim. Seguro em seu braço e caminho até o portão. O porteiro recebe Luke animado, falando que ele tinha sumido, mas que fica feliz que voltou. Luke já diz que vai se mudar e que ainda não sabe o que vai fazer com o apartamento, se vai vender ou alugar. O porteiro concorda compreensivo.

Seguimos pelo corredor e subimos pelo elevador de carga e descarga. É tão limpo, com detalhes de metais contorcidos, que não perde a harmonia do ambiente. Chegamos ao quarto e último andar e saímos em outro corredor que tem uma única porta dupla de madeira. Ele passa um cartão na fechadura da porta e a abre silenciosamente, dando-me a visão de um espaçoso apartamento, bem iluminado e com muitas janelas.

O local quase não tem móveis e coisas realmente pessoais, apenas uma coisa e outra. Contudo, a primeira coisa que noto é uma caixa com muitos porta-retratos. Aproximo-me em passos lentos e inseguros, sentindo um frio na barriga e, assim que puxo o primeiro, vejo um Luke que nunca vi. Sério, de terno, cabelos penteados e barba bem feita. Ao seu lado está Flávia, vestindo um vestido longo e justo. Como um casal de celebridades.

Isso me parte o coração. Mesmo que Luke estivesse lindo de morrer, ainda estava ao lado daquela mulher. Ele não sorri aquele sorriso que dá a todo instante, mas imagino que essa imagem dos dois nunca sairá da minha cabeça. Quando vou guardar de volta, vejo de relance outro retrato. Um cheio de recortes em que ele está vestido como jogador de futebol, de vôlei, de basquete e até com agasalho preparado para *snowboard*. Várias versões de anos atrás que não conheço.

Pelo menos esse aqui ele deveria guardar.

O som de malas me chama a atenção e vejo o Luke, que tanto conheço e amo, puxando duas malas grandes de rodinhas. *O passado não muda nada, porque ele é meu agora*. Deixo o porta-retratos lá e vou até ele.

— Quer ajuda? Acho que vou ter que comprar um guarda-roupa maior! — digo bem-humorada, afastando o sentimento ruim que me assolou agora pouco.

— Olha... Acho que sim! Uma dessas é de roupa social, outra de roupa do dia a dia. Estou começando a achar que sou uma mulher enrustida, pois separei só o necessário. Te juro! — responde ele no mesmo bom humor. — Mas tranquilo, porque vou deixar aqui uma boa quantidade das coisas grandes. Vou deixar como um depósito enquanto não sei o que fazer com este lugar e com as coisas.

— Pode levar algumas coisas se quiser. Tenho um quarto de visitas e um pequeno escritório que nunca usei — comento, dando de ombros.

— Isso é bom. Talvez possa transferir parte do meu "quarto da dor" para lá — fala divertido devido à minha expressão de surpresa.

— Quarto da dor? Você realmente tem isso? — Olho para ele desacreditada.

— Claro! Venha, vou te mostrar. — Luke deixa as malas e caminha até mim, segurando a minha mão enquanto atravessamos a grande sala em passos rápidos.

Passamos uma, duas, três, quatro portas e na quinta ele para, fazendo o maior drama para abrir. Quando finalmente abre, não me aguento mais de curiosidade e dou alguns passos a frente para espiar. Mas quando estou prestes a ver, Luke me empurra de vez para dentro, rindo.

— Vai morder! — exclama entre uma risada.

— Luke, seu idiota! E se eu caísse? — Viro-me para ele brava.

— Nesse caso eu cuidaria de você.

Ele me abraça todo sedutor e encaixa meu corpo no seu, tirando e apagando da minha mente qualquer argumento contra ele. Luke aproxima seu rosto do meu como se fosse me beijar, mas morde a ponta do meu nariz.

— Boba. Medo do quê? É só a sala onde treino — diz ele, apontando. — É quarto da dor, não do prazer. Esse é lá na sua casa.

Resmungo pela mordida no nariz e tento disfarçar meu constrangimento pelas palavras dele. Olho ao redor, vendo vários aparelhos para musculação. Noto saco de areia, barra, tatames empilhados, toalhas e até um pequeno bar com uma geladeira no canto.

— Você faz tudo isso?

— Sim. Todos os dias. Pelo menos fazia... Depois que te conheci, confesso que dei uma relaxada. Tenho que voltar ao treino — admite, ainda

com seus braços em torno de mim.

— Acho que tudo isso não vai caber em casa. — Penso em voz alta.

— Isso é certo, mas não se preocupe. Para tudo tem seu jeito — murmura para me tranquilizar.

Durante o resto do dia, eu o ajudo carregando as suas coisas para o carro e noto que, apesar de ser o suficiente para encher o carro, são poucas. Questiono Luke e ele diz que nada daquilo que ficou para trás é necessário para a nova vida. Mas, no entanto, não estão sendo deixadas para trás, apenas estão sendo guardadas. Existem lembranças boas, mas também temos que dar valor apenas ao que realmente tem valor.

Luke diz que é melhor pararmos por hoje e que aos poucos passa as coisas dele para o quarto de visitas ou para o escritório. Voltamos para casa e agora o trabalho é tirar tudo do carro. Após algum tempo, tudo está entre o corredor e a sala de casa.

— Nossa, que bagunça! — comento.

— Não se preocupe, eu dou um jeito nisso. Vá fazer as compras dessa semana com o meu carro. Assim, quando voltar, a bagunça terá sumido — diz, olhando ao redor. — Ou grande parte dela.

Concordo e vou até ele, depositando um beijo casto nos seus lábios.

— Te amo. Volto logo.

— Não tenha pressa. Tenho muito para arrumar — fala, rindo.

• • •

No fim do dia, tudo está arrumado, e enfim chegou a hora de descanso. Após tomar um longo banho, finalmente me deito na cama, exausta. O quarto nunca me pareceu tão aconchegante.

O som do chuveiro ligado chega até mim. Luke está entrando no banho agora. Esta será nossa primeira noite morando juntos e me sinto feliz e nervosa ao mesmo tempo, mas estou com tanto sono que quase durmo esperando que termine. Vejo a luz do quarto diminuindo aos poucos. *Será que foi queda de energia? Poxa, Deus! Justo hoje?*

Uma música baixa, lenta e sensual chega até meus ouvidos. A luz do corredor é acesa, dando destaque para a porta. Vejo Luke, com o corpo e cabelos molhados e penteados para trás, vestindo uma roupa de bombeiro, sem a camisa e com o suspensório cobrindo o bico dos seus peitos. Ele expõe sua bela musculatura, seu peito e barriga bem definida, sem falar do seu V do pecado e do volume tentador nas calças.

De onde esse homem tira tanta energia?

Ele levanta a mão e mostra uma mangueira de incêndio de verdade.

— É aqui que tem uma mulher pegando fogo?

Custo a acreditar nessa visão diante de mim e tenho que piscar algumas vezes. Encaro-o e ergo uma das sobrancelhas, ficando em silêncio absoluto enquanto mordo o meu próprio lábio. *Porra, Luke!* Pisco mais algumas vezes e engulo em seco. Olho para os lados, tentando afastar meus pensamentos, mas começo a sentir meus olhos lacrimejarem. Agora já é tarde. Não preciso olhá-lo para me lembrar dele vestido de bombeiro.

Uma gargalhada alta vem antes que eu possa evitar. Jogo-me contra os travesseiros, tentando abafar meu riso. Não me batam! Sei que não deveria, que provavelmente estou magoando o Luke, mas “é aqui que tem uma mulher pegando fogo?" é demais para mim! Só de pensar nisso começo a rir mais ainda, sentindo as lágrimas rolarem pela minha face. Meu corpo todo vibra enquanto gargalho sem conseguir parar.

— Nina! Você está... rindo de mim? — pergunta em um tom chateado. *E com razão.*

— Não, Luke. Mentira. Estou rindo. Desculpe... Não sei lidar com isso. Me perdoa. — Acabo falando pausadamente enquanto tento conter a minha risada. Contudo, assim que meus olhos recaem sobre ele novamente, não consigo segurar e aperto ainda mais o travesseiro contra o meu rosto, tentando fazer com que eu pare de rir a força.

— Você sabe quanto trabalho tive para conseguir esta roupa com meu amigo que é bombeiro de verdade? E que tive que roubar a mangueira do prédio do meu antigo apartamento sem que você se desse conta? Estou aqui, todo coberto de óleo corporal, para você rir de mim? — fala ele com cara de poucos amigos. *Ele roubou a mangueira?*

— Desculpe. Eu não queria rir, só... Não consigo evitar. Achei engraçado. Me perdoa? — digo, arrependida. Porém, ainda não consigo parar de rir, mesmo que agora seja mais baixo.

— Nina, você não parece nem um pouco arrependida. — Ele me olha cético e deixa os ombros caírem enquanto tira o capacete e o coloca no chão. Faz o mesmo com as botas e em seguida com o macacão, ficando lindo apenas de cueca.

Se Luke imaginasse que ele por si só já é tão atraente para mim, sem precisar de adornos ou fetiches. Ver o seu corpo agora, seminu, ainda brilhoso, e apenas com uma *boxer* preta me parece muito mais atraente.

Silencio o meu riso e dou lugar para a excitação, fazendo o meu corpo todo responder em expectativa e necessidade. Entretanto, Luke está tão chateado que nem sequer se dá conta do meu olhar de cobiça. Ele pega uma toalha e limpa o excesso de óleo enquanto resmunga.

— Mas estou arrependida... De verdade! O que posso fazer? — falo baixinho, pensando que neste momento poderia estar agarrando o meu bombeiro favorito. *Puta mancada!*

Sem olhar para o meu rosto, ele se aproxima e deita na cama de costas para mim para ir dormir. *Se o arrependimento está quase dando na minha cara?* Claro! Junto com a vontade de apertar a bunda dele. E, aliás, por que Luke tinha que ter uma bunda tão atraente? E pior! Como nunca reparei isso antes? Talvez a explicação seja que sempre estou tão encantada com o resto. Bom... É hora de tomar alguma atitude, não é? Tenho trinta anos e não tenho mais idade para ficar me contendo, principalmente quando é algo finalmente declarado meu.

Respiro fundo para tomar coragem e o cheiro de óleo de amêndoas chega até mim, fazendo-me sorrir. Aproximo-me do meu amado revoltado e levo a minha mão até o seu quadril, passando as unhas sobre o tecido da cueca. Ele me ignora e penso quanto tempo será que consegue fazer isso. Com um risinho travesso em mente, continuo fazendo carinho e encho minha mão com a carne de sua bunda enquanto a aperto com força, mordendo o meu próprio lábio.

Não demora quase nada e vejo um Luke pulando da cama quase desesperado. Gargalho novamente com a sua reação enquanto ele se vira de frente para mim. Quero ver me ignorar agora, bonitão! Tenho quase certeza, mas acho que peguei mais do que queria, por isso ele pulou.

— Nina... Eu te amo, mas, definitivamente, não vou te dar a minha bunda! — fala de frente para mim, mas com as mãos para trás, cobrindo a sua bunda.

— Não era minha intenção. Sua bunda só me pareceu tão atraente, então peguei. — Sorrio divertida, aproveitando da nossa liberdade e intimidade. Finalmente começo a entender e a desfrutar dela.

Ele me olha completamente chocado e surpreso com minha atitude, estreitando os olhos para mim de maneira acusadora.

— Não sabia que você era dessas, Nina.

Vê-lo assim abalado só me instiga a continuar. Quase posso ver meus chifrinhos vermelhos em minha própria cabeça, nascendo junto com um

sorriso malicioso. Ele estranha a minha reação e fica estático. Eu me levanto e vou engatinhando até a beira da cama, ficando perigosamente mais próxima dele e falo baixinho:

— O que posso fazer se seu corpo me seduz? Sou sua noiva. Sou tão sua quanto você é meu. Não posso tocar o que é meu? Apertar o que é meu? Mesmo que eu tenha errado, se eu te ver assim seminu como agora... Vou ter que me conter toda vez que te olhar e minha boca salivar para ter você, Luke?

Ele me olha completamente estupefato. E, pela primeira vez, vejo-o ficando completamente corado. Mas Luke também tem outra reação involuntária que me faz sorrir ainda mais.

— Depois tem a cara de pau de dizer que não tem uma mulher pegando fogo aqui! Olha como você me deixou. Assim, do nada! — Dessa vez é ele que cai na gargalhada, referindo-se ao volume na cueca.

— O que posso fazer se você é um péssimo bombeiro? Ao invés de apagar meu fogo, você me incendiou. — Agora Luke está longe de estar mal-humorado. Ele abre um sorriso satisfeito e malicioso, observando-me ainda de quatro na beira da cama.

— Talvez essa não seja uma boa profissão para mim — diz com um sorriso devasso enquanto endireita o corpo. — Deveria colocar mais fogo em você?

— Ah, não. Dessa vez eu que vou colocar fogo em você. — Sento-me na beira da cama e deixo os meus pés pendurados.

Luke, que não está nem a meio metro de distância de mim, é facilmente alcançado quanto estico o braço. Toco sua coxa grossa e bem trabalhada, passando a ponta das unhas em uma suave carícia. Subo, indo em direção à sua cueca e deslizo a mão sobre seu membro por cima do fino tecido. Continuo seguindo até o elástico, seguro-o e o puxo para mim.

Por mais que uma das partes mais interessantes de se ter um homem esteja dentro da cueca, eu passei muitos anos sem um cara em minha vida. E, além disso, não é a única coisa que anseio em um homem como o Luke.

Subo minhas mãos, sentindo a ondulação dos gominhos da sua barriga que se contrai com o meu toque. Não perco a chance de dar atenção para a veia que se destaca e desço pelo vale que sua cueca cobre parcialmente. Não sei o que é mais atraente, se a musculatura bem definida ou o caminho que vem fazendo. É como uma seta que indica onde ele deseja atenção. Passo o polegar suavemente sobre aquela veia pulsante e desço, seguindo o seu caminho. Abaixo a cueca no processo, libertando o seu membro grande e

ereto. Mesmo com a excitação, eu me sinto curiosa. Já que, mesmo não sendo mais virgem, nunca tinha realmente visto tão de perto ou sentido com as mãos.

Sobre o olhar do Luke, passo a língua pelos lábios e os mordo em seguida. Sinto-me salivar mesmo sem saber realmente o que fazer com aquilo tudo na minha frente. Ainda que não tenha muita habilidade, pego-o com delicadeza, percebendo que a pele é sedosa e parece bem frágil, fazendo-me ter medo de machucá-lo. De acordo com os livros de romance, devo acariciá-lo e deixá-lo o mais excitado possível e só então colocar na boca. Sigo minhas instruções mentais e tento reproduzir, passando o polegar em sua glande. E o inesperado acontece: escuto-o rir.

— Nina... Não é assim. Veja bem, assim faz cócegas. — Olho-o por um segundo sem entender. Ele ainda está excitado, entretanto me olha de maneira terna.

Meu rapaz, estou tentando ser sexy e sensual aqui. Daí você faz isso?

— E desde quando sente cócegas, nessa... região?

— Desde sempre — diz, ficando levemente corado. — Não precisa fazer isso. Você sabe...

— Luke... Quero saber como te desestabilizar como você faz comigo.

Volto a tentar, só que desta vez faço apenas os movimentos com a mão. Escuto Luke suspirar e tomo isto como incentivo para colocá-lo na minha boca. Intercalo entre lamber e chupar, mantendo o movimento com a mão no local em que minha boca não chega. Ouço-o soltar um lento e rouco gemido. Luke parece se entregar e se deixar levar pelas sensações. Ele acaricia a minha cabeça e entrelaça os dedos em meus cabelos, mostrando-me como me movimentar. A princípio é estranho, mas seus gemidos e seu pulsar em minha boca me satisfazem. Fico cada vez mais excitada e acelero meus movimentos com a cabeça, uso a língua vez e outra, na ânsia de vê-lo se perder mais e mais nas sensações.

Dentro da minha boca, ele parece crescer ainda mais, o que me deixa um pouco mais atrapalhada, porque a cada vez que vou mais fundo vem uma sensação ruim na garganta. Tento remediar isso e o tiro da boca, passando a língua por toda sua extensão até a ponta. Vejo-o tremer por inteiro e volto a envolvê-lo.

Seu gemido parece ficar mais pesado e se transforma em um arfar descontrolado enquanto sua pulsação em minha boca parece aumentar. Ele tenta se afastar a todo custo, mas me nego a deixar de vê-lo e senti-lo se

perder na paixão. Seguro seu quadril, impedindo que me afaste e não demora para que algo quente preencha a minha boca. O corpo do Luke parece ficar mais relaxado, e ele solta meus cabelos. Dessa vez, consegue me afastar de si gentilmente.

Sem uma palavra, Luke termina de tirar a cueca, que ainda estava em seus pés. Ele me faz deitar na cama e a camisola sobe um pouco, revelando bem as minhas coxas e calcinha. Luke me olha, ainda cheio desejo, e passa a mão nas minhas pernas, levantando-as e aproximando sua face delas. Sua barba toca a minha pele e a faz arrepiar. Vendo a reação, ele se curva até a altura das coxas, se ajoelha e as morde devagar. Isso só intensifica os arrepios e a libido, e me deixa mais ansiosa com a expectativa do que virá a seguir.

Ele se posiciona diante de mim, entre as minhas pernas, e sua mão vai até a calcinha, passando o polegar sobre ela. O ato me rouba um suspiro e só aí percebo o quanto a peça está úmida. Vejo-o sorrindo enquanto aproxima seu rosto de mim. Sinto sua respiração quente, deixando-me mais e mais ansiosa. O roçar suave dos seus lábios sobre a calcinha faz com que meu corpo arqueie, sensível ao toque. Quando sua língua passa lentamente sobre o tecido completamente molhado, arfo de necessidade.

Sinto-o sorrir contra a minha pele, satisfeito. Com delicadeza e lentamente, ele empurra a calcinha para lado com dois dedos. Fico ainda mais exposta e me sinto corar, porque é a primeira vez que me veem desse ângulo. Mordo os lábios, constrangida e ao mesmo tempo desejosa.

O toque da sua língua é suave, quente e intenso. Ele a desliza pela minha entrada até chegar ao meu clitóris, fazendo meu corpo ter pequenos espasmos incontroláveis de prazer conforme ele repete o movimento. Luke para e volta vez e outra, brincando com minha sensibilidade, usando a sua língua e dedos. Meu corpo se arqueia e seguro os lençóis enquanto mordo os lábios com mais força, mas os gemidos são inevitáveis e vão ficando mais altos à medida que vou me perdendo em prazer com uma mistura louca de sensações indescritíveis. Sua língua fica em um vai e vem na minha entrada e seu polegar desliza pelo meu clitóris em uma lenta e gostosa tortura. Com a sua mão livre, ele levanta o meu quadril e me puxa mais para beira da cama. Eu o ajudo e sinto sua língua indo ainda mais fundo, fazendo-me arfar novamente.

Envolvida pela excitação, me deixo levar e enfio a mão em seus cabelos, tentando demonstrar que quero mais. Estou na beira do ápice e, apesar do meu desespero, ele continua ao seu próprio ritmo e sinto que estou

cada vez mais próxima de gozar. Perco o controle e puxo seus cabelos com mais força, e com uma pequena chave de coxas, prendo-o entre minhas pernas, entregando-me ao orgasmo de forma intensa.

Assim que meu corpo começa a se recuperar do êxtase, olho para baixo e vejo Luke vermelho. Solto os seus cabelos e abro as minhas pernas, libertando-o um tanto constrangida. Ele cai sentado no chão, puxa o ar e respira fundo.

— Nossa! Desculpa, Luke! — Sento-me rapidamente na cama, preocupada. *Meu Deus! Me perdoa. Quase mato Luke com uma chave de... Esquece.*

Ele me olha e fala ainda sem ar.

— Nina... Era para eu tirar o seu fôlego, não para perder o meu.



COMPLEXOS NÃO SE CURAM DO DIA PARA A NOITE

Macia, confortável, acolhedora, quente e receptiva. Sobram-me definições positivas sobre ela. Ela te acolhe nos bons e maus dias, te descansa no dia mais cansativo. Está sempre disponível, diferente de qualquer pessoa ou amor. Ela sempre vai te aceitar sem reclamar. *Cama.* Algumas pessoas simplesmente não sabem valorizar o valor de uma cama. Ela te acolhe, te aceita e te ama, então a valorize! Sei que pode ser meio possessiva, afinal, todas as manhãs não nos deixa levantar, mas entenda... Às vezes pode se sentir sozinha ou ter medo de que você vá para outra cama, talvez uma mais nova, bonita e cara. Pessoas são assim também, têm todos esses medos. Às vezes acho que, assim como os cachorros, as camas são como os seus donos.

Minha amada cama, no entanto, não é mais só minha. Ontem foi o primeiro dia em que a dividi, mas acho que está de mal comigo. Está fria do lado que deveria ter outra pessoa, um homem quente, forte, loiro e de lindos olhos azuis que se chama Luke. Um sutil pensamento novamente me vem à mente.

E se aquilo foi um sonho? Não, não foi... Nego-me a acreditar, mas como se para tranquilizar o meu coração, ouço um barulho suave de violão que toma todo o quarto e leva com seu embalo todo o meu temor. Nesse suave som, abro meus olhos lentamente e o vejo. O meu loiro favorito, o azarado mais maravilhoso que meus olhos poderiam ter sonhado em ver, com os cabelos em uma completa bagunça, ainda molhados de um banho recente.

Não quero imaginar os meus cabelos ou o meu rosto, OK? OK! Foco no bonitão loiro de cueca, sentado em uma cadeira perto da minha cama, segurando o seu violão com um olhar feliz que quase me faz suspirar.

Eu poderia cair na besteira e rir, dependendo do que virá a seguir. Então, em meio a esses pensamentos, as minhas sobrancelhas se levantam, mas me mantenho em silêncio, apenas cerrando olhos em um olhar duvidoso do que Luke pode estar tramando.

— *Hoje eu acordei, me veio a falta de você. Saudade de você, saudade de você. Lembrei que me acordava de manhã só pra dizer.* — Ele canta em um tom baixo, gentil e carinhoso em uma língua que desconheço, mas que me faz abrir um doce sorriso. Mas também me questionar: *quantas línguas esse cara sabe falar*? *— Bom dia, meu bebê! Te amo, meu bebê! —* Estou pronta para falar "que lindo!" ou "que fofo, Luke!", mas o cara tinha que estragar tudo e começar a gritar. — FOI BONITO, FOI. FOI INTENSO, FOI. VERDADEIRO, MAS SINCERO!

Infelizmente, ou felizmente, dependendo de quem vê. No meu caso, infelizmente, porque sou muito exagerada para sustos. Quando ele grita, dou um pulo da cama, semelhante ao de um gato assustado, fazendo-o explodir em uma gargalhada.

— Você... — digo com meu coração ainda disparado. — Está de sacanagem?

— Não, meu amor. Foi apenas uma vingança sadia.

— Me fazendo enfartar?— pergunto incrédula.

Vendo a expressão dele de divertimento, sinto uma raiva crescer em mim. Pego os travesseiros da cama e jogo com toda força, aproveitando um deles que toca no seu corpo e cai no chão para bater nele com raiva. Mesmo que saiba que não vai doer. Ele tenta se proteger com o braço, ainda rindo, e sinto uma leve tontura por ter levantado rápido demais e me movimentado tanto em seguida. Caio de costas na cama e Luke ri mais ainda de mim, apoiando a testa no violão.

Espero a tontura passar e me sento na cama, olhando para ele completamente irritada. OK, depois do bombeiro eu merecia uma vingança, mas por Deus! Meu coração está batendo feito louco até agora!

— Você é besta, Luke? Ou só perdeu o juízo completamente? — indago irritada enquanto o indivíduo só sabe rir da minha cara.

Luke respira fundo, coloca o violão em pé ao lado da cadeira e se levanta. Infelizmente, sou humana, e não consigo evitar apreciar a visão dele apenas de cueca vindo em passos calmos até mim. Levo a mão ao peito, pois meu coração bate ainda mais loucamente. *Eu não tenho saúde para isso! Creio em Deus Pai! Esse homem vai me enfartar!* Ele vem engatinhando

após subir na cama, quase ficando em cima de mim para me dar um beijo carinhoso, e com um gosto terrível de quero mais que me faz morder a minha própria boca.

— Primeiramente, meu amor. Bom dia! — provoca, puxando forte o sotaque italiano enquanto ri, debochado e descarado. Ele se afasta e se senta na beira da cama, e eu fico envolvida pela nossa intimidade e o abraço, deixando algum espaço entre nós. — Que vista mais bonita logo de manhã. Uma Nina descabelada, revoltada e completamente nua.

Descabelada, revoltada e completamente nua. Essa frase ecoa pela minha cabeça, fazendo com que eu me dê conta da minha situação e fique constrangida até o último fio de cabelo.

— Meu amor, tem algo vermelho no seu rosto. Em todo ele... — diz, gesticulando com sua mão próxima ao meu rosto. Levada pelo seu bom humor, eu o belisco enquanto dou risada. Levanto meu corpo, fico de joelhos sobre a cama e ando até ele, sentando de frente no seu colo. Eu o abraço e pressiono meus seios no seu peitoral, fazendo-o suspirar. — Ai, ai... Levar umas travesseiradas e beliscões tem as suas coisas boas.

— Calado, estava tentando ser sensual — digo, rindo. *Bobo... Mas não, espere. Já ia perdendo o foco.* — Não, não se cale, fale. O que você estava cantando? Porque não entendi nenhuma palavra sequer. Você... — Abaixo o meu tom e estreito os meus olhos para ele. — Só por um acaso... Você não estava me xingando não né, Luke Salvatori?

— Eu? Nem em pensamento! Que isso! Algum dia eu te ofendi? — diz descrente, e realmente, ele nunca fez algo do tipo. Luke me tira de seu colo, se levanta, caminha até o canto do quarto onde está a sua mochila, abrindo-a e tirando de lá o seu celular. Logo se vira e volta para cama, sentando-se próximo a mim. — Estava cantando um trecho de uma música brasileira que vi na internet um tempo atrás. Sempre quis fazer isso, é muito engraçado.

Ele desbloqueia o celular, procura por alguns minutos na internet e me entrega o celular. Assistindo o vídeo, vejo uma moça deitada como se estivesse dormindo, ou algo assim, o rapaz começa a cantar todo carinhoso e então o idiota, sem ter o que fazer, grita e a mulher só se assusta de leve e ri.

— Viu? — diz Luke no meio de uma risada.

Sério que ele pensa que sou assim toda amorzinho e só vou rir? Para que lado ele estava olhando todo esse tempo? Olá! Sou a garota que o usou de escudo quando viu a velhinha assombração! Mas o meu problema agora é

outro. Olho-o de canto de olho e então volto minha atenção para o celular que está na minha mão. Ele fica em silêncio e atento a mim, apenas esperando minha reação.

Sinceramente, estou com uma vontade de dar aquela espiada em sua rede social. Aquele ícone está ali, tão fácil de abrir, mas mesmo o Luke estando totalmente relaxado, me sinto temerosa. Entretanto, quem me conhece, sabe o quanto minha curiosidade fala mais alto. Quando noto, a rede social está aberta, e a primeira coisa que vejo são fotos de viagens, shows, amigos se divertindo no bar. *OK, tranquilo. C*ontinuo descendo a linha do tempo e então vejo o que temia.

Uma linda mulher de olhos azuis e corpo escultural, esbanjando luxo, dinheiro e sensualidade, e tomando sol em um iate. Engulo em seco e o olho. Luke parece despreocupado e levanta a sobrancelha sem entender o meu olhar.

— Bonita essa sua amiga — comento.

— Acho que é... Normal. Ela tem que ser, né? Afinal, é modelo. — Luke se aproxima de mim, tentando ver melhor a imagem. — Provavelmente é um ensaio. Apesar de que não estou achando a logo da empresa.

— Hum... OK — digo, tentando não transparecer o meu ciúme.

Acho que devo começar a arrumar uns amigos homens. Tenho que começar a relaxar, mas não consigo deixar o sentimento de que estou ficando para trás em algo. *Será que estou sendo muito ciumenta e boba?* Como se não fosse o suficiente, continuo mexendo no celular dele e vejo antigas fotos da época de escola. Várias garotas ao seu redor, todas bonitas e alegrinhas. Sabe aquele bico? Aquele tradicional bico de ciúmes, ou de quem está se segurando para não meter a porrada em algo porque sabe que não pode e que é errado? Então.

— Legal as fotos da escola. Têm muitas garotas... — digo.

— Er... Boas memórias da escola. *Antes* de te conhecer né, *meu amor* — diz, dando ênfase enquanto sorri. *Ele está sorrindo? Ou está segurando o riso? Não sei definir no momento, mas se soubesse a vontade que estou de dar uns beliscões nele, tenho certeza de que não ia sorrir.*

— Claro! Como se eu fosse brigar por algo assim, por favor, Luke. Sou uma mulher madura — digo, fazendo a maior cara de tanto faz que já fiz em minha vida. *Deus, sei que estou mentindo, mas deixa passar dessa vez, OK?* É que ele fica me olhando feliz assim, com essa cara de príncipe encantado com uma mistura de sem vergonha e salafrário.

— Que bom né, amor. Tenho uma linda e maravilhosa mulher madura comigo — fala, aproximando-se ainda mais, contudo, dá a volta em mim e me abraça pelas costas, fazendo com que me apoie nele.

Neste momento oportuno, uma mensagem chega pulando na tela, surpreendendo a nós dois.

OK, Nina. Está tudo bem, só espie, mas não pire. Não fique irritada. Tranquilidade, paz e amor. OK? OK!

E aí, Luke! Quanto tempo! Fiquei sabendo que está solteiro!

Vamos nos encontrar no bar e pegar umas gostosas?

Vai ser como nos velhos tempos.

Henryk.

FIQUE IRRITADA! PIRE! NÃO ESTÁ BEM PORRA NENHUMA! TRANQUILIDADE UMA OVA! PAZ NA PUTA QUE PARIU, AMOR! VAI LER UM LIVRO! Foi isso o que minha mente gritou. Se bobear, posso ouvir nossas respirações e o gotejar da pia do banheiro. O silêncio é pesado, e só é quebrado com o estalar da minha língua.

Enquanto começo com os clássicos pensamentos do "não vou falar nada, mas engraçado que...", sinto o corpo do Luke ficando tenso atrás de mim. *Está tenso é? Hum... Bom saber!* Continue assim. Não vou falar nada, porque sua consciência vai te guiar, meu amor. Mas acho engraçado que só teme quem deve, né?

— Veja só Nina, meu amor — diz ele, tentando se justificar. — Fazia tempo que não entrava em contato com o Henryk.

— Tudo bem... — falo desinteressada, mas espiando a data da última mensagem. Têm três semanas desde que se falaram, nós ainda não estávamos noivos. — Pode ir ao bar, senhor solteiro. Tudo bem — murmuro, abrindo um sorriso, deixando escapar o “senhor solteiro".

— Hum? Bar? Não, Nina. Não vou. Prefiro ficar aqui com você — fala, tentando me acalmar e querendo me acolher mais no seu abraço.

Afasto-me só para me virar de frente para ele e sentar entre suas pernas. Levanto minha mão e o abraço pelo pescoço.

— Não, meu amor. *Nós* vamos. É uma ótima oportunidade de fazer novos amigos e de você reatar velhas amizades. Afinal, não tenho motivos para ciúmes, não é? Naquele bar ninguém se dá bem. Não foi o que disse quando nos conhecemos... Opa! Foi lá, né?

Luke não parece feliz com isso, mas estou no auge do meu ciúme e raiva. Não me importo. Tenho um salão de beleza para ir e roupas para

escolher. Não vou ser passada como feia demais para estar ao lado do Luke, ou para ser a noiva dele. Afasto-me, vou atrás do meu celular e mando uma mensagem para Diana.

Após o trabalho, me encontra em frente de casa. Vamos para o salão.

Depois explico.

Beijos.

Luke me olha curioso, mas não demora muito para o celular apitar com a resposta dela.

Eita! Estou sentindo uma falta de alegria e um cheiro treta.

Mas OK.

Hoje tenho que sair também, então será uma boa.

Após ler a mensagem, jogo o celular na cama e me viro para Luke. Na verdade, sei que ele não é culpado. Sei que talvez esteja sendo uma péssima noiva. Por isso sorrio, querendo ignorar aquele sentimento ruim que está no meu peito, e tento, por hora, mudar meus pensamentos.

— Vamos comer?

— Claro... — responde inseguro.

Cara, estou tentando não brigar, mas você não colabora.

— O que foi? Não quer comer da minha comida? — pergunto já começando a perder o sorriso.

Por que ele está inseguro? Está achando que vou colocar veneno na comida dele? Nem estou com tantos ciúmes assim para matá-lo. Luke fica pensativo e me olha, deixando-me impaciente.

— Você ainda não me respondeu, Luke. Acha que cozinho mal ou que vou pôr veneno na sua comida? — indago, e ele continua pensativo por mais alguns segundos, como se estivesse tentando pensar em como lidar comigo.

— Não é isso. Só estou pensando como é sensual você cozinhando assim, toda linda e pelada... — diz, caminhando até mim para me beijar e me abraçar. A forma carinhosa que ele me trata me faz ficar constrangida com o meu comportamento.

— É, é bom gostar. Vai casar comigo. Só terá direito a olhar este corpo sensual aqui — respondo sem jeito.

Escuto-o suspirar e me apertar mais contra si, apoiando o queixo sobre a minha cabeça. Posso escutar o som do seu coração e só penso em ignorar o meu ciúme.

— Sim, sim. E sou o homem mais sortudo deste mundo. Tenho uma

mulher linda, sensual, carinhosa, compreensiva, doce, tímida, educada, maravilhosa, nem um pouco ciumenta e raivosa — diz irônico.

— Estou sentindo cheiro de ironia, Luke — falo, cheirando-o. — E de alguém doidinho para morrer.

— Você e esse seu lance de cheiro. Nunca pensei que ironia tivesse aroma. Deve ser meu *shampoo*, boba. Além disso, o outro cheiro deve ser o sensual do seu homem — diz, rindo.

Sinceramente, preciso de cinco segundos para assimilar essa afirmação. Mas o "cheiro sensual do *meu* homem" ecoa em meu coração e o faz bater forte. Uma grande vontade de rir me vem à garganta, mas espera... *Estou brigando! Nada de rir, Nina.*

— *Shampoo*, uhum. Claro. Cheiro sensual do meu homem... Só você, cara! — digo com dificuldade para não rir. *Foco na comida. Comida não me faz rir! "Sensual do meu homem". Meu Deus! Foco para não rir boba e feliz.* — Bom, vamos comer.

Desvencilho-me do seu abraço e respiro fundo.

— Meu amor — murmura, antes que eu me afaste completamente, envolvendo a minha mão com a sua quente e forte. —, não quer tomar um banho na frente? Adianto o café da manhã, já que tomei banho antes de você acordar.

Café da manhã feito pelo Luke? Quero ver no que isso vai dar. Concordo com a cabeça e vou tomar banho. Pouco tempo depois, escuto-o sair correndo pelas escadas. *Só quero ver o que ele vai me arrumar naquela cozinha*. Ligo o chuveiro e tomo meu banho, tranquila, fazendo toda a higiene. Enquanto a água cai, penso francamente nos meus atos. Fico me corroendo de ciúmes de mulheres com o Luke? Fico! Mas o Luke é lindo, legal, animado e romântico. Por que não teriam mulheres atrás dele? Só deveria estar feliz que sou eu quem ele escolheu, não é?

Por que essas incertezas apenas não me deixam? Suspiro. *O problema sou eu, não é? Sim, sou eu. Eu sei!* Termino o meu banho porque tenho que me desculpar com Luke. Saio e me seco, tentando pensar no que posso fazer, visto a roupa e desço as escadas. Assim que chego à cozinha, vejo um Luke desesperado. Ele não está fazendo o café, pois aparentemente tudo deu errado. Chega a ser engraçado ver o pão queimado, a água no fogo e Luke de cabelo em pé apenas de cueca na cozinha. Ele ainda não se deu conta de que estou aqui. Encosto no batente da porta e sorrio, mas logo noto que o seu celular está na cueca, fazendo-me tentar imaginar o que estava fazendo

nele até agora. *Luke, meu amor. Você também não se ajuda.*

Aquele bendito celular revive a minha insegurança e o meu medo. Mas eu tenho que superar isso. É coisa da minha cabeça. Qualquer coisa mais tarde eu desabafo com a Diana. Isso! OK. Por hora estou bem. Mentira, não estou, mas vamos sorrindo mesmo assim. *Sorrindo...* Repito como um mantra em minha cabeça, tentando ser o mais madura possível e tentando não agir que nem uma adolescente boba. Vejo Luke indignado olhando para os pães queimados. Ele não precisa de castigo, já está ferrado naturalmente.

— Luke, como você levou a sua vida até hoje? — pergunto, sem conseguir evitar rir da desgraça dele.

— Por incrível que pareça, normalmente não costuma ser assim — diz. É quase impossível acreditar nisso diante da visão que tenho agora.

— É? — Suspiro. É o meu Luke. Sou eu a errada. Ele não se ajuda muito, mas nunca fez algo errado. Sorrio e vou até lá para tranquilizá-lo. Luke parece me olhar como se eu fosse uma bomba pronta para explodir. — Bom, tanto faz. Estou mais calma agora. Ter ciúmes de você pode me matar e eu, sinceramente, não quero morrer. Você é jovem e bonito, e talvez seja uma coisa que eu só deva aceitar.



LUKE

Estou me sentindo enganado! O que aconteceu com a minha doce, tímida, fofa e querida Nina? Do nada ela ficou com uma aura assassina. Não pode ter sido por causa da Micaela, porque ela é minha prima. Não que a Nina saiba. Está passando da hora de dar uma limpada na minha rede social mesmo.

Quando deixei a Flávia, ou ela me deixou, saí aceitando as notificações de amizade só de raiva. Mas desde o dia em que conheci a Nina, e ocasionalmente fui ficando mais e mais tempo em sua companhia, a internet nem me passou pela cabeça. Hoje, pensando bem, fui um babaca. Que coisa mais inútil. Nunca nem falei com nenhuma das pessoas que aceitei.

Posso parecer louco, mas acho lindo ver o amor da Nina envolvido nesse ciúme. É uma face dela que nunca vi. Ela dissimula muito mal, e isso só a deixa mais fofa. Significa o quanto sou importante para ela. Porém, o Henryk não ajuda! Bem quando pensei em começar a acalmar a mulher e terminar na cama, rolando, se agarrando... Vem o idiota.

Caralho, mano! Não fode!

— Você ainda não me respondeu, Luke. Acha que cozinho mal ou que vou por veneno na sua comida? — Olho para a mulher da minha vida, descabelada e nervosa. Isso é perigo enorme, vai que, por um acaso, ela pega uma faca neste momento. Mas amo demais essa mulher!

Até que se prove o contrário, ainda sou inocente, não é? Ou estou errado? Mas *talvez*, isso é só um talvez, acho que com esse brilho maligno no olhar dela já não importa mais. Estou errado e pronto. *Tenho que reverter isso antes de piorar*. Mudar o foco dos pensamentos dela antes que saia

morto desta casa.

— Não é isso. Só estou pensando como é sensual você cozinhando assim, toda linda e pelada... — falo, caminho até ela, dou-lhe um suave beijo e um abraço enquanto a vejo corar.

— É, é bom gostar. Vai casar comigo. Só terá direito a olhar este corpo sensual aqui — responde ela meio sem jeito, mas tenta se manter firme e empina aquele lindo nariz.

Bom, funcionou e não funcionou, eu acho... Meu charme não está colando. Acho que estou ficando velho. Suspiro e a colo mais em mim, apoiando o queixo sobre a sua cabeça.

— Sim, sim. E sou o homem mais sortudo deste mundo. Tenho uma mulher linda, sensual, carinhosa, compreensiva, doce, tímida, educada, maravilhosa, nem um pouco ciumenta e raivosa — digo disfarçadamente, olho para o lado e assobio.

— Estou sentindo cheiro de ironia, Luke — fala e me cheira. — E de alguém doidinho para morrer.

— Você e esse seu lance de cheiro. Nunca pensei que ironia tivesse aroma. Deve ser meu *shampoo*, boba. Além disso, o outro cheiro deve ser o sensual do seu homem — digo, rindo e movimentando as sobrancelhas para cima e para baixo. *É errado, mas estou amando a Nina brava assim.*

Nina para e me olha incrédula, com um misto de choque e surpresa. Estreito os olhos e tento conter o riso. *Ela gostou do lance de "cheiro sensual do seu homem.". Sabia que ela ia curtir, mas nunca vai admitir.*

— *Shampoo*, uhum. Claro. Cheiro sensual do meu homem... Só você, cara! — diz ela quase explodindo em uma gargalhada. — Bom, vamos comer. — completa e se afasta de mim, desvencilhando-se do meu abraço.

Ganhei! É minha! Ela mal segura o riso, já fui perdoado! Fico olhando sua expressão engraçada e fofa, fazendo um lindo beicinho que me faz querer morder, mas acho que seria assinar a minha morte no momento.

— Meu amor — digo, segurando sua mão antes que se afaste completamente. —, não quer tomar um banho na frente? Adianto o café da manhã, já que tomei banho antes de você acordar.

Ela me olha pensativa e concorda, indo para o banheiro. Espero que entre e pego o celular, tiro uma foto da aliança na minha mão e respondo o Henryk.

Estou noivo, seu demente! Qualquer plano que tenha feito, esqueça.

Em passos apressados, desço as escadas e passo pela sala, quase

chutando a mesinha baixa de centro. Quando chego à cozinha, dou mais uma espiada na rede social e vou excluindo o pessoal. Todos que não são da família ou amigos.

Não lembrava que tinha tanta mulher aqui! Se bem me lembro, a Flávia tinha minha senha. Porra, Flávia, não fode comigo. Vá caçar outro para isso! Quando enfim consigo mudar a minha senha, escuto o chuveiro sendo desligado. *Droga! Que banho rápido foi esse?*

Coloco o celular dentro da cueca e saio revirando os armários. Encontro algumas coisas básicas, vai ser isso mesmo! Pego o pacote de pão de fôrma e jogo no balcão. Na geladeira, pego a manteiga, passo no pão e o jogo de qualquer forma na chapa para então ligá-la, finalizo colocando a água na chaleira para esquentar. OK. Pratos! Onde encontro? Já vi tudo, menos eles! Como pode uma casa pequena dessa e eu não achar pratos?

O cheiro de coisa queimada começa a chegar até mim, e sem pensar muito, me viro para olhar o pão. Com certo desespero, vou com a mão mesmo para pegar e a queimo.

—Ai, porra! — exclamo e vou até pia, abrindo a torneira e colocando a mão embaixo da água. Entretanto, o cheiro de pão queimado me lembra de que não tirei a droga dos pães da chapa!

Pego a faca que usei para passar a manteiga e finco nos pães, tentando tirá-los dali, mas o resultado é um só. Saem como dois carvões que deveriam ser pães. Droga!

— Luke, como você levou a sua vida até hoje?

Ao escutar a voz da Nina, levo um susto e me viro para ela, vendo-a bem-humorada, encostada no batente da porta da cozinha. Bom, já é alguma coisa. Ela está feliz. Infelizmente, e provavelmente, com a minha desgraça.

— Por incrível que pareça, normalmente não costuma ser assim — falo, tentando justificar.

— É? — Ela parece parar para pensar, me encara e suspira, abrindo um sorriso compreensivo quando vem até mim. — Bom, tanto faz. Estou mais calma agora. Ter ciúmes de você pode me matar e eu, sinceramente, não quero morrer. Você é jovem e bonito, e talvez seja uma coisa que eu só deva aceitar.

Por alguns segundos, paro para admirar essa linda mulher que irei me casar. Claro que não quero, e nem vou, trai-la. Isso vai contra minha índole. Mas hoje, sem ela saber, por toda a nossa primeira manhã morando juntos, ela me conquistou ainda mais. Só me pergunto o que será desta noite no bar.



AMIGA APOIA, MAS A MELHOR AMIGA BRIGA

Após o café da manhã terrorista de um Luke nervoso, com sei lá o que que fez no celular enquanto eu tomava banho, continuamos adequando a casa que agora é *nossa*, não mais somente *minha*. Gosto de enfatizar isso, pois deixa um doce sabor na boca, ao contrário do que aconteceu mais cedo. Parece até que eu gosto de procurar problema nas coisas.

Aproveitei para jogar fora minhas inseguranças nessa arrumação de casa. Tirei o foco delas quando me dei conta de quanta coisa eu tinha entulhada, e que sempre ficava adiando para me livrar. Sabe aquele vestido velho? O *short* favorito e mais confortável, mas que já está rasgado faz um bom tempo? Tem também aquele tapete antigo que ganhei da minha tia e, por ser presente, nunca tive coragem de jogar fora. Então... Pensa na quantidade de coisa que joguei fora! Um monte de lixo sem fim.

Joguei fora também as cortinas velhas e coloquei as novas que já estavam guardadas há tanto tempo que já nem sei mais se posso chamá-las de novas. Por que compramos as coisas e acabamos guardando assim? Se bem que estava em promoção... Quem resiste a uma promoção?

Para o lixo também foram minhas roupas da faculdade, roupas que eu não uso frequentemente e outras que não preciso usar. Encontrei até mesmo a borracha que meu primeiro amor no fundamental me emprestou e "esqueci" de devolver. Ele era um colega de sala, mas completamente louco pela minha irmã Jasmim.

Foi um passado triste. Acho que isso é uma das coisas que não me deixa melhorar e ficar confiante. Tenho que evoluir. Meu ciúme me faz parecer uma grande boba.

Mas sem revolta, Nina!

É hora de comprar cobertas novas, lençóis, pratos, conjunto de canecas... *Sempre sonhei com isso... É bobo, eu sei.*

Quem sabe alguns porta-retratos para colocarmos algumas fotos juntos? Na verdade, quero fotos nossas por todos os lados! Não que a casa precise disso, mas para ser sincera, só quero passar por isso ao lado do Luke, fazendo nossas escolhas juntos. Uma mistura perfeita e feliz de nós dois.

Mesmo que eu tenha que aturar os deslizes do passado de Luke ou lidar com sua super popularidade e possíveis mulheres infinitas que vão desejar ter o meu homem. Ele deve realmente ter sido muito popular na escola, bom, isso supondo pelo recado do tal amigo. Se bem que ele ainda é. *Ah! Para de pensar nisso, Nina! Daqui a pouco está chorando. E não estamos aqui para isso!*

• • •

À tarde, com o banho tomado e em frente ao espelho, me arrumo para ir encontrar a Diana. Vendo o meu reflexo cabisbaixo penso que eu tenho que passar por isso, tudo pode ser bom e vai ser. Eu sei. Para aprender andar, a criança cai. Para aprender a viver, nós erramos, caímos, levantamos, quebramos a cara e damos o outro lado à tapa.

Logo após eu me incentivar, o Luke se aproxima.

— Quer mesmo ir ao bar? — pergunta ele.

— Por que não iríamos? Você verá seus amigos. Será uma noite boa. — Tento ser positiva, mesmo que o fato de ele não querer ir me deixe instigada.

Olho-o de cima a baixo com minha mente trabalhando para um lado terrivelmente perigoso. Para mim mesma e para ele. Respiro fundo e continuo me vestindo após o banho.

Pergunto-me o porquê de ele estar tão inseguro. Está escondendo algo de mim? Ou alguém? É isso que fazia no celular? Ele quer que eu seja como a Flávia? E por que não consigo simplesmente superar a existência dela? Ou só devo confiar nele?

Sinceramente, não sei o que é certo ou errado, pelo menos não nesse ponto, porque ao contrário de certas pessoas, que não vou citar nomes, esse é o primeiro relacionamento que tenho que foi tão longe. O que tive na faculdade foi mais... Infantil?

Ele me ajudava nos estudos e eu o ajudava. Eu paro para pensar agora

que estava sempre tão concentrada que sempre deixava passar as indiretas do rapaz. Provavelmente foi por isso que, um belo dia, ele só se formou e sumiu. Não o amava, então não me importei nem um pouco, na verdade, só dei falta dele quando pensei que poderia me ajudar em um assunto com a diretoria para a pós.

Paro de pensar e vou me encontrar com a Diana logo. Despeço-me de Luke com um beijo silencioso e, enquanto vou para o salão, ele fica com um colega que vai ajudá-lo a adaptar o cômodo para ser o novo quarto da dor dele, colocando barras, pesos, areias e tudo mais.

Caminho para o salão e sou parada diversas vezes pelas vizinhas, que perguntam como estou, e como estou com o bonitão. Rapidamente, para não perder a hora, falo que estamos bem e só. Quando chego ao local, vejo que a Diana ainda não está, então aviso ao pessoal do salão que vou esperar por ela. Nem sei para quê isso, pois, assim que acabo de falar com as meninas, minha amiga chega me abraçando pelo pescoço.

— Ah! — diz a Diana. — Nina, eu te amo, mas é sério, as paredes são finas para a sua potente voz. Hoje, inclusive, cheguei atrasada no trabalho porque só consegui dormir depois que vocês resolveram parar de...

Tampo a boca dela achando que ainda dá tempo de conter a situação, mas já é tarde. Todos que estão próximos nos encaram com olhares cheios de maldade. *Porra, Diana! Ser madura, Nina. Madura!*

— Bom, é coisa da vida, faz parte. Nada demais para que você me olhe com essa cara — digo levemente mal-humorada e corada, olhando para o lado, constrangida.

— OK, querida — fala a atendente com um sorriso gentil. — Venham as duas. Vamos lavar o cabelo de vocês.

Nós a seguimos e Diana já fala no meu ouvido.

— O que foi que aconteceu? Você só vem para o salão quando está realmente preocupada com a sua aparência ou porque acha que vai passar vergonha.

Olho para ela, e uma lágrima solitária desce pela minha face. Não é de tristeza, na verdade, nem sei ao certo o porquê de ela estar aqui, mas não demora a começar a contar tudo para Diana. Minha maturidade vai para o ralo.

— Garota de biquíni? Nina, você sabe que o Luke é popular — diz apática enquanto ficamos sentadas na cadeira à espera da cabeleireira para arrumar o nosso cabelo.

— Mas que droga! Para onde olho tem uma mulher mais bonita, mais gostosa, mais jovem, mais... Compatível com aquele filho da puta! — digo, gesticulando e acabo colocando a mão sobre o balcão, onde tinha a chapinha já quente. Queimo a mão e dou um pulo na cadeira. *Desculpa, dona Sil*. Fico assoprando minha mão, enquanto observo os danos. Não foi quase nada.

— Te acalma, apavorada! Primeiro, ele é popular fora da rede social, por que nela seria diferente? Além disso, você não estava enrolando o cara? — *É neste momento em que conhecemos as verdadeiras amizades. Elas falam a verdade que a gente sabe, mas se nega a acreditar*. Faltam dar na tua cara com as coisas que falam, isso dói, mas aceito. — Francamente! Você deu sorte que ele é um cara legal. Eu não teria perdido tempo com você. Os adultos gostam de quem sabe o que quer. Época de ter saco para isso é na adolescência. Às vezes nem nela temos, porque, fora você, muitos de nós trocamos de namorados por isso.

— Mas você acha que não devo ter ciúmes? Que estava tão errada assim? — pergunto em um fio de voz.

Ela me olha como se fosse óbvio e então revira os olhos.

— Claro que você vai ter ciúmes. Normal. Você o ama! O Luke é bonito, extrovertido, animado e de família com dinheiro. Lógico que vai ter esse tipo de mulher lá! — Encolho-me um pouco diante das suas broncas, mas isso não a impede em nada, Diana apenas retoma o fôlego e fala mais calmamente. — Mas ele não é do tipo que precisa adicionar mulher. Elas que vão atrás dele, nunca o contrário. Provavelmente sempre foi assim. Ele nem deve achar mais tudo isso. Talvez na adolescência, sim. Agora Luke é um homem, e dentre as “gostosonas” escolheu você. Tenha confiança. Nem falo nada sobre o amigo dele, porque talvez não seja tão amigo assim ou o Luke sabe que tipo de cara ele é. Assim achou que seria um incômodo ou inconveniente talvez.

— Mas e sobre estar estranho? Não querendo ir ao bar — pergunto para ela, querendo ter ao menos um fio de razão para não me sentir tão ridícula.

— Nisso você teve razão. É uma atitude irregular no Luke, porque, além disso, ele queimou o pão. Ele é azarado, a desastrada nessa relação é você. É o típico cara que sempre teve tudo em mãos, então está frequentemente confiante, pois tudo sempre acabou bem para ele. — Encaro-a com aquele olhar de "só que não, amiga". — Está bem. Quase tudo. O processo é tortuoso, mas o resultado sempre é mais tranquilo.

— Pois é, desde que tudo isso aconteceu, ele está esquisito. Eu o vi com o celular guardado na cueca, mas nem quis procurar mais motivo para estresse — comento um pouco mais animada, mas ainda incomodada. *Droga! Minha mão está ardendo.*

— Mas não se preocupe... Vergonha de você não é — diz pensativa. — E outra... É impossível algo estar errado, o cara vive agarrado feito chiclete em você. Ele é homem. Talvez tenha pornô em algum canto do celular ou alguma página na rede social que dá para coisas indecentes. Bom, nada para você se preocupar — conclui ela, dando de ombros enquanto a olho, incrédula.

— Nós estamos no início de relacionamento. No início do amor. Se ele está procurando pornô é porque sou ruim para cacete nisso! — digo pausadamente ficando pálida. *Meu Deus! Deixei o cara insatisfeito? Sério? Não! Cara... Droga.* Meus ombros caem sobrecarregados, e solto um pesado suspiro.

— Nina, na real? Vá te catar! Mulher, estou implicando com você! Pelo amor de Deus! E outra... É normal. Mulher tem fogo? Tem. Mas homem? São quase setenta e duas horas por dia de fogo a mais. Melhor ele atrás disso do que de outra mulher, então senta e relaxa. Sobre o bar, seja o que for, vá bonita, vá confiante e com um largo sorriso. Se der merda? Bom, manda se foder e vida que segue.

A praticidade dela às vezes me choca. Fico olhando para ela, incrédula. Está certo que boa parte dos conselhos que me dá Diana não segue, pois nunca a vejo namorando. *Ou ela seguiu tão bem que só abriu mão?*

— Tá. Vou arrumada e confiante. Esse lance de mandar se foder deixo para você. É melhor que eu nisso — completo e vejo o sorriso travesso no rosto dela surgir.

Ela adora ser malvada.

Sinto-me mais leve ao sair do salão com a Diana ao meu lado. Quando ela se produz, realmente se destaca com sua beleza rebelde e selvagem que chama atenção dos homens. Ela não poderia aparentar se importar menos com a atenção que recebe. Quando se é bonita é assim mesmo, né. Alguns homens assobiam e Diana apenas olha de lado enquanto os babacas parecem ter sido acertados com um tiro no peito. O que provoca uma gostosa risada dela, mas em momento algum ela para de andar.

— Idiotas...

— Você não se incomoda? — pergunto curiosa.

— Não. Deveria? Eles assoviaram para nós, mas não me ofenderam. Nem tão pouco fizeram com que eu sentisse um pedaço de carne. Fizeram porque estou bonita e eu fui ao salão para isso. E você também. Eles apenas levantaram minha autoestima, não que seja baixa, mas é bom. Às vezes melhora nosso humor — responde ainda sem diminuir o seu passo. Ela desacelera apenas para chamar um táxi.

Diana faz parte deste mundo, mas às vezes parece estar em outro a parte. Ela sempre foi assim. Como não admirá-la?

Não demoramos a chegar. Ela vai para a sua própria casa, e quando estou entrando na minha, me recordo. Acabei me esquecendo de perguntar sobre o tal cara que encontrou. A casa está silenciosa. *Estranho... Será que o Luke saiu?*

Subo as escadas e vejo a porta do quarto de hóspedes aberta. Ando de mansinho até lá e paro em frente ao quarto, sorrindo. Vejo Luke fazendo os seus exercícios, levantando seu próprio peso na barra, usando apenas um *short* preto e tênis. Está todo suado, a ponto do seu corpo brilhar. As veias estão destacadas e os músculos ainda mais definidos. Para ser sincera, nunca pensei que as costas tinham tantos músculos. O esforço físico é tão grande que gotas de suor marcam o chão.

Sem se dar conta da minha presença, ele solta a barra, pousa pesadamente no chão, bate as mãos e se vira para um banquinho que contém uma toalha de rosto e uma garrafa de água. Mas ele ainda não me viu. Será que sou invisível? Ou a mente está tão distante assim? Luke se abaixa, pega a água e a bebe tranquilamente.

— Alguém, que não sou eu, vai passar pano no chão depois — digo bem-humorada, dando um susto tão grande nele que o vejo estremecer dos pés à cabeça antes de se engasgar com a água, cuspindo e molhando a si mesmo e o chão.

— Nina! Não tinha te visto aí! Por que não me avisou? Me assustou! Bom, acho que dá para ver. — Ele olha para si mesmo. — Chegou faz muito tempo, meu amor? — diz, concluindo sua avalanche de palavras e caminhando até mim com os braços abertos.

Meu olhar nem liga se ele se molhou com a água que cuspiu no susto. Só consigo ver um homem suado, lindo e sensual. *Talvez esteja reclamando de barriga cheia.*

— Estava só olhando... — falo baixo, um pouco constrangida em

admitir em voz alta. — Mas é meu. Posso olhar, não é?

— Tão linda. E tão minha! Claro que pode olhar. Pode tocar, beijar, chupar, apertar. Fazer o que quiser, sou seu — completa sem-vergonha, deixando-me ainda mais corada, mas não consigo deixar de rir enquanto sou envolvida em um abraço molhado de suor. — Está tão bonita. Tudo isso é para mim? Ou é para o bar?

— Bom, não quero fazer feio na frente dos seus amigos.

Não quero fazer feio ao seu lado, é o que gostaria de dizer, mas fico quieta.

— Ah, é? Interessante. Agora, além de bonita, está perfumada. Perfume *Lucky*, já ouviu falar? Especial Luke Salvatori. — Em um meio sorriso, me olha e se aproxima seu rosto do meu, depositando um gentil beijo em minha boca.

— Perfume *Lucky*... Gostei. Mas Luke, você está todo carinhoso, porém isso é puro ciúmes, né? — pergunto em tom de falso segredo.

— Nossa! Como você descobriu? — diz, descarado e sem-vergonha, e eu belisco o seu quadril.



LUKE

Olho o relógio do meu celular e vejo que está na hora de irmos ao bar, mas como vamos com o carro, não precisaremos correr. Coloco novamente o aparelho no bolso e volto a minha atenção para meus tênis, falta apenas isso e estarei pronto. Suspiro e os coloco em seguida, apenas enfiando o pé. Praticidade é tudo.

Quando fico de pé ajeitando a roupa, vejo Nina saindo do banheiro, linda, com um vestido leve e vermelho, que marca todos seus pontos mais sensuais sem revelar mais do que o necessário. Seu vestido não deixa que ela use um sutiã, mas estranho não ver sequer a marca dos bicos dos seios.

Será que ela está usando uma fita, ou quem sabe, de novo aquele sutiã de silicone que cola no peito? É meio esquisito, mas deve ser para momentos assim, eu acho. Não entendo muito do universo feminino.

Observo-a com um olhar felino e detalhista, que sei que a faz arrepiar. Seus cabelos estão lisos, a maquiagem bem feita. Ela usa um batom que me faz querer morder os seus lábios e falar, de novo, para ficarmos em casa. *Podemos fazer tantas coisas... Começando por tirar a calcinha. O resto nós resolvemos depois.*

Não sei o que essa mulher anda pensando, mas está dedicada a quebrar pescoços por onde passar. E, infelizmente, sei que conseguirá. Estou me sentindo levando o bolo para festa, e não gosto nem um pouco disso. Tenho bons amigos, mas são babacas. Principalmente quando tem mulher bonita envolvida.

Ainda terão os palhaços da rua. Dou graças a Deus de ter tido ideia de comprar um carro, porque andar com essa mulher ao meu lado testará o limite

do meu ciúme. Coisa que nunca fui muito de ter. Flávia era bonita, mas nunca me instigou posse como a Nina é capaz de fazer.

— Vamos, Luke? — Sua voz está sedosa, seus movimentos atraentes e o tilintar de seus longos brincos prateados chama a atenção para o seu fino pescoço. *É impressão minha ou hoje está esbanjando feromônios?* Claro, ela sempre foi linda, mas hoje está sem o ar juvenil, está madura, atraente, como a mulher que seria sem suas inseguranças e medos. A mulher que teria o mundo nas mãos se quisesse.

— Vamos, deixa só pegar a chave do carro. — Sorrio, pouco me importando com a bendita chave do carro, atravesso os poucos passos que nos separa e levo uma mão até a sua fina cintura, puxando-a bruscamente contra mim e a fazendo arfar em expectativa. Levo a outra mão ao decote de seu vestido, espiando, curioso, se está mesmo com o negócio de silicone.

Sua reação é ficar vermelha, chocada, surpresa, e seus olhos brilham em diversão. Amo como ela é transparente e como reage direta e sincera às minhas investidas. Nina tenta se afastar, provavelmente se sentindo enganada, mas não a deixo ir. Seguro-a firme contra mim, tocando o seu braço com a mão que tinha checado o seu decote.

— Nina, não corre de mim. É tão lindo quando a vejo entregue. Vamos ficar em casa — digo, beijando-a mesmo com os seus protestos. Lenta e provocantemente, aprofundo o beijo, sedento, sentindo seus seios contra o meu peito e ouvindo um gemido chegar aos meus ouvidos.

Sou refém de um desejo de tomar toda a sua mente, deixando apenas o seu desejo e a mim. Quero me perder em seu olhar nublado de paixão com o meu toque. Esse pensamento possessivo me causa certo prazer inexplicável, fazendo-me sorrir entre o beijo.

As pessoas podem estranhar o fato de eu sempre sorrir, mas ela é o motivo. Agora e sempre.

Desfaço o nosso beijo e a vejo morder os lábios, quase consumindo o pouco juízo que resta em mim, tomando toda a minha atenção. *Ah se ela soubesse o quanto amo vê-la corar e morder essa boca gostosa.*

— Você vai estragar minha maquiagem, Luke... — diz com a voz baixa, claramente em uma briga interna de contraste de desejos.

Tadinha. E toda minha. Tentando fingir que não está tão abalada, respira fundo e se afasta. Nina vai até o espelho e ajeita os cabelos com as mãos, decidida, enquanto se olha, analisando a sua boca e roupa.

Vendo-a de costas, não me contenho e a abraço, fazendo seu corpo

colar no meu em um encaixe perfeito dos nossos quadris. Pouso minha mão em sua cintura, me abaixo e encaixo meu rosto no vão do seu pescoço.

— Não se preocupe. Você está linda, mais até do que eu gostaria — admito em um murmúrio, mas tranquilizando-a. — Não consigo me manter longe de você. Os homens te desejarão, irão aproveitar qualquer brecha, loucos para te tocar como eu faço, como eu quero. Não gosto disso.

— Mas sou sua, Luke. Acho que você é o último que precisa se preocupar com alguém me roubando. — Nina parece dizer para si mesma. *Eu me pergunto se não vê o quanto sou louco por ela. Será que demonstro pouco?*

— Você é uma linda e completamente boba — digo divertido, levando uma cotovelada. — Vamos, minha linda?

Solto-a do abraço e seguro sua mão, e como sempre, ela confia em mim, segurando a minha mão de volta, mais tranquila, deixando-me guiá-la. Essa confiança absoluta em mim é algo que mexe comigo de muitas maneiras, mas a única palavra que vem à mente é satisfação.

O caminho de carro até o bar faz com que perca o encanto do romance devido à ansiedade. Medo por antecipação. Contudo, mantenho a expressão calma, mas vou te falar que nem sempre sou tão confiante quanto aparento, principalmente quando estou pressentindo algo ruim.

Nina já é nervosa por natureza, e deixá-la ainda mais, é um problema que não quero.

Chegando ao bar, passamos pela entrada facilmente, e Nina diz que vai cumprimentar o *barman*. Concordo com a cabeça apenas, pois tenho conhecimento e consciência de que ela precisa disso, Nina precisa de amigos, não necessariamente os meus, mas um mundo de pessoas.

Mesmo que deteste o fato de que por onde passa as cabeças viram. Observo os olhares seduzidos, suaves e repletos de intenções sobre ela. Respira, Luke. Cara, ela é sua noiva! Mas porra... Nina não faz a menor ideia de quanto é linda. E minha. Caso não tenha ficado claro.

Meus amigos praticamente me arrastam assim que me veem. Estão cheios de cumprimentos nostálgicos e memórias quase esquecidas. São tantos rostos, pessoas falando ao mesmo tempo, trazendo assuntos em comum velhos, enquanto vejo ao fundo Nina rindo enquanto fala com Santiago. Meu peito dói e sinto isso me corroer. *Sobre o que será que estão falando?*

— E aí, cara? Soubemos que não está mais com a Flávia! — diz Gabe, chamando a minha atenção. Olho para ele e, mesmo que tenha anos

que não os vejo, eles não parecem ter mudado, não parecem ter crescido. Bom, alguns nunca se encontram. Eu mesmo só entendi tudo que o escutei dos meus pais ao longo da vida quando conheci a Nina.

— Cala a boca, Gabe. Se tivesse com ela acha que ele estaria aqui? — retruca Nathan. — Idiota. Ela nunca deixaria. Eu nunca deixaria aquele mulherão para vir atrás de macho no bar.

Entenderam o que eu disse sobre amizade e mulher no meio?

— Então, o que anda fazendo agora? Solteiro? — pergunta Jorge.

— Eu... — começo a falar, mas Gabe me interrompe.

— Nossa, cara! Olha aquela morena! — fala, gesticulando para a Nina, e me sinto mais irritado.

Mas não vou brigar, certo? Ela está realmente linda.

— Uou. Bem gostosa ela! Não se exibe. Olha aquele sorriso. Que corpo é esse? Se eu pego, rapaz... — comenta Jorge.

Vocês estão testando minha boa fé?

— Calem a boca! Aquilo não é mulher para vocês. Não têm cacife para isso, não como eu. Vou lá! — afirma Nathan, levantando-se convencido.

Isso me faz lembrar que, sim, ele sempre preferiu as garotas mais maduras: professoras, secretárias, advogadas, mas sérias e delicadas como a Nina. É a última gota da minha calmaria. Eu me levanto subitamente e em silêncio, com passos largos, caminho até a Nina, deixando-os com seus protestos para trás. Danem-se, malditos fodidos. Ela é minha.

Por isso não queria vir. Nina não é como a Flávia. Eu não consigo apenas rir e acenar enquanto ficam reparando e a desejando. Mesmo que não saibam que ela é minha, mas porra! Ela é minha! Minha tímida, brigona, gentil, insegura, forte e chorona. MINHA.

Chego até lá e tomo a liberdade de segurar a sua mão, antes mesmo que ela se dê conta da minha presença. Surpresa, Nina me olha, mas sorri logo quando percebe que sou eu. *Sou um idiota mesmo. De todos os seus sorrisos, esse, misturado com deleite, é só meu.*

— Oi, meu amor. Já cumprimentou todos os seus amigos? — pergunta inocentemente, totalmente alheia aos olhares que está recebendo.

— Já sim. — Suspiro, deixando para lá todo o ciúme que estava sentindo.

Sento-me ao seu lado, ainda sem soltar a sua mão. Ela me diz que estavam falando da incrível mudança desde a última vez que esteve ali, de como era insegura e eu desiludido, sobre toda a raiva contra as provocações

da Flávia, e agora estarmos em um relacionamento sério. Como o destino é engraçado e gosta de jogar com as pessoas, ela conclui, e eu não poderia concordar mais.

Estávamos sendo parabenizados, quando Henryk surge entre Nina e eu. *Demônio! Tinha esquecido dele.* Ele sempre foi desligado, e sem noção, mas não é uma pessoa ruim, só que sempre fui influenciável, e as influências predominantes nunca são boas.

— Sabia! Você só podia estar me zoando! Nunca que ia se prender em um noivado. Não quando finalmente está livre para pegar as mulheres desde a faculdade — fala o imbecil, ignorando a presença da Nina. Minha expressão endurece em sinal de puro desgosto. — Que bom que teve juízo! Um cara do seu tipo, companheiro, seria um desperdício! Umas gostosinhas de dezenove, vinte anos soltas por aí. Ainda mais do jeito que o mundo está. Com todo respeito, senhora. — Ele se vira para Nina, que está pálida e atônita.

— Henryk... — Levanto-me irritado. — Peça desculpa para ela, senão irei quebrar todos os seus dentes. — Ele ainda tenta me responder algo, mas não dou mais chance do imbecil abrir esse lixo que chama de boca. — Não, mesmo se pedir, ainda vou quebrar você, seu sem noção!

— Cara, não a ofendi. Você está muito na defensiva! Até ia dizer que é muito gostosa. Só que sempre atraiu as novinhas — diz, e eu me pergunto se ele é burro ou só demente. — Aliás, algumas garotas falaram que viriam especialmente para ver se estava noivo. Sabe como elas são... Ver se é tudo isso mesmo. Mas claro que era mentira! Você? Acorrentado? Namoros vão e vem, mas casamento? Você não seria tão burro!

Estou simplesmente chocado. Como pode sair tanta merda da boca de uma pessoa só? Estou pronto para pegá-lo pelo pescoço, quando Nina se levanta, chamando a minha atenção.

— É, Luke! — diz ela irritada. Seu olhar está frio, sem brilho e a sua boca forma uma linha reta, que se transforma lentamente em um sorriso cordial que me provoca um frio da espinha. — Você não seria tão burro! Seria uma vergonha para a sua dignidade de garanhão! — completa sarcástica, virando-se para o Henryk, que fica pálido. — E você... Henryk, certo?

— Hum? Sim, como sabe o meu nome?

O movimento de Nina é tão rápido que o som do tapa me surpreende.

— Cala a sua boca porque senão o seu rabo começará a falar.

Vergonha de homem! Imbecil! Não viu a aliança? Pois bem, vai ver na sua cara até amanhã, trouxa! — diz em um tom de desgosto e escárnio tão grande que me surpreende, pois a Nina, a minha Nina, não costuma reagir assim.



CONFIANÇA, SURPRESA E REVIRAVOLTA

Com o que me sobra de dignidade e raiva, olho para Luke e para seu amigo. Luke parece tão surpreso e chocado quanto eu, mas tudo tem limite, e cheguei ao meu. O Henryk faz uma expressão com um misto de surpresa, choque e curiosidade. Suspiro e em seguida puxo o ar, melhorando minha postura e olhando-o desgostosa.

— Se me derem licença. Vou ao banheiro. A sua presença me deu náuseas.

Deixo os dois ali, dando-lhe as costas. Até mesmo eu estou surpresa com a minha reação e resposta. Por isso achei melhor me corrigir e ir me recuperar no banheiro. Talvez seja a influência da Diana sobre mim, ou raiva contida enquanto escutava silenciosamente cada palavra idiota que aquele homem dizia.

Vou para o toalete e vejo Flávia, em uma mesa não muito longe, sentada, observando tudo. Minha confiança dá uma boa estremecida, fazendo-me perder o equilíbrio por um instante. Contudo, acabo sendo amparada por um rapaz bonito de cabelos ruivos e com um olhar de raposa astuta. Ele sorri e sinto meu coração tremer diante de sua beleza.

Estava esquecendo de que este bar é conhecido pelos homens bonitos que o frequentam. *O coração é fraco, volúvel não, mas fraco para uma presença dessas.*

— Olá, linda. — Sua voz é lenta, sedosa, quase cremosa, chegando aos meus ouvidos. — Cuidado onde pisa...

Seu toque é tão cuidadoso quanto a sua voz, deixando-me em dúvida se realmente é heterossexual, pois mesmo o Luke, sendo um amor, tem a mão

firme. Esse cara faz eu me sentir uma boneca de porcelana e a mais linda das mulheres com seu olhar claramente interessado. É um contraste de tirar o fôlego.

— Sozinha? — continua ele enquanto provavelmente estou babando. — Venha. Sente-se conosco, seremos uma boa companhia.

— Oh! Não, não. Me desculpe. — Fico constrangida o suficiente para esquecer a raiva que estava sentindo. Eu me arrumo, ficando de pé, e me afasto do abraço do desconhecido. — Estou acompanhada pelo meu... — Ao pensar em dizer "meu noivo", lembro o quanto me empenhei para ficar bonita e não ser diminuída pela sombra da Flávia, para estar à altura do Luke.

Estava confiante com o Luke me mimando, até ser chamada de velha pelo primeiro idiota. Além de ignorada, como se nunca fosse uma opção, para completar, tive que escutar que o tipo do Luke é mulher mais nova. Isso não ajuda com minha frágil confiança.

Nunca fui tão frágil ou sensível para ofensas. Afinal, lidei com isso toda a minha vida, mas quando estou com o Luke, tudo me afeta tanto que vai direto para o meu coração. Consigo compreender, e apesar de exagerar tudo, não sou cega. Ninguém é culpado, ninguém tem que mudar. Consigo ser racional, mas não consigo somente passar por isso. Dói mais do que consigo suportar, então me desmancho em lágrimas.

O rapaz ruivo fica atônico e me olha, abrindo bem os olhos, provavelmente pensando em me confortar, mas sem saber como se aproximar de mim. Seu olhar pede socorro, e tenho pena dele, por isso sorrio mesmo em meio às lágrimas. *Desculpa, ruivinho.*

— Hey, Ariel, o que está havendo? — *Ariel? É. O nome combina. A* voz forte ecoa atrás de mim, fazendo-me virar para olhar. O homem é igualmente bonito, mas sem o ar andrógeno e delicado do ruivo. É alto, forte, másculo e moreno, como é de se esperar de um homem com uma voz grossa como a dele. Ao me ver chorando, ele entra em choque da mesma forma que o ruivo. — Senhorita, está...

Antes de a frase ser concluída, uma mão segura o braço do rapaz moreno, puxando-o para então empurrá-lo para o lado.

— Sai da frente! Nina!

Vejo um Luke preocupado, mas assim que vê meu rosto molhado pelas lágrimas, sua face parece se perder em raiva. Ele se vira para o jovem ruivo ao meu lado, e em menos de um segundo está o segurando pela lapela. — Você! O que fez para ela, Ariel?

— Não é nada disso, Luke! — Tento intervir, mas ele está muito irritado e não me ouve. *O que fazer?*

O ruivo parece mais surpreso do que assustado e intercala o olhar entre Luke e eu, parecendo finalmente entender e se divertir com a situação.

— Luke, quanto tempo! Parece que se tornou um grande homem das cavernas. Apenas estava convidando a bela mulher para aproveitar a nossa companhia. Desde quando você é assim tão descontrolado? Um garotinho ciumento. — O ruivo o olha, debochado, com um ar de desafio.

— Ariel, o que te passa pela cabeça ao falar para o noivo dela que a queria como sua companhia da noite? — Luke vai fechando a mão para socar o homem, e não sei o que fazer para desfazer esse mal-entendido. *Homens... Como chamar a atenção de um homem?*

Em um pensamento rápido, aproximo-me dele e fico na ponta dos pés para chegar mais perto do seu ouvido.

— Luke! — digo alto, e no ímpeto desesperado de surpreendê-lo e fazer com que preste atenção em mim, passo a mão em cheio entre as suas pernas, preenchendo a minha mão e apertando.

Ele, por sua vez, se surpreende e pula para o lado, assustado, protegendo-se como se tivesse sido abusado. *Talvez um pouquinho*. Luke me olha com os olhos bem abertos, com a maior expressão de espanto que já o vi fazendo.

— O-oi? — Devido à reação do Luke, não consigo evitar me assustar a princípio, mas ter uma crise de riso em seguida. Todos ao redor, que assistem com atenção, acabam rindo também.

— Luke, não é por nada não, amigo — diz o moreno, que quase parecia um armário em completo silêncio e sem muita expressão. — Você pareceu uma donzela.

— Donzela não, foi apenas um susto, nada além disso — responde Luke constrangido, saindo da posição de defesa das partes baixas. Ariel o provoca sussurrando em seu ouvido, e ele apenas ignora, tossindo e tentando se recompor para enfim me olhar. — Mas o que foi, Nina? Por que fez isso?

— Bom, tentei falar com você que foi um engano. Ele realmente me convidou para ir com ele, mas quando fui dizer que estava com o meu noivo, comecei a chorar por estar triste com as palavras do seu amigo. Desculpe toda essa bagunça — digo sem graça.

— Enquanto isso eu que sou acusado! — reclama Ariel.

— Porque sua cara condiz com o crime — diz o Luke, estreitando os

olhos.

— Blasfêmia! Sou inocente! — indaga incrédulo. — Um anjo!

— Aham... Anjo de rabo e chifre. Mas fique tranquilo, pois isso vai ter volta. — *Engraçado que, por uma fração de segundo, quase vejo chifre e rabo, mas no Luke mesmo.*

— Me pergunto em que curva do destino você se tornou tão possessivo e vingativo — fala Ariel, fazendo o drama mais falso que já vi, levando a mão ao rosto como se estivesse profundamente magoado.

Sei que é errado, mas estou amando ver o Luke perder sua postura perfeita. *Estou me tornando como as minhas irmãs?*

Também começo a entender a extensão da popularidade dele. Ele, como todo mundo, tinha uma vida antes de mim, e quase esqueci isso. Luke viveu de uma forma livre, mas não é apenas isso. Aqui tem seus amigos de estudo e de trabalho, que o conhecem de uma perspectiva que nunca vi. Um Luke que é repreendido pelo amigo, zoado pelos seus defeitos, que paga mico e se envergonha, que fica fora do eixo. Tudo isso faz com que ele seja mais infantil. Luke está longe de ser perfeito, mas ainda sim, é tão perfeito para mim.

Isso basta. Isso é o mais incrível da singularidade da perfeição humana, não é?

Sinto-me boba com todo o meu exagero. Sendo repreendida pela Diana, ficando furiosa e completamente longe do meu normal, engolindo e aceitando as palavras do Henryk como verdade ao ponto de deixar me magoar daquela forma. Entretanto, não me arrependo de ter vindo, de ter conhecido Ariel e nem o silencioso moreno. Eles parecem legais e me sinto fascinada vendo Luke, que parece uma criança, retrucando Ariel.

Santiago, o *barman*, se aproxima em passos calmos.

— Hey, cara! Vai cantar para o pessoal matar a saudade. Tomo conta dela — debocha provocativo.

— Primeiro, você não toma conta nem de você. Segundo, continua nessa que lhe quebro os dentes — alerta e então se vira para mim. — Nina, não vá na onda desses caras, porque eles não valem nada,

— Mas são seus amigos...

— Exatamente! Quer pessoa melhor que eu para afirmar isso? Mas fique de olho em mim, Nina. Te farei se apaixonar por mim de novo.

Luke me deixa ali e vai com seus passos confiantes em direção ao palco. Assim que as luzes recaem sobre ele no centro, pega o microfone. Um

rapaz corre e sobe para lhe dar um violão, e Luke agradece.

— Esta música fala sobre separação e amor, mas não se preocupe, minha linda. Mesmo se quiser me deixar algum dia, vou correr atrás de você e reconquistá-la, porque você sim vale a pena. Nina Natali, minha noiva, o grande amor da minha vida.

As pessoas gritam agitadas, parabenizando ou só animando o lugar em apoio. Quando o som do violão começa a ecoar, o silêncio toma conta e sorrio, reconhecendo a melodia da música *The Scientist* da banda *Coldplay*. Todos no local começam a cantar a música maravilhosa em coro.

Vim pra lhe encontrar, dizer que sinto muito
Você não sabe o quão amável você é
Tenho que lhe achar, dizer que preciso de você
E te dizer que eu escolhi você
Conte-me seus segredos, faça-me suas perguntas
Oh, vamos voltar pro começo
Correndo em círculos, perseguindo a cauda
Cabeças numa ciência à parte
Ninguém disse que era fácil

Já não sei se sorrio ou se choro. O meu Luke sendo Luke. Abalando minhas estruturas a cada batida. Ariel passa o braço pelas minhas costas, pousa a mão na minha cintura e sussurra no meu ouvido.

— Só seja feliz, menina. — Viro o meu olhar para ele, estranhando a liberdade e a naturalidade ao me abraçar sem nem me conhecer, mas suas palavras me emocionam. O moreno, em apoio, segura a minha mão, e eu também o olho com surpresa.

Cada vez mais pessoas me cercam. Elas não me seguram, só se envolvem no momento. Até mesmo o *barman* apoia o seu braço sobre a minha cabeça. *Abusado.*

— Ainda tem muito para acontecer na vida de vocês, mas meus parabéns pelo noivado — diz Santiago sereno, fazendo-me sorrir com uma satisfação que não cabe em mim.

Eu só estava pensando em números e figuras
Rejeitando seus quebra-cabeças
Questões da ciência, ciência e progresso
Não falam tão alto quanto meu coração
Diga-me que me ama, volte e me assombre.

Ao longe, vejo Luke estreitando os olhos lá no palco para nos ver, e

então subitamente para de cantar.

— Pelo amor de Deus, bando de macho! Saiam de cima da minha mulher! — diz todo enciumado, causando uma onda de risos, inclusive em mim.

Sei que não o verei infantil assim muitas vezes, então aproveitarei o máximo que posso essa noite. Mesmo com o aviso e com o bom humor de todos, ninguém me solta ou sai de cima, então Luke pula do palco e vem caminhando apressado até nós.

Ciumento, fofo e todo meu. Nunca pensei que iria gostar tanto de um lindo ciumento. Ao chegar até nós, Luke leva a mão aos bem cuidados cabelos ruivos de Ariel, bagunçando-os com vontade e força, isso faz o ruivo me soltar e se afastar protestando.

— Luke! Qual é, cara? Sabe que me dá um trabalho enorme arrumar meu cabelo! — reclama contrariado e caminha para o lado do moreno, que até então segurava a minha mão, e vai ao encontro do seu... par? O moreno ajuda o ruivo com um cuidado impressionante e com um olhar que reconheceria de longe. *Amor.*

Meus olhos se arregalam com tudo fazendo sentido agora. Mas eu falei! Muitos homens bonitos juntos só significa uma coisa: são *gays*! Sabia. Suspeitei desde o princípio!

— Ariel, olha minha cara de quem se importa com o seu cabelo — diz Luke, ficando míseros segundos em silêncio, sem sorrir. Ariel responde mostrando o dedo.

— Filho da...

Luke o ignora e seu olhar recai desta vez sobre o *barman.* O homem levanta as mãos em defesa, afastando-se de mim enquanto ri, divertindo-se mais do que levando em conta a ameaça.

— Um bando de urubus. Dois bissexuais, que não assumem um relacionamento sério de anos, e um cara dono de bar, casado, que esconde a aliança. É uma vergonha! E mesmo que não tenham feito algo... mesmo assim! — resmunga bravo, e por ser muito branco, seu rosto fica vermelho de raiva.

Santiago ri de Luke, dando-nos as costas e voltando para trás do balcão.

— E você, Nina, não deixe esses abusados ficarem te tocando. Você tem um taser! Use-o!

É errado, eu sei. Mas é tão fofo! Ele parece um garoto com a primeira

namorada. Causar isso no Luke me faz abrir um grande sorriso. A minha reação o deixa perplexo, contudo, antes de tudo, preciso me recompor.

— Luke, vou ao banheiro para retocar a maquiagem — digo ao me aproximar, dando um beijo suave em sua boca.

— Hã? — Ele me olha confuso. — Ah! Está bem, você está meio pandinha mesmo — fala sem pensar muito. — Espera... Ei! Vai mudar de assunto assim?

Deixo-o para trás meio revoltado. Estou me sentindo mais leve, mais tranquila, e infinitamente mais confiante. Andando pelo bar, olho involuntariamente ao redor, buscando a Flávia. E, ao ver que não está mais lá como uma lembrança viva de um passado importante do Luke, como um tormento, consigo sentir um peso sair dos meus ombros.

Encontro facilmente o banheiro graças à plaquinha e caminho direto para o espelho, abrindo a bolsa. Coloco-a sobre o balcão, e quando vou levantar o olhar para o espelho para olhar a ruína que ficou a minha maquiagem, vejo dois olhos em meio à escuridão e uma sombra de cabelos loiros em pé atrás de mim. Meu corpo se arrepia por inteiro e sinto o terror pulsar em minhas veias. Estou quase enfartando, com meu coração a mil e com o estômago gelado.

Viro-me lentamente e a vejo, sem mostrar realmente sua face. Sinto meu corpo congelar, minha face perder todo o sangue e o meu coração vindo à minha boca. Pulo para trás, quase subindo na pia.

— Puta merda! — grito.

Olho mais atentamente para o ser demoníaco de outro mundo, e percebo algo. Não é um ser demoníaco de outro mundo. É, na verdade, deste mesmo. No final não é um demônio, mas ao menos acertei no "puta".

A Flávia, com sua cara de bunda, me olha cética e desgostosa, encarando-me de cima a baixo.

— Que susto foi esse? — indaga com sua voz de atriz pornô ruim. — Bom, não quero saber. Nem tenho tempo para perder com você. — Ela me oferece um lenço umedecido, esticando o braço para mim. — Aqui, tome. Limpe essa sua cara sem graça. Aproveite e saia pelos fundos, tiazinha. Não vê que só faz o Luke ser diminuído?

Sério? A minha insegurança até some, tamanha incredulidade após essa pequena fala dela.

Ela me mandando ir embora. Eu? Fazendo o Luke ser diminuído? Posso ser feia ou não ter a aparência de modelo, mas vindo da mulher que o

traiu? Parece uma piada de mau gosto. Faço a escolha de ignorar o desaforo, respiro fundo e pego um lenço na minha bolsa.

— Obrigada, mas não é necessário. Como pode ver, já tenho. — Limpo o borrão que não está tão horrível assim e sinto o meu celular vibrar.

Mensagem? Agora? De quem será? Desbloqueio o aparelho e vejo o nome da Diana aparecer na tela.

Onde você está neste bar, mulher?

Com um sorriso no rosto, digito uma resposta.

No banheiro com Flávia.

Não demora nem meio segundo para a resposta chegar.

Estou indo.

Acho melhor sair do banheiro de uma vez.

Ignorando a embuste, que me olha descrente devido à minha tranquilidade em ignorá-la, pego as minhas coisas, coloco-as na bolsa e passo direto por ela, dando passos largos e apressados para sair dali. Contudo, quando dou poucos passos para fora do banheiro e ouço a música e vozes chegando até mim, o demônio, codinome Flávia, me segura pelo braço.

Dou um solavanco, irritada, para que ela me solte.

— Enlouqueceu, Flávia? Além de embuste, vagabunda e piranha, virou perseguidora? Já vi de tudo, mas essa combinação junta é a primeira vez.

O rosto bonito da loira, que lembra o de um anjo, agora ganha um tom vermelho de ódio, apagando a imagem angelical com a expressão distorcida de raiva.

— Está se achando a gostosa porque está noiva? Não nos casamos, porque *eu* não quis! — diz com a boca mais cheia do mundo, no intuito de me diminuir, mas ela não percebe que essas atitudes só matam qualquer temor que tinha com a sua presença. Flávia só me dá nojo.

— E quem te perguntou? — respondo seca, olhando-a com desdém. — O que quis ou não, não tem a menor importância. Não nessa história, porque você é uma página virada. Quem está com ele sou eu. Então, Flávia, você já não importa mais. Ele é completamente *meu*. Não importa o que você resolva latir. Só não me teste, pois mesmo eu tenho limite. — Levanto a mão e a fecho, deixando subentendida a intenção.

Entretanto, não foi só a intenção que ficou. Concretizando o prometido, sou empurrada e acabo dando um soco com gosto no rosto da embuste da Flávia. A pancada foi forte e a dor vem latente enquanto balanço

a minha mão em busca de alívio.

— Ai!— diz ela e tampa o rosto rapidamente em um reflexo de dor.

Nós duas nos viramos para ver a pessoa que me empurrou. É um jovem de olhos claros, usando uma camisa branca e jaqueta de couro, com os cabelos bem curtos, barba rala e tatuagens para todos os lados. Cara de cretino. Um marginal? Ou só um delinquente, talvez? Já que parece jovem. No entanto, tirando o meu foco do rapaz, atrás dele surge Diana, com um sorriso de pura satisfação, olhando para a loira.

Sigo o olhar da minha amiga lentamente e percebo que o nariz de Flávia está sangrando. *Ah, entendi!* Quero rir, mas não posso. Não é a toa que minha mão está pulsando de dor.

— Filhos da puta! — reclama ela em meio à dor.

— Opa! Foi mal! Eu tropecei no... ta-tapete? — O rapaz olha para o chão e percebe que não tem tapete. *Não creio!* Assim fica difícil não rir. — Disse tapete? Hã? Não... — fala, procurando o culpado pelo chão. — Hum... Foi no piso! É! Isso! Foi no piso! Que perigoso!

Luke, que aparece e fica a poucos passos de mim, engasga com uma risada, fazendo nossos olhares caírem sobre ele. Tampa a boca para conter a risada, mas falha miseravelmente.

— Desculpe? Ou não...

Infelizmente, ou felizmente, já não sei mais, não tenho tanto autocontrole que nem Luke e gargalho alto. Assim como quando o vi de bombeiro, é incontrolável, mas desta vez rio com um humor negro terrível e inevitável. Como resposta ao meu divertimento, eu recebo o olhar furioso de Flávia.

— Está achando graça, é?

— Eu? — digo ainda rindo. — Jamais! Isso é ilusão sua. — Tento ser maquiavélica no meu ato cínico, mas isso só me faz rir mais, deixando-a ainda mais irritada.

Se um dia vou levar um tiro por rir? Digamos que se a Flávia tivesse uma arma exatamente agora, essa seria a hora.

— Oi? Rindo? — intervém o desconhecido, olhando para os lados. — Não tem ninguém rindo aqui.

Se isso ajuda a situação? Não! Ele é um típico cara de pau, sem-vergonha e canalha. Jamais seria o tipo de cara que daríamos o coração, ele provavelmente rouba mesmo. *É esse o novo amigo da Diana? Hum...* Se ela não tomar cuidado, antes de se dar conta já será dele.

— Cara, estou desacreditado! Vou procurar o dono do bar! Não pode ser assim! Isso aqui é super perigoso! — diz, genuinamente preocupado, ou é isso que tenta passar, porque o sarcasmo é nítido.

Diana? Joga tudo no ventilador e começa a rir comigo, mas sua risada é diferente da minha, é aquela de diversão com a desgraça alheia, na cara larga mesmo. *OK. Nem um pouco diferente da minha. Farinha do mesmo saco, talvez?*

— Vou processar você! Meu nariz está quebrado! — diz Flávia, voltando sua raiva e humilhação para mim. *Sério? Tenho cara de escape emocional?* A minha risada fica mais forte, pois, quanto mais ela fica irritada, mais sangue escorre e mais engraçado é.

A risada da Diana trava na garganta quando Flávia ataca apenas a mim, e sinto um arrepio me subindo na nuca. Acho que minha risada se perdeu em alguma curva por aí. *Isso vai dar merda*. Diana não grita, nem explode, mas está muito irritada.

— Diana. Calma... — falo, tentando apaziguar a situação. Mas a porra da diaba passa direto por mim em passos largos. *Ela está me ignorando? Você acha? Meu bem, já tenho certeza!*

Para em frente à Flávia, abrindo um lindo sorriso, contudo, subitamente Diana chuta o salto alto da loira, fazendo-a quase cair, surpreendendo-nos.

— Vaca, digo... Flávia. — Com esse erro proposital, o sorriso da Diana carrega satisfação. *É. Um perfeito um delinquente e uma valentona. Perfeito!* — Você é bem bonitinha mesmo, mas é surda também? O chão está escorregando. Não escutou o rapaz? A agressão da Nina foi uma fatalidade maravilhosa. Mas posso fazer dessa agressão acidental uma realidade. Sabe, faz anos desde que bati em alguém, quer ser o teste para saber se ainda sirvo para a coisa? — diz, chegando mais perto da Flávia, quase a beijando. — Aí sim você poderá me processar com todo prazer.

Flávia fica azul e então pálida com a ameaça, saindo apressada de perto de nós, com a mão ainda no rosto. Provavelmente assustada com a diferença de personalidade entre a Diana e eu. Assim que Flávia fica mais distante, me aproximo com passos leves e incertos da minha melhor amiga valentona.

— Diana, você ia mesmo bater nela? — pergunto curiosa. Os rapazes olham como se quisessem fazer a mesma pergunta. *Com medo da Diana? Confesso que às vezes sim.* Acho que só o tal marginal que não ficou com

medo, na verdade, creio que ele gostou.

— Balela... — diz, mostrando a ponta da língua e dando de ombros. — Acha que eu ia sujar minha ficha com pouca coisa? Atitude em excesso assusta mais as pessoas do que as ações em si.

Neste momento, fico cinco segundos olhando torto para a Diana. Desconfio que ela esteja mentindo descaradamente para mim enquanto dissimula com suas palavras e faz pouco caso. Puxo-a lentamente em um abraço e falo.

— Sabe que eu te amo, né? Você é linda e maravilhosa.

— Não me bajule. Claro que sei! Tem mais é que me amar mesmo — responde prontamente. *Descarada filha da mãe.* E então se vira para Luke. — Que bom que seu gosto por mulher melhorou.

— Sim, é verdade — diz o Luke, rindo. Acho que mesmo ele não pode evitar ser cativado pela Diana, mas não sinto ciúmes, afinal, quem a ama mais aqui sou eu.

— Diana, não vai apresentar o seu amigo? — pergunto, olhando para o rapaz encostado na parede do bar com os braços cruzados, que parece gostar do que está "assistindo".

— Ah sim! Esse é o Adrian, o meu mais novo amigo mulherengo. Te falei dele. É o marginal que quebrou a máquina de bichos de pelúcia — explica em um tom de pouco caso.

— Que absurdo! É assim que me apresenta para os seus amigos? — responde desacreditado. Ele desencosta da parede e se aproxima mais de nós.

— Cara, falei alguma mentira? — retruca ela, colocando a mão no quadril. *Estou me sentindo assistindo uma novela.*

— Não, mas faltou coisa aí! Marginal, lindo, gostoso, sedutor e maravilhoso — diz com naturalidade. *Gostei dele.*

— Convencido. — Ela o interrompe, e eu me divirto com o relacionamento dos dois.

— Também. Bom... Não muda o fato que te dei o que mais queria — provoca ele, aproximando-se charmosamente dela enquanto eu a solto do abraço.

Opa! Hora da minha retirada.

— Adrian, não faça suas palavras mudarem o sentido das coisas — reclama Diana.

O Luke intervém e se aproxima, colocando a mão no ombro do Adrian. *Ufa! Vai, amor! Pensei que iam sair porrada aqui já, já.*

— Desculpa atrapalhar o casal, mas tenho que dizer uma coisa. Cara, que soco sensacional! — diz sério para então abrir um sorriso.

Adrian o olha e começa a rir, concordando com Luke. Assim começa uma amizade masculina para a vida toda, apenas com essas poucas palavras. Acho incrível essa capacidade dos homens. Diana parece se sentir excluída e resolve fazer parte daquela conversa sem palavras, começando a rir também, mas fica tão estranho que os rapazes param de rir e ficam a encarando.

— É. Deu ruim... — comento.

— Deixa esse clubinho masculino. Nunca precisei deles para nada mesmo — resmunga meio manhosa. *Efeito Adrian, talvez?* — Mas e aí, mulher? Fiquei sabendo que o Luke cantou se declarando. Que lindo isso. E você, quando vai declarar?

— Oi? — Engulo em seco. — Quer que eu cante? — pergunto em um sussurro.

— Claro, por que não? — indaga, imitando meu tom de voz. — Ou vai deixar o Luke ser o único fazendo declarações e tomando a frente? Aproveita que está gostosa hoje.

— Oi? — Olho para ela, estreitando os olhos. — Estou gostosa *hoje*?

— É, só hoje. — *Filha da puta! Amiga traidora*. — Então vai e arrasa. Não deixe de abusar da sorte — diz, empurrando-me para o palco. *Toda doida e errada, mas a amo. Fazer o quê?* — ATENÇÃO! A MOÇA AQUI VAI CANTAR!

Talvez não a ame mais, filha da mãe! Só me coloca em furada!

— É... Oi — falo. Quando chego ao microfone, todo mundo para de falar e me olha.

Silêncio recai por todo o ambiente. *Merda. Mil vezes merda. Silêncio é pior do que barulho.* Olho para os lados, nervosa, engulo em seco e respiro fundo.

— Vai e arrasa! — grita alguém em incentivo.

— Eu... Não vou cantar, deixo isso para o meu noivo. — Algumas risadas vêm à tona, suavizando a tensão. — Mas vou me declarar, eu acho... Nunca fiz isso. Reprimia, e ainda reprimo, muito dos medos infantis. — Admito em voz alta, começando a sentir um enorme peso sair dos meus ombros. — Se pensar em me deixar um dia, Luke, o amor permanecerá em mim e isso não vai me deixar em paz — falo com um sorriso triste, pensando em cada pessoa incrível que poderia estar com ele no meu lugar. — Te amo de uma forma que me faz pensar. Há simplesmente tantas coisas que o tempo

não pode apagar, e você é uma delas. Então, não me deixe jamais, OK? — Uma lágrima solitária escapa pelos meus olhos quando me lembro de tudo que vivemos. — Quando você chorou por dentro, eu apareci e te ofereci uma bebida. Você fingiu roubar meu sabão em pó no dia seguinte e ainda ficou seminu na sala da minha casa. Abusado. Quando eu chorei, você estava lá e gritou, respondeu, brigou, me defendeu, sem se importar quem seria do outro lado. Diante dos meus medos, segurou a minha mão, sempre sorrindo, e afastou todos os males.

Emocionada, paro de falar, pedindo um tempo com a mão. Suspiro, e mesmo entre as lágrimas, o sorriso não deixa o meu rosto.

— Você tomou tudo de mim, me cativou desde o início com sua presença, se tornou uma luz ressonante na minha vida. Seu rosto, sua presença, seu calor e sua existência assombram meu coração, mente e sonhos de forma tão agradável e confortável. Jogou no lixo meus medos, meus traumas, minhas inseguranças e fez uma nova eu, mas é você quem tem tudo de mim. Eu te amo, Luke. Um dia seremos velhos, eu já com meus noventa anos, você ainda nos oitenta e pouco, mas direi aos nossos netos que aprendi a viver somente com você. Só passei a existir quando você surgiu. Obrigada.

Sob aplausos, e constrangida demais para ficar no palco, saio apressada de lá, encontrando Diana nos degraus. Em seus olhos vejo orgulho, e isso faz eu me emocionar ainda mais.

— Que declaração linda! Parece até final de romance! — comenta. — Arrasou!

— Não, ainda falta muito para o final. Alguns anos, alguns acontecimentos, e provavelmente, muitas emoções e risadas — diz Luke, surgindo atrás da Diana, surpreendendo-nos e me puxando para um abraço quando chega perto o suficiente. — Minha Nina. Sou homem, mas também sou capaz de chorar. Está tentando provar a teoria?

— Isso significa que mandei bem na declaração? — pergunto, rindo.



DE VOLTA À ROTINA OU O PROBLEMA SÓ COMEÇOU?

O som é delicioso. O cheiro depende muito de quem o cheira, mas para mim não é ruim. Pelo contrário, é instigante, contagiante e maravilhoso. Uma mistura perfeita de perfumes com vozes, que parecem murmúrios. Hora ou outra, alguém extravasa as emoções com altas risadas. Pessoas que se enquadram e outras que jamais irão, mas todas felizes ao seu modo, talvez, ou nem tanto, mas a vida é isso, não é?

No bar estão os amigos, agora em um grupo maior. Pessoas tão diferentes e que se encaixam perfeitamente, procurando as mesmas coisas, e ao mesmo tempo, coisas totalmente opostas. Contudo, neste momento, estamos apenas Luke e eu. Viemos para um corredor ao fundo e estamos escondidos pela ausência de lâmpadas. Isso nos proporciona privacidade, tornando o momento íntimo o suficiente para nos entregarmos a toques ousados, beijos molhados e sussurros apaixonados contra a pele, tudo isso que nos fazem arrepiar.

— Tão linda. Tão minha... — sussurra Luke no meu ouvido, mordendo o lóbulo da minha orelha de maneira provocante, enquanto sua mão ameaça ultrapassar as barreiras do limite de um lugar público.

Já não consigo mais lembrar como se pronuncia uma palavra sequer. Neste exato momento, Diana aparece na porta do corredor, tossindo divertida, chamando a nossa atenção.

— Opa! Ai ai, crianças, vocês podem ser pegos — cantarola, deixando-me constrangida, mas como sempre, acabamos rindo.

Luke entrelaça nossos dedos e leva a sua boca até nossas mãos, beijando a ponta dos meus dedos. Isso me faz sorrir. Estou tão feliz que tenho

medo de estar parecendo ridícula.

Uma sensação de plenitude me toma. Mas como não tomar? Principalmente quando tudo vai bem.

Quando chegamos à nossa cota da noite, cada um vai para a sua casa, pelo menos acho que sim. Adrian vai levar Diana. *Ele já sabe onde ela mora? Talvez estejam sérios.* Fico refletindo. Entretanto, o Luke chama a minha atenção, levando a sua mão até a parte interna da minha coxa, apertando-a. Ele revela as suas intenções, mostrando-me no que eu devo ter foco.

Chegamos em casa o mais rápido que pudemos. No caminho para o quarto, já tiramos nossas roupas, espalhando-as pela *nossa* casa. Jogamo-nos em *nossa* cama, no *nosso* mundo e no *nosso* espaço, entregando-nos aos nossos desejos sem ninguém para atrapalhar. E assim passamos calorosamente a noite.

Na semana seguinte, nossa vida girou em torno de deixar a casa perfeita. Tiramos fotos juntos, colocamos nas paredes, almoçamos no Hermanito, que após tanto tempo, ficou feliz por nosso relacionamento ter avançado assim. Enfim, a semana passou de maneira doce durante os dias e picante durante as noites. Nunca me senti tão realizada. O dia de voltar a trabalhar no novo cargo está chegando, e isso também tem me deixado muito ansiosa.

• • •

No dia em questão, levanto da cama às cinco da manhã, tomo café no silêncio da cozinha, enquanto deixo Luke gloriosamente nu, dormindo na cama. Francamente, penso em assediá-lo, mas na minha cabeça só tem a ansiedade desse tal trabalho.

Cuido das unhas cantarolando *Yellow*, aliso os meus cabelos e faço um rabo de cavalo. Sim, antes do banho, porque não sei vocês, mas o meu cabelo limpo fica armado de um jeito feio e esquisito, então prendo os fios com grampo e tomo meu banho. Quando termino, me visto tranquilamente com roupas formais. Coloco brincos discretos, um colar com apenas uma pequena joia sutil, meias calças, uma saia de cintura alta preta justa até o joelho, e para terminar, uma blusa social. Calço o salto e me sinto uma profissional linda e atraente. *Não, não é do sexo. É só social mesmo.*

Como é um novo começo, acho melhor acordar o Luke para que ele se arrume logo e possamos chegar mais cedo. No entanto, encontro-o

espalhado na cama, com a coberta fazendo um volume semelhante a uma barraca. *OK! Não sei se dou risada, implico ou me aproveito. Trabalho, Nina. Trabalho.* Respiro fundo e me sento ao lado dele na cama, cruzando as pernas.

— Bom dia, meu amor! — Levo a mão até seu braço, balançando-o um pouco.

Ele me olha sonolento.

— Hum? Bom dia, bebê.

— Espero que seja eu, com meu incrível corpo sedutor, que esteja em seus sonhos te causando tamanha animação nessa região aqui — digo, gesticulando sobre sua ereção de maneira divertida.

— Na verdade, isso é bem normal. — Ele parece pensar em algo e então olha para o lado. — Bom, não que eu não tenha sonhado...

O tom de diversão se vai, ficando levemente rouco, e começo a estreitar os olhos para ele.

— Luke, com o que você estava sonhando? Fale logo, rapaz! Antes que eu pegue a faca. Darei uma de Diana aqui para você nunca mais esquecer.

— Nossa! Que perigosa! Bom, você sabe que a partir de hoje tenho uma secretária... — começa a falar, deslizando o seu olhar pelo meu corpo, olhando-me de cima a baixo com cautela, mas com um brilho sedento. — Saia, meia, talvez cinta-liga aí de baixo. *Sexy.* Decote convidativo, mas não exagerado, instigando a imaginação para que sutiã está usando. Você não está querendo sair de casa hoje, né?

— Hã? Espera, bonitão. O que isso tem a ver com o que você estava sonhando? — pergunto, cruzando os braços, fazendo-me de desentendida e observando o seu olhar se perder nos meus peitos. — Luke, minha cara é mais em cima.

— Hum? Oi? — Ele pisca rápido e volta a me olhar nos olhos com uma expressão sem-vergonha.

— Oi, tudo bom? Vem sempre aqui? — *Se estou me sentindo atraente? Estou sim.* Olho para ele, rindo.

— Apesar de todas as provas, você persiste em esquecer de que sou um homem e que tenho direito de ter meus fetiches. Principalmente quando acordo e dou de cara com esse bem vívido diante de meus olhos.

Mesmo imaginando isso, ao escutá-lo falar, sinto o meu rosto corar violentamente e mordo os lábios, constrangida, olhando para o lado. Acho

que voltei a ser só a Nina. Toda a desenvoltura da Diana foi embora com a fala do Luke safadão. Distribuo alguns tapas no braço do Luke.

— Seu sem-vergonha!

— Oshi! Que foi, doida? — diz, protegendo-se dos tapas enquanto ri. — Você perguntou e eu falei. E ainda quer me bater? Eu, hein! Isso dói, Nina!

Entre provocações e brincadeiras, Luke vai tomar seu banho e se vestir para tomar café. Vamos para o trabalho e está normal até. Bom, isso até as pessoas começarem a perceber a aliança em minha mão. Somos notificados de que haverá uma reunião de funcionários para que todos do nosso novo andar nos conheçam.

Assim, o desespero começa cedo, pois tenho meia hora para fazer um portfólio com tudo o que Luke precisa para sua apresentação. Pergunto-me o que será de mim com esse novo trabalho. Cheia de papéis? Não, é pura ilusão de ótica sua! O Luke foi antes para ganhar tempo falando com eles. No horário marcado, vou equilibrando papéis e pastas. OK. Com um leve atraso de quinze minutos. Chegando à sala de reuniões, o olhar de todos recai sobre mim.

— Olá, bom dia. Perdoem-me o atraso. Senhor Salvatori — digo, desculpando-me com o máximo de formalidade.

Vou até ele, e sem querer, perco o equilíbrio sobre os meus saltos e deixo alguns papéis caírem no chão. *Sabe quando você pensa que nada pode piorar?*

— Desculpe — falo totalmente constrangida e abaixo com cuidado para pegá-los.

— Com uma secretária dessas, eu estaria bem — comenta libidinosamente um rapaz atrás de mim. *Sério, cara? Tem gente que merece um soco no meio da cara, né?* — Ai, ai.

Luke ganha uma expressão de poucos amigos e vem até mim se controlando. Ou tentando.

— Cara, o silêncio garante que seus dentes permaneçam na boca. Cuidado ao falar coisas indevidas para a mulher de alguém.

— Mulher de alguém? — intervém o velho chefe, entrando casualmente na sala, e sai da sua porta de vidro especial. O velho é tão controlador que assistia a reunião atrás de uma parede de espelho? Achei que isso fosse uma lenda, nunca pensei que fosse real. — Vocês assumiram compromisso, minhas crianças?

— Sim, senhor. Desculpe notificar apenas agora. Nós íamos avisar, contudo, ficamos ocupados com o portfólio — responde Luke, tomando a frente, ao mesmo tempo em que me auxilia e segura os papéis para que eu me levante.

— Era questão de tempo. Vocês nunca tentaram sequer esconder sua relação mesmo — diz sério. Sua fala é limpa e direta, beirando a comicidade — Usem camisinha. E aceito ser padrinho.

Olho-o com espanto e com vontade de rir. Mas que chefe cara de pau, minha gente! Mas a realidade é: ele é um homem incrível. Alguém que nos inspira a sermos bons no trabalho e como pessoa.

— Hum... Claro, senhor. O senhor que nos acompanhou de perto desde o início e nos ajudou tanto. Mas que mal lhe pergunte, como sabia? Na última vez que nos vimos, eu e Nina éramos apenas amigos.

— Menina, sou velho, mas entendo das coisas — diz, sentando-se em sua cadeira de forma dramática. — Tive meu tempo de amizade, dormindo abraçado na praia com uma *amiga*, segurando a mão da minha *amiga*. Claro que sim... Tomando uma tesourada pela minha *amiga* também, beijando-a na empresa na frente do chefe e de todo o setor, perseguindo-a. É, sou velho. Entendo das coisas. — O sarcasmo dele é cômico.

Meu Deus! Misericórdia, velho do cacete! *Nossa, que boca suja. Estou me tornando a Diana.*

No fim, nada foi contra as minhas expectativas. O trabalho é corrido. Luke faz horas extras consecutivas, trabalhando inclusive no almoço. Às vezes me pede para ficar com ele e acabamos namorando um pouco, mas nada mais que o normal. Afinal, ninguém é de ferro!

São dias felizes. Eventualmente, abro mão de ficar com ele para dar atenção para Diana, que tem estado bastante distante, por estar com o tal Adrian. Nunca desejei tanto a felicidade de alguém como desejo a dela, apesar de minha amiga não ter assumido o relacionamento ainda. Por duas ou três semanas fazemos isso. O cansaço é eminente.

Só quando me acostumo com a minha nova rotina é que reparo algo estranho. Faz uma semana que o Luke tem saído mais cedo e voltado após o horário. Mal tenho visto sua cara! Não jantamos juntos, não namoramos a noite, não tem mais música para acordar, nem carinho ou um beijo de bom dia. Ele sempre foi todo romântico para agora ficar indiferente.

Para piorar, têm os telefonemas misteriosos que começaram a acontecer, que duram horas a fio. Meus almoços? Sempre com a Diana ou

completamente sozinha. Em uma dessas vezes, o lanche me faz mal. Por hábito de depender e estar com o Luke sempre, não tê-lo comigo faz com que não sinta vontade de preparar nada, nem ir a um restaurante. Sempre tive a sensação de que ele me salvaria, agora não seria diferente, não é?

Quando estou saindo do banheiro, me deparo com alguém e penso ser o Luke.

— Não se preocupe... O lanche só me fez mal — digo para as paredes, pois topei com a decoração do escritório. *Nada*. Acho que a resposta é "não, não me salvará.".

A ausência de resposta faz uma dor latente pesar sobre mim. *O que ele está fazendo?*

Em casa, nesse mesmo dia, enquanto deveria estar ao meu lado, ele fazia seus exercícios. Mas o último e fatal golpe foi no dia seguinte, em meio a um dia de trabalho até o pescoço.

— Nina, você poderia conseguir um tempo na minha agenda? Precisarei sair. — *Tempo para sair ele tem, mas para mim não! Traidor!*

— O que está aprontando, meu amor? — pergunto com falso interesse, mas que, na realidade, é genuíno.

— Apenas trabalho, Nina — diz, voltando para a própria sala, claramente fugindo de mim e me deixando com um gosto amargo na boca.

No almoço, quando me dou conta, ele já saiu. A sala nunca pareceu tão grande. Depois de todo esse tempo fazendo tudo juntos, a solidão me pega desprevenida, e sinto a dor e a insegurança me consumirem novamente. Lágrimas começam a brotar em minha face. Pego o meu celular e ligo para a Diana para dizer o óbvio.

— Diana, acho que o Luke arrumou outra. — As palavras ecoam dentro de mim, pesadas e dolorosas. Conto tudo a ela, menos o mal-estar que estou sentindo, afinal, foi só um lanche que desceu mal.

— *Onde ele está?* — pergunta ela pausadamente, claramente irritada. — *Pegue o seu celular. Do jeito que vocês dois são tapados, o GPS deve estar ligado.*

Sinto-me meio ofendida, mas não posso negar, olho o GPS e lá está ele na avenida mais cara da cidade. Meu estômago pesa e então revira, mas quando menos espero, Diana aparece na porta do escritório carregando sua bolsa.

— Sabe o endereço? Vamos... Agora!

Vou até ela, obediente, devido à sua ordem firme. Diana toma o

celular da minha mão, olha o endereço e sai na frente, e eu apenas a sigo como posso. Esta roupa não foi feita para quase correr.

Quando chegamos à rua, o vento bagunça os nossos cabelos. Por sorte, encontramos um táxi e caminhamos apressadas em sua direção. O tempo de entrar no táxi foi quase tão rápido quanto o de chegar a tal avenida. O local é bonito como um sonho, um cenário realmente lindo. Em um dos restaurantes, o mais lindo, no melhor estilo romântico clássico, posso vê-los na área livre, que possui belas flores.

Uma linda mulher de salto quinze, pernas bem feitas, saia social e uma blusa de seda sem sutiã. Seus cabelos são ruivos, e quando ela os joga para trás, rindo de algo que ele disse, meu coração fica pequeno. Ainda mais por vê-lo se divertindo também. Noto que ela aparenta ser mais velha que eu, mas tem um charme inigualável.

Sinto minhas pernas ficarem moles e caio sentada no chão. Meu rosto está perdido em lágrimas e o meu coração em frangalhos. Pergunto-me em que momento perdi a graça. Por que assim tão subitamente? Estávamos tão bem...

Uma forte náusea me toma devido ao medo, dor, tristeza. Tudo vem em uma avalanche de emoções e sensações, fazendo-me vomitar ali mesmo. Diana resmunga e vem ao meu socorro, ajudando-me a levantar e me guiando até uma padaria próxima para comprar uma água mineral.

— Está melhor? — indaga, mas então ela se silencia. Ela olha para meu rosto, provavelmente reparando que estou mais magra, com leves olheiras e pálida. Como se tivesse juntado um mais um, sua expressão fica séria como há muito tempo não via. — Nina, quando foi a última vez que menstruou?

E assim sinto o chão sumindo sob os meus pés pela segunda vez. *Quando foi a última vez que menstruei? Não faço a menor ideia! Mas antes de tudo dar errado, eu e Luke transávamos frequentemente... Meu Deus!*

Ao sairmos da padaria, que é em frente ao tal restaurante, vemos Luke e a mulher ainda lá, mas agora se levantando. Ele sorri para a ruiva e a guia gentilmente pelo braço, levando-a até a porta de um carro vermelho, abre para ela e a auxilia a entrar.

Cavalheiro do caramba! Filho da puta! Quero brigar! Quero gritar! Eu quero esganar o Luke! Entretanto, ele não faz nada além disso e a deixa ir, indo embora para o seu próprio carro.

Qual é! Eu fiz o Luke tomar gosto por velhas?

— Filho da puta. Ele não se ajuda — resmunga Diana. Lembro-me do episódio da cozinha, e realmente, o Luke não consegue se ajudar. Ela segura a minha mão e me arrasta para uma clínica mais próxima. — Vamos fazer o exame de sangue para saber logo se você está grávida ou não.

Não, não pode ser! E ainda no meio disso tudo? Não, não! Ao chegarmos lá, Diana faz algo semelhante ao que vi em uma animação uma vez "aqui o meu dinheiro. Tirem o sangue dela e façam o teste de gravidez o mais rápido possível.”. A moça a olha surpresa, mas obedece e já chama uma enfermeira que me encaminha para onde tirarei o sangue. Ela explica que a responsável pelos testes teve que sair mais cedo, mas que, logo pela manhã, o teste será feito e o resultado estará pronto. A mulher pede meu e-mail e diz que enviará o exame por lá. *Como as coisas evoluíram com a tecnologia.*

Apesar de que mesmo assim, para a minha agonia, a resposta virá só amanhã. Suspiro pesado e saímos da clínica. Olho para o céu limpo e sem nuvens, ouço o som de alguns pássaros persistentes cantando entre os carros. Sem querer o rosto do Luke volta à minha mente.

Eu amo aquele homem. Amo seu sorriso, seu olhar, seu toque, seu humor, sua coragem, e até a forma naturalmente azarada de seu dia a dia. Amo até mesmo a forma como seu peito sobe e desce tranquilamente quando dormimos abraçados. *Droga!* Agora mais calma, não quero e não posso acreditar em uma traição. Não faz parte do Luke, não condiz com sua índole.

— Não posso ser precipitada, Diana — falo para ela enquanto paramos em frente à clínica. — Não faz parte do que sempre vi com meus olhos, nem do que vivemos. Por todo esse tempo, ele sempre foi digno. Ele poderia estar em um almoço de negócios, pode ser outra advogada da empresa, uma parente ou até mesmo compradora do apartamento antigo dele. Não posso julgá-lo.

— Ela pode ser amante dele — comenta Diana, colocando lenha na fogueira. — Não me olhe chocada! Embora ele seja tudo o que você falou, isso tudo é muito atípico.

— Diana! Estou tentando ser positiva! Lutar contra as estatísticas! Oh, caramba! De que lado está? — falo indignada, olhando para ela.

— Bom, pode ser verdade o que você disse ou o que eu disse, mas só vai saber se segui-lo mais vezes. Ou pode só deixar estar e resolver confiar nele. Mentira costuma ter perna curta — diz ela séria, fazendo-me refletir.

— Diana, você é o meu cérebro? Está brigando com meu coração?

— Sei lá, você costuma ser minha consciência. Não tem muita

ligação, mas é isso — diz, dando de ombros

Retornamos para o trabalho e o dia terminou normalmente. Após o final do expediente, volto para casa, mas estou inquieta demais em meio ao silêncio daqui. Tudo agora me faz lembrar do Luke. Em um súbito lampejo de coragem, me levanto.

Não quero perder tudo que consegui. Não sem lutar! Já que o Luke demorará a chegar em casa, vou ao salão e mando colorir o meu cabelo, clareando-os e os deixando com um bonito tom de café avermelhado. Também corto a minha franja e aliso os fios.

No caminho de casa, compro roupas novas, sapato de salto alto *Prada* e perfume novo. Ser "pão dura", como a Diana sempre me chamou, tem lá suas vantagens. Quando der a louca posso gastar sem culpa. *Lingeries* novas também não poderiam faltar.

Chamo um táxi, entro nele e dou o endereço de casa. Estou ansiosa e decidida a reconquistar o Luke quando ele chegar em casa. *Não que saiba como isso aconteceu da primeira vez. Talvez deva abrir um vinho também, se bem que naquele dia eu paguei uma cerveja.* Nina, você não sabe se está grávida! Escuto minha mente brigar comigo e desconfio que a voz familiar seja da Diana. *OK. Sem cerveja ou vinho.*

Chegando, pago o táxi e saio apressada em direção a casa. Tomo banho do pescoço para baixo, faço uma maquiagem suave, mas que destaque meus olhos e boca. Coloco uma *lingerie,* que nunca pensei que usaria algum dia, mas que me lembrou o véu que usei quando perdi a virgindade, e complemento com uma camisola fina e transparente azul-bebê.

Embora com toda a expectativa da chegada do Luke, me deito na cama e o aguardo, mas acabo caindo no sono. Foi tanto trabalho, emoção e correria que fiquei completamente exausta. Acordo já no dia seguinte, sozinha na cama, coberta e com os meus cabelos cuidadosamente presos para não amassar.

Se ele está me traindo, por que cuidar de mim? Penso entristecida.

Escuto o som de panelas e, por algum motivo, suspiro aliviada. Ele está em casa! Mesmo com o fracasso de ontem não desisti. Levanto-me apressada e visto uma roupa social mesmo, coloco uma cinta liga e por cima dela uma saia azul-marinho com um pequeno corte na parte da coxa, e completo com saltos altos pretos e lustrados. Após fazer a maquiagem, encaro minha imagem no espelho e me dou por satisfeita.

Focando agora em uma única pessoa, desço as escadas e escuto

apenas o ecoar dos saltos. Chegando à cozinha, antes que eu possa fazer qualquer coisa, Luke passa por mim e sai sem sequer olhar na minha cara.

— Nina, meu bem, o café está na mesa e eu estou aguardando no carro.

Meu bem? Meu bem é o cacete! Nem olhou na minha cara! Sério? Filho da mãe! Respiro fundo e vou pegar o meu café, que se resume em torradas integrais, com geleia natural de amoras e um suco de laranja com hortelã. *Hunf! E ainda me mantém na dieta!*

No almoço, vou comer torta de limão, sorvete, *waffles* com cobertura de chocolate e glacê! Muito glacê! No carro, como o restante do pão devagar. Luke fala apenas amenidades e não menciona nada sobre ontem. No trabalho, tento sensualizar, deixo cair a caneta após entregar alguns papéis, dando uma boa visão da minha bunda. *Nada*. Quando vou entregar um café, me abaixo mais do que o necessário, dando uma boa visão do meu decote. *Nada*. Aproximo-me mais do que o necessário para entregar alguns papéis a fim de que ele sinta o meu perfume. *Nada*. Quando vou entregar a agenda do dia seguinte, balanço os cabelos, quase os jogando na sua cara para ver se os repara. *Nada*. Sento na mesa para repassar um texto dele que revisei e para ler alguns papéis e recados, cruzando as pernas e dando uma boa visão da cinta liga. NADA!

Luke Salvatori, estou no limite da minha calma e serenidade! Está testando a minha fé?

Na hora do almoço, vou até sua sala chamá-lo para irmos a um restaurante juntos. Adivinha? Ele não está! Desta vez saiu de mansinho. Não resisto em olhar o GPS novamente, mas percebo um recado que não tinha visto. O e-mail da clínica médica escrito “positivo”. É tudo que preenche a minha cabeça neste momento. *Um bebê... Meu e do Luke. Vou ser mãe! Vou ser mãe, meu Deus!*

Preciso sentar e respirar. Mas assim que olho para a sala do Luke, me lembro de olhar o GPS. Abro-o e procuro a sua localização.

Rua dos sonhos

Motel Úrsula, 999

A frustração que senti antes é engolida pela raiva que me toma. Queria me negar a acreditar. Não condiz, não faz sentido, mas meu coração é obrigado a se calar, dando voz a sentimentos cada vez mais tempestuosos. Não tão agradáveis quanto o amor, mas tão devastadores quanto.

Com o meu cérebro mergulhado em raiva e meu coração em mágoa,

saio apressada com passos firmes e largos e acabo passando pela Diana que estava no corredor, mas mal a olho, enxergando apenas vermelho diante de mim. Chamo um táxi, e assim que para, entro e me sento. Penso em ligar para o Luke, quando a música *Say Something* tocando na rádio me chama a atenção. *Francamente!* Acho que alguém se diverte com a minha dor!

Diga alguma coisa, eu estou desistindo de você
Eu serei o seu amor se você quiser
Eu te seguirei para qualquer lugar

Não posso evitar rir e chorar de sarcasmo e dor com a piada sem graça de Deus. Mas tudo sempre esteve envolvido com música, creio que não seria diferente agora, não é? É como se eu fosse uma personagem de desenho infanto-juvenil, ou algo do tipo.

E estou me sentindo tão pequeno
Isso estava tomando conta da minha cabeça
Eu não sei nada
Eu vou tropeçar e cair
Eu ainda estou aprendendo.

— Senhora, para onde vamos? Ou só quer escutar a música mesmo? — pergunta o taxista, constrangido ao me ver como uma louca. *Tadinho.*

— Me desculpe, eu vou... — O celular toca bem quando vou responder. Olho para a tela e vejo a cara de bobo do Luke dormindo no primeiro dia de trabalho. Sinto meu coração se quebrando em mil pedaços.

Em silêncio, atendo o celular e o coloco no meu ouvido. Meu corpo traidor se arrepia ao escutá-lo falar, e prendo minha respiração, tentando controlar a vontade de ofendê-lo, ou de chorar até o dia seguinte.

— *Oi, meu amor!* — diz animado, como se não tivesse me ignorado todos esses dias. Um filho da puta. Desculpa Sil, mas vou matar seu filho. — *Onde você está?*

— Primeiro... Amor é o caralho. — Era para ter classe? É... Não foi dessa vez.

— *Oi? Caralho?* — indaga espantado.

— É isso aí! Onde *você* está, Luke Salvatori?

— *Estou no trabalho. Fui comprar comida para nós e quando voltei você não estava* — explica em um tom de estranheza.

— Está no trabalho nada! — Olho o GPS e só me serve para ficar com mais raiva ainda. — Luke, você está dentro de um motel? Você não dá valor ao seu... Olha aqui, seu mentiroso e traidor!

— *Como assim em um motel?* — pergunta, parecendo não estar entendendo nada. *Dissimulado!* — Espera, você está me rastreando pelo celular? Onde você está, Nina? Respira e fala comigo.

— Viu! Se está perguntando isso é porque sabe que eu sei onde realmente está! Respira é a tua avó! — grito, nervosa.

— *Nina, me escuta!* — diz já parecendo desesperado. Desesperado? Fique de cabelos brancos ou careca, seu traidor! — *Meu celular foi roubado quando fui comprar a comida!*

— Claro! E de que celular o gênio está me ligando? E um cara rouba seu celular e vai direto para um motel? Ah, Luke, conta outra! — falo, revirando os olhos. — Está me traindo descaradamente com aquela ruiva toda bonita lá! Você não vale nada! Como fui idiota de acreditar fielmente em você!

— *Nem tão fielmente assim, pelo que vejo* — comenta desgostoso. — *Mas o ponto não é esse. Fique onde você está, eu vou aí* — diz meio ofegante. Ele poderia estar correndo, ou fazendo qualquer outra coisa. Não quero mais saber.

— Não te importa onde estou. — Coloco a mão sobre a minha barriga, sentindo que estou quase me entregando ao choro novamente, mas me seguro.

— *Espera, Nina. Me escute. Fale comigo!* — grita ele.

— Não, Luke. Tentei fazer você me olhar pelo menos uma vez por todos esses dias. Nem isso fez. Vá atrás da ruiva — digo, desligando na sua cara.

Outra onda de náuseas me invade e só quero ir para casa, e é isso que faço. Irei juntar todas as suas coisas e ele vai para onde quiser. Ou vendo a casa e compro outra, já que tudo ali me faz lembrar dele. *Ideia genial, Nina! Só que não.* Ele pode ir, mas o meu bebê não vai a lugar algum.

Pensar na criança só me faz querer chorar. Tudo estava tão bem até Luke mudar comigo. Como será agora quando ele souber? E, definitivamente, não vou deixar o meu bebê chamar aquela mulher ruiva de mãe. Nem ferrando!

No táxi a caminho de casa, começo a pensar. Tudo começou a sair da minha rotina, da minha vida certinha, da minha virgindade, e até mesmo fingir que nada ao meu redor me abalava. *Ele bagunçou tudo em mim, na minha vida, e eu estava tão feliz por isso!*

Por que não posso ter algum final feliz? Sabia, eu sabia que nada

daria certo para mim. Não existem contos de fadas. Alguém tão perfeito como ele deveria ser mais que suspeito. Por que a Flavia faria aquilo? Ela tinha o maravilhoso Luke, mas jogou para o alto. Será que foi por isso? Ele a traía? Mas diferente da Flávia, tenho um bebê. Ele é minha prioridade agora.

Estou entrando em casa, mas assim que fecho a porta da frente, escuto a dos fundos também sendo fechada. Fico assustada e procuro o *taser* na bolsa, mas está uma dificuldade enorme achar em meio a toda essa bagunça. *Por que nós mulheres carregamos tanta coisa? Droga, droga.* A porta dos fundos faz barulho como se alguém quisesse entrar. O medo me consome e tiro os meus saltos mesmo, para usá-los como arma. Não mata ninguém, mas fura um olho!

Em passos covardes, lentos, medrosos e com saltos nas mãos, caminho em direção à porta dos fundos. Contudo, me dou conta de que agora está um silêncio absoluto, deixando-me com mais medo ainda. Atenta ao meu redor, quase infarto quando a porta da frente é aberta em um só solavanco. Jogo os sapatos para o alto enquanto pulo e grito, aterrorizada com o susto.

— Nina? — Reconheço a voz de Luke. Reparo que ele está descabelado, suado e ofegante, e o terno está todo torto e amassado. — O que você estava fazendo com seus sapatos? Não, deixa. Temos que arrumar a porta de trás, pois depois que fecha, ela trava e não abre por fora.

Ainda estou sofrendo com meu coração que não se recuperou do susto. Não consigo entender o que ele diz e pouco me importa agora.

— Luke, você perdeu o juízo? Me trai e tem a pachorra de aparecer aqui? Seu sedutor de velhas! Faz dias que não me olha, não me toca, nem sequer a merda de um bom dia me dá! Você me ignorou, ficou com suas ligações misteriosas e suas saídas urgentes. Eu tentei ser positiva. E mesmo se tivesse me traindo, eu tentei chamar sua atenção. Comprei roupas novas, *lingerie*, perfume, me insinuei, pintei e cortei os cabelos. Por Deus, você sequer me olhou! Quando olho a merda do GPS e resolvo ir ver, vejo você almoçando com a demônio ruiva! Seu sem-vergonha, cachorro e safado! — Furiosa, vou até ele e dou um tapa na sua cara, empurro-o e saio porta afora.



PIOR QUE ESTÁ, FICA SIM!
LUKE

MINUTOS ANTES...

Após semanas de trabalho duro e foco absoluto, eu consegui! Finalmente tudo começou a fluir e posso enfim relaxar. Afasto-me da mesa, espreguiçando-me e sentindo o meu corpo reclamar de dor devido ao longo tempo sentado. Ao mexer o meu pescoço, um alto estalo ecoa pela minha sala. Pelo vidro da minha sala, vejo a mulher da minha vida, compenetrada em seu trabalho.

Tão linda e empenhada. Minha Nina...

Vou facilitar as coisas para ela e comprar comida para surpreendê-la. Pego o meu celular e o *blazer* para sair. Quando passo por ela, Nina ainda está tão focada que nem me nota.

Assim que saio da empresa, vou ao carro e dirijo até o Hermanito. Ele, como sempre, me recebe com grande alegria e pergunta onde está a bonita mulher que chamo de noiva. Conto a ele os meus planos e o convido, assim como toda sua família. Mando mensagens para todos, contando os planos, e, assim que termino de mandar a última mensagem, um rapaz passa correndo e leva o meu celular.

As coisas não estão fáceis, não é? Chego a pensar em correr atrás dele, mas mudo de ideia. Não vale a pena. Ainda bem que salvo tudo em nuvens, todo o resto é substituível. Retorno à empresa e não encontro Nina. Que estranho. Não faz tanto tempo assim que saí. Acho que vou ligar para ela.

Deixo a comida na mesa e me encosto ali, inclinando-me e pegando o

celular da empresa na gaveta. Ligo, e ela atende no terceiro toque.

— Oi, meu amor! Onde você está? — pergunto curioso.

— *Primeiro... Amor é o caralho* — responde irritada.

Que bicho a mordeu?

— Oi? Caralho? — falo sem compreender nada.

— *É isso aí. Onde você está, Luke Salvatori?* — indaga.

— Estou no trabalho — digo, olhando para as paredes do escritório. — Fui comprar comida para nós e quando voltei você não estava.

Resolvo ser sincero. Não sei o que aconteceu, mas não estou gostando do rumo dessa conversa e de toda essa irritação. Ela fica em silêncio e então volta a falar comigo.

— *Está no trabalho nada! Luke, você está dentro de um motel? Você não dá valor ao seu... Olha aqui, seu mentiroso e traidor!*

Motel? Mas como assim? O que está acontecendo aqui? Essa mulher enlouqueceu de vez?

— Como assim em um motel? — digo, sentindo-me perturbado, mas algo me passa pela cabeça e tudo parece fazer sentido agora. — Espera, você está me rastreando pelo celular? Onde você está, Nina? Respira e fala comigo. — Levanto-me, saindo da minha sala e deixando tudo para trás.

— *Viu! Se está perguntando isso é porque sabe que eu sei onde realmente está! Respira é a tua avó!* — Essa mulher está incontrolável! Não quer nem me escutar. Porra, Nina. Não fode.

— Nina, me escuta! — digo desesperado. Meu Deus, eu só fui comprar comida! O que é isso tudo? Como tudo virou isso? — Meu celular foi roubado quando fui comprar a comida!

— *Claro! E de que celular o gênio está me ligando? E um cara rouba seu celular e vai direto para um motel? Ah, Luke, conta outra!* — diz e não dá para contestar. Deixei o garoto levar, pois pensei que não faria falta. Talvez ele seria pobre, e eu poderia ajudá-lo. Mas até tentando ser legal me dou mal. — *Está me traindo descaradamente com aquela ruiva toda bonita lá! Você não vale nada! Como fui idiota de acreditar fielmente em você!*

— Nem tão fielmente assim, pelo que vejo — comento. Afrouxo a gravata e abro o paletó, saindo do andar do escritório. Não tenho paciência para o elevador e desço pelas escadas. *Não tenho tempo para esperar elevador, principalmente porque vive cheio.* — Mas o ponto não é esse. Fique onde você está, eu vou aí — falo ofegante, virando mais uma curva das escadas.

— *Não te importa onde estou.* — Com essa frase dela, sinto a minha preocupação crescer.

— Espera, Nina. Me escute. Fale comigo! — grito.

Mulher teimosa! Que porra! Não faz isso comigo, Nina. Não fiz nada!

— *Não, Luke. Tentei fazer você me olhar pelo menos uma vez por todos esses dias. Nem isso fez. Vá atrás da ruiva.* — Ela desliga na minha cara.

Ruiva... Será a Stela? Meu Deus! Nina acha que eu tenho um caso com a Stela?

Corro o mais rápido que posso para chegar até o carro e saio dirigindo como louco. Provavelmente logo chegarão algumas multas em casa. *Droga, mais dinheiro para conseguir.* Quando estou a apenas um quarteirão para chegar em casa, a gasolina acaba. Oh merda! Tenho mais gasolina, mas não tenho tempo. Empurro a porcaria do carro para sair da rua, mas, inevitavelmente, e com a sorte que tenho, um cachorro se aproxima e começa a latir para mim. Era só o que me faltava.

— Sai, cachorro! Xô xô! — Espanto-o, fingindo que irei chutá-lo, mas ele não tem medo e continua latindo valente. Ainda bem que cão que ladra não morde, e consigo levar o carro para o meio-fio e fechá-lo. Perdi muito tempo aqui, droga! A casa é na rua à frente. Pondero, olhando o caminho que me separa de lá. Se pular nesse quintal eu chego mais rápido. Só espero que não sofra processo por invasão a domicílio.

Assim que pulo a cerca branca, dou de cara com outro cachorro, mas um realmente grande dessa vez, e com uma cara de poucos amigos. Hoje, definitivamente, não é meu dia. Desvencilho-me dele e corro como um louco, tomando impulso para pular a cerca. Até que dá certo, mas sinto os meus joelhos ardendo com a queda de mau jeito. O processo se repete para voltar para a rua e enfim chegar em frente à casa da Nina. Vou direto para a porta de trás, e até consigo abri-la, mas o tal do cachorro grande aparece atrás de mim e me assusta. Ele está quase pulando a cerca de casa, e no susto, deixo a porta fechar.

Tenho a impressão de escutar a porta da frente. Deve ser a Nina! Tento abrir a dos fundos novamente e não consigo. *Droga! Não me fode, porta!*

Sou obrigado a dar a volta pela casa. Estou cansado e meio dolorido, mas tenho que falar com a minha "dona encrenca". Assim que termino de dar a volta, abro a porta, cansado. Vejo sapatos voando e a Nina gritando e

pulando incrivelmente alto.

— Nina? O que você estava fazendo com seus sapatos? Não, deixa. Temos que arrumar a porta de trás, depois que fecha, ela trava e não abre por fora.

— Luke, você perdeu o juízo? Me trai e tem a pachorra de aparecer aqui? Seu sedutor de velhas! Faz dias que não me olha, não me toca, nem sequer a merda de um bom dia me dá! Você me ignorou, ficou com suas ligações misteriosas e suas saídas urgentes. Eu tentei ser positiva. — Estou vendo. Definitivamente. Agora ela está cuspindo tudo o que normalmente não me fala diretamente nem a pau. Respiro fundo e escuto, pois só assim vou entender essa bagunça. — E mesmo se tivesse me traindo, eu tentei chamar sua atenção. Comprei roupas novas, *lingerie,* perfume, me insinuei, pintei e cortei os cabelos. Por Deus, você sequer me olhou! Quando olho a merda do GPS e resolvo ir ver, vejo você almoçando com a demônio ruiva! Seu sem-vergonha, cachorro e safado!

Então ela acha que eu a trairia? Eu pensei que me conhecesse ou pelo menos soubesse da minha índole. Ela acha que não reparei? O inferno! Claro que sim! Só estava tão cansado e a via também cansada que só pensei que poderíamos recuperar o tempo perdido mais tarde.

Mesmo no meu silêncio, estava refletindo enquanto ela falava. Penso em dizer algo quando Nina parece terminar de extravasar, mas ela vem e me dá um tapa bem servido no rosto.



CIÚME, INSEGURANÇA E MÁGOA FAZEM PARTE DO ATO DE AMAR

Após dar o tapa no rosto do Luke, saio sem rumo e enfurecida pela rua. A raiva vai me deixando lentamente, dando lugar a uma angústia crescente e avassaladora. *Pergunto-me como e quando tudo ficou assim.* Meu peito dói e a minha garganta parece fechar. Mesmo falando tudo que estava preso, todo o esforço foi em vão. Sinto-me tão abalada e entristecida que nada mais importa. Não estou vitoriosa ou satisfeita, sinto apenas uma vontade de enfiar as unhas na cabeça e gritar até o dia seguinte.

Em meu ventre agora existe um bebê. Um bebê que tem um pai que não vale nada. *Na verdade, vale sim, vale muito.* Questiono-me se não é culpa minha, se não falhei em algum ponto. Eu nunca imaginaria que o *meu* Luke faria isso. Sim, meu, desde quando o conheci, para mim, já era meu.

Aquele que não só amo como também admiro. Meu Deus, como as pessoas podem mudar tanto em poucos dias? E então, quando bem entende, volta a agir normalmente como se nada tivesse acontecido? Não consigo entender mais nada.

Suspiro, mordendo os lábios, e olho para o chão conforme ando, completamente desolada. Quando sinto uma fina chuva gelada começar a cair e uma brisa gelada me fazer estremecer, paro de andar para olhar o céu com as nuvens carregadas e cinzentas. Combinam comigo. Volto a olhar para baixo e encaro minha barriga, acariciando-a.

— Bebê, eu deveria ter escolhido um pai melhor para você. Infelizmente, mal consigo acreditar em como fui enganada pelo sorriso dele, que provavelmente você puxará. Ou aqueles lindos olhos azuis, sempre tão

vivos e brilhantes, que provavelmente terá também. — Antes que eu possa me controlar, um soluço vem forte entre as lágrimas. — Seu pai é um traidor! Sabe, bebê, não sei como pude me enganar tanto. Ele parecia tão perfeito que me esqueci de que ninguém é perfeito.

A droga da minha maquiagem já era, então nem ligo em chorar e virar um panda. Nunca me importei mesmo com nada disso. Estes sapatos, esta roupa ou esta maquiagem cara. Nunca me importei com o que os homens pensavam de mim, pois só tinha foco em estudar, trabalhar, me manter, ter uma boa poupança para quaisquer imprevistos, mandar algum dinheiro para a família e me manter longe, cuidando da minha paz.

O único homem cuja opinião importava para mim é a droga de um cara que conseguiu tudo de mim. Nunca me senti tão feliz em me doar tanto, mas agora sinto tudo dentro de mim ruir.

Uma mão forte e firme me alcança. Luke me vira para ele e me puxa para mais perto, segurando-me nos braços.

— Nina... — Sua voz está ofegante e rouca. Ele me afasta e olho em seu rosto, vendo-o corado pela corrida. Seus cabelos estão caídos e colados no rosto. Os olhos brilhantes, sempre tão cativantes, parecem a droga de um tapa na minha cara.

Como Luke, mesmo me deixando tão irritada, em uma completa bagunça interna, ainda me faz pensar em como ele é lindo? Mas que absurdo! Estou com raiva de mim mesma. Espera aí que vou ali me jogar da ponte. Volto já.

— Desculpa, Nina — diz, retomando o fôlego. — Desculpa não ter falado com você e por estar escondendo algo assim. Não me deixa, não assim. Me perdoa.

As lágrimas vêm como uma enxurrada, misturando-se com a água da chuva que começa a ficar mais pesada. Sob o peso de suas palavras, que mais servem como flechas certeiras no peito, não consigo olhar para ele, virando o rosto enquanto fica procurando o meu olhar.

— Me deixa, Luke. Mas que droga — digo em um sopro de voz.

— Nina, pelo amor de Deus! Só cala a boca e me escuta! — diz, sacudindo-me e me surpreendendo. — Desculpa não ter notado seu novo corte de cabelo com a franja levemente caída para a esquerda, seu perfume novo *Carolina Herrera 212*, suas roupas e sapatos novos da *Prada*, suas *lingeries* de renda. Desculpa não notar que dormiu com uma camisola bem sensual recentemente, mas parecia que tinha morrido de tão pesado que

estava o seu sono, suas penas perfeitamente depiladas e cheirosas, suas unhas feitas com esmero, sobrancelhas sem um fio fora do lugar. Fora o leve aumento de tamanho nos seus seios ou seus quadris, que também estão mais largos.

— Luke, decida se está se retratando ou querendo me fazer rir de constrangimento — digo, com meus olhos ardendo de tanto chorar, mas com risadas ameaçando escapar. *Ele te traiu, Nina! Acorda! Não ria senão você perde!*

— Talvez os dois? — diz em um meio sorriso completamente sem-vergonha. Não vale nada mesmo. Entretanto, olhando para ele, meu único pensamento é: *como deixar de amá-lo?* — Bom, em todo caso, eu não estava te traindo. Estava fazendo horas extras e trabalhos extras para a empresa. Estava tão determinado a conseguir alcançar a minha meta que deixei de te dar atenção, mas me perdoe, Nina. Queria te fazer uma surpresa, então não pude te contar, mas nunca imaginaria que uma coisa viraria outra e que essa outra viraria tudo isso! Então, tire dessa cabecinha cada ideia mirabolante que você colocou.

Ele segura a ponta do paletó e passa o braço sobre minha cabeça como uma proteção da chuva. Com a mão livre, tira do bolso um papel dobrado e me entrega. Pego-o com estranheza e me sinto tensa, desdobrando-o. É um contrato com uma das mais conhecidas empresas de eventos daqui da Itália, junto ao nome de uma mulher como *CEO*. Stela Rosenberg. Grampeado junto com o valor da equipe do casamento, *buffet*, fotógrafo, hotel e mais um monte de coisa, existe um papel de desconto de €25.000.

— A Stela é uma amiga da minha mãe e dona da empresa. Naquele almoço e nas ligações insistentes anteriores a ele, eu estava negociando e barganhando com ela para poder fazer um lindo casamento para nós por um valor que possa alcançar, sem precisar da ajuda de ninguém. Porque a Stela cobra um valor que, vou te dizer, é um absurdo. Foi difícil, mas consegui. Para diminuir o valor, dispensei o *design* e mais outras coisas, então eu mesmo planejei e organizei tudo. Assim o resto ficaria aos cuidados da empresa para fazer tudo se tornar realidade. Bom, terminei tudo e queria que fosse uma surpresa para você. Quando soubesse, só ia ter que entrar na roupa, no sapato, fazer o cabelo e a maquiagem. — Suspira frustrado. — Deu ruim essa última parte, mas OK. Estamos aqui. Eu te amo, Nina. Não desista tão fácil assim de mim.

Após todas as revelações e palavras, me sinto envergonhada,

constrangida, pequena, feia, e no mínimo, ridícula. Cada revelação me serve como um golpe certeiro na boca do meu estômago. Não sei onde enfiar a minha cara. Briguei com ele, até mesmo bati na sua cara! Acusei-o, enquanto estava pensando em mim o tempo todo, fazendo-me uma surpresa que seria memorável para nós dois.

— E todo esse valor... Você está se empenhando sozinho. — Poxa! Mesmo com o desconto ainda era uma boa soma em dinheiro. E eu testando a boa fé do cara tão empenhado, acusando-o e arrumando problemas. Eu sou ridícula.

— Claro, não seria uma surpresa se todo mundo soubesse! Principalmente você. Se quiser, te levo na empresa. Aliás, se quiser não, vamos lá — diz decidido.

Meu Deus! Ele quer esfregar na minha cara a vergonha que estou sentindo? Mas OK. Eu mereço. Vamos lá. Pratos limpos, sem dúvidas, sem pulga atrás da orelha e, principalmente, sem desconfiança. Acompanho-o de volta para casa para nos recompormos. Coloco a mão na minha barriga disfarçadamente, falando baixo.

— Está vendo, bebê? Eu te disse que seu pai não era tão burro de me trocar.

Sim, a loucura está tomando conta de mim. Imagino até o meu bebê olhando para mim com aquela cara de “ah tá, mãe, conta outra” e começo a rir sozinha.

— Nina? — indaga Luke, aproximando-se de mim para me ouvir. Graças à chuva, provavelmente não me ouviu. *Tadinho. Nem desconfia!* Sinto finalmente a expectativa da reação dele. Será que ficará feliz?

— Hum? Oi? Tudo bem? — Faço-me de desentendida, beirando ao cinismo. Ele gosta de surpresa? Então vou falar quando menos esperar.

— Falou algo? — pergunta curioso.

— Não, você deve estar escutando coisas, doido. — Se estou rindo por dentro? Sim. Sem sombra de dúvida. Ele não merece castigo, na verdade, quem merece sou eu, mas realmente quero fazer uma surpresa.

Durante o percurso de volta para casa, passamos por um pequeno prédio abandonado. Um dia foi um pequeno teatro, mas o que me chama a atenção são dois detalhes insignificantes. O primeiro é que as portas sempre estão abertas e agora estão fechadas, o segundo é que vejo marcas de pegadas ainda molhadas diante das portas. Guardo os papéis no sutiã e saio da proteção de Luke.

Ele, estranhando o meu comportamento, para e fica me olhando, curioso e intrigado, enquanto caminho em direção ao prédio.

— Nina? O que foi?

Não o respondo e apenas continuo caminhando até as portas. Assim que piso no chão de madeira, o ranger ecoa, dando uma sensação de lugar assombrado, mas mesmo assim bato algumas vezes nas velhas portas.

— Já não está grandinha para brincar de esconde-esconde, Diana? — Um sorriso nasce no canto dos meus lábios.

— Como? — indaga ela, abrindo as portas de uma vez só, fazendo pó ir para todos os lados. Diana me fita desacreditada e molhada. Desta vez não evito o riso, vendo-a inconformada. — Como diabos você sabia que era eu?

— O divino Espírito Santo que não seria, com certeza — respondo sarcástica, imitando-a. — Mulher, só têm duas pessoas no mundo que se importam comigo de maneira tão protetora ao ponto de me seguir. Você e aquele cara ali atrás.

— Desconfio. Virou bruxa, só pode!

Nesse bom clima, voltamos para casa. Diana revela que sabia de tudo desde antes do plano dele ser posto em prática e que ele pediu para tirar minha atenção do que levaria ao casamento. Se quero voar de unhas nela? Sim, mas deixo para lá. As coisas estão bem agora. O ponto final logo virá e seguiremos adiante com nossas vidas.

Após chegarmos em casa, Diana se despede, dizendo que vai tomar um antigripal e podemos esquecer dela hoje. Luke me manda tomar banho primeiro, pois vai ter que voltar no carro dele, colocar gasolina e trazê-lo para frente de casa. Uma hora se passou após tomarmos banho, nos arrumarmos e chegarmos até a *Dellamour*.

O local é enorme, nenhum evento acontece ali, entretanto, não impediu de ser a empresa mais bonita que já vi. Posso ver os cabelos vermelhos de Stela enquanto fala ao celular por uma das janelas enormes em frente à empresa. Assim que nos vê, ela desliga e vem com toda sua cara de indignação. Quando chega a alguns metros de nós, escutamos o som do seu salto. Seu ar de confiança é palpável e amedrontador.

— Garoto, mas o que você pensa que está fazendo? — diz revoltada. — Você é um homem noivo! E está aqui de mãos dadas com outra? Você não me disse que, apesar da sua noiva ser poucos anos mais velha que você, por dentro é uma doce menina? Que queria o melhor para o amor da tua vida? Então, explique-se menino. Ou terei que me retratar depois porque darei

umas palmadas no menino da Sil?

A mulher está me defendendo sem saber que sou eu. Isso me deixa ainda mais arrependida, principalmente depois de tudo que disse sobre ela. Antes que o Luke pudesse dizer algo, tomo a frente.

— Com sua licença... Eu sou a Nina Natali, a noiva em questão.

— Sem chance! — exclama, levando a mão à boca. — Você não parece mais velha que ele. Luke, seu mentiroso! — Ela se aproxima de mim, pega minha mão e me olha de cima a baixo. — Você é a mulher que está fazendo essa criança virar homem? Boa escolha, menino. Se não fosse sua noiva, eu pegava!

Oi? Como é que é? ME pegava? Como assim? Olho para Luke, surpresa e de olhos arregalados. Ele toma a frente e fica entre nós duas, enciumado. Enquanto fico sem saber como lidar com isso, a ruiva olha para Luke como se ele fosse uma criança e apenas ri, dando de ombros enquanto pega na bochecha dele e a aperta.

— Ora, ora! Que noivo mais ciumento! Bom, seu noivo ficou no meu pé nesses últimos dias. Ele é persistente, na verdade, beira a chatice para ser sincera. Luke quer um bom casamento, mas com desconto. Vê se pode? Na melhor empresa de eventos e cerimônias da cidade. Cara de pau a dele — comenta. — Mas me digam... Por que estão aqui?

Sinto-me corar, constrangida, tentando me preparar psicologicamente para admitir. No entanto, Luke toma a frente.

— A Nina queria te conhecer...

Obrigada, Luke, mas isso é algo que eu devo fazer.

— Não precisa me defender. Eu pensei que o Luke estava me traindo com você — admito rapidamente antes que possa me arrepender. — Sabe, esse bonitão estava agindo de maneira suspeita, aí eu o segui. Sim, segui, e não me orgulho, mas o ponto é que o vi com você. Quando tentei ficar mais bonita, ele não viu. Na realidade, fui lindamente ignorada.

— Ignorada? Luke, deixa sua mãe saber disso, ou melhor, continue e eu roubo ela de você! — Fico assustada e finalmente entendo o sentimento de Santiago, o *barman* do bar *Black Jack*, quando conheci o Luke. Mas ela ri, surpreendendo-me. — Boba! Para esse rapaz só existe uma mulher. O resto passa batido. Sei como é, tenho um filho na mesma idade, é igualzinho! Eu sou amiga da mãe dele, aquela gostosa.

— Stela, pelo amor de Deus! — reclama Luke como um menino. — Vou dizer para o meu pai!

— Sil, aquela linda mulher... — Suspira ela, provocando-o.

— Meu Deus! Apague essa imagem da minha cabeça! — reclama ainda mais, e eu começo a rir. — Tenho que dizer para minha mãe fugir de você.

— E ela vai rir, menino bobo! Bom, é hora de partirem, pois tenho muito trabalho a fazer. Vocês, minhas crianças, vazem daqui! — diz isso, e sem esperar a nossa resposta, ela se vira, jogando seus longos cabelos para trás e caminhando de volta para a empresa.

O dia ainda está fechado, mas o furacão Stela já se foi. Ela é uma pessoa... Como posso dizer? Bom, é... Acho que... Bem, é a Stela. Não tem outra definição para ela, se não ela mesma.

Sinto-me exausta, física e emocionalmente, estou definitivamente quebrada, mas ainda temos coisas para resolver, não é? Muita coisa aconteceu. Mas dessa vez sem briga, sem implicância, sem vingança, já que ninguém merece algo do tipo. Tenho primeiro que me desculpar.

— Luke... — começo a falar e ele me olha, erguendo uma sobrancelha enquanto eu abaixo a minha cabeça. — Me desc...

Entretanto, sou interrompida por um forte trovão que me faz dar um pulo e ficar na posição correta devido ao susto. Trovão que anuncia que o clima irá piorar. A chuva começa a ficar mais pesada, e sem dizer nada, Luke segura a minha mão e sai me puxando para o carro. Ao chegarmos nele, abre a porta para mim e me empurra com delicadeza para dentro.

— Por segurança, fique com a mão sobre o colo e não na porta — diz num tom de aeromoça que me faz rir e me sentir mais tranquila. Aceno em concordância e vejo um rápido sorriso em sua face enquanto ele fecha a porta e dá a volta no carro.

Neste momento, penso na despedida da primeira vez em que nos vimos. Assim como agora, estava chovendo. Na época, Luke me deu o seu guarda-chuva e correu apenas com a sua jaqueta. Hoje as coisas mudaram, mas nem tanto. Luke me colocou em seu carro, segura da chuva, e me deu um lindo sorriso matador de corações, fazendo com que eu me sinta a mulher mais sortuda do mundo, mesmo ele sendo um perfeito príncipe azarado, e eu não o merecendo nem um pouco.

Assim que entra no carro, tenho a visão do Luke do início, lembro do choque com sua aparência, da estranheza e do nervosismo. Penso em quando estava sem camisa na minha sala e me fez pensar em como ele era um homem grande, tomando para si, com todas suas boas energias, tudo ao seu

redor. Um homem grande de existência. Hoje eu o tomo como uma existência ainda maior dentro de mim.

Ele já está dentro do carro e balança a cabeça, reclamando.

— Droga, estou todo molhado e espero não ficar resfriado, pois tenho muito trabalho para fazer ainda, já que, para convencer a Stela a abaixar o preço, prometi fazer várias coisas. Uma delas era melhorar *marketing* padrão da empresa dela. Não que precise disso, porque só o fato de ser a melhor empresa do ramo já é o maior *marketing* que ela tem.

Rio baixinho, cheia de culpa por tê-lo julgado tão mal. Nunca deveria ter duvidado dele. Aproximo-me de Luke e levo a mão até o seu rosto, bem no local onde bati. Arrependida, respiro pesado devido à minha culpa, e ele vira seu rosto para mim, completamente surpreso.

— O que foi, Nina?

— Desculpa — digo em um fio de voz. — Te ofendi quando sempre pensou tanto em mim, duvidei de você enquanto faz, e sempre fez, tanto por nós. Quando só deveria confiar em você, tomei decisões precipitadas, fiquei nervosa, te bati no rosto, em uma completa falta de respeito, e você ainda veio atrás de mim dizendo me amar! Sinceramente, eu não te mereço. De tudo que pensei, uma coisa ainda é certa, você é bom demais para mim. Contudo, não significa que em algum momento deixarei de tentar. Você é mais que minha sorte, é o amor da minha vida. Me perdoe. Eu não deveria pilhar. Só... — Suspiro pesado, segurando as lágrimas. — Eu te amo tanto que meu medo de te perder me destrói por dentro. Um dia, não sei se lembra, te pedi desculpa. Não lembro se foi em voz alta ou em mente, mas eu disse "desculpa, mas te darei trabalho", ou algo assim. Acho que não posso negar.

Vejo lentamente a ponta do nariz do Luke ficar vermelha e em seguida o vermelhidão se espalhar por todo o seu rosto. *Ser branco às vezes é uma droga? É sim*. Mas quando é com os outros é tão fofo.

— OK. Primeiro, deixa eu me recompor. — Tosse. — Mulher, você acha que pode fugir de mim? Eu corro muito mais do que você!

What that fuck? Oi? Acabo ficando naquele silêncio absurdo, olhando-o e tentando assimilar o que ele disse. Meu Deus, quando penso que não tem como me surpreender, ele surge com “eu corro muito mais do que você!”.

Uma gargalhada me toma, forte e sonora. Não consigo conter, nem quero. Entretanto, ele sobrepõe a sua mão na minha que está na sua face, segura-a e a afasta do seu rosto, ficando com um semblante mais sério.

— Está vendo isso aqui? É um rastreador! Brincadeira, ainda não me tornei o James Bond, mas também é muito legal. — Luke vira a minha mão, encostando nas costas das suas, mas antes que as alianças se encostem, elas se puxam e se encaixam. — Essa é a prova de que nossa corrente não se quebrou e não se quebrará, prova de que nos completamos como somos.

Eu, que já estava chorando, termino de virar uma manteiga derretida, sendo envolvida na emoção da declaração desse homem incrível. Mais uma das várias declarações, mas igualmente linda.

Ele olha para mim sorrindo e encara meus olhos de uma maneira sedutora que me faz cair no seu encanto mesmo sem uma palavra. Isso me silencia enquanto Luke se aproxima lentamente de mim, mas ele vira no último momento, indo em direção à minha orelha.

— Sabe uma das coisas que mais amo em você? — murmura no meu ouvido em um tom rouco — Quando eu falo assim, você se perde, se entrega de imediato a mim. Você é minha, Nina. Isso não mudará, pois sou seu também.

— Conseguiu se recuperar bem do que eu disse, não é? — pergunto completamente corada e desconcertada.

— Você acha? — diz ele. Luke se afasta de mim e se arruma no banco do carro, abrindo um largo sorriso satisfeito após me provocar.

— Mas, Luke... Tenho mais uma coisa para te falar — digo, mordendo o lábio e olhando para o lado. — Disso talvez você não se recupere.

— Meu Deus, Nina! O que foi agora? — exclama aflito e quase dou risada da sua cara. *Humor negro que se diverte com a aflição alheia, fica bem quieto na sua.*

— Luke, quero te dizer que não é com você, é comigo...

— Hum? Fodeu! O que é agora? — diz, parecendo se preparar para a bomba.

Pego sua mão e a guio, colocando-a sobre a minha barriga.

— Meio que é isso, Luke— falo entre uma risada. — Estou grávida.

Luke me olha sério e em silêncio. Seus olhos caem para a minha barriga, e ele fica estático. Mas seu olhar lentamente ganha mais brilho e seu rosto se abre em um sorriso enorme e contagioso que chega aos seus olhos. Brilham de emoção.

Não sei exatamente como, mas ele faz algo muito louco, mesmo sendo um homem grande, arruma um jeito de deitar a sua cabeça no meu

colo, encostando o ouvido na minha barriga e me molhando com o seu cabelo. Estou achando tão fofo, contudo, sou surpreendida com o *flash* de um celular.

— Não é a Nina. Sou eu, mãe. — Ele coloca no viva-voz e só me pergunto quando esse larapio pegou o meu celular. *Jesus! Que homem da mão leve!*

— *Oi, meu bebê!*

— Você vai ser avó. — Um silêncio absurdo recai sobre o carro. — Mãe? Mãe!

Um som terrível de pratos estilhaçando no chão nos deixa ainda mais apavorados.

— Mãe! — Nenhuma resposta.

— Dona Sil! — Nada.

— Meu Deus! Acabo de descobrir que serei pai e perco minha mãe! Como aconteceu isso? — Luke fala desacreditado.

Podemos escutar o som de passos apressados pisando forte no chão e de uma porta batendo após provavelmente ser chutada. Como resultado, acabamos dando um pulo nos assentos. Apesar do susto e do desespero por ela não nos responder, nos sentimos aliviados ao escutá-la gritando. *Está viva!*

— *Eu vou ser vovó!* — ela grita a plenos pulmões, e ouvimos o som de algo mais sendo quebrado.

— *Está louca, mulher? Chega chutando a porta e gritando feito doida!* — reclama o pai do Luke, indignado. — *E que história é essa Silvana? Matteo! Você andou fazendo filho e não me contou nada? Ah, seu ingrato safado! Como esconde isso do seu pai?*

— *Hã? Eu? Não! Está doido, pai? Deus que me livre! Nem mulher achei ainda, imagina filho!* — Matteo se defende, horrorizado com as acusações.

— *Não, amor. Não é Matteo, não que eu saiba* — intervém ela meio ameaçadora. — *É o Luke! Luke, meu bebezinho lindo da mamãe, repete para o seu papai...*

Após alguns ruídos estranhos do celular trocando de mão, ouvimos a voz do senhor Alessandro Salvatori.

— *Filho? E aí? Me conta essa história direito.*

— É verdade, pai. O senhor será avô. — O Luke envia a foto que tirou com a cabeça na minha barriga, e posso ver de relance minha cara de

espanto por causa do *flash* ao fundo. *Lembrete mental: não deixar o Luke ficar me fotografando!*

— *Deveria ter suposto! Ficamos sabendo que estavam noivos pela rede social, já que nosso filho nem se prestou a nos avisar! Então, hoje só recebemos uma mensagem com "vamos nos casar! Tudo pronto!”. Esse filho ingrato, nem lembra mais de nós!* — reclama o senhor Salvatori, e eu caio na risada.

— *Espero que não estejam casando por causa do bebê!* — Silvana grita lá do fundo.

— Pai, diga à mamãe que o casamento estava planejado muito antes de sabermos do bebê — diz o Luke com um tom apaziguador.

O senhor Alessandro, ao invés de repassar a mensagem, passa o celular para a dona Sil, fazendo o Luke repetir a mensagem alegremente enquanto nós a escutamos rindo.

— *Então, me digam, quantos meses?*

— Não sabemos. Descobri agora — Luke fala

— Devo estar com, no máximo, dois meses — comento, sentindo o olhar interrogativo do Luke.

Ele me olha sério, como se só agora algo viesse à sua cabeça.

— Temos que adiantar o casamento.

— *Ah, tanta coisa para arrumar!* — diz Dona Sil, feliz.

— Desculpe, mãe. Mas tudo já está no esquema. O negócio é conseguir fazer a Stela arrumar as coisas antes do previsto.

— Sobre isso, não se preocupem! — diz ela animada.

Nessa simples frase, suspeito que a intenção do Luke de custear tudo sozinho vai por água a baixo.



ETERNO É O MEU AMOR POR VOCÊ.

UM MÊS DEPOIS...

Nesse mês, tudo é muito fantástico e fofo! Um novo mundo, colorido, com carrinhos, bonecas, flores e sabores enquanto vamos comprando coisas de bebê aos poucos.

Um papai bobão, arrumando as desculpas mais doidas para conversar com a minha barriga, sonhando com o seu rostinho, falando de filmes, brinquedos legais, aventuras e artes. *Minha barriga sequer tinha crescido tanto, na verdade, não cresceu quase nada porque o bebê não é mais do que um feijãozinho. O que só faz o Luke ser mais bobo/fofo ainda.* Mas tudo também é sinônimo de me deixar nervosa.

Luke, o amor da minha vida, codinome azarado, traidor e filho da mãe, colocou na cabeça algo absurdo. Já que não conseguiu manter a surpresa sobre o casamento, não me deixaria ver nada do que ele preparou até o momento da cerimônia. Estou pronta para bater nesse homem por isso, pois já não tenho uma noite que não tenha dificuldade para dormir devido à ansiedade. Nem a droga do dia me deixou saber! *Traidor!*

A vovó Silvana e o vovô Alessandro apareceram na porta de casa com sacolas repletas de coisas e ainda nos notificaram que iriam custear a diferença para acelerar o casamento, contam que já falaram com a Stela e está tudo certo. *Noto a expressão de poucos amigos do pai do Luke e me pergunto o que aconteceu nessa conversa.* E da mesma forma abrupta que apareceram, se foram. Não sei o que se passa com essas pessoas, mas queria que minha família fosse assim. Se eles soubessem onde moro, certeza de que ficariam enchendo por meses a fio.

A casa está uma bagunça, na verdade, está arrumada ao modo Luke. O tirano que não me deixa carregar uma sacola, varrer uma casa, no máximo, e se eu quiser, me deixa lavar a louça e passar pano nos móveis, e desde que não me façam subir em um banco ou ficar agachada no chão. Isso me deixa doida! No trabalho ainda fico mais tranquila, ou não. Toda hora alguém me oferece algo para comer. E por falar nisso, ontem, estava dormindo após almoçar no trabalho. *Sim, dormindo. Sou uma vergonha de funcionária. Desculpe.*

Gravidez é tudo uma maravilha! Desde que me descobri grávida, é enjoo, felicidade, tristeza, loucura, doida da fome eterna! E o sono? Quase me sinto como se fosse um urso pronto para hibernar. Isso se, claro, não estou correndo para o banheiro com meus enjoos matinais e fora de hora. Meu Deus. Sabe quando dizemos que pior não fica? Eu fiz a besteira de falar isso. Minha mãe já jogou uma praga, disse que piora, que vai chegar a parte do xixi que não dá para segurar, da dor nas costas, dos chutes e do bebê rolando na barriga. Ela disse que parece bonitinho em vídeos na internet, mas que dá a sensação de que a pele vai rasgar. *Se ela me ama? Ama nada! Traidora duas vezes!*

Mas voltando ao assunto, estava lá dormindo, quando a Stela saiu fazendo o que faz de melhor faz, virou um furacão. Invadiu a empresa, veio ao escritório e basicamente me sequestrou! Pegou a minha bolsa e o meu braço, levando-me com ela sem dizer uma palavra sequer. Meu *chefe*, que também é um traidor, não fez nada! Só deu de ombros e disse até amanhã.

O Luke, aquele cara-de-príncipe-que-não-vale-nada, me mandou um beijinho. Beijinho? Beijinho uma ova! Já viram aquele filme em que a policial vira *miss* ou algo assim? Então! Não tem aquele momento que a atacam com cera e a arrumam inteira? Pois é! Foi algo bem parecido, só que foi em um lugar parecido com um hotel, não em um galpão.

Às oito horas da noite foi quando me mandaram para um quarto para "ter o sono da beleza", foi o que elas disseram. Sono da beleza? Só se for da monstrenga! Passaram em mim uma máscara facial laranja e por cima colocaram outra máscara "refrescante", que parecia uma bolsa d'agua, sobre meus olhos. Além de bobes no cabelo. Pelo amor de Deus, alguém fala para eles que já tenho cabelo cacheado? Por favor! Nunca pedi nada! Essas coisas machucam.

Agora já passou da meia-noite, e estou me sentindo tão frágil, ansiosa, insegura e com o coração pequeno. E por mais que o Luke não valha nada.

Mentira, vale muito. Estou sentindo a sua falta. Dormir sozinha nesta cama fria é terrível. Nesses últimos tempos não foi só o Luke, também criei o hábito de falar com a barriga, que só tem uma pontinha ainda.

— Bebê, mamãe está sentindo a falta do seu papai. Você também está, não é? Esse monte de gente esquisita que mexe aqui e ali na mamãe e a deixa nervosa, deixa você também, não é? Amanhã terá uma festa grandona! Mamãe vai comer bastante bolo para você, está bem?

Olho pela janela e vejo o céu estrelado, sentindo o vento frio que entra por uma pequena fresta da janela e acentua a dor da ausência do Luke. Estou mal-acostumada com o seu rosto sereno próximo ao meu e com seus sorrisos eventuais enquanto sonha. A lembrança faz doer o peito, mesmo que seja apenas por essa noite, a saudade aterradora me invade. Na minha bolsa, ao lado da cama, pego o meu celular e desbloqueio a tela, vendo a foto que Luke tirou quando descobriu que seria pai.

Como se estivesse lendo os meus pensamentos, uma mensagem chega.

Pensando em você. Eu te amo, Nina

Uma risada escapa dos meus lábios ao mesmo tempo em que uma lágrima solitária rola pela minha face. Acaricio a tela do celular, ansiando poder tocá-lo. Eu me sinto tão... Ah! O que faço? Faltam-me palavras para descrever essa emoção agridoce que me preenche entre a dor e felicidade. Então apenas respondo:

A cama está vazia sem o seu calor. Já sinto sua falta. Eu te amo, Luke. Até amanhã, meu amor

Na verdade, gostaria de escrever mais, mas sinto que se falar mais alguma coisa vou querer desesperadamente encontrá-lo, sofrer mais com a falta do seu inigualável olhar, querer o seu toque quente contra a minha pele, ansiar pelas suas provocações e pela sua fala mansa no pé do meu ouvido. *Ah! Calma! É só até amanhã, Nina!*

Aproveito a minha falta de sono e começo a escrever meus votos. Fico até quase duas da manhã, quando minha barriga emite a vigésima reclamação de fome. Outra coisa sobre gravidez: o estômago vira um buraco sem fundo e toda a comida do mundo parece pouca. Inclusive, ainda bem que estava escrevendo no celular, senão todos os papéis já teriam ido para o lixo! Sinto-me aliviada por no quarto ter um frigobar abastecido com lanches leves e frutas, porque neste horário a cozinha certamente não deve estar mais em funcionamento.

Após encher a barriga de frutas, o sono resolve aparecer, fazendo-me cair em um sono pesado como uma ursa no inverno. Uma ursa depilada, de bobes, de sobrancelha feita, com um negócio esquisito na cara, mas uma ursa. Ursa que, depois disso tudo, tem que estar linda amanhã senão vou ficar louca.

Não sonho, mas acordo com o som da porta sendo aberta, e pouco depois, vejo minha mãe e irmãs passando por ela, enchendo o quarto com suas tagarelices, um misto de parabéns e falas impertinentes sobre o Luke. *Acordar e já se sentir terrivelmente cansada. Posso voltar a dormir, por favor?* Mas creio que nem se Deus viesse à Terra elas se calariam ou deixariam de falar absurdos. Como, por exemplo, o quão atraente Luke é, com seus braços fortes, sua voz grossa, seus olhos azuis e a sua barba bem cuidada. Até especular sobre o brinquedo do Luke elas fazem, e bem na minha cara. Não é possível. Até no meu casamento elas vão me irritar falando do meu Luke.

Jogo as cobertas para o lado e estou pronta para levantar e brigar com elas, mas algumas moças que não conheço entram pela porta e se apresentam como as profissionais que “cuidaram" de mim ontem. Estava tão agitada que não tinha visto seus rostos, pois estava sendo "torturada"! Já disse que fui torturada? Então! Aquilo não é de Deus! Mas voltando ao assunto, agora que estou vendo os seus rostos, tento memorizá-los porque quando morrer voltarei para puxar os seus pés!

— Fomos mandadas aqui para cuidar de todas vocês, para que fiquem deslumbrantes no casamento. — Minha mãe e irmãs ficam animadas, e um sorriso me vem à face, mas maligno, pois mal sabem elas o quanto esse tratamento dói. Só não entendo uma coisa.

— Parabéns! Terão um dia de princesa, mas a pergunta que não quer calar é: por que fazer o tratamento *no meu quarto*? — indago revoltada, levantando-me da cama e colocando a mão no quadril.

— Ah, isso? Nós que pedimos! Queríamos te parabenizar pelo casamento e pelo bebê pessoalmente! — diz Jasmim.

— Hum... OK. Se é isso, obrigada pelos dois — respondo entre dentes. Mesmo com a boa intenção, no fim não consigo conviver com minhas irmãs. Elas sempre saem invadindo tudo! Podiam ter ficado no próprio quarto, permitindo-me desfrutar da doce paz do silêncio, mas não! *OK, eu não estava desfrutando, estava deprimida.*

Mas é um absurdo isso aqui! Está parecendo um parque de diversão

com quatro matracas, que segundo a minha mãe, são minhas irmãs. Dona Kiara brigando para elas pararem porque estão a fazendo passar vergonha, e a doce Luna, quietinha no canto, tentando não rir da loucura.

Uma das funcionarias se aproxima de mim.

— Com licença, senhora Nina. Vim especificamente para cuidar de você, irei limpar seu rosto, aplicar uma nova máscara e enviá-la para o último ajuste do vestido. Após isso, te levarei para o banho de rosas, onde poderá descansar — diz cúmplice. — Depois tem a etapa final que é o cabeleireiro e maquiador. Seu casamento será às seis.

— Só tenho uma pergunta... Vou comer nesse tempo todo aí? — digo bem-humorada e a moça sorri para mim.

— Claro que sim. Deverá almoçar meio-dia em ponto. E no meio tempo, se desejar, posso providenciar aperitivos — responde, já me conquistando o coração e a barriga. Linda ela, né? Tão profissional e atenciosa. Ela limpa o meu rosto e passa a nova máscara. Fico animada para deixar as tagarelas para trás com todo o seu barulho.

O meu vestido me faz pensar se não estou em um sonho. Não é como de princesa, bufante e extravagante. E sim de renda e seda, elegante sem revelar demais, com detalhes românticos minuciosos e cuidadosamente colocados aqui e ali. Ele é leve sem perder o efeito elegante, e assim como o meu sapato, é delicado, mas confortável e bonito. Estou até com medo de estragar tudo, sendo desastrada como sou.

A cada hora que o casamento se aproxima, a minha ansiedade aumenta, junto com minha fome. Coitadinha da menina, toda hora vai pegar coisas para que eu possa comer, coisas que não me façam inchar, claro. Não teria tempo para fazer o costureiro reajustar.

Agora são cinco horas da tarde e estou pronta. Deixaram-me um instante sozinha, olhando para o grande espelho diante de mim. Estou bonita, não só bonita, estou inacreditavelmente linda! Nunca sonhei em ficar assim. Não uso uma coroa de diamantes, mas sim algumas finas, prateadas e delicadas correntinhas com pequenas pedrinhas que se espalham pelo meu cabelo, e ainda um delicado adorno do meu rosto que contrasta com meus cachos, que nunca estiveram mais bonitos.

O que acontecerá agora está na mão de Deus. Disseram-me o quanto sou sortuda, mas nada além disso.

Sortuda sei que sou, pois tenho o meu amado Luke, uma melhor amiga maravilhosa, uma família com seus altos e baixos, uma nova que

ganhei com meus sogros e o meu cunhado, mas... Sobre o meu casamento em si, tudo está sendo surpreendente e agora entendo o porquê do Luke ter ficado tão atarefado.

São tantos detalhes cuidadosamente trabalhados com tanto amor. Interrompendo os meus pensamentos, escuto alguém bater na porta e a vejo abrindo lentamente pelo reflexo do espelho. São os meus pais. Viro-me, ficando de frente para eles um tanto receosa com as suas reações.

Assim que seus olhares pousam sobre mim, sinto o meu corpo enrijecer, tenso. Mas eles me surpreendem ficando emocionados. Meu pai é o primeiro a dar um passo em minha direção, receoso, ele chega até mim e toca o meu rosto admirado para então me envolver em um abraço.

Por cima do ombro do meu pai, meus olhos encontram com os da minha mãe, surpreendendo-me ao ver orgulho no olhar marejado. Toda essa onda de emoções, junto com a minha gravidez, me deixa ainda mais emocionada. Lágrimas ameaçam brotar e eu abraço meu pai de volta, tentando contê-las para não estragar a maquiagem.

— Obrigada por vir, papai — falo baixinho, mas aparentemente ele não quer falar. Nem sequer quer me soltar.

— Nina — chama a minha mãe, fazendo minha atenção se voltar para ela. — Nina Natali, a partir de hoje não carregará nosso nome. Será Nina Salvatori e venho te abençoar, minha filha. Você sempre foi a minha maior fonte de orgulho, concretizou todas as suas metas, foi uma boa filha, uma boa irmã, boa aluna e boa funcionária. Logo, não tenho dúvidas de que será uma boa esposa e mãe. Seja feliz nesta nova jornada.

Minha mãe para de falar, engolindo em seco, e abaixa a cabeça. Eu posso ver as lágrimas caindo uma seguida da outra.

— Só dê o seu melhor e seja uma mãe melhor do que eu fui.

— Mãe, quer me fazer realmente chorar? — indago emocionada.

Neste momento, me vejo nela, rindo enquanto chora de emoção. Ela parece jovial, e sinceramente, às vezes me esqueço de que minha mãe é um ser humano também, um fadado a errar, empenhando-se ao máximo, embora nunca alcance a sua perfeição. Às vezes, ou a minha vida inteira, a vi como mãe, a pessoa que julgava ter o dever de ser perfeita, mas no final... Ela é só a Kiara, a garota que casou cedo, teve muitas filhas, várias responsabilidades e que se dedicou totalmente à sua família.

Quando você crescer vai entender. É uma coisa que nos dizem quando somos crianças. *Você só vai valorizar a sua mãe quando também for*

uma. Ou quando perdê-la. É o que dizem quando somos adolescentes. Que bom que pude ver a Kiara antes de perdê-la.

Meu pai nada diz, mas também não me solta. Fungo um pouco e falo baixinho.

— Pai...

— Eu sei — murmura ele. — Promete que se se arrepender ou algo der errado, você vai voltar para casa.

— Pai, eu tenho minha própria casa. E sabe que fico louca em casa — falo om uma mistura de choro e risada. *Acho que terei que pedir para o maquiador voltar aqui.*

— Se ele fizer alguma coisa errada, me chama e eu coloco aquele loiro abusado para correr — diz em um sopro de voz.

— Está bem, papai — falo com a voz trêmula pelas emoções. — Eu amo o senhor, mas agora tem que me soltar. Vocês me fizeram chorar, veja só... Vou ter que chamar o maquiador. — Tento pôr um bom humor na voz.

Ele respira fundo, soltando-me do seu abraço. Quando seus olhos chegam a minha face, meu pai ri baixinho ao ver como ficou minha maquiagem e se aproxima para beijar o topo da minha cabeça.

— Você está linda, minha menina. Mesmo agora parecendo uma garota de filme de horror. — Não me aguento e um largo sorriso me toma.

— E de quem você acha que é a culpa?

Dona Silvana e o senhor Alessandro também aparecem na porta. O pai do Luke, assim que vê a minha maquiagem borrada, segura o riso.

— Vou chamar o maquiador. — E se retira em seguida.

A Sil cumprimenta minha mãe e meu pai, que saem logo em seguida. Logo depois, caminha até mim e me abraça, beijando-me no rosto.

— Está linda, minha menina! Obrigada por fazer o meu menino virar um homem e por fazê-lo tão feliz. Meus sinceros desejos de felicidades. Sabíamos que você era a alma gêmea do nosso menino, e nada poderia me deixar mais satisfeita.

Logo que agradeço a Sil, o maquiador aparece na porta, olhando-me feio. Dona Sil dá uma baixa risada e sai do quarto enquanto eu dou de ombros. *Sinceramente, nem me casei ainda e estou recebendo cada golpe de emoção que não sei se sobreviverei até o fim do dia.*

Assim que o maquiador refaz a minha maquiagem, Stela aparece na porta com um *tablet* em mãos.

— Tudo está pronto. Só faltava seus pais e sogros irem para o local

onde acontecerá o casamento. Bom, Nina, você foi fotografada discretamente enquanto foi maquiada, no encontro com seus pais e sogros. Você terá acesso às imagens junto com as demais. Agora eles irão tirar mais algumas fotos com você indo para o carro.

Para a minha surpresa, sai um fotógrafo de trás do grande espelho que fiquei me observando, outro de uma porta falsa à minha frente que parecia uma prateleira de livros e decorações. Só agora posso ver o espaço onde estava a câmera, fazendo-me arregalar os olhos. *Mas é o quê?*

— Chegou a hora — fala, mexendo no seu *tablet* mais algumas vezes para então me olhar e sorrir satisfeita. — Vamos! Temos horário.

Ela se vira, joga seus cabelos e anda em passos firmes para fora do aposento. Respiro fundo e me preparo para seguir. Um dos fotógrafos vai à frente, andando de costas enquanto tira algumas fotos, e o outro anda atrás de mim por todo o percurso até o carro, em seguida me espera do lado de fora do hotel.

Assim que entro no carro e a porta se fecha, sinto-me completamente sozinha, dando voz à minha ansiedade. *Se o Luke não persistisse com essa coisa de surpresa, pelo menos eu saberia para onde estou sendo levada! Argh, Luke!*

Dez minutos parecem meia hora, e meia hora uma vida. *Meu Deus! Que lugar é esse que nunca chega?*

— Senhora? — o motorista me chama.

— Sim? — respondo irritada.

— Chegamos — diz receoso.

Olho lá para fora e está tudo em um completo breu, deixando-me ainda mais agitada e até mesmo com medo.

— O que você está falando? Está tudo escuro lá fora.

— Acredite, senhora. Veja, vou descer e abrir a porta. — Ele sai do carro, dando a volta nele. Assim que abre a minha porta, vejo luzes sob os seus pés, iluminando exatamente onde está pisando. Olho para o motorista, surpresa, e ele sorri compreensivo. — Tudo o que deve fazer é seguir o caminho. Felicidades, senhora.

Saio do carro, intrigada e curiosa.

O vento frio da noite me recebe, e escuto o som de alguns animais da noite que me deixam receosa. O cheiro de grama e flores me faz ter ainda mais consciência do local ao meu redor. Lâmpadas se acendem sob meus pés como fez com o motorista.

Insegura, dou mais alguns passos e mais luzes se acendem, fazendo uma trilha diante dos meus olhos, com o suposto caminho que devo seguir. Consigo reparar melhor a passagem quando meus olhos se habituam à iluminação fraca. Vejo pétalas de rosas que formam um tapete por toda a trilha, que tem como fim algo que não consigo definir.

Uma felicidade parece borbulhar dentro de mim. Sorrindo, me abaixo e pego a barra do vestido, e com mais confiança, sigo a trilha. Conforme me aproximo, consigo ver o que é que tem no fim. É um buquê de tulipas vermelhas. Emocionada, meus passos ficam mais apressados para pegar o buquê.

Assim que o pego, mais luzes se acendem, iluminando um novo caminho que me levará direto para o homem mais lindo e maravilhoso do mundo, vestido com terno, aguardando-me ao lado do padre.

Sussurros ao nosso redor me fazem saber que não estamos sozinhos, mas neste momento, só existe espaço para nós dois. A música nupcial começa a tocar e alguns *flashes* incomodam meus olhos. Respiro fundo, sorrindo, e em passos mais calmos, caminho até ele. Se eu achava que as surpresas tinham acabado, não poderia estar mais enganada. Com o meu caminhar, mais luzes vão se acendendo, revelando os convidados. *Que são muitos, aliás!*

A poucos passos para chegar até Luke, ele estende a mão para mim. Sobreponho a minha mão a dele e sou guiada até o padre. O senhor começa a falar e me sinto em um sonho fantástico, abençoada por Deus. Não consigo prestar muita atenção, me concentro apenas quando se aproxima a hora do sim. Sinto o meu coração bater forte, tentando repassar os meus votos mentalmente.

— Luke Salvatori — diz o padre e sinto minha respiração parar. —, aceita Nina Natali como sua legítima esposa?

— Sim — responde.

— Nina Natali, aceita Luke Salvatori como seu legítimo esposo?

— Sim — respondo, sentindo-me ainda mais tensa com a aproximação dos votos.

— As alianças, por favor. Pode falar seus votos. — Sil se levanta e entrega a aliança para o Luke.

— Eu, Luke Salvatori... Não, não! Se pensa que farei votos normais, se enganou, querida! Escrevi uma cartinha! — diz extrovertido, tirando um bloquinho de notas do bolso, fazendo todos nós rirmos. *Mas é bobo!*

Respirando fundo, ele começa a ler. — Que sorte é a nossa, não é? Encontrei você, e como todas as melhores coisas da vida, me joguei de cabeça. Acabei encontrando uma mulher linda e doce, mas também um tanto insegura, exagerada e desastrada. Assim, tão perfeita, para um azarado como eu! — Podemos escutar de maneira clara os risos de todos, e não sou uma exceção. — A princípio, não sabia no que daria, mas bastaram mais algumas horas juntos para saber que a queria para mim. Nina, vejo em seus olhos o nosso futuro, mãos dadas com os pés descalços, caminhando pela praia. Ao fundo, no carro, tocando a nossa música favorita, e diante de nós, um lindo mar com um ensolarado dia agradável. Hoje, posso dizer que encontrei a mulher perfeita para mim e você está tão linda como sonhei. Com você compartilho mais do que meus dias, um lar, uma vida, um amor ou meus segredos. Você compartilha muito mais do que tudo isso comigo. O nosso bebê é a coisa mais linda, o fruto de um amor que persevera na saúde e na doença, na alegria e na tristeza, nas coçadinhas nas costas e nos seus tapas. Até que a morte nos separe. — Ele põe a aliança no meu dedo enquanto estou tentando não rir e chorar ao mesmo tempo. Subitamente, ele solta a respiração, parecendo relaxar, e deixa os braços caírem para em seguida estalar o pescoço. — Nossa! Mandei bem! Casamento é a segunda coisa mais legal que faço de roupa!

Não consigo deixar de rir. Na realidade, todos, até mesmo o padre, não resistem. *Meu Luke tinha que ser Luke até mesmo no casamento!* Mas isso me deixa mais tranquila.

— Engraçadinho. Estou sem notas, pois decorei os meus votos.

— Mas que metida! — resmunga ele, falsamente ranzinza.

— Você é a alegria da minha vida. Coloca cor onde quer que eu vá e afasta todos os pesos que carregava em meus ombros, libertando-me e me mantendo cativa sob seus encantos. Você, que como um anjo de asas feridas, me surpreendeu sorrindo, ainda que sangrasse por dentro. Com um lindo coração, olhos sonhadores, sorrisos arrasadores e um caráter principesco que não permite que o mundo te molde. É uma honra ser amada por você, Luke. Você, que nesse seu jeito único, me faz sentir viva, capaz e inspirada. Há pouco tempo, antes de conhecer você, ainda tinha um pouco de mim que estava perdida, confusa, no escuro, com inseguranças e dúvidas que foram sanadas com a luz resplandecente do seu coração. Você iluminou meus olhos e mente para que hoje eu pudesse jurar te amar, na saúde e na doença, na alegria e na tristeza. — Tento segurar um riso, em vão, pois escapa

facilmente enquanto concluo. — Nas coçadinhas nas costas e nos meus tapas. Até que a morte nos separe.

Sinto o meu corpo mais leve e pego a aliança que é oferecida pelo meu pai, que surge ao meu lado, e a coloco no dedo anelar de Luke. Encontro o olhar dele, vendo seus olhos marejados, surpreendendo-me. Mas assim que o padre diz “eu vos declaro casados. O noivo pode beijar a noiva”, ele segura a minha mão e me puxa em um beijo que me tira o ar.

Isso é o gatilho para gritos e bagunça de todos, que comemoram a nossa união. Tudo após isso é muito rápido. Arroz e pétalas de rosas brancas são jogados sobre nós, mais luzes se acendem, revelando uma ponte que acho que leva até a festa.

Um lugar enorme, parecido com uma bonita casa de madeira, que tem tecidos no alto que parecem uma barraca, caindo do centro para fora. Ao lado de fora, uma bonita decoração com mais mesas, tudo bem iluminado e tão lindamente arrumado como dentro da casa. E a casa está cheia! Todos nossos amigos e familiares, incluindo os do coração, como os irmãos havaianos do Luke. Nosso chefe ao lado de uma senhora que logo reconheço. *A senhora fantasma!* Ela, em seus lentos passos, vem caminhando até nós, entregando-nos passagens.

— Um presente de todos nós de Ishia. Nós parabenizamos os dois pelo casamento, pela nova vida e pela família que se inicia — diz, sorrindo e me toma as palavras.

— Deixo-os livres para escolher quando quiserem ir, sem que deixem trabalho para trás, óbvio — diz o chefe. — Não que o Luke não tenha pensado nisso, adiantando todos os trabalhos possíveis.

Olho para o Luke com certa pena dele. *Tadinho! Como ele fez tudo isso?* Uma bonita mulher entra na frente do chefe, surpreendendo a todos nós, e logo a reconheço. É a mulher de biquíni que estava na rede social do Luke.

— Hey, primo! Consegui um tempinho para ver o seu casamento! Felicidades! Linda noiva! Mas tenho que ir, daqui a algumas horas tenho que estar em Madri para um ensaio. Os filhos de vocês serão lindos.

Estupefata é a palavra que me define com esse furacão loiro. O Luke dá risada, e o chefe se despede juntamente com a velhinha. Assim seguimos o casamento e todos os convidados vêm nos cumprimentar, inclusive, quando Matteo, irmão do Luke, está terminando de nos cumprimentar, o pobrezinho é visto pelas minhas irmãs. Ao ver seus olhos cintilando para ele, só sei murmurar:

— Corre, Matteo!

— Hã? Por quê?

— Só corre, moleque! Corre muito! — repete o Luke, rindo, e o Matteo obedece assustado.

Minhas irmãs se aproximam correndo.

— Eu vi! Vi um mini Luke — diz Giovanna. — Estava o escondendo de nós?

— Nada. Impressão sua! — respondo cínica. — Você viu algo, Luke?

— Hum? Eu? Não!

Melhor marido! Marido... Palavra gostosa de pensar, principalmente acompanhado com o "meu". Mas foco, Nina. Salve o Matteo! No entanto, o azar deve ser de família.

Matteo esbarra no fotógrafo, fazendo um alto barulho, e derruba a câmera profissional do rapaz, separando algumas partes do objeto. O fotógrafo e Matteo ficam pálidos, mas alguém pega a máquina antes que tenha maiores danos.

— Opa! Peguei! — diz Ariel, checando-a. — Calma! Não parece grave. Eu acho...?

O Matteo ameaça se levantar, parecendo dolorido, quando Ariel chama a atenção. Ambos entram no campo de visão das loucas das minhas irmãs. *Ih! Lascou!* Neste momento, o Luke sussurra no meu ouvido.

— É um ótimo momento para jogar o buquê.

— Ótima ideia! — falo alto, tomando a frente e chamando a atenção. — Pessoal! Hora do Buquê! Solteiras, se preparem! Rapazes, fiquem de olho! O próximo pode ser você.

Com isso ganho a atenção das minhas irmãs, assim como de todas as outras mulheres e homens da festa. Os homens meio que se escondem e assistem de canto de olho. Alguns preocupados, outros relaxados, e os mais velhos apenas achando graça. Matteo senta perto dos pais. Ariel parece ser o mais relaxado sentado logo atrás. Diana nem sai da mesa, cruzando os braços e a perna, negando-se a participar disso. Isso me faz rir. *É tão Diana!* Quase posso ouvir o "não sou obrigada, nem quero".

Todas as mulheres estão gritando e a expectativa é enorme, é quase o mesmo sentimento de um jogo de futebol para os homens. Chega o momento. Viro-me, sem drama, e jogo o buquê. Contudo, coloquei força demais e o buquê passa direto pelas meninas. *Opa! Força demais mesmo!* Acaba caindo no colo do Adrian.

— Oi? Epa! — diz ele, jogando de novo.

Cai no colo do Matteo que arregala os olhos e fica pálido, claramente apavorado com a ideia.

— Comigo não! — diz, também jogando, e dessa vez, cai no colo da minha tia solteira.

— Depois de anos o buquê chega em mim? Me recuso! — diz ela bem-humorada, levantando-se e rindo enquanto me devolve. — Aqui, menina. Guarde de recordação.

Entre risos, pego de volta o buquê. Luke, em seguida, anuncia que irá dançar Haka com seus amigos/irmãos havaianos. Concordo e me sento em uma mesa. Em meio a risadas, gritos, diversão, bênçãos, sorrio, observando diante de mim uma família e amigos que fogem do padrão. *Além de fugirem do casamento como o diabo foge da cruz.* Minha festa de casamento se torna tudo que deveria e não esperava. A melhor surpresa da minha vida!

Sobre nossa valsa? Claro que dançamos! A festa não terminou cedo. E adivinha? Quem promete, cumpre! Dei ao bebê bastante bolo e salgados! Além disso, e mais importante, uma família com amor, loucura e dedicação. Sorte e azar. Tudo como não deveria ser, mas na medida certa. Ou não. Mas é o suficiente para sermos felizes.



AMOR POR QUEM NUNCA VI

O dia de hoje começa mais cedo do que o normal. Estamos com o coração a mil e ansiosos demais para conseguir dormir até tarde. Luke foi preparar o café da manhã, deixando-me na cama olhando para o teto, aproveitando que, pela primeira vez em tempos, acordo sem sentir enjoo.

Mas voltando ao assunto da ansiedade. Hoje será o grande dia em que faremos a ultrassonografia! Sim, poderemos escutar o bebê e sabermos se ele está bem. Estou tão feliz! Ah sim, optamos por não saber o sexo do bebê e deixamos todos da clínica já avisados para ninguém falar demais.

Só tem um porém, a consulta é 9:30, e agora ainda é... Viro-me na cama, rolando para o lado, sentindo-me uma baleia ao fazer isso e olho no relógio da cabeceira da cama que mostra 6:03 da manhã. Suspiro, irritada, e um enjoo matinal vem forte, fazendo-me correr desesperada e atrapalhada para o banheiro, batendo a porta no processo. *Estava bom demais para ser verdade.*

Ajoelho-me em frente ao vaso sanitário, colocando para fora o que eu nem tenho na barriga. Pensei que agora, aos seis meses de gestação, não passaria mais por isso, mas acho que me enganei. Tento me levantar, mas sinto minhas pernas fracas e minha barriga pesada demais para me ajudar. Tento mais duas vezes até o Luke aparecer na porta do banheiro.

Um Luke, de cueca e desesperado, aparece ali, e assim que me vê diante do vaso, me olha preocupado. Ele vem em passos calmos até mim e toma minha mão, silencioso, tentando me confortar. Lindo, doce e companheiro. Eu sou ou não sou sortuda?

— Luke, meu amor.

— Sim, Nina? — responde ainda acariciando a minha mão.

— Preciso de ajuda para me levantar. Eu... Não consigo... Eu estou pesando duas toneladas — digo sem graça, puxando minha mão e cobrindo o rosto, totalmente constrangida. Não consigo acreditar em como só me meto em furadas constrangedoras assim.

Ele me olha, ergue a sobrancelha e dá uma sonora gargalhada. Rapidamente se aproxima e segura o meu braço, ajudando-me a levantar.

— Como você é boba. Não é só me pedir ajuda?

— Sim, claro. Correrei para o banheiro para vomitar e te chamarei para segurar o meu cabelo — respondo sarcástica.

— E por que não? Não me importaria — diz ele, fazendo-me lembrar de que é com o perfeito Luke que estou falando. Não adianta discutir.

— Ok, Luke. Obrigada — digo constrangida. *Não tem graça ser sarcástica com ele.* — Vou lavar o rosto e escovar os dentes. Por favor, me espere lá na cozinha, já vou para tomar o café.

Ele me olha e estreita os olhos para mim enquanto o encaro. O clima está tenso, mas estou impaciente para parar de passar tanta vergonha, ainda mais com ele agindo sempre perfeitamente. *Deus, o que faço com esse homem?* Eu o amo, mas sua perfeição enfatiza, sem querer, as minhas imperfeições.

Neste momento, eu não poderia estar uma bagunça maior. Bafo de líquido gástrico, cabelo de vassoura, barriga enorme e pés que doem de ficar muito tempo em pé. Nem vou falar das minhas costas que está moída e dos meus seios que parecem melões, tanto que nenhum sutiã tem conseguido conter o peso. A única coisa boa é que minha pele está limpa, e as unhas e os cabelos estão fortes. Mas é só isso também.

Escuto-o suspirar para em seguida sorrir e me olhar como se eu fosse um caso perdido. Luke coloca a mão na base da minha coluna e me conduz até a pia, afastando-se de mim apenas para pegar a minha escova de dente e colocar a pasta.

— Mesmo depois de todos esses meses, às vezes você me estranha em seu cotidiano, não é? — Ele me entrega a escova e eu a pego. Assim que a tenho em mãos, começo a escovar os dentes por força do hábito. — Não é porque você está lindamente grávida que alguma coisa mudou. Você deveria saber disso, Nina.

Ele está certo. Ainda que tenhamos passado por tantas coisas, perdidos em intimidade, às vezes tenho alguns lapsos de estranheza como

quando ele anda nu pela casa com naturalidade ou quando aparece no meio do meu banho se oferecendo para esfregar as minhas costas e tomar banho comigo. Inclusive quando está querendo algo mais, é natural. Sempre sigo o seu fluxo, mas têm horas que meu cérebro parece travar e começo a estranhar.

— Desculpa — digo baixo enquanto o vejo pegar minha escova de cabelo e começar a deslizar pelos meus fios com cuidado.

— Não tem pelo que pedir desculpa, mas tenho te visto cada dia mais retraída. Arrependida de estar grávida? — pergunta calmo.

— Arrependida? Não! Jamais. Embora tenha descoberto que me tornei uma pessoa muito reclamona quando grávida. Eu imaginei uma linda gravidez, mas chutes doem, às vezes os pezinhos empurram minha costela e dói também, minhas costas doem, meus pés parecem não estarem suportando bem o peso, tenho cãibras e fraqueza nas pernas. Não estou gorda, mas ganhei mais de dez quilos — desabafo. — Foi bom que antes do casamento tenhamos decidido não esconder mais nossos pensamentos e falar abertamente, mas mesmo assim é difícil admitir. Faz parecer que odeio estar grávida, mas não é verdade. Esta pequena vida faz eu me sentir feliz. Quando o sinto mexer me provoca dor, mas fico feliz também por saber que está bem. Quando fica muito quieto, fico preocupada.

— Calma, amor. Sei que ama nosso bebê tanto quanto eu — diz ele, puxando-me para um abraço. — Imagino que é difícil ser positiva e alegre quando está sentindo tanta dor, mas tente mesmo assim. Pensa no bebê te olhando como o centro do universo, pois sei que o fará. Ele só não te amará mais do que eu amo você, mas de resto...

Dou risada e dou um leve tapa nele, tirando a escova da boca, terminando de escovar o meus dentes. Ele é fofo, mas tão cara de pau que às vezes que me surpreende.

— Bobo! — Abro um sorriso que não cabe em mim com sua arte de me fazer esquecer todas minhas inseguranças e temores.

— Eu? — indaga em um tom de quem não está ouvindo uma palavra do que eu disse. Vejo-o colocar a escova de cabelo na pia, voltando sua atenção para mim, olhando-me pelo reflexo do espelho. Suas mãos vão para a minha barriga ternamente para então subir em uma suave carícia até os meus seios, enchendo as mãos com eles, apertando-os de leve e me provocando um baixo gemido.

Meus seios parecem mais sensíveis ao toque, na realidade, desde que

fiquei grávida, minha libido aumentou consideravelmente, embora eu tente ao máximo disfarçar. Contudo, sua massagem sensual brincando com meus bicos enquanto sinto sua ereção nas minhas costas, me deixa completamente perdida e tenho certeza de que esta calcinha não me serve mais de nada.

Mordo o meu lábio, deixo minha cabeça cair para o lado, e ele aproveita o momento para levar sua boca ao meu pescoço, passando a ponta da língua e beijando a pele sensível para então mordê-la. O gesto faz com que eu deixe um gemido rouco escapar, sentindo-o sorrir contra a minha pele.

Em contrapartida, levo a mão para trás a fim de alcançar a sua ereção e, assim que a tomo em mãos, sinto certo poder sobre o Luke, que geme contra a minha pele, mesmo que segure por sobre o tecido da cueca. Ansiando pelo calor de pele contra pele, abaixo a frente de sua cueca, libertando o seu membro pulsante que bate na base da minha coluna. As mãos do Luke deixam os meus seios e vão até a minha cintura enquanto sussurra em meu ouvido “se apoie na pia”.

Sua voz está carregada de um desejo absoluto que me faz arrepiar por inteira e me excitar ainda mais. Eu o obedeço e acabo ficando em uma posição um tanto constrangedora, com a bunda empinada para ele. Embora me sinta tímida, quando vejo pelo espelho seu olhar de tesão e desejo, fico mais confiante para rebolar nele.

Vejo Luke sorrir, satisfeito. Ele não se contém e dá um leve tapa na minha bunda, mas algo mais surpreendente do que isso acontece quando se inclina sobre mim e sussurra em meu ouvido.

— Sempre tão puritana, mas gosta tanto quanto eu. Sei disso desde o princípio, meu amor. Você precisa aceitar isso. — Suas palavras são pesadas para a minha consciência que luta em admitir. Entretanto, sei que ele está certo.

Sinto sua mão deslizar até a minha parte mais sensível por sobre a calcinha úmida. Ele me acaricia de maneira tortuosa e me faz quase perder o que me resta de sanidade.

— Luke, não me torture, por favor — falo com a voz embriagada de desejo despudorado, ameaçando tirar a mão do balcão da pia.

Ele se move rapidamente e vai até a minha mão, mantendo-a sobre a pia.

— Não, Nina. Ainda não — diz pouco antes de morder a ponta da minha orelha. Em seguida, volta com a sua mão sobre a minha calcinha, torturando-me ainda mais, parecendo querer me castigar. Em alguns

instantes, com esse "castigo", acabo por gozar gemendo alto, sem sequer ter tido a penetração.

Enquanto ainda sinto os espasmos do ápice do meu prazer, Luke, satisfeito e perdido em desejo, sem conseguir se controlar, leva sua mão à barra da minha camisola e a levanta, afastando a minha calcinha para o lado e me penetrando em seguida com uma investida rápida.

Em uma entrega total, diferente das outras vezes, Luke se movimenta forte e me sinto liberta de minhas correntes enquanto sou preenchida por ele de maneira tão carnal. Correntes que, uma a uma, se partiram no percurso de nossa história. E mesmo agora, com uma barriga sem tamanho, me vejo como a grávida mais atraente e satisfeita que se tem notícia. Eu me entrego em puro deleite à nossa paixão.

Após a nossa entrega, tomamos banho juntos e o horário de sair para a ultrassom se aproximou mais que depressa. Luke vestiu uma calça preta e uma camisa quadriculada vermelha, enquanto eu coloquei única coisa que ainda me serve: um vestido. A nossa ansiedade está no auge, a minha quase transborda por todos os lados. Mesmo no carro, quando estamos em direção à clínica, meus pés e mãos ficam inquietos. Aquele frio na barriga e o nó na garganta não me ajuda a situação nem um pouco.

O bebê, que parece querer dançar tango na minha barriga, muda de posição frequentemente. Talvez, digo só talvez, ele também esteja ansioso para aparecer na tela do ultrassom. O nervoso piora a cada passo.

Assim que chegamos à clínica, vejo algumas mães sozinhas e ainda sim felizes, animadas e ansiosas. Outras com uma expressão de tanto faz, algumas irritadas.

Bom, cada um com sua vida em um rumo diferente, não é?

Mas ver a quantidade de gente não aliviou meu nervosismo. Sério? Como assim tem tudo isso de gente? Vou ter que esperar todas serem atendidas para então chegar a minha vez? Vou morrer de ansiedade antes disso! Dito e feito! Digo, não a parte de morrer, mas a de esperar todas que estavam aguardando na minha frente.

Para completar, o meu marido, pensando que meu mau humor era fome, foi até a máquina de doces e me trouxe alguns. Comer me relaxa um pouco, admito, mas logo em seguida tenho que me levantar apressada e correr para o banheiro. *Talento de estar grávida é: da mesma forma que entra, sai. E mais rápido do que se espera. Seja comida ou água. Por falar nisso, preciso fazer xixi.*

Após fazer tudo que deveria no banheiro, – e obviamente ter usado um enxaguante bucal –, saio e vejo Luke cercado por mulheres. *Francamente, não importa a hora e o lugar, essas coisas não vão mudar.* Coloco um sorriso na cara e vou até ele com a mão na minha barriga, evidenciando-a ainda mais.

— Meu amor, falta muito para sermos chamados para escutar o coraçãozinho do nosso bebê? — indago na maior cara larga. O sorriso das mulheres ao redor some e o seus olhares parecem facas afiadas em minha direção.

Luke me olha atento e parece se divertir. Ele abre o maior sorriso para mim, se levanta e me abraça com ternura.

— Ainda não, querida. Mas já me informei e logo seremos atendidos.

— Que bom, querido. Já não era sem tempo — digo, retribuindo o abraço como posso, já que a barriga atrapalha.

Ele se aproxima ainda mais de mim e sussurra no meu ouvido

— Você é linda com ciúmes — fala em um tom sedutor, deixando-me corada e arrepiada.

— Você é um imã de mulheres — rebato, tentando manter a minha compostura.

— Mas de todas, eu só quero você. — Ele parece se divertir ainda mais as minhas custas.

— Tem que querer apenas a mim mesmo. Sou sua mulher. Rum! — digo, tentando não olhar diretamente para ele, senão veria o bico de revolta e ciúmes que faço.

Não que precise de mais motivos para fazê-lo rir, pois quando ele encosta sua cabeça na minha, ouço-o rindo baixo e disfarçadamente. *Sem-vergonha.*

Disfarçadamente também o belisco, no entanto, isso só o faz gritar um breve "ai" enquanto ri. Meu nome é chamado e por fim poderemos ver e ouvir o bebê. Rapidamente entramos no consultório, a médica me manda retirar a roupa e colocar um avental que está pendurado no trocador. Obedientemente o faço, entrando em uma sala com apenas uma pia e um gancho com o avental pendurado, que por sinal, é algo estranho de se vestir porque me deixa com a sensação de estar sem nada. Saio do trocador e vejo Luke me aguardando sentado na cadeira ao lado de uma maca. Suas pernas também estão inquietas, fazendo-me perceber que, embora ele se mantenha bem-humorado, está tão nervoso quanto eu.

Sorrio e a médica se vira para mim.

— Olá, mamãe. Nina, certo? — diz ela, checando o nome em alguns papéis. — Papai Luke, né? Vamos ver o bebê? Por favor, deite-se. Cubra as suas pernas com esse lençol e abra um pouco o avental para deixar esse barrigão bem exposto.

Com a ajuda do Luke, subo na maca e faço o que ela disse. A médica, assim que vê a minha barriga, parece surpresa.

— Tem certeza de que está com seis meses mesmo? Com essa barriga linda e grande assim, será que não são gêmeos?

— Gêmeos? Não, doutora — digo espantada com a possibilidade. — Acho que um só já será uma aventura e tanto.

— É o primeiro bebê de vocês? Parabéns ao casal! — fala ela animada. — Bom, vamos lá.

Ela passa um gel na minha barriga e então vem com um aparelho espalhando pela minha pele. A mulher mexe em algumas coisas na máquina e batidas fortes começam a ecoar pela sala.

— Esse som, casal, é o som do coração do bebê de vocês, mas parece que tem algo errado — comenta, estreitando os olhos para o monitor e o virando para nós. — Vocês disseram que é um bebê só, mas a não ser minha visão esteja errada... Vejo duas crianças. Parabéns! Para a primeira gestação foram muito bem! Serão pais de gêmeos!

Mas é o quê? Sinto-me perder a cor e a surpresa me toma como um golpe. *Dois bebês? Tudo em dobro? Meu Deus! Não que vá me recusar a ser mãe de um deles, mas não sei se estou preparada.* Olho para o Luke, que não parece saber como reagir, mas ele se recupera antes de mim e começa a sorrir animado, causando-me uma onda de alívio e um sorriso, inspirada na sua felicidade.

— Dois, meu Deus! Dois! Tenho que arrumar tudo! Dois! Dois! — diz ele, festejando, fazendo-me rir junto com a médica desse pai meio doido que arrumei para os meus bebês.

Como esperado, Luke sempre acaba com meus temores e me faz ver tudo de uma maneira mais bonita e feliz. Acho que tudo ficará bem, afinal, é com ele que estou.

— Espera, tenho que avisar a minha mãe! — Ele puxa o celular e a médica aponta para a plaquinha que diz ser proibido o uso de celulares.

— Vai lá fora ligar para a Sil. Sei que antes de chegarmos em casa ela já vai ter encomendado um monte de coisa de gêmeos para os bebês — digo,

rindo com uma mistura de medo e felicidade. Nunca pensei que me sentiria assim.

Animado, ele me beija e murmura um "obrigado", saindo da sala já discando no celular. A médica ri com o Luke sendo um furacão de felicidade.

— Você é uma mulher sortuda — comenta enquanto pega um papel, limpando o gel da minha barriga.

— Você não sabe o quanto! — Sorrio, tentando me levantar, e ela vem ao meu auxílio, ajudando-me a descer.

— Irei imprimir a imagem dos bebês e passar para um pen drive junto com o vídeo. Pode se vestir. Quando voltar já terei em mãos. — Vou ao trocador, me visto e volto quase ao mesmo tempo em que o Luke retorna à sala.

Olho-o atenta, preocupada com a reação da Sil, já que da última vez ela quebrou os pratos.

— Luke, como a Sil reagiu?

— Desconfio que enquanto minha mãe comemorava, o celular caiu no chão e ela pisou em cima — comenta pensativo.

— Como assim desconfia? — pergunto ainda mais preocupada.

— Bom, teve um "sou avó de dois! Meu primogénito é um garanhão!", depois um "pah! Pow! Merda caiu! Pipi" — Não consigo conter uma alta gargalhada.

Esse é o meu Luke, minha sogra e a melhor vida que Deus poderia me dar. Imagino como serão os bebês.



SOCORRO. A HORA CHEGOU

Em um nascer de dia chuvoso, a escuridão ainda ganha o céu, trazendo uma leve sensação de frio, fazendo com que Luke e eu fiquemos ainda mais abraçados na cama. O seu calor me traz conforto e uma sensação de paz. No entanto, sou acordada pelos meus bebês, sentindo leves dores e um incômodo na minha barriga. Parece que resolveram brincar a esta hora. Tudo bem que logo o dia nascerá, mas chutar para todos os lados assim faz com que eu sinta dor. Já estou vendo o quanto serão agitados/saudáveis.

Se estou lascada e ficarei de cabelos brancos? Sim!

Levo minha mão até a barriga, sentindo-os fazer força contra minha palma. Isso rouba de mim um sorriso terno e sonhador.

O tempo passou voando. Como sempre, começo a conversar com os bebês, mas dessa vez em pensamento. Já faz meses desde o meu casamento com o pai de vocês, também faz tempo desde o primeiro ultrassom, quando descobrimos que vocês seriam dois. Sério que não poderiam vir um por vez? Não que sejam indesejados, mas não sei se estou preparada para isso.

Os dois já cresceram tanto dentro de mim, assim como o meu amor por vocês. Ganhei uns quilos a mais do que supus, e não é só a minha barriga que está enorme! Provavelmente culpa dos lanches fora de hora ou dos mimos do pai de vocês. Estamos com oito meses e logo vão nascer, não é? Mamãe também não pode colocar toda a culpa em vocês pelos quilos a mais, mesmo que seja tentador. Não sabemos se são um pequeno Luke e uma pequena Nina, dois Lukes ou duas Ninas. O motivo é que, mesmo quando soubemos que vocês eram dois, nossa opinião sobre o sexo ser surpresa se manteve. Condene-nos por todo o mistério, mas é a maior prova de que não

importa o que venha, nós os amaremos com todas as nossas forças.

Minha barriga ronca e sinto uma fome imensa, quase insana. Uma leoa que poderia acabar com toda a dispensa! Brincadeirinha. Ou talvez não. É bem possível que não. Engraçado que, com esse pensamento, recebo mais alguns chutes ao ponto da dor irradiar. São realmente chutes insistentes contra a minha mão.

Desconfio que os bebês também estão com fome.

— Hey, bebês. Vão com calma com a mamãe. Vocês terão que colaborar comigo desta vez, por favor, sejam bons bebês e não me façam colocar tudo para fora — murmuro baixo para não acordar o Luke. Coisa que parece ser tarde demais, pois sinto o seu movimento atrás de mim.

— O que foi, Nina? — indaga, sonolento.

Ele levanta e apoia o seu peso sobre o cotovelo do braço esquerdo, enquanto com o direito me abraça, fazendo um carinho leve sobre a minha barriga.

— Está tudo bem? Sentindo algo? Os bebês?

— Sim, Luke. Está tudo bem. Só estão um pouco agitados. Desconfio que você fez dois *Taz-Manias* em meu ventre. — O seu riso tão gostoso chega aos meus ouvidos enquanto me aconchego em seu abraço. No entanto, assim que faço isso, sinto um líquido quente escorrer entre as minhas pernas. — Epa.

Luke levanta surpreso ao sentir o líquido enquanto meu cérebro dá um leve *bug* tentando assimilar o ocorrido. *Sério isso?* Agora? Então eles não estão agitados, eu estou em trabalho de parto! O sangue me foge do rosto enquanto puxo o ar e fico estática. Uma contração um pouco mais forte irradia da minha barriga até minhas costas e quadris.

— Amor, não deu tempo de ir ao banheiro? — pergunta Luke inocentemente e bem-humorado, sem se dar conta da dor que me invade neste momento.

— Não, Luke — respondo, tentando com todas as forças falar com calma para não assustá-lo. — Minha bolsa estourou, mas calma...

Luke fica durante dois segundos em silêncio, estático, silenciando-me e me deixando preocupada, achando que talvez possa ter entrado em choque. Mas depois ele quase me faz enfartar quando pula da cama como um louco.

— Está na hora! Está na hora! Meu Deus! Carro, mala, Nina, bebês — diz eufórico, no entanto, a coberta enrola no seu pé e ele quase cai da cama, conseguindo evitar a queda no último segundo, equilibrando-se e

suspirando em seguida. — Quase.

— Luke! — grito, trazendo-o de volta para a realidade. — Foco, homem! Foco!

— Ok, vou ligar o carro!

— Mas Luke... — Ele não me escuta e o vejo ficando sério, correndo em seguida para fora do quarto. — Homens... Onde pensa que vai só de cueca? Eu estou de calcinha e sutiã!

Em meio ao intervalo de dor, tento me levantar, mas me sinto uma orca encalhada. Escuto o som de coisas quebrando lá embaixo, fazendo-me pular com o susto. *Pronto, minha bolsa estoura e meus filhos perdem o pai porque ele esquece que não tem sorte naturalmente, imagina nervoso.*

Nervosa, e agora preocupada, tento pela segunda vez sair da cama. Quase caio no processo, mas consigo evitar a queda, apoiando-me na cabeceira da cama. Bom, pelo menos consegui sair da cama! Fico de pé, endireitando a minha coluna e uma dor pulsante toma minhas costas devido ao peso da barriga.

Caminho em direção ao banheiro para tomar um rápido banho. No caminho, por instinto, seguro a minha barriga, coisa que virou um hábito nos últimos meses. Outra contração forte me toma subitamente, fazendo-me cambalear e apoiar na pia enquanto gemo de dor. *Meu Deus! Me dê força!*

A contração suaviza, e eu respiro fundo, engolindo em seco. Eu me vejo pelo espelho sobre o balcão da pia, analiso meus olhos cheios de lágrimas e o meu cabelo começando a grudar na cabeça.

— Isso que estamos no começo... O que me aguarda até o fim de hoje? — resmungo. — Isso eles não avisaram! Também, por que avisariam, né?

Logo o Luke estará de volta todo agitado. Pego a toalha de rosto limpa na gaveta e ligo o chuveiro, tomando um rápido banho de gato após tirar a calcinha. Após o "banho”, jogo a toalha no cesto de roupa suja. Quando me viro para voltar ao quarto, escuto o Luke entrando no cômodo como louco, e a porta batendo contra a parede. Esse homem está parecendo um furacão! Ele me procura, e logo em seguida, aparece na porta do banheiro, pegando-me no colo como uma princesa.

— Você está aqui! Vamos! O carro está com o motor quente já! — fala completamente afobado e desligado. *Como ele não percebe que estou pelada? Está doido!*

Abaixo a cabeça, mordendo a boca para não rir, pois o homem está

preocupado e desesperado. *Tadinho.* Ele, pensando que estou me encolhendo de dor devido a uma contração, apressa os passos para me levar logo para o carro, mas com esforço, estico o meu braço para conseguir me segurar no batente da porta do quarto.

— Luke! Pelo amor de Deus, me escuta! — falo alto, chamando a sua atenção. — Onde pensa que vamos assim? Você de cueca e eu sem calcinha.

Ele para pensativo, assimilando a informação e me olhando com mais cuidado. Olha para o lado tentando disfarçar a bola fora que deu e me coloca devagar no chão.

— É, é melhor nos vestirmos — afirma.

— Não me diga... — retruco cética.

Ele se faz de desentendido, caminha até o guarda-roupa e pega uma calcinha e um vestido para mim. Luke acabou criando esse hábito de me ajudar nesses últimos meses, pois realmente, qualquer coisa que envolva me abaixar não dá. *Mesmo as coisas mais simples. Admiro muito mães solteiras por isso*.

Após me ajudar a me vestir, pega também uma sapatilha e a coloca em mim. Como um verdadeiro príncipe! *Ou não. Não mesmo.* Ele fez isso com uma pressa tão grande que fica tudo torto.

Neste momento, a minha barriga volta a se contrair, como um lembrete doloroso de que não temos tempo a perder. Minhas pernas fraquejam e acabo caindo sentada na cama. Assistindo isso, Luke esquece até do que estava fazendo e corre para pegar o celular e a carteira, colocando-os na cueca pensando que está de calça.

— Vamos! — fala, pegando-me no colo novamente.

Porém, desta vez, ele é mais rápido e mais abrupto. Sai pelo quarto e desce as escadas rapidamente, carregando-me como se eu fosse leve. Fico aterrorizada e o agarro com medo de cair escada abaixo. Passamos rapidamente pela porta da frente de casa e reparo que a do carro também já está aberta.

— Prontinho. Coloque o cinto — diz, colocando-me sentada no banco de trás do carro.

— Luke, você vai acabar nos matando.

— Como assim? Não vou não — responde, indignado.

— Para começar, onde pensa que você vai assim? — indago, vendo-o só de cueca. Penso em fazer algum comentário, mas outra contração volta a me tomar. Assim, em meio à dor, não consigo ser ponderada e calma,

perdendo a cabeça com ele. — Vai colocar uma roupa no corpo, homem!

Ele se assusta com a minha reação, pois raramente perco a cabeça, ou se acontece, demoro algum tempo. Luke volta a se olhar, constrangido por ser chamado a atenção pela segunda vez, ainda pela mesma coisa. *Ele vai enrolar quanto tempo? Vou ter que gritar de novo?*

— Não saiam daí! Aqui o celular, ligue para o doutor, Nina. Diga que chegou a hora! — Ele aponta para mim e para a barriga. — Nenhum dos três se mexa. Já volto!

Reviro os olhos. Luke sendo Luke. Ele se vira apressado e acaba batendo a perna na porta do carro. Urra de dor, mas não perde tempo se lamentando, continua o seu caminho, correndo e mancando para dentro de casa.

Seria trágico, se não fosse cômico. Desta vez não consigo deixar de rir, o humor negro prevalece e a dor alivia um pouco. Aproveito e ligo para o médico, consigo ficar mais calma e explicar a situação. Como se estivesse pegando suas coisas apressado, o médico pergunta para qual hospital estou indo, e assim que recebe a resposta, diz apenas que está chegando.

Assim que desligo, o Luke retorna vestindo uma camisa minha com um coração no meio do peito, um *short* de treino, que se me lembro bem, ele jogou no chão ontem à noite antes de tomar banho para dormir. Como se não fosse o suficiente, está com uma pantufa cor de rosa minha.

— E vai assim? — pergunto, olhando-o pela janela do carro.

— Foi a primeira coisa que achei. Vamos logo! — diz, abrindo a porta do motorista e a batendo em seguida para fechá-la, assim dando fim aos comentários sobre sua roupa.

Luke parece ansioso de uma forma tão louca que quero rir muito. Pensei que ficaria mais louca que ele. Embora a dor seja enorme, não estou perdendo tanto assim a minha cabeça. Ele dá a partida no carro e, apressado, se encaminha para o hospital mais próximo. Suas mãos tremem segurando o volante com firmeza. Talvez eu deva relaxá-lo...

— Vou morrer, Luke... — falo, fingindo dor.

— Calma, amor. Logo chegaremos ao hospital... — diz ele preocupado, olhando-me pelo retrovisor.

— Vou morrer de rir! — falo rindo, e ele parece chocado como se isso fosse um absurdo. Volto a sentir mais uma contração e travo a minha respiração, tentando continuar firme.

— Isso é hora de rir, Nina? Já ligou para o médico?

— Sim, senhor paizão. Ele está a caminho. Mas tenho que te acalmar... — Desta vez falo com certa dificuldade. — Embora as contrações sejam desesperadoras, após a bolsa estourar, o bebê tem até quarenta e oito horas para nascer.

Ele me olha pelo retrovisor e desfaz um pouco a pressão que fazia no volante, rindo baixo.

— Está bem, doutora Salvatori.

As contrações cessam e respiro aliviada. Esses bebês também não facilitam, parece que resolvem dançar a cada contração. Sinto o meu corpo molhado de suor, principalmente no vale dos meus seios, chegando a incomodar. No entanto, reparo que o sorriso nos lábios do Luke ainda permanece, deixando-me curiosa.

— Oh, senhor super papai... Por que está sorrindo aí todo bobo?

— Exatamente. Vou ser pai! — *Ele só se deu conta disso agora?* — Melhor que isso, só sexo!

— Hein? Como assim? Que conversa doida é essa, rapaz?

— Desculpa, amor. Estou tão empolgado que logo estaremos com nossos filhos nos braços que estou ficando louco.

— Perto de você estou me sentindo tão "fria". Acho que é por causa da dor. — Reflito, condenando-me. — Mas agora que você disse, realmente, vou ser mãe. Desta vez não será acariciando a barriga, nem batendo papo, mas com eles nos braços.

Já consigo me ver segurando os bebê, dando peito, dando banho e os vestindo. É quase um sonho, mas o que acaba me emocionando mais é que eles vão deixar de ser apenas fantasias para o futuro. É estranho, eu os amo, mas é difícil acreditar o quanto são reais. Talvez o Luke não seja o único louco aqui.

— Você fica aqui — diz quase em frente ao hospital.

Apressado, Luke para o carro em frente ao local, puxa o freio de mão e sai do veículo, correndo lá para dentro. *Ainda que eu tenha dito que mesmo com a contração não tem garantia que nascerão agora*. Para facilitar, me solto do cinto de segurança e abro a porta, preparando-me para sair, quando vejo o Luke correndo de volta enquanto empurra uma cadeira de rodas. Mas ele não está sozinho, em seu encalço, vejo um guarda que o chama de ladrão.

O que diabos está acontecendo? Saio do carro, apressada, mas sinto uma leve vertigem devido à pressa com que levantei, e me apoio na porta do carro. Olho para os dois com estranheza. Assim que me vê, o guarda parece

se controlar quando seu olhar recai sobre a minha barriga, como se tudo fizesse sentido. Luke chega até mim e faz com que me sente na cadeira. Agradeço-o em silêncio e o guarda para diante de mim.

— A bolsa estourou, senhora? — *Oi? Senhora?* Sim, agora sou senhora, mas nada nesta vida te prepara o suficiente para isso, mesmo me sentindo velha. Ser uma senhora é diferente.

E que tipo de pergunta é essa? Não, senhor. Vim a esta hora para um hospital, no nascer do dia, com uma barriga desse tamanho, só para fazer uma visita. Estava passeando de carro e pensei "como esse hospital é lindo! Quero ver como é dentro!”.

Sendo bem sincera, é o que gostaria de responder, mas o que digo é:

— Sim, senhor.

O guarda nos dá passagem e nos acompanha por todo o caminho até a recepção. No percurso, ele nos pede desculpas pelo mal-entendido. *Acho que ficou constrangido. Ainda bem que não fui sarcástica com ele. Tenho que dar um jeito no meu humor.* Ao me ver, a atendente já toma a frente e fala:

— Bom dia, o que houve? Está passando mal ou em trabalho de parto, senhora?

— Bom dia. Estou em trabalho de parto, o médico já está a caminho... — digo. A mulher já pega uma ficha e faz o Luke preenchê-la, e enquanto ele faz isso, ela chama as enfermeiras.

Elas não demoram a aparecer e vêm até mim, tomando o controle da cadeira de rodas do Luke. Sentir-me sendo tomada assim dele não é legal, é péssimo. Sinto-me quase sendo abandonada, ou o abandonando, mesmo que não seja esse o caso. Luke, vendo o meu olhar entristecido e o meu claro nervoso, sorri e fala que logo vai me encontrar em uma voz quase muda.

Admito, parece bobo e estou sendo muito dependente dele, mas isso me tranquiliza. Na verdade, sempre sou dependente, mas sinto a necessidade dessa dependência neste momento, como se no mundo todo não houvesse mais ninguém além dele. Sinto-me como se estivesse em uma completa solidão sem ninguém para me salvar da dor.

Um fardo necessário que antes só senti quando me dei conta que já não morava com meus pais. Embora tivesse a liberdade, a paz sem minhas irmãs, por mais incrível que pareça ser livre, por um tempo é assustador. Ainda bem que encontrei a Diana.

Sou levada para um quarto, onde me mandam tirar o vestido e vestir uma camisola. O quarto é grande e bonito. É um luxo estar em um hospital

pago, ter um quarto privado com banheiro próprio, televisão e até uma mini sala. Vou ao banheiro para me trocar, quando mais outra contração vem. Fico parada, estática, esperando a dor passar para então poder me trocar.

Escuto a voz do Luke no corredor e meu coração se agita, assim como todo o resto do meu corpo. Apresso-me em me trocar, e, quando estou saindo do banheiro, percebo que algo está errado. Começo a ir em direção à porta e Luke surge, mas parece que tem mais alguém com ele.

— O senhor não pode entrar assim! — diz o enfermeiro.

— Eu já entendi, só quero avisar! — reclama. — Nina, vou para casa me trocar, pegar suas malas e as dos bebês. Volto o mais rápido que puder. Fica calma. Não demoro, meu amor.

Aceno que sim, mas meu coração já está pequenininho. Não sei se ele percebe, mas é algo que deve fazer, então não tem nada a ser feito além de aceitar. Assim que se vai, me viro e vou para a cama. Ela é confortável, pelo menos vou me contorcer de dor em uma cama macia. *Ah, bebês... Vocês vão ser o meu universo, mas tem que ter o Big Bang em forma de dor?*

Entre dores, analogias loucas, conversas absurdas com os bebês, passaram-se três horas, e nada do Luke voltar. As contrações agora estão mais frequentes e a dor é quase insuportável. Falta-me o ar, parecendo que estão empurrando tudo dentro de mim. Não consigo mais respirar normalmente, só sei ofegar. A vontade é de chorar e xingar o mundo com raiva de tudo e todos, ao mesmo tempo, me sinto tão só. Um medo me passa pela mente.

— Cadê o Luke? Ele disse que voltaria logo... Será que aconteceu um acidente? — murmuro, temerosa.

Estou no meio de uma das mais fortes contrações, que me faz contorcer de dor. Em um dos intervalos que tenho para respirar, escuto, por um acaso, as enfermeiras conversando, falando sobre um acidente. Neste momento, a minha respiração trava.

— O homem deu entrada no hospital. Estão tentando contatar a família, mas ninguém responde. Parece que ele não está com sorte.

— Verdade, está bem ruim! Muito sem sorte!

Não está com sorte? Meu coração erra a batida e engulo em seco. Mordo a boca e tento me levantar para ir perguntar, mas a contração volta a me assolar. A minha respiração treme com mais de uma dor me torturando. *Quem disse que não é possível sentir mais de uma dor ao mesmo tempo, não poderia estar mais enganado!* As lágrimas rolam, e abraço a minha própria

barriga buscando consolo.

O pai de vocês não! O meu Luke. Desculpem, mas neste momento serei um pouco egoísta. O nervoso me faz ter outra contração, e por cima dessa, outra, nublando-me a visão e tomando todo o meu corpo enquanto a minha cabeça parece que vai explodir. Desta vez realmente não consigo evitar gritar de dor.

Para a minha surpresa, neste momento, o Luke entra pela porta, apavorado. Ele vem até mim todo suado, deixando as malas caírem pelo caminho. Meus olhos se arregalam de surpresa. Notando que finalmente ele está realmente ali, um alívio toma conta de mim, fazendo-me sorrir e chorar ao mesmo tempo.

— Onde você estava? Você disse que voltaria logo! — grito com ele, totalmente abalada e descontrolada. Tento me levantar, mas sou tomada por outra contração. *Contração traidora! Escolhe os melhores momentos!*

Ele me abraça, buscando me confortar e me acalmar. Enquanto gemo de dor, retribuo o abraço e o aperto. Luke faz carinho no topo da minha cabeça, e em seguida, sinto sua mão descer pelas minhas costas para massagear o meu quadril, provocando um leve alívio. Alguém andou estudando, e eu não poderia estar mais grata por ter um marido tão perfeito.

— Estou aqui, meu amor. Aconteceram alguns imprevistos. O carro quase foi guinchado, pois esqueci os documentos e estacionei em frente ao hospital, coisa que é proibida. Mas consegui convencer o rapaz a me permitir ir em casa, dando a certeza de que voltaria. O guarda me perseguiu mais cedo, me emprestou a bicicleta dele, então eu fui em casa e voltei. Mas estou aqui. Calma...

Sinto-me mais aliviada, mas a dor persistente não me deixa. Enquanto ele se justifica, o intervalo fica mais curto, e aperto o botão para chamar o médico. Aguentei o máximo que pude. Juro que não dá mais.

O médico aparece logo em seguida, acompanhado pelas enfermeiras que arrastam um carrinho.

— Os intervalos das contrações? — Essa é a primeira pergunta que ele faz enquanto entra. O homem pega o aparelho para escutar o coração dos bebês, abrindo a minha camisola e passando gel na minha barriga. Não é diferente do ultrassom. Não demora muito para o som ecoar pelo quarto.

— O mínimo possível, doutor — respondo já suando frio. — Mal estou tendo tempo para recuperar da dor e já vem outra.

— Ótimo. Me permita ver se o bebê está coroando. — Quando dou a

permissão com a cabeça, ele faz o exame e o Luke faz cara feia. O médico, inabalável, sorri para mim. — Vamos trazer esses bebês ao mundo, mamãe? Calma, papai. Vai dar tudo certo, OK?

Meu estômago revira, e se tivesse algo nele, neste momento iria para fora, tamanho o nervosismo que sinto. As enfermeiras saem, e quando voltam, trazem uma maca e me auxiliam a subir nela enquanto uma roupa é dada ao Luke. Junto com essa roupa, lhe entregam uma touca e uma máscara que parecem ser obrigatórias.

Logo que me deito na maca, uma barra de ferro é levantada, deixando-me trêmula e um tanto assustada, mesmo sentindo dor. Eu fico totalmente em estado de alerta, consciente de toda a situação. *Acho que é nessas horas que vemos o quanto somos humanos, frágeis e covardes. Estou me sentindo acuada.*

A mão do Luke vem ao meu encontro, chamando a minha atenção e me dando segurança. Ao entrarmos na sala de parto, tudo parece ser mais real ainda. Todo o cenário não me parece lindo, e sim horripilante, como em um filme de terror.

É agora! Meu Deus, e agora? Não sei se serei uma boa mãe, não sei se vou fazer as coisas certas, não sei se vai dar tudo certo. Não sei de nada! Tem como voltar atrás? Uns vinte anos, quando o bebê era de plástico? Não estou com medo! Estou morrendo de medo!

Luke segura minha mão com firmeza, trazendo-me para a realidade de novo, embora eu só saiba olhá-lo com desespero. Fiquei calma até um ponto, mas esse ponto acabou quando me empurraram por aquela porta. Não me sinto o suficientemente pronta, já me sinto falhando como mãe. Sou um péssimo ser humano. Que tipo de mulher eu sou? Uma vergonha!

Não, espera. Tenho que mudar os meus pensamentos. Vou me inspirar na Diana, aliás, tadinha, nem sabe que estou aqui! Talvez ela fique muito irritada comigo. Mude o foco, Nina! Uma bobagem qualquer!

— Luke, abaixa aqui...

— Hum... — responde ele, abaixando-se para que eu fale em seu ouvido.

— Luke, isso dói mais do que liberar o bumbum — sussurro em seu ouvido e ele faz uma cara de espanto tão grande que me faz rir, mesmo com tanta dor que estou sentindo. *Acho que estou começando a compreender minha amiga. Isso é mesmo legal.*

— Como assim? — pergunta rápido. — Mas amor, eu nunca te pedi

isso! — exclama, mesmo que fale baixo só para mim.

— Mas tenho certeza que dói!

— Mulher, está ficando maluca? — O Luke está tão agitado que até as enfermeiras e o médico ficam sem saber o que fazer e acabam escutando o que estamos falamos. Ao mesmo tempo em que ficam vermelhos, acham graça. — Por que está falando isso agora?

— Porque estava tentando comparar a dor que estou sentindo com outra coisa que dói. Tenho certeza que isso dói mais. — Ele me olha cético e acabo rindo ao mesmo tempo em que outra contração vem forte. Eu aperto a sua mão com força, fazendo com que Luke faça uma careta de dor. *Sinta um pouco também!* Gente, estou malvada. — Não sei, eu tenho tanta dor que só quero pensar em qualquer coisa, quero mudar os meus pensamentos!

Acabo falando quase gritando devido à dor que estou sentido. Minha mente está em "dor, dor, dor e dor" mesmo que queira fugir. Dor é tudo que me consome. Mesmo que minha boca esteja falando essas barbaridades.

O médico me chama a atenção, mandando fazer força a cada contração e assim faço. Sinto ainda mais dor enquanto faço a força. Duas, três, quatro...

O choro de um bebê ecoa, chegando aos meus ouvidos.

— É um menino! — diz o doutor.

Olho para o Luke, sorrindo. *Um menino!* Colocam nosso bebê sobre a minha barriga e levo minha mão até ele, vendo-o ainda todo sujinho. Já posso ver que é loirinho. É grande e ao mesmo tempo tão pequenininho. Minha visão fica turva em meio às minhas lágrimas. Ele é tão lindo! Mas meu momento de admiração termina com outra contração e o tiram de cima de mim para o limparem.

Novamente faço força. Desta vez, o segundo nasce com mais facilidade. Sinto um alívio quase imediato e o meu corpo fica mais leve enquanto ouço o segundo choro.

— Parabéns ! É outro menino! — diz o doutor, colocando-o sobre mim também. Outro menino! Esse parece um pouco menor do que o primeiro, mas é lindo também. Quase parecem gêmeos idênticos.

— Por isso eram tão agitados na sua barriga, deve que estavam brincando de lutinha! — comenta Luke, extremamente feliz ao ponto de chorar. Ele parece temeroso em tocá-lo, como se tivesse com medo de quebrar.

— Esperem! Não é hora de relaxar... Parece que não eram gêmeos!

— diz o médico.

Neste momento, o médico é obrigado a enfiar a mão um pouco mais fundo e mais uma contração me atinge. Uma última, para que então mais um fraco e baixo choro ecoe. Um bebê pequenino e muito mais frágil do que os outros. Os cabelos são pretos como os meus, e os olhos estão abertos e me encaram – mesmo que tenha estudado e saiba que bebês não conseguem ver mais que vultos –, vidrados, parando de chorar quando é posto sobre mim.

Os outros continuaram chorando, então não sei, mas este bebê tem os lindos olhos azuis cristalinos, idênticos aos do pai. Um misto perfeito de Luke e eu.

— Parabéns, mamãe e papai! Uma menininha veio de brinde!



AMOR É INFINITO, MAS ÀS VEZES NOS DEIXA EXAUSTOS

POUCO MAIS DE UM ANO DEPOIS...

A fragrância do lençol é gostosa, mas não é a do meu sabão em pó favorito. A cama é grande, confortável, de tecido sedoso e gostoso. Após muito tempo, me sinto realmente descansada depois de uma noite bem dormida.

Acordo em um quarto "meu", mas que não é o da minha casa. Olho na cabeceira o pequeno relógio de ferro com detalhes dourados que carregam delicadeza e beleza em sua elegância, o que só prova o quanto estou longe de casa. *Tadinho do meu relógio de plástico! Sendo humilhado dessa maneira!*

Ainda deitada, me viro de barriga para cima e vejo o teto todo branco em gesso, cuidadosamente trabalhado com detalhes dourados. Levanto-me um pouco e admiro o resto do quarto, que carrega a mesma elegância em seu contraste, possuindo móveis de madeira escura e meio avermelhada.

Observo fotos minhas e de Luke no nosso casamento, dos bebês recém-nascidos nos seus momentos tão fofos, que foi inevitável não correr para fotografar e ter a lembrança para todo o sempre. O primeiro aniversário deles, em molduras bonitas e harmoniosas. Os álbuns de fotos em uma prateleira com mimos de anjinhos. Em um retrato um pouco maior à direita, tem nossa foto, fonte de orgulho e amor.

Um retrato com toda a família e amigos diante de um bonito prédio que vocês já conhecem. Lembram-se do prédio em que o Luke morava? Ele conseguiu um bom empréstimo e sócios – nosso antigo chefe, Stella, Santiago e os próprios pais –, então, comprou todo o prédio de quatro andares e fez de lá sua própria empresa de *marketing*.

Contratou todos os seus amigos, *que são muito mais do que eu imaginava*, e os que ele não contratou viraram clientes fiéis. Ainda está no início, mas com empenho e muito trabalho estamos crescendo! As coisas estão acontecendo e tendo um lindo desenrolar. Eu não poderia me sentir mais feliz.

Mas voltando para o nosso atual momento, na casa que não é a minha, embora o quarto seja meu. Se você chutou que estamos na casa dos meus sogros, acertou! Mesmo que tudo neste quarto seja novo e diferente da minha simplicidade em casa, me remete a uma sensação de acolhimento, amor e carinho. Que só a família do Luke consegue causar. Tem, sim, uma lembrança da diferença de nível social, extremamente gritante, contudo, a maior riqueza está onde a carteira deles não dita: em seus corações.

Não consegue entender o que está acontecendo aqui e como viemos parar aqui? Calma! Vou explicar.

Assim que o tempo esquentou, Sil foi lá em casa, trazendo com ela o sogro e o meu cunhado. E então praticamente nos sequestraram, sim, usando uma minivan e tudo! *Brincadeira, embora a mini van seja verdade*.

É que senão não haveria espaço para as três cadeirinhas dos bebês, Luke, a Sil, o tio bobão Matteo e eu. O senhor Alessandro no volante? Nossa! Uma idosa nos passaria com tranquilidade, tamanho cuidado que ele dirige para não balançar o carro.

Será que devo dizer que os bebês adoram uma bagunça? Não! Preservo a minha paz!

Agora já faz três dias que estamos aqui na casa deles. Os bebês são tranquilos, não são de chorar, só de fome ou por dor, embora, como já disse, falou em bagunça eles surgem. Mas eles são novos ainda, o cansaço vem logo, junto com o nosso também, então dormem toda a noite. O mal é que acordam cedo e com todo o gás.

Inclusive, estranho que eles não me acordaram hoje. Todos na casa não poderiam reagir mais lindamente com eles, emocionando-me frequentemente. Meu olhar recai no resto da cama. Vejo um papai Luke quase na beira da cama com seus filhinhos espaçosos e esparramados ali.

O sono parece pesado, mas ainda sim agradável. Sorrio e meu coração se enche de tanto amor, que lágrimas brotam em minha face, tamanha a minha felicidade.

Permito-me passar as mãos pelos cabelos curtinhos de todos os três bebês. Como Luke acorda com facilidade, não me arrisco a tirá-lo do seu

descanso. Em uma baixa oração, agradeço a Deus por todo o meu passado, pois, foi naquele tortuoso caminho que encontrei o Luke. Tenho a mais linda família do mundo. Meus bebês, um misto de Luke e Nina, tão fofos que me fazem chorar ainda mais.

Levanto-me cuidadosamente e pego o primeiro, que está mais perto. O meu lindinho Romeo, miniatura do Luke em uma versão fofura. Eu o levo até o quarto que os avós arrumaram com tanto amor. Decorado com ursinhos, carrinhos, bonecas, bolas e flores. Coloco-o no berço enorme que foi feito especialmente para os três. Volto ao quarto e pego meu Miguel, o bagunceiro, que puxou todo o lado aventureiro do pai, sempre gostando de lugares altos. Com um sorriso bobo, levo-o para junto do Romeo. E, por fim, busco a pequena Micaela, ela é gordinha e me lembra muito uma boneca de porcelana. Ela foi a única que saiu com os meus cabelos pretos, e é uma perfeita mistura, com os olhos azuis do pai.

Observo-os se buscando mesmo durante o sono. E, em pouco tempo, um está se agarrando na roupinha do outro. Cubro-os e coloco travesseiros em suas costas, tomando o cuidado de não quebrar a "corrente" deles. Após terminar de ajeitá-los, me viro em passos felinos para sair do quarto e quase infarto ao ver o Luke na porta, olhando-nos e sorrindo. *Deus, tenha piedade!* Quando foi que ele apareceu aqui? Enquanto me recupero do susto, vou até ele e sussurro:

— Desde quando está aí? Está querendo me matar do coração?

— Faz pouco tempo que parei aqui, mas se quiser posso te matar de outra coisa — diz, sorrindo, puxando-me para os seus braços, mas quando o abraço de volta, ele emite um baixo "ai".

— Está machucado? O que houve? — pergunto preocupada.

— Nada não... Venha para a cama, Nina. Me deixe ter um pouco de você também.

Olho-o e me sinto corar levemente, mas acabo abrindo um enorme sorriso enquanto volto com ele para a cama. Sinto que a falta de sorte virou sorte nos braços dele.



LUKE

ALGUMAS HORAS ANTES...

O dia está nascendo. Escuto resmungos vindos do outro quarto e me levanto com cuidado para não acordar a Nina. Ultimamente ela tem perdido peso e parece tão cansada, isso está me deixando preocupado. Tudo bem que, quando a gente vem para a casa dos meus pais, eles ajudam muito ao longo do dia, mas talvez não seja o suficiente.

Ao entrar no quarto dos meus filhos, vejo Miguel pendurado na decoração do berço enquanto seus pezinhos, sem tocar o colchão, chutam de leve o irmão. *Como ele conseguiu alcançar? Esse berço é bem maior em largura e altura!* Micaela está sentada vendo o irmão aprontando. Não sei, mas às vezes minha filha me lembra da Diana, apenas assistindo os outros fazerem as coisas erradas.

Dando risada das traquinagens já nesta idade, vou até Miguel e o tiro da decoração, colocando-o sentado ao lado da irmã.

— Miguel, não pode subir na decoração da cama. Que feio! Ainda chutou seu irmão. Micaela, você é quase uma mocinha, não pode deixar seu irmão fazer essas coisas! O Romeo está tentando dormir enquanto vocês só querem farra, né?

Eu falo tudo isso, mas Miguel não me dá a menor confiança, se vira, pega a bola de pelúcia que tem dentro do berço e me oferece. *Uma oferta de paz?* Micaela me olha fazendo beicinho, parecendo estar chateada.

— Que personalidades são essas, meus filhos? Vocês vão virar o mundo de pernas para o ar! Vocês só têm um ano e quatro meses! — digo baixinho. — Isso aí deve ser da família da mãe de vocês, essa personalidade

bem definida.

Miguel me vê falando e falando, e, quando não pego a bola, ele parece ficar irritado e joga o brinquedo longe, que bate na grade do berço e acerta Romeo. O outro bebê levanta, irritado, olhando para o irmão. *Certeza de que a dor que a Nina sentia era eles saindo na porrada.*

— OK. Sem brigas. Só o papai briga aqui. — Intervenho e os três se viram para mim, assustando-me um pouco. — Fazem isso na presença da mãe de vocês?

Romeo volta a deitar, embora os olhos continuem abertos. Miguel deita inconformado e Micaela ainda fica de bico. Ouço o estômago deles roncando alto como se dissessem "oi". Começo a rir me lembrando da Nina.

— Miniaturas famintas da mamãe. Papai vai esquentar o leite para vocês. — digo, virando-me para ir arrumar as mamadeiras. *Nunca fui tão grato aos meus pais como agora, pois colocaram um frigobar e micro-ondas no quarto das crianças.*

Após mamarem, faço-os arrotar e os coloco sobre o tapete felpudo. Fico brincando com eles por algum tempo até sentir um cheiro esquisito. Procuro o autor da arte que me aguarda e vejo o pequeno Miguel quieto.

— Você né. — Olho para ele.

Ele me olha, abrindo bem os olhos, e se vira tentando fugir de mim, mas o seguro pela camisa facilmente apenas esticando os braços. Puxo-o e o pego apenas com as mãos sob as suas axilas para não piorar a situação, embora o "perfume" pareça piorar a cada segundo. *O que eles colocam nesses leites?*

— Filho, tão novinho... Já está assim? — Miguel me olha com cara de "que diabos você está falando, coroa?".

Deito-o no trocador, e assim que tiro as suas calças, me falta até o ar. Com essas bombas em forma de bebês fofos, posso entender o porquê da Nina ter estado tão fraca. Fraldas altamente mortais! Suspiro e tomo a coragem de limpar o pequeno Miguel. OK, na verdade é até fácil, por algum motivo, não é tão nojento depois que se começa. O único incômodo é o cheiro, mas como o de ninguém é cheiroso... Normal.

Jogo a bomba mortal no lixo e falta apenas colocar uma nova fralda. Só quero entender o porquê do cheiro de cocô ainda não ter saído deste quarto. Mas quando olho para baixo, vejo os outros dois com cara de culpados. Romeo volta a atenção para os brinquedos próximos, olhando-me de soslaio. Micaela vem até mim com seus passos cambaleantes e puxa a

barra da minha calça.

— OK... Vou limpar todos e vamos tomar banho. Aproveito e canso um pouco vocês. Só assim para a mamãe ter um pouco mais de descanso. — Coloco Miguel dentro do chiqueirinho, limpo os outros dois e ando até o banheiro do nosso quarto para encher a banheira.

O banheiro é bem grande e foi todo adaptado para nós e para os bebês, por isso o tamanho. *Engraçado que, quando Matteo e eu éramos pequenos, nós não tínhamos nada disso! Mas meus pais também não tinham tanto dinheiro*. Tem um balcão afastado para secá-los. Dentro de um armário, encontro de tudo, não tinha dúvidas de que meu pai colocaria aqui. Três boias infláveis pequenas para bebês da idade dos pequenos.

Com a banheira cheia, levo roupa, toalha, até o secador de cabelo, e coloco no balcão deles.

Ok, agora só trazer os bagunceirinhos para cá.

Ao voltar para o quarto, pego aquilo que chamam de canguru, coloco Romeo de frente para mim e levo os outros dois cada um em um braço. — Vamos lá! Na pontinha do pé para não acordar a mamãe.

Vou com eles até o banheiro, mas neste momento, Romeo e Miguel resolvem se estranhar e acabo perdendo um pouco o equilíbrio, batendo as costas com um pouco de força no batente da porta do banheiro. *Ai, porra! Que dor!* Vendo que me machuquei pelo barulho e pela minha careta de dor, sinto suas mãozinhas em meu rosto, querendo que eu olhe para eles, como se isso fosse me consolar.

Abro um sorriso, sendo derretido pelo charme destes dois rapazinhos. Micaela parece brigar por atenção e puxa a minha roupa para que eu a olhe também, quando o faço, ela segura o meu rosto e me puxa para me dar um beijinho na ponta do nariz. *Ser pai é enlouquecer de amor e agradecer aos céus por isso.*

— Como não amar vocês, meus Taz-Manias? Papai está bem. Agora, vamos para o banho! — digo animado, fingindo correr para a banheira enquanto os balanço e ouço o banheiro sendo preenchido pelo som de suas risadas.

Tiro as suas roupinhas e os coloco sentados naquelas boias infantis redondas que posso enfiar seus pezinhos e sei que não vão afundar. Fecho a porta do banheiro e fico de cueca, entrando na banheira junto com eles. Os pequenos brincam e querem jogar água em mim. Para ter a atenção dos três, pego patinhos e invento uma história radical de patos surfistas, que os fazem

rir e pedir os brinquedos. Aproveito que estão ocupados para dar banho neles.

Não sei por que têm pais que não se permitem ser próximos assim. Certamente me arrependeria se não pudesse vê-los felizes e participar dessa felicidade. Brincamos mais um pouco, mas não muito, pois podem ficar doentes. Com cuidado, me levanto e me envolvo em um roupão. Um por um, tiro-os da água e visto suas roupas, em seguida, coloco-os sobre o balcão, sentadinhos, e ligo o secador, longe do alcance deles, mas perto o suficiente para conseguir secar seus cabelos. Finjo que é uma arma, fazendo o maior drama.

— Sou o ET do Planeta Secador. Agora sintam a minha fúria! Muahaha — Miro o secador neles, que começam a rir e tentam pegar o vento que os atinge. Só assim consigo secar os seus cabelos sem brigar com eles.

Pego-os nos braços e os levo para cama junto com a Nina, onde posso mantê-los sob meu campo de visão para poder me secar e me vestir. Próximos da mãe, eles se esquecem de mim e vão para perto dela, aninhando-se ao seu corpo.

Troco a cueca, me seco e me visto rapidamente, deitando na cama também, admirando o chamego com a mãe. Parecem perfeitos bebês da mamãe. Será que só o papai sabe o quanto a personalidade de vocês é forte?

— Engraçado que o sono da mamãe está tão pesado que, mesmo com essa bagunça, vocês não a acordaram — digo para eles que estão bem sonolentos.

Eu me sinto cansado também. Acabamos os quatro dormindo perto do maior amor das nossas vidas.



Venho emocionada, com lágrimas nos olhos, agradecer a todos que leram, que apoiaram e acreditaram neste sonho. Principalmente ao meu marido, que resolveu sonhar comigo, e então nasceu os primeiros rascunhos de Perfeito Azarado.

Nina é uma mulher como todas nós, com seus medos, seus dramas e seus complexos, ao lado de um cara incrivelmente perfeito, mas muito azarado. Muitas pessoas podem não pensar da mesma forma da Nina, não me iludo em pensar que todos conseguiriam viver sob a sua pele, mas eu vivi. Eu ri e chorei em cada palavra deste livro. Me apaixonei loucamente, e por isso este adeus está sendo tão doloroso. Este casal estará sempre em meu coração e na minha mente.

Sem querer, abordei temas para reflexões, um deles é o complexo da Nina. Entendam, complexos não somem do dia para noite, e alguns, mesmo após uma vida inteira, nunca somem. Outro foi a reação das pessoas a "perfeição" de alguém, e, mesmo que ele não seja tão perfeito assim, causa inveja ou uma leve veia de inferioridade em quem está ao seu lado. Mas o que fazia Luke tão perfeito não era a sua aparência, e sim o seu caráter e personalidade. Perfeição é algo supérfluo e superestimado. Se apaixonem por pessoas, a aparência nem sempre é tudo.

Foram mais de 645.000 visualizações, muito carinho, risos, lágrimas, revoltas e suspiros de leitoras maravilhosas.

Sempre digo que este azarado me trouxe sorte, e realmente, nunca me cansarei de dizer isso, pois é a mais pura verdade. Não quero ser injusta, mas farei um agradecimento especial para aqueles que tiveram participação fundamental para estarmos aqui na Amazon. Amigas fundamentais, leitoras, que se tornaram amigas para toda a vida, parcerias excepcionais e anjos em

minha vida.

Capa um lindo presente de: Christine King e Pry Olivier.

Betas: Yrlane Matias, Natália Dias e Jéssica Larissa.

Revisão: Natália Dias.

Diagramação: Letti Oliver.

Marcadores, brindes: Eve K. J. e S.A.Sant'ana.

Presentes: Miriam Velozo.

Suporte e divulgações: Todas as minhas lindas e maravilhosas “Perfeitas”. Leitoras que se tornaram amigas, amigas que se tornaram leitoras, que se empenharam muito e têm uma grande participação do meu dia a dia. Vocês se tornaram a família que Deus me permitiu escolher. Mães, irmãs, amigas que levarei por toda a vida. Agradecimento também aos IG parceiros e pessoas que se ofereceram para ajudar.

Embora não esteja o nome de todas as minhas Perfeitas, pois passaríamos um bom tempo citando nomes (Graças a Deus), saibam que todas estão em meu coração.

Quem tem amigos que acreditam em você e no seu sonho, tem tudo. Vocês são incríveis. Novamente, muito obrigada.

Att.
Mellody Ryu

Facebook: Mellody Ryu
Instagram: @Mellody.ryu
Twitter: @MellodyRyu
Wattpad: @MellodyRyu

EM BREVE...

VAMOS DAR UMA ESPIADINHA
NO PRÓXIMO LIVRO?

MELLODY RYU

PERFEITO
DELINQUENTE

DUOLOGIA PERFEITOS - LIVRO 2



“Algo no seu jeito de ser, me faz acreditar que não posso viver sem você.”

Da forma mais inesperada, o destino se moveu, trazendo consigo um homem com sorrisos tão lindos! Mas carregando no coração, um fardo tão pesado, como a lágrima do palhaço. Sua chegada inesperada, faz desmoronar a muralha de rochas que construí, me fazendo descobrir como viver.

Ela era só uma garota, como qualquer outra, mas com seus lindos olhos claros, sua risada sem se importar em ser julgada, sua boca nervosa, seu humor aquece, o que já não se aquecia. Trazendo consigo mais uma razão para viver, mas também um motivo para não morrer.



O dia está nascendo, os pássaros cantam, os carros buzinam e, olhando para cima, vejo que o céu está limpo, que se colore de uma maneira singela e bonita. Hoje farei o percurso até o *shopping* sozinha, porque fui abandonada pela Nina. Coloco o meu fone de ouvido e ao som de *Aerosmith*, em passos tranquilos, caminho pelas ruas, mas seria mentira em dizer que não sinto a falta da minha melhor amiga.

Nina? Está sumida! Traidora! Não, espera. Mentira, ela mandou um SMS avisando que estava fazendo uma súbita viagem com o Luke. Mal se recuperou do ataque das vadias, mas o fogo na bunda dos dois não diminui. Incrível! Mas... Talvez finalmente tenham tomado vergonha na cara e assumiram compromisso. Conhecendo a filha perfeita de bons modos, foram falar com a sua mãe e pai para avisar sobre o relacionamento.

O melhor de tudo é que aquelas vacas das primas dela terão que calar a maldita boca, quando verem o homem que a Nina, a "solteirona", arrumou! Vai, Nina! Taca-lhe pau!

Estou chegando ao shopping que, como sempre, vou durante as manhãs, antes do trabalho. A rotina é a mesma, sempre aparece um e outro funcionário para me cumprimentar, respondo apenas com um acenar de cabeça. Não sou de muitos amigos, pois não confio neles. Tantos moldes de gente sem caráter, que existem só para me encher o saco! Contudo, de alguma forma, sempre aparecem pessoas como a Nina. Elas vão entrando na minha vida e quando vejo... *Plop*! Já entrou.

Já estou aqui, diante da minha arqui-inimiga, esta máquina que tem sido a minha adversária, meu tormento e vício diário nos últimos cinco anos. Contudo, estou sentindo... Hoje este gato será meu! Mas também, seremos francas! Já passou da hora! Infelizmente, para mim, três das minhas quatro

fichas já se foram, tão rápidas que nem vi e muito menos consegui.

Porra de máquina! Ameaço chutá-la, mas paro e olho bem para o meu pé. O meu querido pé que me aguenta o dia inteiro. Bom, vamos lá. Chutar vale a pena? Ir para o trabalho mancando... Hum... Não. Por falar nisso, já passou da hora de comprar um carro.

Respiro fundo e olho esperançosa para minha última ficha do dia. Engulo em seco, mas quando vou colocar a ficha na máquina, o som de início de uma discussão se faz presente, porém ignoro, ou tento... Porque as vozes estão muito alteradas e, infelizmente, não tem como ignorar. "*Cara, você arranhou a minha motocicleta!*" diz um deles. "*Mano, estou bêbado. O que você esperava*?". Irei ignorar esta discussão idiota. Respirando fundo, coloco a ficha.

— Vamos lá, gracinha... Vai garra! — falo, dando a minha voz a entonação dos *aliens* do *Toy Story*. Manuseio a garra, esta que finalmente parece que estar me obedecendo, desço-a lentamente. O nervosismo me faz começar a suar.

Isso! Só mais um pouco! Estou quase conseguindo, e se este gancho não me trair, é hoje! A garra balança me fazendo engolir em seco e o gato quase cai, ficando preso pelo pé. Puta merda! Não! Não, filhote. Cai não, por favor! Nunca te pedi nada! E neste momento, a garra para e respiro aliviada, sentindo o meu suor rolar pela minha face, descendo pelo pescoço e se perdendo no vão dos meus seios.

Em mais um movimento, o gato de *Cheshire* seria meu, porém um infeliz esbarra em mim e ele cai fora do buraco. Filho da p-u-t-a! Em um lento movimento irritado e, com um olhar perdido em ira, viro encarando o idiota.

— Ow, cara! Não vê por onde anda?! Tem olhos não? Ou não tem noção de espaço? Estou aqui na minha! Sem atrapalhar a vida de ninguém! Você vem e me faz perder a maior chance de conseguir este gato de pelúcia em anos! Está de brincadeira comigo?

Quando meus olhos recaem sobre ele. Quase um marginal... É esse o meu primeiro pensamento. É feio e sei que não deveria, nem o conheço. Não serei preconceituosa, só raivosa mesmo, OK?

Com uma jaqueta de couro, fedendo a cerveja e um chapéu de mafioso. Cheio de tatuagens bem evidentes, incluindo um número 21 no rosto, pequeno e abaixo do olho, este que está com leves círculos escuros pela óbvia falta de sono. Um alargador razoavelmente grande em cada orelha, de

cabelo cortado baixo e barba irregular, com uma boca bem definida, além dos profundos e significativos olhos azuis. Um legítimo *bad boy*. Ele não é feio, na verdade, é exatamente o contrário. É um homem muito bonito. Só tem tanta informação no homem, que a primeira vista me atordoa. O cara parece um jornal de rock.

Ele para e me olha, atento ao que lhe disse, e assim que seus olhos encontram os meus, o meu corpo se arrepia por algum motivo. Olhos que não eram só significativos, mas também felinos. Ele tira a jaqueta e sua clássica regata branca, revelando um corpo magro, mas com cada músculo definido, algumas cicatrizes e mais algumas/muitas tatuagens.

Observo-o enrolar a camisa na mão, tira o seu chapéu preto e o entrega para mim, com uma calma e serenidade no olhar, é preocupante. Em poucos segundos, ele dá um soco forte contra a máquina. Vejo o vidro se quebrar, me surpreendendo. A atitude foi tão drástica e rápida que fico sem reação, no mais pleno silêncio. Ele pega o gato de *Cheshire* que eu tanto almejo e o joga em meus braços, piscando para mim.

Sorri de um jeito cafajeste. Aproxima-se em passos calmos, soltando a camisa deixando-a cair no chão, elevando-a até o meu queixo. Meio estranho, pois ele parece estar um tanto alterado. Provavelmente bebeu muita cerveja, o que explica o cheiro na jaqueta.

Inconscientemente, tendo apenas ele e mais ninguém aos meus olhos. Não era o cara ideal, correto e digno para se encantar, mas havia algo no seu olhar. No seu “eu” despreocupado e irresponsável. Sinto minha face corar e é estranho o que estou sentindo, mas não tenho tempo para mais reações e pensamentos. Os guardas do shopping surgem correndo e apitando, pegando-o e o imobilizando.

— Por que fez isso rapaz? — pergunta um dos seguranças. — Está filmado! Não há como você negar!

Neste momento, o tal desconhecido olha para mim e sinto algo esquisito. Algo não vai dar certo. Ele vai colocar a culpa em mim? — Foi por amor! Amor, senhor segurança!

Sou completamente surpreendida e as bochechas esquentam. Minhas sobrancelhas se unem numa expressão legítima de *what that fuck?* Entretanto, uma gargalhada toma o lugar da incredulidade. Não consigo deixar de rir diante da cena que estou envolvida.

Antes de ele se perder do meu campo de vista grita:

— Cuida bem do meu chapéu!

Segurando o chapéu juntamente com o bicho de pelúcia, reparo que é muito bem feito. Bem costurado e parece muito caro.

Durante o dia no trabalho, não tinha como não rir sozinha lembrando. Ajudou-me com o bom humor no resto do dia, me rendendo até alguns elogios do chefe. Não que o velho tenha perdido oportunidade de salientar como era difícil me ver rindo sozinha. Quando chegada a hora de sair do trabalho, ao pegar a bolsa, ela se abre um pouco e vejo o gato de pelúcia lá.

Demorou cinco anos de tentativas frustradas e um cara socando o vidro, na delicadeza do mamute, em pouquíssimo tempo, pegou e me deu! E lá estou rindo novamente. *Welcome to my life*.

Quando perdi a última ficha, por causa dele, nunca imaginaria no que se transformou. Com seu jeito todo peculiar, ele simplesmente arrumou um jeito de me dar. Mas a pergunta é... Como devolverei o seu chapéu? Pegando-o, eu o giro, olhando a parte de dentro. Na etiqueta tem uma pequena nota costurada com uma frase escrita.

Se encontrar, por favor, devolver.
Item de colecionador.
Mr Bianco – Alfaiataria. Numb: XXX XXX XXX

Em Breve...